

EL PAIS
NOVELA HISTÓRICA



HOWARD FAST
ESPARTACO

Howard Fast

Spartacus

Espártaco

Tradução de **Tati de Moraes**

Digitalização:
Argonauta, 'o anarquista 1'

Este livro é para minha filha Rachel e para meu filho Jonathan. É uma história de homens e mulheres indômitos que viveram há muito tempo, mas cujos nomes jamais foram esquecidos. Os heróis desta história amavam a liberdade e a dignidade e viveram nobre e honradamente. Possam os que a lerem dela tirar forças para o nosso futuro conturbado e, também, lutar contra a opressão e o mal, a fim de que o sonho de Espártaco se realize em nosso tempo.

Esta história começa no ano 71 a.C.

PRIMEIRA PARTE

**De como Caio Crasso
Fez uma Jornada pela Estrada
De Roma a Cápua, no Mês de Maio.**

I

É dos anais que, desde meados do mês de março, a estrada de Roma, Cidade Eterna, para a menor porém não menos bela cidade de Cápua, novamente se abriu ao público; mas não quer isto dizer que o tráfego nessa estrada voltasse imediatamente ao normal. O fato é que, durante os últimos quatro anos, nenhuma estrada da República tivera mais o próspero e pacífico fluxo de comércio e gente que se deveria esperar de uma estrada romana. Os distúrbios, em maior ou menor medida, haviam ocorrido por toda parte, e não teria sido incorreto dizer que a estrada entre Roma e Cápua se tornara um símbolo dessa agitação. Costumava-se dizer que as estradas eram a imagem de Roma; se nelas havia paz e prosperidade, o mesmo acontecia na cidade.

Apregoava-se que qualquer cidadão livre, com negócios em Cápua, podia viajar para realizar ali suas transações, mas os passeios não eram ainda aconselhados àquela bela cidade. Entretanto, com o passar do tempo, e com o chegar da suave e aprazível primavera sobre as terras de Itália, cessaram essas restrições, e, mais uma vez, a famosa arquitetura e as esplêndidas paisagens de Cápua, atraíram os romanos.

Além das belezas naturais da zona de Campânia, os que apreciavam perfumes finos, mas que se rebelavam contra os seus preços, em Cápua aliavam o prazer ao lucro. Ali ficavam situadas as grandes fábricas de perfume, as melhores do mundo inteiro, e para Cápua eram exportados essências e óleos raros de todas as partes da terra, aromas exóticos, óleo de rosas egípcio, a essência dos lírios de Sabat, as papoulas da Galiléia, o óleo de âmbar gris e a casca de limões e laranjas, a folha da hortelã e da salva, pau-rosa e sândalo, e assim por diante. Em Cápua o perfume podia ser comprado por menos da metade do preço que se cobrava em Roma e quando se considera a crescente

popularidade das essências naquela época, tanto para homens como para mulheres — e também a necessidade que delas sentiam — pode-se compreender que só por esta razão valia a pena empreender uma viagem a Cápua.

II

A estrada foi aberta em março e, dois meses depois, em meados de maio, Caio Crasso, sua irmã Helena e sua amiga Cláudia Mário se dispuseram a passar uma semana com parentes em Cápua. Saíram de Roma na manhã de um dia luminoso e fresco, um dia perfeito para a viagem, e sendo todos eles jovens, brilhavam-lhes os olhos, alegres e encantados com a viagem e as aventuras que por certo lhes adviriam. Caio Crasso, um rapaz de 25 anos, cujos cabelos negros caíam em anéis abundantes e macios e cujas feições regulares lhe tinham valido a reputação de belo, além de bem nascido, montava um garboso cavalo árabe branco, presente de aniversário que lhe dera o pai no ano anterior, e as duas moças viajavam em liteiras abertas. Cada liteira era carregada por escravos treinados em estradas e que podiam fazer dez milhas de marcha uniforme, sem descanso. Seu plano era passar cinco dias em viagem, hospedando-se cada noite na casa de campo de algum amigo ou parente, e, desta forma, por etapas fáceis e agradáveis, chegar a Cápua. Antes de encetar a viagem, sabiam que a estrada estava pontilhada de símbolos de castigo mas não consideravam que isso pudesse vir a perturbá-los. Na verdade, a curiosidade das moças estava excitada pelas descrições que tinham ouvido, e Caio tinha sempre uma reação agradável, um tanto terna com relação a tais coisas, e também orgulhava-se de seu estômago e do fato de que tais espetáculos em geral não o perturbavam.

— Afinal de contas — argumentava ele para as moças — é melhor olhar para um crucifixo do que estar nele.

— Olharemos só para a frente — disse Helena.

Era mais bonita do que Cláudia, que era loura mas negligente, tez pálida e olhos desbotados e um ar de fadiga que cultivava.

Tinha um corpo roliço e atraente, mas Caio a julgava bastante tola e não compreendia o que poderia sua irmã nela encontrar — um problema que decidira resolver nessa viagem. Várias vezes, em ocasiões anteriores, se propusera a seduzir a amiga de sua irmã, mas sempre esta decisão se desfazia diante de seu desinteresse negligente, atitude não somente em relação a ele, mas generalizada. Era entediada, e Caio tinha a certeza que só esse tédio a impedia de ser totalmente insuportável. Sua irmã era diferente. Excitava-o de forma perturbadora; era alta como ele e

com ele muito se parecia, e considerada bonita pelos homens que não se deixavam intimidar pela sua firmeza e energia. A irmã excitava-o, e tinha consciência de que, ao planejar essa viagem a Cápuia, tivera também a intenção de resolver de alguma forma esse interesse. Sua irmã e Cláudia formavam uma combinação estranha porém satisfatória, e Caio esperava acontecimentos compensadores durante a jornada.

A poucas milhas de Roma, começaram os símbolos de castigo. Havia um local onde a estrada cruzava um terreno baldio de pedras e areia, numa extensão de alguns acres, e a pessoa encarregada da exibição, procurando causar efeito, escolhera o sítio para o primeiro crucifixo. A cruz, cortada em pinho novo e resinoso, e colocada no alto de uma pequena elevação, destacava-se hirta e solitária, formando ângulo contra o céu da manhã, tão grande e impressionante — propositadamente maior, por ser a primeira — que mal se notava o corpo nu do homem a ela preso. Estava ligeiramente inclinada, como acontece algumas vezes com os crucifixos mais pesados, e isto salientava a sua qualidade bizarra, semi-humana. Caio deteve seu cavalo e logo o encaminhou para o crucifixo; e, com um pequeno gesto da mão, Helena ordenou aos escravos da liteira que o seguissem.

— Podemos descansar, ó senhora, ó senhora? — murmurou o marcador de passo da liteira de Helena, quando pa^aram^em frente ao crucifixo. Era espanhol, e falava um latim errado e hesitante.

— Naturalmente — disse Helena. Tinha apenas 23 anos, mas já manifestava firmeza de caráter, como todas as mulheres de sua família, e desprezava a crueldade inútil para com os animais, fossem escravos ou bestas. Os escravos então baixaram suavemente as liteiras e sentaram-se de cócoras, agradecidos, junto a elas.

A poucos metros do crucifixo, numa cadeira de palha protegida por um toldo remendado, estava sentada um homem gordo e amável, denotando distinção e pobreza. Sua distinção estava manifesta na múltipla papada e na dignidade do imenso ventre, e sua pobreza, em que havia muito de indolência, era evidente nas roupas pobres e rasgadas, nas unhas sujas e na barba por fazer. Sua amabilidade era a máscara fácil do político profissional; e logo no primeiro relance podia-se ver que, durante anos, freqüentara o Fórum, o Senado, e também as prisões. Ali estava, agora, a um passo da mendicância com apenas uma manta num portal romano; no entanto, a voz lhe saía da garganta com a robusta charlatanice de um vendedor de feira. Assim eram os azares da guerra, explicou aos viajantes.

Alguns escolhiam o lado certo com incrível facilidade. Ele sempre escolhera o lado errado, e inútil dizer que ambos eram essencialmente a mesma coisa. Por isso ali estava, agora, mas homens melhores do que ele tinham tido ainda menos sorte.

— Perdoai-me por não me levantar, meu nobre senhor e minhas nobres damas, mas o coração... o coração. — E colocou a mão sobre o imenso ventre, na área adequada. — Vejo que viajais cedo, e cedo é o que convém por ser a melhor hora para as jornadas. Cápua?

— Cápua — disse Caio.

— Cápua, é claro. Linda cidade, bela cidade, encantadora cidade, uma verdadeira jóia de cidade. Sem dúvida, para visitar parentes?

— Sem dúvida — respondeu Caio. As moças sorriam. O homem gordo era um grande palhaço- Logo sua dignidade se desfez. Convinha-lhe mais ser palhaço para aqueles jovens. Caio compreendeu que se tratava de uma questão de dinheiro, mas não se importou. Como nunca lhe tivesse faltado dinheiro para todas as suas necessidades e caprichos e, por outro lado, como desejava impressionar as moças com a sua generosidade, não poderia desejar melhor oportunidade que a que lhe aparecia agora, na pessoa daquele palhaço gordo.

— Agora vedes em mim um guia, um contador de histórias, um pequeno executor de castigos e justiça. Mas não é o que faz um juiz? A posição é diferente; entretanto, não será melhor aceitar com pejo um *denarius* do que mendigar?...

As moças não podiam tirar os olhos do homem morto, pendurado na cruz. Seu corpo nu, enegrecido pelo sol, picado por aves, estava agora diretamente sobre elas. Corvos esvoaçavam em seu redor. Moscas passeavam-lhe pela pele. O corpo pendente da cruz parecia estar sempre caindo, sempre em movimento, um grotesco movimento da morte. A cabeça pendia para a frente e os longos cabelos ruivos encobriam o horror que teriam exprimido suas feições.

Caio deu uma moeda ao homem gordo; o agradecimento não foi maior do que o correspondente. Os liteireiros continuavam acorados em silêncio, os olhos no chão, sem um olhar sequer para o crucifixo; treinados eles eram e habituados a estradas.

— Este, por assim dizer, é simbólico — disse o homem gordo. — Senhora minha, não o fiteis como se fosse humano ou horrível. Roma dá e Roma toma, e mais ou menos, a punição está de acordo com o crime. Este aqui, isolado, atrai vossa atenção para o que se seguirá. Entre Roma e Cápua, sabeis quantos?

Sabiam, mas esperaram que ele lhes dissesse. Havia naquele homem gordo e jovial uma precisão que descrevia o indescritível. Ele era a prova de que aquilo não era indescritível, mas sim comum e natural. Iria dar-lhes uma cifra exata. Podia não ser certa, mas seria precisa.

— Seis mil quatrocentos e setenta e dois — disse.

Alguns dos liteiros estremeçeram. Não repousavam, estavam rígidos. Se alguém os tivesse observado, notaria isto. Mas ninguém os observava.

— Seis mil quatrocentos e setenta e dois — repetiu o gordo.

— Quanta lenha — foi a observação adequada de Caio. Helena sabia que era uma impostura, mas o homem gordo abanou a cabeça, concordando. Agora estavam entendidos. Tirando das dobras de sua túnica um bastão, o homem apontou para o crucifixo.

— Este... apenas um símbolo. O símbolo de um símbolo, por assim dizer.

Cláudia teve um risinho nervoso.

— Não obstante, de interesse e importância. É com razão que está isolado. A razão é Roma e Roma é razoável. — Ele gostava das máximas.

— É Espártaco? — perguntou Cláudia tolamente. Mas o homem gordo foi paciente em sua resposta. A maneira pela qual passou a língua nos lábios, provava que sua atitude paternal escondia uma certa emoção, o que levou Caio a pensar: "Velho lúbrico!"

— Não poderia ser Espártaco, minha cara.

— O corpo de Espártaco nunca foi encontrado — disse Caio impaciente.

— Trucidado — disse o gordo pomposamente. — Feito em pedaços, minha cara jovem. Uma idéia horrível para um espírito tão delicado, mas esta é a verdade. . .

Cláudia estremeceu, mas com delícia, e Caio viu-lhe nos olhos uma luz que nunca antes notara. "Cuidado com os julgamentos superficiais", recomendara-lhe certa vez seu pai e, ainda que tivesse em mente questões mais importantes do que as mulheres, a advertência se aplicava também ao caso. Cláudia nunca o fitara como fitava agora o homem gordo, que continuou:

— ... a pura verdade. E agora dizem que Espártaco nunca existiu. Ah! existo eu? Existis vós? Existem ou não existem seis mil quatrocentos e setenta e dois cadáveres pendurados em crucifixos daqui a Cápua, ao longo da Via Apia? Existem ou não existem? Se existem! E permiti que lhes faça outra pergunta, meus jovens senhores: por que tantos? Um símbolo de

punição é um símbolo de punição. Mas, por que seis mil quatrocentos e setenta e dois?

— Os cães o mereciam — respondeu Helena calmamente.

— Mereciam mesmo? — o gordo teve um trejeito sofisticado de sobrancelhas. Era um homem da sociedade, queria deixar isto bem claro, e se eles estavam em posição mais elevada eram bastante jovens para se deixar impressionar. — Talvez merecessem, mas por que abater tanta carne quando não se vai comê-la? Eu vos digo: é porque mantém os preços altos, estabiliza as coisas. E, acima de tudo, resolve algumas questões delicadas de propriedade. Ai tendes a resposta num breve resumo. Quanto a este — apontou com o bastão — olhai-o bem. Fairtrax, o gaulês, muito importante, muito importante. Muito chegado a Espártaco, e eu o vi morrer. Sentado aqui mesmo, eu o vi morrer. Foram necessários quatro dias. Forte como um touro. Uma resistência inacreditável. Esta cadeira me foi emprestada por Sexto, da Terceira Prisão. Vós o conheceis? Um cavalheiro, um grande cavalheiro, e que me tem em muita estima. Ficaríeis surpresos em saber quanta gente veio vê-lo morrer, e valia mesmo a pena olhar. Não que eu lhes pudesse cobrar uma entrada... mas as pessoas dão, quando recebem alguma coisa de volta. O justo se paga com o justo. Eu me dei ao trabalho de me informar. É surpreendente a profunda ignorância das gentes com relação às guerras de Espártaco. Agora, por exemplo, esta jovem me pergunta se o crucificado é Espártaco. Uma pergunta natural. Mas seria extremamente pouco natural que fosse Espártaco. Vós, nobres, viveis uma vida protegida, muito protegida, do contrário esta jovem saberia que Espártaco foi trucidado de tal maneira que nunca dele se pôde encontrar um só fio de cabelo. Com este o caso é muito diferente... foi apanhado. É verdade que o retalharam um pouco... observai...

Com o bastão assinalou uma longa cicatriz num lado do corpo na cruz.

— Alguns ferimentos, e muito interessantes... Só no lado e na frente. Nenhum nas costas. Não se deve apontar tais detalhes à ralé, mas posso dizer-vos que na verdade...

Os liteireiros agora o observavam e ouviam, os olhos luzindo sob os longos cabelos trançados.

— ...esses eram os melhores soldados que jamais pisaram o solo italiano. Dá que pensar, realmente. Voltando ao nosso amigo aqui acima, levou quatro dias para morrer e teria levado muito mais se não lhe tivessem aberto uma veia para sangrá-lo um pouco. Muita gente não sabe disso, mas é o que se deve fazer quando se crucifica alguém. Se não for sangrado, incha

como uma bexiga. Mas se é sangrado direito, seca bem e pode ficar pendurado durante quase um mês com muito pouco cheiro. É o mesmo que charquear um pedaço de carne, e precisa-se de bastante sol' para ajudar. Este aqui era um destemido, insolente, orgulhoso, mas saiu perdendo. No primeiro dia ficou aí pendurado, insultando todos os cidadãos decentes que se aproximavam para observá-lo. Uma linguagem horrível, inteiramente imprópria aos ouvidos de uma dama. É o resultado da falta de educação, um escravo é um escravo, mas não lhe guardo rancor. Aqui estava eu e ali estava ele, e de vez em quando eu lhe dizia: "Tua desgraça é minha fortuna e ainda que a tua maneira de morrer não seja das mais confortáveis, a minha maneira de ganhar a vida também nada tem de confortável. E ganharei ainda menos se continuares a usar esta linguagem". Isto não pareceu comovê-lo muito, mas, ao cair da noite do segundo dia, ele se calou. Sabe qual foi a última coisa que disse?

— O quê? — perguntou Cláudia baixinho.

— *Voltarei e serei milhões*. Só isto. Engraçado, não é?

— Que queria ele dizer? — perguntou Caio curioso. Contra sua própria vontade, o gordo o fascinava.

— Que queria ele dizer, meu jovem senhor? Sei tanto quanto vós, e ele nunca mais disse nada. Toquei-lhe o corpo um pouco, no dia seguinte, mas não disse uma só palavra, apenas me olhou com aqueles seus olhos injetados, como se me quisesse matar, mas não podia matar mais nada. Como vedes, minha cara jovem — voltava-se novamente para Cláudia — não era Espártaco, mas um seu lugar-tenente, um homem duro. Quase como Espártaco, mas não tão duro. Espártaco, sim, é que era duro mesmo. Não gostaríeis de o encontrar um dia nesta estrada, mas não há nada mais a temer, pois está morto. E que mais quereis saber agora?

— Creio que já sabemos o bastante — disse Caio, lamentando agora o *denário* dado. — Vamos embora.

III

Naqueles dias, Roma era como um coração que, por meio de suas estradas, irrigava de sangue todos os cantos do mundo. Outra nação qualquer teria vivido mil anos e construído talvez uma estrada inferior para ligar suas cidades principais. Com Roma era diferente. "Queremos uma estrada!", dizia o Senado. E tinham a capacidade de construí-la. Os engenheiros traçavam-na; os contratos eram distribuídos e os construtores reuniam

suas equipes de trabalhadores que abriam a estrada como uma flecha, para onde quer que fosse sua direção. Se uma montanha surgia no meio do caminho, era varrida; se havia um vale profundo, uma ponte era lançada através dele; ou se um rio aparecesse pela frente, transpunham-no com uma ponte. Nada detinha Roma e nada detinha a estrada romana.

A estrada pela qual viajavam aqueles três jovens displicentes, do sul de Roma para Cápuia, era chamada Via Apia. Era uma estrada larga e bem construída, com camadas alternadas de cinza vulcânica e cascalho e recoberta com pedras. Fora feita para durar. Quando os romanos construíam uma estrada, construíam-na não para um ou dois anos mas para séculos. Foi assim que se construiu a Via Apia. Era um símbolo do progresso da humanidade, da produtividade de Roma e da duradoura capacidade de organização do povo romano. Provava claramente que o sistema romano era o melhor até então planejado pelos homens, um sistema de ordem, justiça e inteligência. A evidência de inteligência e ordem estava em toda parte, e a gente que viajava pela estrada estava de tal forma habituada a este conceito que quase não mais se deixava impressionar.

Por exemplo, as distâncias não eram calculadas, mas especificadas. Cada milha era assinalada por um marco. Cada marco dava a informação apropriada de que necessitava o viajante. Em cada ponto sabia-se precisamente a que distância se achava Roma de Fórum ou de Cápuia. De cinco em cinco milhas havia uma estalagem e estrebarias, onde se podia encontrar cavalos, alimento, e, se necessário, pousada para a noite. Muitas dessas estalagens eram luxuosas, com amplas varandas onde se serviam bebidas e refeições. Outras dispunham de banheiros, onde os viajantes esgotados podiam se refrescar e, ainda outras, de confortáveis dormitórios. As estalagens mais novas eram edificadas no estilo dos templos gregos e aumentavam a beleza natural da paisagem.

Onde havia pântano ou depressão de terreno, a estrada era aterrada, erguendo-se a três ou cinco metros acima do nível. Onde o terreno era acidentado, a estrada ou cortava o caminho através dele ou atravessava as gargantas sobre arcos de pedra.

A estrada proclamava a estabilidade romana e, por sua superfície, trafegavam todos os elementos que a caracterizavam. Marchando por elas, soldados podiam fazer 30 milhas num só dia e repetir o feito dia após dia. Comboios de carga percorriam as estradas, transportando as mercadorias da República — trigo

e cevada, minério de ferro, lenha, linho, lã, azeite, frutos, queijo e carne defumada. Pela estrada passavam cidadãos empenhados em negócios legítimos, nobres indo e vindo de suas casas de campo, viajantes comerciais e turistas, caravanas de escravos indo e vindo do mercado, gente de todas as terras e de todas as nações, todos eles provando a firmeza e a organização do domínio romano.

E nessa ocasião, ao longo da estrada, uma cruz se erguia de tantos em tantos metros e de cada uma pendia o cadáver de um homem.

IV

A manhã mostrou-se mais quente do que o esperava Caio, e, depois de certo tempo, a pestilência dos mortos tornou-se mais desagradável. As moças encharcavam os lenços em perfume e os aspiravam constantemente, mas isso não bastava para anular as súbitas emanações adocicadas e repugnantes que envolviam a estrada, nem impedia uma reação a esse miasma. Elas se sentiram mal e Caio, finalmente, teve que ficar para trás e aliviar-se à beira da estrada, o que quase lhes estragou a manhã.

Felizmente, não havia cruzes meia milha antes da estalagem onde pararam para almoçar, e ainda que lhes restasse, agora, pouco apetite, conseguiram vencer o enjôo. A estalagem era construída no estilo grego, com um só andar e um agradável terraço, onde ficavam as mesas. Sob o terraço corria um riacho e em frente havia uma gruta cercada de pinheiros verdes e perfumados. O único cheiro aí vinha do pinho, o doce e úmido cheiro dos bosques, e nenhum outro som havia além do polido murmúrio da conversa dos hóspedes e da música do riacho,

— É um lugar realmente delicioso — disse Cláudia, e Caio, que ali já estivera antes, instalou as moças numa das mesas e começou a pedir o almoço com grande autoridade. O vinho da casa, de uma borbulhante cor de âmbar, seco e refrescante, imediatamente lhes foi servido e, enquanto o sorviam, voltou-lhes o apetite. Achavam-se na parte de trás da estalagem, separados da sala comum da frente, onde soldados, carreiros e estrangeiros comiam; ali era fresco e sombreado, e, ainda que não houvesse proibição formal, estava tacitamente estabelecido que só cavalheiros e patrícios seriam servidos na sala de trás. Não que a frequência fosse tão apurada, pois muitos cavalheiros eram viajantes comerciais, homens de negócio, manufatureiros ou mercadores e escravos; mas era um lugar público e não uma vila particular. Além disso, ultimamente, os cavalheiros

mostravam tendências a imitar os modos dos patrícios e a se mostrar menos intempestivos, ruidosos e desagradáveis.

Cato ordenou que trouxessem um pato defumado frio e laranjas glacês, e, enquanto esperava a comida, pôs-se a conversar sobre a última peça estreada em Roma, uma comédia forçada e mal imitada dos gregos, como havia tantas.

O enredo era sobre uma mulher feia e vulgar que fizera um pacto com os deuses para entregar-lhes, em troca de um dia de graça e beleza, o coração de seu marido. O marido dormira com a amante de um dos deuses e o argumento, complicado e confuso, se baseava numa questão de vingança. Pelo menos era esta a opinião de Helena, mas Caio protestou que, apesar de toda a superficialidade, a comédia tinha seus momentos altos.

— Eu gostei — disse Cláudia simplesmente.

— Creio que nos preocupamos mais com a significação de uma coisa do que com a maneira pela qual é dita — sorriu Caio. — Quanto a mim, vou ao teatro para me divertir. Quando se quer o drama da vida e da morte, pode-se ir à arena e ver os gladiadores se estraçalharem. Todavia tenho observado que as pessoas que a freqüentam não são de um tipo particularmente brilhante ou profundo.

— Estás justificando a má literatura — protestou Helena.

— Em absoluto. Apenas não acho que seja de grande importância a qualidade de literatura no teatro. É mais barato empregar um escritor grego do que um liteireiro, e eu não sou dos que cultuam os gregos.

Ao dizer isto, Caio notou um homem em pé junto à mesa. As outras mesas estavam cheias e o tal homem, um tipo qualquer de viajante comercial, perguntou se não podia sentar-se com eles.

— Vou almoçar e sair logo — disse ele. — Se não se incomodam com a intrusão.

Era alto, robusto, bem constituído e obviamente próspero, pois suas roupas eram caras, e não mostrava deferência a não ser ante a evidente posição elevada de família dos três jovens. Em outros tempos, os cavaleiros não tinham esta atitude para com a nobreza fundiária; e foi somente quando se tornaram uma classe muito rica que descobriram que o sangue azul era uma das mercadorias mais difíceis de adquirir e, assim, aumentaram-lhe o valor. Caio, como tantos outros de seus amigos, freqüentemente observava a contradição entre os ostensivos sentimentos democráticos dessa gente e suas intensas aspirações de classe.

— Meu nome é Gaio Marco Sênvio — disse o cavaleiro. — Não hesiteis em me recusar.

— Sentai-vos, por favor — respondeu Helena. Caio se apresentou e às moças e gostou de ver a reação do outro.

— Tive alguns negócios com parentes seus — observou o cavalheiro.

— Negócios?

— Negócios de gado. Sou fabricante de salsichas. Tenho uma fábrica em Roma e outra em Tarracina, de onde estou vindo agora. Se algum dia já comeram salsichas, foram as minhas.

— Sem dúvida — e Caio sorriu, pensando: "Ele me odeia, está claro. Odeia-me, mas mesmo assim agrada-lhe sentar-se ao meu lado. São uns porcos, esses comerciantes!"

— Negócio com porcos — disse Sênvio, como se tivesse lido o pensamento do outro.

— Tivemos muito prazer em conhecer-vos e transmitiremos a nosso pai as vossas recomendações, disse Helena amavelmente e sorrindo com doçura para Sênvio. Ele fitou-a com um novo interesse como que dizendo: "Patrícia ou não, és mesmo uma mulher!" Ou pelo menos o que Caio lhe leu nos olhos foi: "Não gostarias de ir para a cama comigo, minha cadelinha?" Sorriam um para o outro e Caio teve vontade de matá-lo, mas sentiu mais raiva ainda de sua irmã.

— Não quis interromper vossa conversa — disse Sênvio. — Por favor, continuem.

— Estávamos comentando uma peça enfadonha.

Os pratos chegaram então e começaram a comer. Subitamente, Cláudia, ao levar à boca um pedaço de pato, parou para dizer o que Caio considerou uma observação espantosa.

— Os símbolos vos devem ter perturbado muito.

— Símbolos?

— As crucificações.

— Perturbado a mim?

— Pelo desperdício de carne fresca — disse Cláudia calmamente, não como quem diz uma coisa espirituosa, mas com naturalidade, e continuou a comer o pato. Caio teve que fazer um esforço para não estourar numa gargalhada, e Sênvio ficou vermelho e depois branco. Porém Cláudia, sem perceber em absoluto o que tinha feito, continuou apenas a comer. Só Helena sentiu algo de estranho no fabricante de salsichas e sua pele se arrepiou na expectativa do que viria. Queria que ele devolvesse a ofensa e gostou de ouvi-lo dar a resposta.

— Perturbado não é bem a palavra — disse Sênvio finalmente. — Mas não gosto de desperdício.

— Desperdício? — perguntou Cláudia, partindo a laranja glacê em pedacinhos e comendo-os com minuciosa elegância.

— Desperdício? — Cláudia causava pena a alguns homens e enfurecia a outros; e só um homem excepcional poderia sentir nela outras coisas.

— Os homens de Espártaco eram robustos — explicou Marco Sênvio — e bem nutridos também. Suponhamos que em média pesassem uns 80 quilos. São mais de seis mil encarapitados nas cruzes como pássaros recheados. Isto significa cerca de quatrocentos e cinquenta mil quilos de carne fresca... ou pelo menos era fresca.

"Oh! não, não está querendo dizer isto," pensou Helena. Todo o seu corpo estava tenso agora na expectativa do que iria acontecer; mas Cláudia, que continuava comendo a sua laranja glacê, sabia que era isto mesmo o que ele queria dizer, e Caio perguntou:

— Por que não fizestes uma oferta?

— Fiz.

— Não quiseram vender?

— Consegui comprar cento e vinte mil quilos.

Caio não atinava onde queria ele chegar, e pensou: "Está procurando nos chocar. Na sua maneira vulgar e porca, vai nos devolver o que Cláudia disse." Helena, entretanto, percebeu a substância da verdade, e Caio teve a satisfação de sentir que, finalmente, a sensibilidade de sua irmã fora atingida.

— De homens? — murmurou Cláudia.

— De instrumentos — disse o fabricante de salsichas com precisão. — Estou citando o admirável jovem filósofo Cícero. Instrumentos sem valor. Defumei-os, piquei-os e os misturei com carne de porco, temperos e sal. A metade vai para a Gália, a outra para o Egito. E o preço foi compensador.

— Acho a vossa brincadeira um pouco pesada — murmurou Caio, que era muito jovem para suportar a madura mordacidade do fabricante de salsichas. O cavalheiro, em toda a sua vida, jamais esqueceria o insulto de Cláudia e sempre teria ressentimento de Caio por este ter cometido o erro de se achar presente naquele momento.

— Não estou procurando ser espirituoso — disse Sênvio. — Esta jovem fez uma pergunta, e eu respondi. Comprei cento e vinte mil quilos de escravos e transformei-os em salsichas.

— Esta é a coisa mais horripilante e asquerosa que já ouvi — disse Helena. — Vossa grosseria inata, cavalheiro, adquiriu uma forma revoltante.

— Perdoai-me — disse o cavalheiro erguendo-se e fitando-os um por um. Depois, voltando-se para Caio: — Perguntai a vosso tio Sílio. Foi ele quem fez a transação e ganhou com isto,

pois obteve um bom lucro.

Afastou-se, então, e Cláudia continuou impassível, comendo a laranja glacê, e só parando para observar: — Que pessoa insuportável ele se revelou!

— Não obstante, estava dizendo a verdade — disse Helena.

— O quê?

— É evidente que estava. Por que te chocas tanto?

— Foi uma mentira estúpida, criada especialmente para nos atingir — disse Caio.

— A diferença entre nós, meu caro — disse Helena —, é que eu sei quando alguém está dizendo a verdade.

Cláudia ficou mais pálida que de costume. Desculpando-se, levantou-se da mesa e encaminhou-se com grande dignidade para a sala de toailete. Helena sorriu de leve, quase para si mesma, e Caio disse:

— Nada te escandaliza realmente, não é mesmo, Helena?

— E por que haveria eu de me escandalizar?

— Quanto a mim, pelo menos, jamais tornarei a comer salsichas.

— Eu nunca as comi — disse Helena.

V

Naquela tarde, ao avançarem pela estrada, emparelharam com um mercador de âmbar, sírio, cujo nome era Muzel Shabaal, cuja barba, cuidadosamente encaracolada, luzia de óleo perfumado, e cuja longa túnica bordada caía em pregas moles de cada flanco do formoso cavalo branco que montava, e cujos dedos cintilavam de jóias caras. Atrás dele trotavam uns 12 escravos, egípcios e beduínos, cada qual carregando na cabeça um pesado fardo. Em todo o Império Romano a estrada era a grande niveladora de classe, e Caio logo se viu envolvido numa conversação com o rico mercador, apesar de sua contribuição se limitar a um ou outro aceno de cabeça. Shabaal sentia-se mais do que honrado em conhecer qualquer romano, pois nutria a mais profunda admiração pelos romanos, todos os romanos, sobretudo um romano bem nascido e bem situado como Caio obviamente o era. Alguns orientais não compreendiam certas coisas dos romanos, por exemplo a liberdade de movimentos das mulheres; mas Shabaal não era destes. Toque de leve num romano e logo encontrará sua tempera de ferro, era o que provavam os símbolos ao longo da estrada e agradava-lhe que seus escravos aprendessem a lição vendo aquelas cruces tão instrutivas.

— É inacreditável, meu jovem senhor — comentou Muzel Shabaal em seu latim fluente de sotaque pitoresco —, mas, no meu país, havia muita gente que tinha a certeza de que Roma cairia nas mãos de Espártaco. Houve mesmo um pequeno levante entre os nossos próprios escravos, mas logo o dominamos com medidas severas. "Como compreendeis pouco Roma", dizia eu aos meus compatriotas. "Quereis medir Roma pelo que sabeis do passado e pelo que vedes em vosso redor. Esqueceis-vos de que Roma é algo de novo nesta terra." Mas poderia eu descrever-lhe Roma? Por exemplo, digo *gravitas*. Que significa isto para eles? Na realidade, que significa isto para quem quer que não tenha visto Roma por si mesmo, que não tenha desfrutado da companhia e das palestras dos cidadãos de Roma? *Gravitas* — as pessoas atentas, com senso de responsabilidade, capazes de levar a vida a sério e ter intenções sérias. *Levitas* compreendemos melhor, pois é um defeito nosso; somos levianos, ansiamos pelos prazeres. O romano não é leviano; é um estudante da virtude. *Industria, disciplina, fruguiitas, clementia...*¹ para mim estas palavras esplêndidas são Roma. Este é o segredo da paz da estrada romana e do domínio romano. Mas como se explica isto, meu jovem senhor? De minha parte, vejo com séria satisfação estes símbolos de castigo. Roma não relaxa. A punição corresponde ao crime, e eis aí a justiça de Roma. A desfaçatez de Espártaco foi ter desafiado tudo o que há de melhor. Ofereceu rapina e assassinio e desordem; Roma é a ordem... e, portanto, Roma o rejeitou.

Caio ouvia e ouvia e finalmente começou a deixar transparecer o seu tédio e desagrado. Ao que o sábio, com muitos cumprimentos e desculpas, ofertou a Helena e a Cláudia 'dois colares de âmbar. Recomendou-se muito a eles, a suas famílias e a suas possíveis relações comerciais e, depois, retirou-se.

— Graças aos deuses — disse Caio.

— És tão sério — sorriu Helena.

VI

Ao cair da tarde, pouco antes de deixarem a Via Ápia por uma pequena estrada que levava à casa de campo onde deveriam passar a noite, ocorreu um incidente que veio quebrar a monotonia da jornada. Um manipulo da Terceira Legião, no serviço de patrulhamento da estrada, repousava num dos postos. *Senta, pihî e cassis galeae*² se amontoavam em pilhas

¹ Zelo, disciplina, temperança, clemência. (N. do E.)

² Escudos, dardos e elmos. (N. do E.)

triangulares, os longos escudos apoiados nas curtas espadas, com três elmos colocados por cima, dando a impressão de um campo com feixes de cereal cortado. Os soldados se amontoavam no pátio comum, abrigando-se à sombra dos toldos, gritando por cerveja e mais cerveja, bebendo-a em grandes cuias de madeira. Formavam um grupo rude, bronzeado e saudável de homens tresandando o cheiro forte das calças e gibões de couro empapados de suor, falando obscenidades em voz alta, e ainda conscientes do fato de que os símbolos de castigo ao longo da estrada eram o resultado de seu recente trabalho.

Caio e as moças pararam para observá-los e, nesse momento, o capitão saiu do pavilhão com uma taça de vinho numa das mãos, a outra acenando para Caio, com entusiasmo exagerado, sobretudo porque o via na companhia de duas moças bonitas.

O capitão, um belo e garboso rapaz, que abraçara a carreira militar, chamava-se Selo Quintio Brutus e era um velho amigo de Caio. Já conhecia Helena e mostrou-se encantado em conhecer Cláudia. Com um ar muito profissional e displicente, perguntou-lhes o que achavam de seus soldados.

— Um bando de desbocados barulhentos — disse Caio.

— Sim... mas bons soldados.

— Com eles eu nada temeria, a não ser eles próprios — disse Cláudia.

— E são *vossos* escravos agora, pois vos acompanharão — respondeu Brutus galantemente. — Para onde vos dirigis?

— Vamos passar a noite na *Villa Salaria* — respondeu Caio — e como deves estar lembrado a estrada se bifurca a umas duas milhas daqui.

— Então, por duas milhas nada tereis a temer neste mundo — declarou Brutus; e, virando-se, para Helena:

— Já fostes algum dia acompanhada por uma guarda de honra legionária?

— Não sou nem nunca fui tão importante assim.

— Mas eu a tenho precisamente nessa importância — disse o jovem oficial. — Dai-me a oportunidade e vereis como jogarei todos eles a vossos pés. A companhia é vossa.

— É a última coisa que eu desejaria no mundo... tê-los todos a meus pés — protestou Helena.

O capitão acabou de beber o vinho, atirou a taça a um escravo e pôs-se a soprar num pequeno apito de prata que trazia pendurado ao pescoço. Soaram quatro estranhas e autoritárias notas, crescentes e decrescentes, e, em resposta, os legionários engoliram a cerveja, praguejaram em voz baixa e se

encaminharam para as pirâmides de espadas, escudos e elmos. Brutas continuou soprando o apito, as notas vibrando numa melodia áspera, insistente, e o manipulo respondeu como se elas tivessem sido tocadas diretamente em seu sistema nervoso. Reuniram-se, formaram pequenos grupos, rodaram sobre os calcanhares, dividiram-se e, depois, enfileiraram-se em duas colunas, uma de cada lado da estrada, numa demonstração verdadeiramente espantosa de disciplina. As moças aplaudiram e até Caio, um tanto aborrecido com as proezas de seu amigo, viu-se obrigado a admirar a precisão dos soldados.

— Lutam tão bem como obedecem? — perguntou:

— Pergunta a Espártaco — respondeu Brutas, e Cláudia exclamou:

— Bravo!

Brutas curvou-se, saudando-a, e ela desatou numa gargalhada. Era uma reação pouco comum em Cláudia, mas nesse dia Caio notara nela muita coisa diferente. Tinha as faces brilhantes, e seus olhos luziam de entusiasmo com as manobras executadas pelo manipulo. Caio sentiu-se menos isolado do que admirado com a maneira pela qual ela começou a tagarelar com Brutas, que se tinha colocado entre as duas liteiras, dominando a situação.

— Que mais sabem eles fazer? — interrogou Cláudia.

— Marchar, lutar, praguejar...

— Matar?

— Sim, matar, são matadores. Não o parecem?

— Gosto do modo deles — disse Cláudia.

Brutas observou-a um momento, depois replicou lentamente:

— Com efeito, creio que gostas mesmo.

— E que mais?

— E que mais queres? — perguntou Brutas. — Queres ouvi-los? Marchar em cadência! — gritou, e as vozes profundas das tropas marcaram o passo.

"Céu, terra, caminho, pedra! O aço corta e não nega!" O rifão saía áspero e confuso de suas gargantas. As palavras eram difíceis de compreender e Helena perguntou seu significado.

— Não querem dizer nada. São apenas uma cadência de marcha. Existem centenas delas, e nunca querem dizer nada. Céu, terra, caminho, pedra... Nada, realmente, mas os soldados marcham melhor. Esta veio da Guerra Servil. Algumas não foram feitas para os ouvidos de uma dama.

— Algumas são para os meus ouvidos — disse Cláudia.

— Eu as direi baixinho para ti — sorriu ele, e enquanto caminhava debruçou-se para ela. Depois tornou a se empertigar,

e Cláudia virou a cabeça para fitá-lo. Mais uma vez, as cruces se alinhavam na estrada, formando uma espécie de colar ao longo do caminho. Brutas apontou para elas.

— Querias que meus soldados fossem gentis? Isto é trabalho deles. Meu manipulo crucificou oitocentos. Meus soldados não são delicados; são rudes, duros e sanguinários.

— É isso os faz melhores soldados? — perguntou Helena.

— É o que se presume.

— Manda que um deles se aproxime — disse Cláudia.

— Para quê?

— Porque assim o desejo.

— Está bem — disse ele, erguendo os ombros, e gritou: "Sexto! Saia de forma e apresente-se!"

Um soldado deixou a formação, deu meia volta, apresentou-se entre as liteiras, saudou e pôs-se a marchar na frente do oficial. Cláudia sentou-se, cruzou os braços e o examinou atentamente. Era um homem musculoso, de estatura mediana e pele tostada. Seus antebraços, pescoço e rosto tinham um tom quase de madeira. As feições eram marcadas, e a pele muito esticada reluzia de suor. Trazia na cabeça um elmo de metal e um grande escudo às costas, sobre a mochila. Numa das mãos trazia o *pilum*, uma lança longa de madeira dura, de uns dois metros de comprimento e cinco centímetros de espessura, com uma ponta triangular de ferro. Trazia também uma curta e pesada espada espanhola e seu gibão de couro era ornado com três placas de ferro sobre o peito e outras três em cada ombro. Três outras, presas à cintura, balançavam-se-lhe contra as pernas enquanto marchava. Vestia calções de couro e botas altas, e, sob esse enorme peso de metal e madeira, marchava aparentemente sem esforço. O metal de sua roupa e de sua armadura estava lubrificado; e o cheiro de óleo, suor e couro misturados, davam-lhe um odor peculiar de uma profissão, de uma força, de uma máquina,

De onde se achava, atrás deles, Caio podia ver o perfil de Cláudia, os lábios entreabertos que, de vez em quando, umedecia com a língua, e sempre com os olhos fixos no soldado.

— Quero-o ao lado da liteira — murmurou Cláudia a Brutas.

Ele ergueu os ombros e deu uma ordem ao soldado, cujos lábios estremeceram numa sombra de sorriso, ao virar-se para marchar ao lado de Cláudia. Apenas uma vez seus olhos pousaram nela, mas logo ele voltou a olhar para a frente. Ela estendeu a mão e tocou-lhe a coxa, levemente, onde o músculo estava tenso sob o couro, e disse a Brutas:

— Manda-o embora. Ele cheira mal.

O rosto de Helena estava rígido. Brutus de novo deu de ombros e ordenou ao soldado que voltasse às fileiras.

VII

Vilia Solaria tinha um nome irônico que lembrava o tempo em que muitas terras ao sul de Roma eram infestadas pela malária de um brejo salino. Mas esta parte do pântano há muito havia sido recuperada, e a estrada particular, que bifurcava da Via Apia e levava à propriedade, era quase tão bem construída como a própria estrada principal. O proprietário, Antônio Caio, era aparentado a Caio e Helena pelo lado materno: e ainda que sua propriedade, bastante próxima da cidade, não fosse tão luxuosa como outras, era uma grande plantação e podia ser considerada um modelo entre os *latifundia*.

Depois de abandonar a Via Apia, Caio e as duas moças ainda tinham de percorrer quatro milhas de estrada particular para chegar à mansão. A diferença fazia-se notar imediatamente; cada metro de terra estava tratado e cuidado. Os bosques eram podados como um parque; as encostas das colinas formavam terraços, e entre estes havia muitos campos de vinhas, com uvas do tamanho de um dedo, onde despontavam os primeiros brotos da primavera. Outros campos eram plantados com cevada — uma cultura que se tornava cada vez menos comum e rendosa à medida que as pequenas propriedades camponesas cediam lugar aos grandes *latifundia* — e alguns mostravam oliveiras em renques intermináveis. Por toda a parte havia a evidência de um elegante planejamento que só pode ser obtido por um quase ilimitado suprimento de trabalho escravo, e, de quando em quando, os três jovens viam lindas grotas, verdes e frescas, cheias de musgo, junto às quais se elevavam pequenas reproduções de templos gregos com seus bancos de mármore, fontes de alabastro translúcido e caminhos de pedra branca que serpenteavam pelo campo a fora. À luz da tarde, com o sol caindo atrás das colinas, a cena tinha um encantamento de conto de fada que levou Cláudia, que nunca ali estivera, a soltar várias exclamações de prazer. Estava no estilo da "nova Cláudia", e Caio no seu íntimo admirou-se do quanto uma jovem, delicada e um tanto pletórica, podia desabrochar sob o estímulo de símbolos de castigo, como eram chamados pelas pessoas mais finas.

Aquela hora da tarde o gado ia sendo recolhido e o tilintar dos chocalhos das vacas e o triste soar das cometas dos pastores ecoavam constantemente pelo campo. Pastores de cabras —

jovens trácios e armênios — vestidos apenas com um pedaço de couro preso à cintura, corriam através dos campos, gritando para os animais espalhados, e Caio teve suas dúvidas sobre quem parecia mais humano, as cabras ou os escravos. E refletiu, também, como já o fizera tantas vezes antes, na fortuna de seu tio. Por lei, qualquer espécie de transação comercial era proibida às famílias antigas e nobres; mas Antônio Caio — como muitos de seus contemporâneos — encontrava na lei mais uma proteção do que um empecilho. Dizia-se que, através de seus agentes, tinha ele mais de dez milhões de *sesterces* rendendo juros, que freqüentemente chegavam a 100%. Dizia-se também que ele controlava quatorze *quinqueremes* no comércio egípcio e que possuía a metade de uma das maiores minas de prata da Espanha. Embora só cavalheiros fizessem parte dos conselhos das grandes sociedades anônimas que tinham surgido desde as Guerras Púnicas, os desejos de Antônio Caio eram escrupulosamente observados por esses conselhos.

Era impossível calcular a sua fortuna, e, embora *Villa Salaria* fosse um lugar de gosto e beleza, com mais de dez mil acres de campos e bosques, não era em absoluto o maior nem o mais esplêndido dos *latifúndio*. E tampouco Antônio Caio fazia ostentações de riqueza, coisa que se tornara habitual ultimamente entre tantas famílias nobres, o patrocínio de grandes pugnas gladiatórias, a manutenção de uma mesa de indescritível luxo e festas no estilo oriental. A mesa de Antônio era farta e excelente, porém nela não se via peito de pavão, línguas de beija-flor, ou entranhas recheadas de ratos da Líbia. Essa espécie de ostentação não era ainda muito tolerada, e nem eram exibidos os escândalos de família. O próprio Antônio era um digno romano à moda antiga, e Caio — que o respeitava sem contudo gostar muito dele — nunca se sentia inteiramente à vontade em sua presença.

Parte desse constrangimento era devido ao próprio Antônio Caio, de quem não se podia dizer que tivesse uma personalidade simpática; mas a razão mais forte originava-se do fato de Caio notar que o tio sempre tinha presente a diferença entre o que o sobrinho realmente era e o que Antônio Caio gostaria que ele fosse. Caio suspeitava que a lenda do jovem romano virtuoso e austero, dedicado ao dever cívico — um bravo sedado progredindo sucessivamente na carreira militar, casando-se com uma digna donzela romana, constituindo uma família como os Gracos, servindo ao Estado com dedicação, subindo de posto em posto, tornando-se finalmente cônsul, reverenciado e respeitado tanto pelos simples como pelos titulares e ricos, sempre direito e correto, era cada vez menos uma realidade; e o próprio Caio não

conhecia nenhum jovem romano nesses moldes. Os moços que o cercavam, na vida social de Roma, estavam interessados em várias coisas; alguns dedicavam-se à conquista de números astronômicos de mulheres, outros contraíam a doença do dinheiro desde cedo e, aos 20 anos, já se dedicavam a uma série de empresas comerciais ilegais; outros, ainda, aprendiam o ofício de políticos, varando os dias numa rotina sórdida, comprando e vendendo votos, subornando, fazendo conchavos e concessões, aprendendo em minúcias o ofício que seus pais praticavam com tanta habilidade; e mais outros ainda dedicavam-se à comida, tornando-se *gourmets peritos*; e muito poucos entravam para o Exército que, como carreira para um jovem de categoria, ia se tornando cada vez menos popular. E Caio — que fazia parte do maior de todos os grupos, dedicado à tarefa, enfadonha de passar os dias o mais agradável e indolentemente possível — considerava-se um cidadão, se não indispensável pelo menos inofensivo e ressentia-se com a restrição silenciosa que tantas vezes sentia em Antônio, seu tio. Para Caio, cada qual viver como bem entendesse era a base de uma filosofia civilizada e conveniente.

Pensava nisso ao entrarem na vasta extensão de jardins e gramados que cercavam a *Villa*. Os imensos celeiros, currais e dependências dos escravos que constituíam a base industrial da plantação eram afastados da mansão, e nada que lembrasse luta ou sofrimento quebrava a serenidade clássica do ambiente. A *Villa*, uma enorme casa quadrada, construída em torno de um pátio central com piscina, erguia-se sobre uma pequena elevação. Pintada de branco, coberta com telhas vermelhas, não deixava de ser bela, e a sobriedade de suas linhas simples era amenizada pelo artístico arranjo de altos cedros e alamos em seu redor. Os jardins eram desenhados no que se chamava o estilo jônico, com muitos arbustos floridos, podados em formas originais, macios gramados, estufas de mármore colorido, bacias de alabastro para peixes tropicais, e estatuárias tradicionais de jardins, ninfas e pans e faunos e querubins. Antônio Caio tinha uma oferta de compra permanente, pelo preço mais alto, nos mercados romanos, onde eram vendidos escultores e jardineiros gregos; nisso não poupava dinheiro — embora se dissesse que ele próprio não tinha gosto e apenas seguia o de sua esposa Júlia. Caio também era dessa opinião, pois, não sendo ele próprio desprovido de gosto, nunca notara essa qualidade em seu tio. Apesar de haver muitas outras vilas mais suntuosas do que *Villa Salaria*, assemelhando-se mesmo algumas aos palácios dos potentados orientais, Caio não podia recordar

nenhuma de melhor gosto e beleza. Cláudia concordava com ele, e, ao atravessarem os portões e se encaminharem pelo caminho de tijolo que levava à casa, não pôde conter uma exclamação de surpresa e disse a Helena:

— Nunca imaginei tanta beleza! É como se tivesse saído dos mitos gregos.

— Um lugar muito simpático — concordou Helena.

As duas filhas pequenas de Antônio Caio viram-nos primeiro e correram pelos gramados para saudá-los, seguidas mais lentamente por sua mãe, Júlia, uma mulher cheia de corpo, morena e de aparência agradável. Um momento depois, o próprio Antônio saía da casa, seguido por três outros homens. Era estrito em questões de civilidade, tanto para si mesmo como para os outros e saudou a sobrinha, o sobrinho e a amiga deles com grave cortesia, apresentando-os depois, cerimoniosamente, aos seus hóspedes. Dois deles Caio conhecia bem: Lentelo Graco, um político atilado e importante, e Licínio Crasso, o general que se tornara tão famoso na Guerra Servil. O terceiro homem do grupo, que Caio não conhecia, era mais jovem do que os outros dois, quase da idade do próprio Caio, atento, com a desconfiança sutil de quem não nasceu patricio, arrogante, com a menos sutil arrogância do intelectual romano, calculista em sua estimativa dos recém-chegados, e de físico bem proporcionado. Seu nome era Marco Túlio Cícero e deixou-se apresentar a Caio e às duas moças com a devida modéstia. Todavia, não pôde disfarçar a sua curiosidade inquieta, e mesmo Caio, que não era especialmente perceptivo, notou que Cícero os examinava e pesava, procurando computar-lhes a situação, a fortuna conjunta de família, e a influência que podiam ter.

Enquanto isso, Cláudia classificara Antônio Caio como o elemento masculino mais desejável, ali presente, dono de uma casa imponente e de vastas terras. Possuindo apenas um senso nominal de política e uma noção um tanto vaga de guerra, não se deixou impressionar, especialmente nem por Graco ou Crasso, nem tampouco por Cícero, que além de desconhecido — o que para Cláudia era o mesmo que não existir — era ainda, evidentemente, um membro da raça gananciosa dos cavalheiros que ela aprendera a desprezar.

Júlia já se acercava de Caio, que sempre fora um dos seus favoritos, ronronando-lhe ao ouvido como enorme gata desajeitada, e Cláudia, de saída, fez de Antônio uma avaliação melhor do que Caio jamais conseguira fazer. Viu no poderoso,

musculoso e narigudo latifundiário uma massa de repressões e desejos insatisfeitos. Sentiu o fundo sensual de seu aparente puritanismo, e Cláudia preferia os homens que eram poderosos, porém contidos. Antônio Caio nunca seria indiscreto ou insistente. Tudo isso ela o deixou perceber com o seu sorriso aparentemente apático.

Entraram todos na casa. Caio já desmontara e, agora, um escravo egípcio levava seu cavalo. Os liteireiros, esgotados pelas muitas milhas percorridas, sentaram-se ao chão, tremendo com o frio da tarde. Seus corpos secos eram como os de animais cansados e os músculos estremeciam-lhes na dor da exaustão, tal como os dos animais. Ninguém os olhou, ninguém os notou, ninguém deles se ocupou. Os cinco homens, as três mulheres e as duas crianças entraram em casa, mas os liteireiros continuaram agachados, esperando. Agora um deles, um rapazinho de menos de 20 anos, começou a soluçar, num descontrole cada vez maior; mas os outros não lhe deram atenção. Ficaram ali pelo menos vinte minutos até que um escravo viesse e os levasse para os barracões onde seriam alimentados e passariam a noite.

VIII

Caio partilhou seu banho com Licínio Crasso e sentiu alívio em descobrir que o grande homem não era da escola dos que censuravam a juventude moderna e bem nascida. O jovem tinha a agradável maneira de ser de quem procura a opinião de outros, mesmo quando não se trata de gente de especial importância, e achou Crasso afável e simpático.

Demoraram-se no banho, boiando preguiçosamente na imensa banheira, deliciando-se na água quente e impregnada de sais perfumados. O corpo de Crasso era bem conservado, sem a barriga comum à meia idade, mas rijo e alerta. Perguntou a Caio se tinha vindo de Roma pela estrada.

— Sim, viemos, e vamos para Cápua amanhã.

— Não vos perturbaram os símbolos de castigo?

— Estávamos curiosos por vê-los — respondeu Caio — Na verdade não nos perturbamos especialmente. De vez em quando, via-se um ou outro corpo que as aves haviam estraçalhado e isso era um tanto desagradável, sobretudo se o vento vinha em nossa direção, mas não se podia evitar, e as moças simplesmente fechavam as cortinas. Quem se deixou afetar foram os liteireiros, que às vezes, se sentiam mal.

— Imagino que se identificassem com os outros — sorriu

o general.

— Possivelmente. Credes que haja esta espécie de sentimento entre escravos? Nossos liteireiros, na sua maioria, foram desde a infância treinados a chicote na escola de Apio Mundélio. e, ainda que sejam fortes, sua mentalidade não está acima da dos animais. Seriam capazes de se identificar com os outros? Acho difícil de acreditar que existam qualidades assim uniformes entre escravos. Mas deveis saber melhor. Supondes que todos os escravos sentiram alguma coisa por Espártaco?

— Creio que a maioria deles sentiu.

— Realmente? Isso me dá uma sensação um tanto inquietante.

— Se não fosse assim eu não justificaria essas crucificações — explicou Crasso. — É um desperdício e não gosto de desperdícios só pelo desperdício. Penso, também, que uma matança pode dar resultados contrários — quando é excessiva. Acho que pode nos prejudicar mais tarde.

— Mas, escravos? — protestou Caio.

— Como Cícero gosta tanto de dizer — o escravo é o *instrumentum vocale*, distinguindo-se do animal, ou *instrumentum semi-vocale*, que por sua vez se distingue do instrumento comum, a que podemos chamar *instrumentum mutum*.³ É uma excelente classificação, e estou certo de que Cícero é uma grande inteligência. Mas Cícero não teve que lutar contra Espártaco. Não teve que calcular o potencial lógico de Espártaco porque não passou noites acordado, como eu, tentando rever o que Espártaco estava pensando. Quando se luta contra eles, de repente se descobre que os escravos são algo mais do que *instrumento vocalia*.

— Chegastes a conhecê-lo pessoalmente?

— A quem?

— Falo de Espártaco.

— Realmente não — e o general sorriu pensativo. — Tracei para mim sua imagem, reunindo o que sabia a seu respeito, mas não sei de ninguém que o tenha *conhecido*. Como seria possível conhecê-lo? Se o vosso cachorro de estimação de repente enlouquecesse, mas de maneira inteligente, continuaria sempre sendo um cachorro, não é exato? Compus a imagem de Espártaco, mas não me atreveria a descrever seu retrato. Creio que ninguém o possa. Os que o poderiam estão, agora, pendurados pela Via Apia, e já Espártaco é como um sonho. _Agora, tornaremos a transformá-lo num escravo.

³ Instrumento vocal, semivocal, mudo. (N. do E.)

— Que ele era — disse Caio.

— Sim... sim, suponho que sim.

Era difícil para Caio manter o assunto. Não porque tivesse pequena experiência de guerra; a verdade é que não se interessava por guerra, ainda que fosse uma obrigação de sua casta, de sua classe, de sua situação na vida. Que pensaria Crasso dele? Seriam sinceras a sua polidez e cortesia? A família de Caio não era para ser ignorada ou desdenhada, e Crasso tinha necessidade de amigos, pois, por irônico que fosse, esse general que tinha travado talvez a mais amarga das guerras na história de Roma, pouca glória disso obtivera. Tinha lutado contra escravos e os derrotara — quando esses escravos quase haviam derrotado Roma. Era tudo uma curiosa contradição, e a humildade de Crasso podia muito bem ser real. Em torno do nome de Crasso não se formariam lendas nem seriam feitas canções. A necessidade de esquecer aquela guerra iria diminuindo cada vez mais a sua vitória.

Saíram do banho e as escravas os envolveram em toalhas quentes. Muitas das casas mais luxuosas do que a de Antônio Caio não teriam a metade do conforto que ali se oferecia aos hóspedes. Caio pensava nisso enquanto se enxugava; em outros tempos, como lhe haviam contado, existia um mundo cheio de principados, pequenos reinos e ducados, mas poucos deles teriam sido capazes de viver ou receber no estilo de Antônio Caio, cidadão da República e latifundiário nem tão importante, nem tão poderoso. Dissessem o que quisessem, o modo de vida romano era o produto dos mais bem dotados e mais capazes de governar.

— Nunca consegui me habituar a ser vestido e manejado por mulheres — disse Crasso. — Gostais disso?

— Nunca pensei muito a respeito — respondeu Caio. O que não era verdade: sentia excitação e prazer em ser cuidado por escravos. Seu pai não o consentia e, em muitos círculos isso não era aprovado; mas, nos últimos cinco ou seis anos a atitude com relação a escravos alterara-se consideravelmente e Caio, como muitos de seus amigos, despira-os de quase todos os elementos de humanidade. Era um condicionamento sutil do problema. Nesse momento, ele realmente não sabia qual era o aspecto das três mulheres que o serviam, e se lhe tivessem perguntado, repentinamente, não as poderia ter descrito. Mas a pergunta do general o fez observá-las. Eram de alguma tribo ou parte da Espanha, jovens, miúdas, morenas, e não desagradáveis ao olhar. Silenciosas, descalças, vestiam curtas túnicas lisas, e suas roupas estavam úmidas do vapor do banho e manchadas de suor. Excitavam-no só um pouco, em consequência de sua

própria nudez, mas Crasso puxou uma para si, passando-lhe a mão pelo corpo, sorrindo-lhe, enquanto ela acedia servilmente sem oferecer resistência.

A cena desconcertou muito a Caio; sentiu um súbito desprezo por esse grande general que acariciava uma escrava; preferia não assistir à degradação. A cena parecia-lhe mesquinha e suja, despojando Crasso de sua dignidade e Caio pensou, também, que, quando Crasso a recordasse mais tarde, teria ressentimento dele por ter assistido àquilo.

Encaminhou-se para a mesa de massagens e deitou-se. Pouco depois Crasso seguia-o, comentando o físico da escrava. A Caio pareceu que o general era um completo imbecil em matéria de mulheres, mas Crasso não parecia perturbado.

— Espártaco — disse ele retomando o fio da conversa anterior — era um enigma tão grande para mim como o é para vós. Nunca o vi, apesar da diabólica sarabanda a que me arrastou. — Nunca o viste?

— Nunca, mas isso não quer dizer que eu não o conheça. Peça por peça eu o compus. Gosto disso. Outras pessoas compõem música ou arte. Eu compus o retrato de Espártaco.

Crasso estirou-se, deitado, sob os dedos hábeis da massagista. Uma mulher com uma pequena ânfora de óleo perfumado despejava uma constante e atenta lubrificação nos dedos da massagista, que relaxava a tensão dos músculos um a um. Crasso se retorcia como um gato a quem acariciam, suspirando de prazer.

— Como era ele... isto é, o retrato que fizeste dele? — perguntou Caio.

— Muitas vezes pergunto a mim mesmo o que ele achava de mim — sorriu Crasso. — No final, chamou-me. Ou, pelo menos, é o que dizem. Não posso jurar que o tenha ouvido, mas contam que ele berrou: "Crasso, espera-me, bastardo!" ou coisa que o valha. Não estava a mais de quarenta ou cinquenta metros de distância e se encaminhou para o meu lado. Foi uma coisa espantosa. Não era um homem muito grande, nem especialmente forte, mas era uma fúria. É precisamente a palavra. Quando lutava com seus próprios braços, era assim, uma fúria, uma cólera. E consegui vencer a metade da distância que nos separava. Deve ter matado pelo menos dez ou onze homens nessa última corrida desesperada, e só parou quando o fizeram em pedaços.

— É verdade que seu corpo nunca foi encontrado? — perguntou Caio.

— Sim, é verdade. Foi feito em pedaços e dele nada restou. Sabeis como é um campo de batalha? Há carne e sangue por

todo o lado e a quem pertence esse sangue e essa carne é difícil de dizer. Assim, ele desapareceu como surgiu, do nada para o nada, da arena para o açougue. Vivemos pela espada e morremos pela espada. Assim era Espártaco. Eu o saúdo.

O que o general dissera fez Caio recordar a conversa com o fabricante de salsichas, e esteve a ponto de levantar a questão. Mas, depois, pensou melhor e resolveu perguntar:

— Não o odiais?

— Por quê? Era um bom soldado e um péssimo escravo. Que deveria eu odiar especialmente? Ele está morto e eu estou vivo. Gosto disso — e contorceu-se satisfeito sob os dedos da massagista, sem duvidar que suas palavras eram algo à parte e acima dela — mas minha experiência é limitada. Pensais de outra forma, com certeza, mas vossa geração encara as coisas de modo diferente. Não falo de porcarias, mas de refinamentos como este. Até que ponto se pode ir, Caio?

O rapaz a princípio não compreendeu de que falava o general e fitou-o curioso. Os músculos na nuca de Crasso se intumesciam de paixão, e a paixão agora se espalhava por todo o seu corpo. Perturbado e algo assustado Caio teve vontade de sair depressa da sala, mas não sabia como fazê-lo decentemente; e se importava menos com o que poderia acontecer do que com o fato de estar presente.

— Por que não perguntais a ela? — disse ele.

— Perguntar-lhe? Achais que esse animalzinho fala latim?

— Todas o falam um pouco.

— Sugeris que lhe pergunte diretamente?

— Por que não? — murmurou Caio e, virando-se para o outro lado, fechou os olhos.

IX

Enquanto Caio e Crasso estavam no banho, e enquanto a hora que precede o crepúsculo lançava seu reflexo dourado sobre os campos e jardins de *Villa Salaria*, Antônio Caio levou a amiga de sua sobrinha para um passeio pela propriedade, em direção às cavalariças. Antônio Caio não costumava fazer exhibições de sua riqueza, como, por exemplo, uma pista de corridas ou uma arena para a sua distração particular. Tinha uma teoria própria de que, para se manter na posse da riqueza, é preciso exibi-la discretamente. Além disso, não tinha a insegurança social, que exige ostentação como defesa e que era tão comum na nova classe social de homens de negócio surgida na República. Mas, como seus amigos, Antônio Caio amava os cavalos, pagava quantias fantásticas por um bom reprodutor, e tinha muito

prazer com suas cavaliariças. Nessa ocasião, o preço de um bom cavalo era cinco vezes o de um bom escravo — mas o raciocínio era que, às vezes, precisava-se de cinco escravos para tratar bem um cavalo.

O reprodutor corria num vasto campo cercado. As cavaliariças ficavam numa extremidade e, a uma pequena distância dali, uma confortável galeria de pedra, com capacidade para umas cinqüenta pessoas, dominava a pista e um amplo curral.

Ao se aproximarem das cavaliariças, ouviram o relincho estridente de um garanhão, uma nota de insistência e cólera nova e excitante para Cláudia.

— Que é isso? — perguntou a Antônio Caio.

— Um garanhão excitado. Comprei-o no mercado há umas duas semanas. Sangue trácio, boa ossatura, selvagem, mas é uma beleza. Gostariéis de vê-lo?

— Adoro cavalos — disse Cláudia. — Por favor, quero vê-lo. Encaminharam-se para as cavaliariças e Antônio ordenou ao

capataz, um escravo egípcio pequeno e encarquilhado, que o colocassem no curral grande. Foram então para a galeria a fim de observar o espetáculo, sentando-se num ninho de almofadas que um escravo lhes arranjara, Cláudia não pôde deixar de notar como eram bem treinados os escravos de Antônio Caio, como adivinhavam cada desejo, cada olhar seu. Ela crescera entre escravos e sabia as dificuldades que se podia ter com eles. Quando transmitiu sua observação a Antônio, este disse:

— Não achoito meus escravos. Quando há algum distúrbio, mato um. Isto impõe a disciplina, mas não os desmoraliza.

— Acho-os formidáveis — disse Cláudia.

— Não é fácil manobrar escravos; escravos e cavalos; os homens são mais fáceis.

Trouxeram o garanhão para dentro do curral, um animal amarelo de olhos injetados e boca espumante. Vinha de bridão, mas os dois escravos, pendurados de cada um de seus lados, mal o podiam conter. Arrastou-os até a metade do curral, e, quando o largaram e correram a se abrigar, recuou e tentou escoiceá-los. Cláudia riu e bateu palmas, deleitada.

— É esplêndido! Esplêndido! — exclamou. — Mas por que está tão furioso?

— Não sabeis?

— Imaginei mais amor, e não ódio.

— Ambas as coisas se misturam. Odeia-nos porque o impedimos de fazer o que deseja. Gostariéis de ver?

Cláudia fez um sinal afirmativo. Antônio disse algumas palavras ao escravo, que se mantinha a alguma distância, e este correu para as cavaliariças. A égua era castanho-escuro. Esguia e

nervosa. Atravessou galopando o curral e o garanhão virou-se para interceptar-lhe o caminho. Mas Antônio Caio não os observava; tinha os olhos fixos em Cláudia, que estava inteiramente fascinada com a cena que se desenrolava aos seus olhos.

X

Terminado o banho e depois de barbeado, perfumado, os cabelos ligeiramente embebidos de óleo e encaracolados, já vestido para o jantar, Caio dirigiu-se para o jardim de inverno a fim de tomar um copo de vinho antes de o chamarem para o jantar. O jardim de inverno de *Villa Salaria* era uma combinação de azulejos fenícios de cor rosa com um teto de vidro amarelo-pálido. A essa hora, o efeito era uma luz suave de sol da tarde, que transformava as avencas e as folhudas plantas tropicais numa fantasia feérica. Quando Caio entrou, Júlia já ali estava, sentada num banco de alabastro, com uma filhinha de cada lado, embelezada pela luz que a favorecia. Assim sentada, com sua longa túnica branca, os cabelos escuros presos num penteado alto, um braço em torno de cada criança, era a própria imagem da matrona romana, bela, calma e digna e, se não estivesse tão obviamente fazendo pose, teria recordado a Caio um quadro da mãe dos Gracos que ele vira certa vez. Conteve o impulso de aplaudir e dizer: "Bravo, Júlia". Era tão fácil destruir Júlia, pois suas atitudes eram sempre patéticas, nunca hostis.

— Boa-noite, Caio — sorriu ela, numa agradável combinação de surpresa simulada e prazer real.

— Não sabia que estavas aqui, Júlia — desculpou-se ele.

— Por favor, fica. Fica e deixa que te sirva um copo de vinho.

— Está bem — concordou ele e, quando ela fez menção de mandar as meninas embora, protestou: — Deixe-as ficar, se querem. ...

— Está na hora de sua ceia. — Depois que as crianças se retiraram acrescentou: — Vem sentar-te ao meu lado, Caio. Senta ao meu lado, Caio. — Ele sentou-se e ela serviu vinho para ambos. Tocou-lhe de leve no copo e bebeu com os olhos fixos no sobrinho: — És belo demais para ser bom, Caio.

— Não tenho o menor desejo de ser bom, Júlia.

— Que desejas, Caio, se é que desejas alguma coisa?

— O prazer — respondeu ele francamente.

— E cada vez fica mais difícil, por mais jovem que sejas, não é verdade, Caio?

- Não pareço especialmente melancólico, não achas?
 — Ou especialmente feliz.
 — O papel de uma virgem vestal, Júlia, não te assenta muito bem.
 — És muito mais inteligente do que eu, Caio. Não consigo ser cruel como tu.
 — Não quero ser cruel, Júlia.
 — Queres me beijar e provar o que dizes?
 — Aqui?
 — Antônio não virá agora. Neste momento, está fazendo seu garanhão cruzar com uma égua, para a edificação daquela lourinha que trouxeste.
 — O quê? Para Cláudia? Oh, não... não! — Caio começou a rir para si mesmo.
 — Que monstrinho és. Queres me beijar?
 Ele beijou-a suavemente nos lábios.
 — Só isto? Queres... esta noite, Caio?
 — Francamente, Júlia...
 — Não me digas não, Caio — interrompeu ela. — Não... por favor. De qualquer forma não terás a tua Cláudia esta noite. Conheço meu marido.
 — Ela não é minha Cláudia e não a quero esta noite.
 — Então...
 — Está bem. Está bem, Júlia. Não falemos mais nisso agora.
 — Não queres...
 — Não é que eu queira ou não queira. Apenas não quero mais falar nisso agora.

XI

O jantar em *Villa Salaria* demonstrou, como outros hábitos da casa, uma certa resistência a mudanças já comuns na Roma cosmopolita. De parte de Antônio Caio, era menos conservantismo do que um desejo de se diferenciar da nova classe de ricos mercadores que tinham feito suas fortunas com a guerra, com a pirataria, com a mineração e o comércio — e que tinham aderido sem hesitação a toda inovação grega ou egípcia. No que se referia ao comer, Antônio Caio não podia saborear uma refeição esparramado num diva; atrapalhava-lhe a digestão e desviava-o da comida sólida para os aperitivos salgados e doces tão em moda ultimamente. Seus convivas sentavam à mesa e nela comiam os pratos de caça e aves, belos assados, excelentes massas, a melhor das sopas e as frutas mais suculentas, que seu anfitrião lhes oferecia. Mas não se via

nenhuma das estranhas iguarias, cada vez mais freqüentes à mesa de tantos romanos nobres. Caio também não aprovava música ou danças durante uma refeição, preferindo boa comida, bom vinho e boa conversa. Seu pai e seu avô sabiam ambos ler e escrever fluentemente; ele próprio se considerava um homem educado, e, ao passo que seu avô trabalhara nos campos ao lado dos seus escravos, Antônio Caio dirigia seu grande latifúndio à semelhança de um príncipe oriental, governando seu pequeno reino. Não obstante, gostava de se imaginar um chefe esclarecido, versado em história, filosofia e teatro gregos, capaz de praticar competentemente a medicina, e ser, ao mesmo tempo, uma personalidade política. Seus convivas refletiam-lhe o gosto, e ali, reclinados em suas cadeiras, depois da refeição, sorvendo o vinho da sobremesa, após terem as mulheres se retirado para o jardim de inverno — faziam com que Caio neles reconhecesse a nata de qualidade que construíra Roma e que a governava com tanta tenacidade e capacidade.

Caio reconhecia mais o fato do que o admirava; ele próprio não tinha ambições neste terreno. Na opinião dos outros ali presentes era alguém sem valor ou importância especial, um jovem inútil, de boa família, com talento apenas para comer e fornicar, o que, sob certos aspectos, era uma nova tendência, um produto de apenas uma ou duas gerações. Entretanto, tinha alguma importância; ligações de famílias invejáveis; uma bela fortuna quando seu pai morresse, e era mesmo possível que, por algum golpe da sorte, se tornasse uma personalidade política. Assim, era um pouco mais do que tolerado e tratado com um pouco mais de consideração do que se trataria normalmente um jovem imbecil, perfumado e bonito, com cabelos untados e pouco miolo.

Caio temia-os. Havia neles uma doença, mas uma doença que não parecia enfraquecê-los. Ali estavam sentados, depois de saborear o excelente jantar, sorvendo um vinho suave, e os que lhes contestavam o poder eram crucificados por milhas e milhas ao longo da Via Ápia. Espártaco era carne, simplesmente carne, como a carne assada na mesa ou nas mãos do açougueiro, não restava dele nem o suficiente para ser crucificado. Mas jamais alguém crucificaria Antônio Caio, sentado tão calmo e tão seguro à cabeceira da mesa, falando de cavalos, explicando com tanta lógica que era melhor atrelar dois escravos ao arado do que um cavalo, pois nunca existira um cavalo que pudesse agüentar o tratamento semi-humano dispensado aos escravos.

Um ligeiro sorriso esboçava-se no rosto de Cícero, que o escutava. Ainda mais que os outros, Cícero perturbava Caio. Como podia alguém gostar de Cícero? Queria ele gostar de

Cícero? Num dado momento, Cícero lhe lançara um olhar como que para dizer: "Oh, eu te conheço bem, meu rapaz. De cima para baixo e de baixo para cima, de dentro para fora e de fora para dentro." Será que os outros também temiam Cícero? Era preciso manter-se afastado de Cícero, deixá-lo que se danasse ao longe. Crasso ouvia com polido interesse. Crasso tinha que ser polido. Era o verdadeiro retrato do militar romano, ereto, rosto quadrado, feições firmes, duras, a pele bronzeada, cabelos negros — que de repente Caio se lembrou dele no banho e estremeceu. Como pudera ele fazer aquilo? Na sua frente, do outro lado da mesa, estava sentado o político Graco, um homem grande, com uma voz retumbante, a cabeça enterrada em camadas de gordura. As mãos grandes e gorduchas, com anéis em quase todos os dedos. Tomava parte na conversa com a sagacidade hábil de um político profissional; sua risada era forte, sua aprovação imensa, mas seu desacordo era sempre condicional. As informações eram pomposas, mas nunca estúpidas.

— É evidente que os escravos dão melhor resultado no arado — observou Cícero depois de Graco ter expressado uma certa descrença a respeito dessa teoria. — A besta que pode pensar é mais desejável do que a que não o pode. Isto é lógico. E, também, um cavalo é uma coisa de valor. Não existem tribos de cavalos com quem possamos guerrear e trazer de volta cem ou cinquenta mil para o mercado de escravos. E, usando os cavalos, os escravos os destruirão.

— Não vejo porquê — disse Graco.

— Perguntai ao vosso anfitrião.

— É verdade — concordou Antônio. — Os escravos matarão um cavalo. Não sentem respeito algum por nada que pertença a seu dono, exceto eles próprios. — É, servindo-se de outro copo, de vinho: — Mas, vamos agora falar de escravos?

— Por que não? — retorquiu Cícero. — Vivem conosco e nós somos o produto único de escravos e escravidão. É o que faz de nós romanos, pensando bem. Nosso anfitrião vive em sua grande propriedade — pelo que eu o invejo — graças a mil escravos. Crasso é o assunto de Roma por causa do levante dos escravos que esmagou, e Graco tem uma renda do mercado de escravos que lhe pertence de corpo e alma e que nem sei como avaliar. E este jovem — com um gesto e um sorriso para Caio — este jovem é, suponho, também um produto único de escravos, pois estou certo de que o acalentaram e alimentaram e banharam e trataram e...

Caio ficou vermelho, mas Graco estourou numa gargalhada e exclamou:

— E vós, Cícero?

— Para mim eles constituem um problema. Para viver decentemente em Roma, hoje em dia, precisa-se no mínimo de dez escravos. E comprá-los, alimentá-los e dar-lhes moradia. .. aí está meu problema.

Graco continuou a rir, mas Crasso protestou contra a opinião de Cícero de que eram os escravos que os faziam romanos. De novo fez-se ouvir o estrondo da gargalhada de Graco. Depois, tomando um longo trago de vinho, pôs-se a contar a história de uma escrava que havia comprado no mercado um mês antes. Estava um pouco embriagado, o rosto vermelho, o riso sacudindo-lhe o enorme ventre e entrecortando-lhe as palavras. Descreveu com grandes detalhes a escrava que comprara. Caio achou a história desinteressante e vulgar, mas Antônio aprovava gravemente e Crasso deixava-se levar pelo realismo da descrição do gordo político. Enquanto isso, Cícero sorria pensativo.

— Mas, quero voltar à afirmação de Cícero — insistiu Crasso.

— Eu vos ofendi? — perguntou Cícero.

— Ninguém se ofende aqui — disse Antônio. — Somos um grupo de pessoas civilizadas.

— Não, não se trata de ofensa. Apenas fiquei intrigado — disse Crasso.

— É estranho que, quando a evidência de uma coisa se manifesta em toda a nossa volta, mesmo assim resistimos à lógica de suas partes componentes — observou Cícero. — Os gregos são diferentes. Para eles a lógica tem uma atração irresistível, apesar das conseqüências; mas nossa virtude é a obstinação. Olhai em torno. — Um dos escravos que serviam a mesa substituiu os jarros vazios por outros cheios, enquanto um de seus companheiros servia nozes e frutas. — Qual é a essência de nossas vidas? Não somos apenas um povo; somos o povo romano, e o somos precisamente porque fomos os primeiros a compreender totalmente o uso do escravo.

— Entretanto, já havia escravos antes de haver Roma — objetou Antônio.

— Sim, realmente, uns poucos aqui e ali. É verdade que os gregos tinham plantações, bem como Cartago. Mas destruímos a Grécia e destruímos Cartago a fim de abrir espaço para as nossas próprias plantações. E a plantação e o escravo são uma e a mesma coisa. Onde outras pessoas tinham um escravo, temos vinte, e agora vivemos numa terra de escravos e nosso maior feito é Espártaco. Que achais disso, Crasso? Conhecestes Espártaco intimamente. Poderia alguma outra nação a não ser Roma produzi-lo?

— Mas teríamos nós produzido Espártaco? — duvidou Crasso. O general parecia perturbado. Caio adivinhou que lhe aborrecia pensar profundamente em quaisquer circunstâncias, ainda mais quando confrontado com um espírito como o de Cícero. Na realidade não havia entre eles nenhum ponto de contato. — Pensei que o inferno tivesse produzido Espártaco — acrescentou Crasso.

— E pouco provável.

Imperturbável, Graco, confortavelmente instalado, sorvendo seu vinho, observou a Cícero, como se desculpando que, sendo ele, Graco, um bom romano, era mau filósofo. De qualquer forma, ali estava Roma e ali estavam os escravos, e que se propunha Cícero a fazer a respeito?

— Compreender a situação — respondeu Cícero.

— Para quê? — perguntou Antônio Caio.

— Porque do contrário os escravos nos destruirão.

Crasso riu e seus olhos encontraram os de Caio. Era a primeira vez que se estabelecia uma ligação real entre os dois e o rapaz sentiu um calafrio de excitação percorrer-lhe a espinha. Crasso estava bebendo muito, mas, quando Caio se sentia assim, não tinha vontade de beber.

— Viestes pela estrada? — interrogou Crasso.

Cícero abanou a cabeça; nunca era fácil convencer um militar de que nem todas as questões podiam ser resolvidas pela espada.

— Não estou falando na lógica simples de um açougueiro. Trata-se de um processo. Aqui na terra do nosso distinto anfitrião viveram em outros tempos pelo menos três mil famílias camponesas. Se se calcular cinco em cada família, eram quinze mil pessoas. E esses camponeses eram excelentes soldados. Que dizeis disso, Crasso?

— Eram bons soldados. Gostaria que por aqui houvesse mais deles.

— E bons agricultores — continuou Cícero. — Não para gramados e jardins estilizados, mas para plantar cevada. Simplesmente cevada... mas é cevada que faz marchar o soldado romano. Haverá um só acre em vossas terras, Antônio, que produza a metade da cevada que um camponês industrioso conseguia produzir?

— Não chega nem a um quarto — concordou Antônio Caio. A conversa tinha se tornado extremamente enfadonha para Caio. Entretinha-se agora com os próprios pensamentos e sentia as faces esfomeadas. A excitação percorria-lhe o corpo, e pensou que um soldado devia sentir-se assim ao entrar na batalha. Agora mal ouvia Cícero. Continuava olhando para

Crasso, perguntando-se por que prosseguia Cícero naquele assunto entediante.

— E por que... por quê? — perguntava Cícero. — Por que vossos escravos não produzem? A resposta é muito simples.

— Porque não querem — disse Antônio categórico.

— Precisamente... não querem. Por que haveriam de querer? Quando se trabalha para um amo, a única coisa que se almeja é inutilizar o trabalho. Não adianta afiar os instrumentos dos escravos, pois eles os cegam imediatamente. Quebram foices, destroem manguais, para eles o desperdício torna-se um princípio. Este é o monstro que criamos para nós mesmos. Aqui, em dez mil acres, outrora viveram quinze mil pessoas e agora vivem mil escravos e a família de Antônio Caio, enquanto os camponeses apodrecem nos cortiços de Roma. Devemos compreender isto. Era muito simples, quando o camponês voltava da guerra e encontrava sua terra invadida por ervas daninhas e sua mulher na cama com outro homem e seus filhos dele esquecidos, dar-lhe um punhado de moedas de prata pela sua terra e deixá-lo ir viver nas ruas de Roma. Mas o resultado é que agora vivemos numa terra de escravos, e esta é a base, o significado de nossas vidas e toda a questão de nossa liberdade, da liberdade humana, da República e do futuro da civilização serão determinados pela nossa atitude com relação a eles. Não são humanos; isso devemos compreender e nos livrarmos do sentimentalismo tolo dos gregos sobre a igualdade de tudo o que anda e fala. O escravo é o *instrumentum vocale*. Seis mil desses instrumentos se alinham pela estrada agora; isto não é desperdício, é necessário! Estou farto das conversas sobre Espártaco e sua coragem, sim, e da sua nobreza. Não há nem coragem nem nobreza num cão que morde os calcanhares de seu amo!

A frieza de Cícero não se dissipara; transformara-se numa cólera lívida, não menos fria, mas que transfigurava seus ouvintes, que o fitavam meio fascinados, meio temerosos.

Só nos escravos que se moviam em torno à mesa, servindo frutas e doces, enchendo os copos de vinho, não havia reação. Caio notou-o, pois sua sensibilidade estava aguçada e era, agora, iodo excitação e receptividade. Viu como permaneciam imutáveis as fisionomias dos escravos, estática sua expressão, letárgicos seus movimentos. Era verdade, então, o que Cícero havia dito: eles não eram humanos pelo simples fato de caminhar e falar. Não sabia por que este pensamento o confortava, mas assim era.

XII

Caio pediu licença para levantar-se da mesa enquanto os demais ainda bebiam e conversavam. Seu estômago agora se contraía, e sentiu que enlouqueceria se tivesse que continuar ali sentado, ouvindo aquela conversa. Desculpou-se alegando sentir-se cansado da jornada; mas quando deixou a sala de jantar, sentiu que precisava urgentemente de respirar o ar puro e encaminhou-se para o terraço na parte traseira da casa. Este era de mármore branco, exceto no centro, onde havia uma fonte. No centro desta, erguia-se uma ninfa saindo de um emaranhado de serpentes marítimas. Da concha que trazia na mão, um jato de água jorrava brilhando ao luar. Esparsos pelo terraço, bancos de alabastro e pedras vulcânicas verdes, artisticamente dotados de uma atmosfera de intimidade, graças aos ciprestes, plantados em grandes jarros esculpidos em lava preta. O terraço, que tinha o mesmo comprimento da imensa casa, era fechado por uma grade de mármore, exceto no centro, onde largos degraus de mármore branco levavam aos jardins mais simples. Era bem de Antônio Caio esconder essa extravagante exibição de riqueza atrás de sua casa, e Caio estava tão habituado a pedras esculpidas que mal deu um segundo olhar aos detalhes da bela obra. Talvez Cícero tivesse encontrado a prova de gênio de um povo no uso da pedra e na pretensão que estabelecia uma decoração incidental em termos de eternidade; mas este pensamento jamais teria ocorrido a Caio.

Mesmo no curso normal das coisas, poucos pensamentos lhe ocorriam que não fossem sugeridos por alguém; e geralmente se relacionavam a comida e a sexo. Não que a Caio faltasse imaginação ou fosse ele tolo, mas simplesmente seu papel na vida nunca lhe exigira imaginação ou um pensamento pessoal. O único problema seu no momento era compreender bem o olhar que Crasso lhe dera antes de sair da sala. Estava pensando nisso enquanto contemplava as plantações ao luar, até que uma voz o interrompeu.

— Caio?

A última pessoa com quem desejaria encontrar-se a sós, no terraço, era Júlia.

— Que bom eu ter vindo até aqui.

Ele ergueu os ombros sem responder e, aproximando-se, ela colocou-lhe a mão no braço e fitou-o no rosto.

— Sê decente comigo, Caio — disse.

"Por que não pára de mendigar e choramingar?", pensou ele.

— O que dás é tão pouco... custa-te tão pouco, Caio. E custa-me tanto pedir. Não compreendes?

- Estou cansado, Júlia, e quero ir para a cama.
- É o que mereço — murmurou ela.
- Por favor, não o consideres assim, Júlia.
- Como devo, então, considerar a tua recusa?
- Estou apenas cansado... é só.
- Não é só, Caio. Olho-te, e não sei o que és, e odeio-me.

És tão belo... e tão podre...

Ele não a interrompeu. Era melhor deixar dizer tudo e assim ver-se livre mais depressa de sua presença.

— Não... não mais podre do que os outros, creio — continuou ela. — Apenas em ti, vejo melhor. Mas somos todos podres, todos doentes, enfermos, cheios de morte, montões de morte... Amamos a morte. Tu também a amas. Caio, e é por isso que tomaste a estrada onde podias ver os símbolos de castigo, não é mesmo? Castigo! Castigamos porque amamos o castigo... da mesma forma que fazes o que fazes porque amas fazê-lo. Sabes que estás lindo, assim, ao luar? O jovem romano, a nata do mundo em todo o esplendor da sua beleza e juventude... E não podes perder tempo com uma mulher velha. Sou tão podre como tu, Caio, mas odeio-te tanto quanto te amo. Queria que estivesse morto. Queria que alguém te matasse e te arrancasse este mesquinho coração! — Houve um momento de silêncio prolongado e, depois, Caio perguntou:

— É só, Júlia?

— Não... não é só isso. Eu também queria estar morta.

— Ambos os desejos podem ser satisfeitos — disse Caio.

— És um vil... .

— Boa-noite, Júlia — disse Caio secamente, e saiu do terraço.

Sua determinação de não se deixar aborrecer se desfizera e se sentia exasperado pela insensatez de sua tia. Se tivesse algum senso de proporção, perceberia o quanto se tornava ridícula com aquela choradeira sentimental. Mas Júlia nunca tivera aquela espécie de senso, e não era de admirar que Antônio a achasse exaustiva.

Caio foi direto para seu quarto. À luz da lâmpada que ardia esperavam-no dois escravos, jovens egípcios que Antônio preferia para criados domésticos. Caio mandou-os embora. Depois despiu-se, trêmulo. Esfregou todo o corpo com um suave perfume, empoou-se, vestiu uma túnica de linho, soprou a lâmpada e estirou-se na cama. Quando seus olhos se habituaram à escuridão, pôde ver claramente, pois um raio de luz entrava pela janela aberta. O quarto estava agradavelmente fresco, cheio da fragrância das flores da primavera no jardim.

Foram apenas alguns minutos de espera, mas a Caio

pareceram horas. Depois ouviu-se uma ligeira batida na porta.

— Entra — disse Caio.

Crasso entrou, fechando a porta atrás de si. O grande general nunca parecera mais viril do que agora, ali, sorrindo para o jovem que o esperava.

XIII

O raio de lua mudara de posição e Caio estava cansado, saciado e sensual como um gato espreguiçando-se — que era a imagem que ele evocou para si mesmo ao dizer a propósito de nada:

— Odeio a Cícero.

Crasso sentia-se paternal, contente consigo mesmo e suave.

— Por que odeias Cícero... o justo Cícero? Cícero, o justo. Sim, por que o odeias?

— Não sei porque o odeio. Devo eu saber por que odeio as pessoas? A umas, amo, a outras, odeio.

— Sabes que foi idéia de Cícero — não apenas sua, mas em grande parte — colocar os símbolos de castigo, os seis mil crucifixos ao longo da Via Apia? É por isso que o odeias?

— Não.

— Como te sentiste ao ver os crucifixos? — perguntou o general.

— As vezes me excitava, mas nem sempre. Excitou mais as moças.

— Sim?

— Mas amanhã eu me sentirei diferente — sorriu Caio.

— Por quê?

— Porque tu os colocaste ali.

— Não exatamente... Cícero, outros. A mim não me importava, de uma forma ou de outra.

— Mas destruístes Espártaco.

— Tem isto alguma importância?

— Amo-te por isso... Odeio Espártaco.

— Espártaco? — perguntou Crasso.

— Sim, Espártaco.

— Mas nunca o conhecestes.

— Não importa. Odeio-o... mais do que odeio a Cícero. Não me preocupo com Cícero. Mas ele, aquele escravo, a ele eu odeio. Se eu o pudesse ter matado com minhas próprias mãos! Se o tivesses trazido para mim e dito, toma, Caio, arranca-lhe o coração! Se tivesses...

— Estás falando como uma criança — disse o general, indulgente.

— Estou? E por que não? — Caio falava agora com um tom infantil na voz. — Por que não hei de ser uma criança? De que adianta ser adulto?

— Mas por que odiavas tanto a Espártaco, sem nunca tê-lo visto?

— Talvez eu o tenha visto. Sabes, há quatro anos fui a Cápua. Naquela ocasião eu era ainda muito jovem, tinha apenas 21 anos.

— Ainda és muito jovem — disse o general.

— Não... não me sinto mais jovem. Mas naquele tempo eu o era. Fomos num grupo de cinco ou seis. Mário Braco me levou, gostava muito de mim. — Caio disse isso deliberadamente, pelo efeito que produziria. Mário Braco morreria na Guerra Servil, e assim excluía qualquer possibilidade de um caso atual, mas era bom que Crasso soubesse que não era nem o único nem o primeiro. O general se empertigou, mas não disse nada. E Caio continuou:

— Sim, éramos Mário Braco, eu e um casal amigo seu, e mais dois outros, creio, cujos nomes já esqueci. Mário Braco estava se exibindo... sim, fazendo uma exibição de dinheiro e importância.

— Lamentei que tivesse morrido — disse Caio displicente, e o general pensou:

"Que animalzinho nojento és!"

— Em resumo, fomos para Cápua e Braco nos prometeu um circo especial, que naquele tempo era mais caro do que hoje. Para fazer isso em Cápua era preciso ser um homem rico.

— Lêntulo Baciato tinha então sua escola, não é? — perguntou Crasso.

— Sim e tinha a fama de ser a melhor escola em toda a Itália. A melhor e a mais cara, e se podia comprar um elefante pelo preço que custava uma luta de seus rapazes. Dizem que, com isso, ele ganhou milhões, mas, de qualquer forma, era um porco. Chegaste a conhecê-lo?

— Não. Fala-me sobre ele, isto me interessa. Foi antes da fuga de Espártaco, não é mesmo?

— Oito dias antes, creio eu. Sim, Baciato tornou-se famoso porque mantinha um verdadeiro harém de escravas e isto não é aprovado. Não abertamente. Está certo se é feito num local de portas fechadas, mas é falta de gosto fazê-lo em público. E era praticamente o que ele fazia. Também usava seus rapazes como reprodutores e as mulheres para parir, o que suponho esteja

certo, mas não sabia fazê-lo com delicadeza. Era um touro de homem, gordo, os cabelos e a barba negros, lembro-me de como eram sujas as suas roupas, todas manchadas de comida. Tinha uma mancha de ovo bem na frente de sua túnica.

— As coisas que lembras! — sorriu o general.

— Lembro-me. Fui vê-lo com Braco, que queria duas lutas de morte. Mas Baciato mostrou-se relutante, dizendo que nada adiantava tentar desenvolver um estilo, uma técnica ou uma atuação precisa, se cada romano rico e entediado queria um circo particular. Mas Braco tinha a bolsa cheia, e o dinheiro tem o poder de convencer.

— De convencer a canalha — disse o general, — Todos os *lanistae*⁴ são desprezíveis, mas esse Baciato era um porco. Sabes, ele possui três das maiores casas de cômodos em Roma e uma quarta que caiu o ano passado, matando a metade dos inquilinos. É capaz de tudo por dinheiro.

— Não sabia que o conhecias.

— Falei com ele. Era uma fonte de informações sobre Espártaco, o único, creio eu, que realmente conheceu Espártaco.

— Conta-me — suspirou Caio.

— Estavas me dizendo que talvez tivesses conhecido Espártaco.

— Conta-me — repetiu Caio com petulância.

— Às vezes pareces tanto uma moça — sorriu o general.

— Não digas isso! Nunca digas isso! — disse Caio eriçando-se todo como um gato.

— Que disse eu para irritar-te tanto? — disse conciliador o general. — Queres que te fale sobre Baciato? Não tem grande interesse, mas falarei se assim o queres. Foi há mais de um ano, penso, e estávamos sofrendo derrotas dos escravos. Foi por isso que quis me informar sobre esse Espártaco. Quando se conhece um homem, é mais fácil derrotá-lo...

Caio sorria ao ouvir as palavras do general. Não compreendia bem porque odiava tanto a Espártaco; mas às vezes encontrava mais satisfação no ódio que no amor.

⁴ Mestres, treinadores de gladiadores. (N. do E.)

PRIMEIRA PARTE

**Em que Crasso, o Grande General
Conta a Caio Crasso
A História de uma Visita que fez ao seu Acampamento
Lêntulo Baciato, dono de uma Escola
para Gladiadores, em Cápua.**

(Isto — disse Crasso, estirado junto ao jovem — passou-se pouco depois de me haverem outorgado o comando. . . uma espécie de honra que leva rapidamente a sepultura. Os escravos tinham destruído nossas legiões e, para todos os efeitos e intenções, dominavam a Itália. Foi então que me chamaram. Vai e derrota os escravos, disseram. Meus piores inimigos me prestavam homenagens. Eu tinha acampado minhas tropas, então, na Gália Cisalpina e enviei uma mensagem ao teu gordo amigo, Lêntulo Baciato.)

A chuva caía fina ao se aproximar Lêntulo Baciato do acampamento de Crasso. Toda a paisagem era triste e desolada, e ele também sentia-se desolado, longe de sua casa e do sol quente de Cápua. Não possuía nem o conforto de uma liteira; trotava num cavalo magro, pensando:

"Quando os militares tomam o poder, os homens honestos dançam conforme o seu compasso. A própria vida não mais nos pertence. A gente me inveja porque tenho um pouco de dinheiro. É ótimo ter dinheiro, quando se é um cavalheiro. E, ainda melhor, quando se é um patricio. Mas quando não se é nenhum dos dois, simplesmente um homem honesto como eu, que ganhou seu dinheiro honradamente, não é possível ter um momento de sossego. Quando não estou subornando um inspetor, estou pagando o silêncio de um guarda; e quando me livro de ambos é a um tribuno que tenho de pagar. E todas as vezes que acordo admiro-me de não ter sido apunhalado em meu sono. Agora um maldito general me dá a honra de me fazer atravessar a metade da Itália... para me perguntar coisas. Se meu nome fosse Crasso ou Graco ou Sileno ou Mênio, a história seria diferente. É assim a justiça romana e a igualdade romana na República de Roma".

E Lêntulo Baciato prosseguiu numa série de pensamentos pouco lisonjeiros sobre a justiça romana e um certo general romano. Esses pensamentos foram interrompidos por uma áspera interpelação das sentinelas avançadas do acampamento. O homem parou obedientemente o cavalo e ali ficou, na fria e fina chuva, enquanto dois soldados o revistavam. E como, de qualquer forma, tivessem que ficar na chuva durante o tempo de sua guarda, não mostraram pressa em despachá-lo. Revistaram-no brutalmente e perguntaram-lhe quem era.

— Meu nome é Lêntulo Baciato.

Como fossem camponeses ignorantes, os soldados não reconheceram o nome e quiseram saber para onde se dirigia.

— Esta estrada leva ao acampamento, não é exato?

— Sim.

— Pois bem, é para lá que vou.

— Para quê?

— Falar com o comandante.

— Só isto! Que estás vendendo?

"Miseráveis, bastardos!", pensou Baciato, mas respondeu com bastante paciência:

— Não estou vendendo nada. Vim aqui a convite.

— Convite de quem?

— Do comandante. — E, tirando da bolsa a ordem que Crasso lhe enviara, exibiu-a aos soldados.

Eles não sabiam ler, mas um pedaço de papel era suficiente para impressioná-los e deixaram-no prosseguir pela estrada militar até o acampamento. Como tantos outros cidadãos rapidamente enriquecidos, Baciato calculava tudo em termos de dinheiro, e, enquanto prosseguia em seu caminho, não pôde deixar de pensar no custo de uma estrada como aquela — uma estrada provisória, aberta só para a conveniência do acampamento, no entanto melhor do que a que ele pudera construir para servir à sua escola em Cápua. Por toda uma milha, cortando reto até o acampamento, lajes de pedra de cantaria haviam sido colocadas sobre uma base de terra e cascalho.

"Se esses malditos generais pensassem mais em lutar e menos em construir estradas, nossa situação seria bem melhor", pensou ele; mas ao mesmo tempo, sentiu um certo orgulho. Tinha de admitir que, mesmo num mísero e chuvoso recanto como aquele, a civilização romana se fazia sentir. Não havia dúvida a respeito.

Agora, aproximava-se do acampamento. Como sempre, o local temporário de estacionamento das legiões era como uma cidade; onde iam os legionários, ia a civilização; e onde

acampavam, mesmo que fosse por uma só noite, surgia a civilização. Ali estava uma imponente área murada, de quase meia milha quadrada, delimitada tão precisamente como a que um desenhista poderia marcar num diagrama, em sua prancheta. Primeiro, havia uma vala de quatro metros de largura por quatro de profundidade, e, mais além, uma pesada paliçada de troncos, com quatro metros de altura. A estrada atravessava a vala à entrada do acampamento, onde pesados portões de madeira se abriram para Baciato. Um corneteiro fez soar a ordem de entrada, e logo ele se viu cercado por um manipulo. Não se tratava de uma homenagem, mas sim, de disciplina pela disciplina. Não era jactância afirmar que nunca antes na história do mundo tinham existido tropas mais disciplinadas que as legiões. Mesmo Baciato, com o seu imenso amor pelo derramamento de sangue — e conseqüentemente com o desprezo inerente ao soldado recrutado — deixava-se impressionar pela precisão mecânica de tudo o que se ligava ao exército.

Não se tratava simplesmente da estrada ou da paliçada ou da vala de três quilômetros de extensão, ou das ruas largas da cidade-acampamento, ou dos trabalhos de drenagem ou da pavimentação de pedra no centro das ruas, ou de toda a múltipla vida, emoção e ordem daquele acampamento romano de 30 mil homens; mas, sobretudo, a constatação de que todo este poderoso produto da inteligência e esforço humanos constituía, na realidade, apenas o esforço casual das legiões em movimento. Não era de balde que se dizia que os bárbaros eram derrotados mais facilmente vendo uma legião acampar por uma noite do que combatendo contra ela.

Baciato desmontou esfregando seu gordo traseiro que estivera em longo e penoso contato com a sela, e um jovem oficial, aproximando-se, perguntou-lhe quem era e a que vinha.

— Sou Lêntulo Baciato, de Cápua.

— Oh! sim... sim — disse o oficial com ar superior. Era muito jovem, uns 20 anos no máximo, um belo, perfumado e requintado produto de boa família. A espécie que Baciato mais odiava. — Sim — repetiu o oficial — Lêntulo Baciato, de Cápua. — Ele sabia; sabia tudo a respeito de Lêntulo Baciato, de Cápua, e quem era, e o que representava, e porque havia sido chamado até ali, ao exército de Crasso.

"Sim, pensou Baciato, odeias-me, não é verdade, filhinho da puta, e estás aí, a me desprezar; mas vens procurar-me e choramingas e me compras as coisas e são os tipos de sua classe que fazem de mim o que sou; pensas talvez que és bom demais

para te aproximares de mim, que minha respiração pode sujar-te, tu, pequeno bastardo!" Isso pensou, mas limitou-se a assentir, e nada disse.

— Sim — disse o jovem oficial — o comandante vos espera. Estou a par. Quer que vos apresenteis imediatamente a ele. Eu vos acompanharei até lá.

— Quero descansar... comer qualquer coisa.

— O comandante providenciará isto. É um homem muito atencioso — sorriu o oficial e, virando-se, ordenou áspero a um dos soldados: — "Leva o cavalo, dá-lhe água, comida e coloca-o na cavaleriça!"

— Nada comi desde a manhã — disse Baciato — e parece-me que se o vosso comandante esperou todo este tempo, pode esperar um pouco mais.

Os olhos do jovem se estreitaram, mas manteve o tom cordial na voz ao observar:

— Ele decidirá.

— O cavalo come primeiro que eu?

Sorrindo, o oficial abanou afirmativamente a cabeça e fez-lhe sinal para que o acompanhasse.

— Não faço parte da vossa maldita legião!

— Estais num acampamento da legião.

Enfrentaram-se por um momento; depois, Baciato ergueu os ombros, decidindo que era inútil continuar a discussão sob aquela chuva penetrante, pelo que envolveu-se da melhor maneira possível em seu úmido abrigo e seguiu o oficial, que passara a considerar um patricio idiotinha. Pensou, também, com seus botões, que, afinal de contas, já vira mais sangue correr só numa tarde do que aquele filhote, cujo leite materno mal lhe secara nos lábios, tinha visto em toda a sua garbosa carreira militar. Mas quaisquer que fossem os seus pensamentos, o homem gordo continuava sendo um pequeno açougueiro num matadouro — seu único conforto era sentir que não estava inteiramente alheio às forças que haviam levado as legiões àquele local.

Seguiu o rapaz pela larga avenida central do acampamento, olhando curiosamente para as tendas sujas de lama que se alinhavam de cada lado, oferecendo bastante proteção como teto mas abertas na frente, e para os soldados que se esparramavam nos seus catres de capim, conversando, praguejando, cantando e jogando dados. Na sua maioria, eram camponeses italianos de tez escura, e cara raspada. Algumas das tendas tinham pequenos fogareiros, mas em geral suportavam o frio da mesma forma que o calor e da mesma forma que suportavam também os

intermináveis exercícios militares e a severa disciplina; os débeis morriam rapidamente; os fortes se tornavam cada vez mais fortes, aço e osso de baleia formando um eficiente punhal que se tornara o mais terrível instrumento de destruição em massa conhecido até então.

Bem no centro do campo, num cruzamento de duas linhas esticadas entre os quatro cantos, ficava o pavilhão do general, o *praetorium*, que era apenas uma grande tenda dividida em duas secções ou aposentos. A entrada era vedada e, de cada lado, havia uma sentinela, armada de uma longa e delgada lança, em lugar do pesado e mortífero pilum, um leve escudo redondo e um punhal curvo de tipo trácio, em vez dos maciços escudos e da espada curta espanhola regulamentares. Usavam brancas túnicas de lã, empapadas pela chuva, e mantinham-se como se estivessem talhados na pedra, a água escorrendo-lhes dos elmos, das roupas e das armas. Por uma razão qualquer, isto impressionou Baciato mais do que tudo o que vira. Agradava-lhe quando a carne fazia mais do que dela era de se esperar.

Ao se aproximarem, as sentinelas os saudaram e afastaram as cortinas da tenda. Baciato e o jovem oficial entraram, e se encontraram num aposento pobremente iluminado, de uns 15 metros de comprimento por 6 de largura, que constituía a parte dianteira do *praetorium*. Os únicos móveis eram uma mesa comprida, de madeira, com uma dúzia de bancos em redor. Numa ponta da mesa, com os cotovelos nela apoiados, estudando um mapa que se abria à sua frente, estava o comandante-chefe, Marco Licínio Crasso.

Crasso ergueu-se à entrada do oficial e de Baciata, e este último notou com prazer a prontidão com que o general se dirigiu a eles, estendendo-lhe a mão, dando-lhe as boas vindas.

— Lêntulo Baciato... de Cápua? Não é mesmo?

Baciato devolveu-lhe o aperto de mão. Aquele general era, realmente, muito simpático, com feições viris e uma atitude nada condescendente.

— Encantado em travar conhecimento convosco — disse Baciato.

— Vieste de muito longe, o que foi muito atencioso de vossa parte. Estou certo de que deveis estar com fome e cansado.

Disse isso com desvelo e com certa preocupação que logo deixou Baciato a gosto; o jovem oficial, entretanto, continuava a fitá-lo com o mesmo descaso. Se Baciato fosse mais sensível teria compreendido que ambas as atitudes eram igualmente significativas. O general tinha um programa de trabalho à sua frente; o jovem oficial mantinha a atitude de um patrício com

relação à gente da laia de Baciato.

— Sim, realmente, estou molhado e cansado, mas, sobretudo, morrendo de fome. Perguntei a este jovem se poderia comer, mas ele considerou que meu pedido não era razoável.

— Somos treinados a obedecer ordens precisas — disse Crasso. — Minhas ordens eram que vos trouxessem aqui logo que chegásseis. Mas, agora, vossos desejos serão os meus. Estou perfeitamente ciente da jornada árdua que fizestes. Vou fornecer-vos imediatamente roupas secas. Quereis um banho?

— O banho pode esperar. Quero, antes, pôr alguma coisa no estômago.

Sorrindo, o jovem oficial saiu da tenda.

II

Tinha terminado de comer peixe assado e ovos cozidos, e, agora, Baciato devorava uma galinha, arrancando-lhe os pedaços e limpando osso por osso. Ao mesmo tempo, sorvia de vez em quando a sopa numa vasilha de madeira e ajudava a comida a descer com grandes tragos de vinho. A galinha, a sopa e o vinho lambuzavam-lhe a boca; restos de comida já sujavam a túnica limpa que Crasso lhe emprestara; e suas mãos estavam engorduradas com o molho da galinha.

Crasso observava-o com interesse. Como acontecia com tantos romanos de sua classe e geração, tinha especial desprezo pelo *lanistae*, o homem que educava e treinava gladiadores, que os comprava, vendia e alugava para as arenas. Só naqueles vinte últimos anos é que os *lanistae* se tinham tornado uma força em Roma, uma força política e financeira, e freqüentemente ajuntavam fortunas colossais, como era o caso daquele homem gordo e grosseiro que ali estava sentado à mesa. Há apenas uma geração, as lutas de arena eram um costume social intermitente e pouco importante. Sempre tinham existido sendo mais populares entre certos elementos e menos entre outros. Mas, subitamente, converteram-se no furor de Roma. Por toda parte construía-se arenas. As cidades menores tinham a sua arena de madeira. A luta de uma dupla se transformara na luta de centenas de duplas e um programa de jogos se prolongava durante meses. Em vez de atingir um ponto de saturação, a ânsia do público aparentemente aumentava sem cessar.

Cultas matronas romanas e vagabundos das ruas interessavam-se igualmente pelos jogos. Toda uma nova linguagem nascera dos jogos. Veteranos do exército só se preocupavam com suas pensões e com os jogos, e dez mil cidadãos sem trabalho e sem morada pareciam não ter outra

razão aparente de viver senão assistir aos jogos. Subitamente, o mercado de gladiadores passou a ser um mercado de venda e surgiram as escolas gladiatórias. A escola de Cápua, que Lêntulo Baciato dirigia, era uma das maiores e mais prósperas. Exatamente como o gado de certos *latifundia* eram mais cotados nos mercados, assim os gladiadores de Cápua eram apreciados e desejados em todas as arenas. E de vagabundo o obscuro Baciato se tornara o homem rico e um dos mais notáveis treinadores de *bustuarii* em toda a Itália.

"No entanto, continua sendo um vagabundo e um desclassificado asqueroso — pensava Crasso, observando-o. — Olha como come!" Era difícil a Crasso compreender como tantos homens mal nascidos e mal educados tinham mais dinheiro do que muitos de seus amigos jamais sonhariam ter. Evidentemente, não eram menos inteligentes do que esse treinador boçal. Ele, Crasso, por exemplo: conhecia seu próprio valor como militar, tinha as virtudes romanas da coragem e audácia, e não considerava a tática militar como algo intuitivo. Tinha estudado todas as campanhas da história, e lera os melhores historiadores gregos. Não cometera o erro — que todos os outros generais naquela guerra haviam cometido — de subestimar Espártaco. Entretanto, ali, sentado à mesa em frente àquele homem grosseiro, Crasso se sentia curiosamente inferior.

— Deveis compreender que não tenho sentimentos pessoais nem sobre Espártaco, nem sobre vós, nem mesmo sobre a guerra. Não sou um moralista. Queria falar-vos porque podeis me dizer o que nenhum outro pode.

— O que, precisamente? — perguntou Baciato.

— A natureza de meu inimigo.

O homem gordo serviu-se de mais vinho e olhou de soslaio para o general. Uma sentinela entrou na tenda e colocou duas lâmpadas acesas sobre a mesa. Já era noite.

A luz das lâmpadas, Lêntulo Baciato era uma pessoa diferente. O crepúsculo fora-lhe lisonjeiro. Agora, a luz destacava seu rosto, marcando riscas de sombra sob as camadas pendentes de gordura. Seu enorme nariz achatado estremecia constantemente, e, aos poucos, ele se estava embriagando. O brilho frio de seus olhos advertia Crasso a não subestimá-lo, a não pensar que se tratava de um tolo bonachão." Nada tinha de tolo.

— O que sei de vosso inimigo?

Fora soaram trombetas. Os exercícios da noite haviam terminado e o bater das botas de couro ecoava no acampamento.

— Só tenho um inimigo. Espártaco é meu inimigo — disse cautelosamente.

O homem gordo assoou o nariz no guardanapo.

— Vós conheceis Espártaco — disse Crasso.

— Conheço, por Deus!

— Ninguém mais. Só vós. Ninguém que lutou contra Espártaco o conheceu. Lutavam contra escravos. Esperavam soar as trombetas, tocar os tambores, lançar os *pilum*... e os escravos debandariam em fuga. Por mais que as legiões fossem destroçadas, continuavam a esperar que isto sucedesse. O passado não pode repetir-se e hoje Roma faz o último esforço: se fracassar, não haverá mais Roma. Sabeis disso tão bem como eu.

O homem gordo estourou numa gargalhada. Segurou a barriga e se balançou no banco.

— Achais isso engraçado? — perguntou Crasso.

— A verdade é sempre engraçada.

Crasso conteve sua irritação e esperou que a hilariedade do outro passasse.

— Não haverá mais Roma... apenas Espártaco.

O homem gordo agora ria baixinho e Crasso, observando-o ficou sem saber se estava apenas bêbado ou ruim da cabeça. Que coisas um país produzia! Ali estava um *lanistae*, que comprava escravos e os treinava para lutar; naturalmente, estava rindo por causa disso. Ele, Crasso, também treinava os homens para lutar.

— Devíeis me enforcar, e não me alimentar — murmurou Baciato como se desculpendo, enquanto tornava a encher o copo de vinho.

— Tenho tido, em sonho — disse o general voltando a encaminhar a conversa para o que o interessava — uma espécie de pesadelo. Desses sonhos que se repetem várias vezes...

Baciato abanou a cabeça compreensivamente.

— ...e neste sonho luto com os olhos vendados. É horrível, porém lógico. Saiba que não acredito que sonhos sejam presságios. Certos sonhos são simplesmente reflexos dos problemas que enfrentamos quando acordados. Espártaco é o desconhecido, Se eu for lutar contra ele, meus olhos estarão vendados. Isso jamais aconteceu em outras circunstâncias. Sei porque os gauleses lutam, porque os gregos, espanhóis e germanos lutam. Lutam pelas mesmas razões, com algumas variações naturais, pelas quais eu luto, Mas não sei por que luta este escravo. Não sei como reúne uma malta, toda a escória e a imundície do mundo, e usa-a para destruir as melhores tropas que jamais existiram no mundo. São precisos cinco anos para formar um legionário, cinco anos para fazê-lo compreender que sua vida não tem a menor importância, que a legião e só a legião

conta, que uma ordem deve ser obedecida, qualquer ordem. Cinco anos de treino, dez horas por dia, todos os dias, e então pode-se levá-lo até a borda de um precipício e mandá-lo atirar-se: ele obedecerá. No entanto, esses escravos destruíram as melhores legiões de Roma. Foi por isto que vos pedi para vir de Cápua... para me falar a respeito de Espártaco. Para que eu possa arrancar a venda dos meus olhos.

Baciato aprovou com a cabeça. Rendia-se agora. Era o confidente e o conselheiro de grandes generais, e era assim que devia ser.

— Em primeiro lugar, falai-me sobre o homem — disse Crasso. — Falai-me sobre ele. Qual é o seu aspecto? Onde o arranjastes?

— Os homens nunca são o que parecem.

— Sim, é verdade... uma grande verdade, e quando se chega a compreender isto, é que se adquiriu o conhecimento dos homens.

Baciato se deleitou com a lisonja implícita no comentário do general.

— Era dócil, tão dócil, quase humilde, e é um trácio; isto é tudo o que há de certo a respeito dele. — Baciato molhou a ponta de um dedo no vinho e fê-la correr por sobre a mesa. — Dizem que ele é um gigante. .. mas não, não é exato. Não se trata de um gigante. Nem sequer muito alto. Mais ou menos da vossa estatura, diria eu. Cabelo negro e encaracolado; olhos castanhos escuros. Tinha o nariz quebrado; se não fosse por isto, poderia ser considerado belo. Mas o nariz quebrado dava-lhe uma feição de carneiro. Rosto largo, brando, e tudo isto fazia com que eu me equivocasse a seu respeito. Teria morto qualquer outro que fizesse o que ele fez.

— Que fez ele? — perguntou Crasso.

— Ah...

— Quero que faleis francamente pois desejo ter uma imagem verdadeira do homem. Tenho a dizer-vos que tudo o que me contardes será mantido em absoluto sigilo —, disse Crasso, pondo momentaneamente de lado o incidente específico pelo qual Baciato teria morto Espártaco. — Quero também conhecer seus antecedentes, onde o comprastes e o que era ele.

— Que é um gladiador? — sorriu Baciato. — Não é simplesmente um escravo, ou pelo menos não o são os gladiadores de Cápua. São especiais. Quando se quer organizar uma luta de cães não se compra cachorrinhos amimados por meninas. Quando se faz uma luta de homens, quer-se homens que lutem. Homens que odeiem. Homens exasperados. Por isso informo aos meus agentes de que estou interessado em homens

rancorosos. Essa espécie não serve para serviço doméstico nem, tampouco, para os *latifundia*.

— Por que não os *latifundia*?

— Porque não quero um homem que esteja domado. E não se podendo domar um homem, pode-se matá-lo, mas não treiná-lo. Ele estraga o trabalho, e estraga os outros também. É como uma doença.

— Então, por que lutará ele?

— Ah!... Aí está a questão, e, não se sabendo a resposta, é impossível treinar gladiadores. Antigamente, os lutadores de arena se chamavam *bustuarii*, e lutavam por amor à luta, mas eram doentes da cabeça, e muito poucos, e *não eram escravos*. Ninguém quer lutar pelo prazer de sangue, a não ser que seja doente da cabeça. Ninguém gosta disso. O gladiador não gosta de lutar. Luta porque lhe dão uma arma e tiram-lhe as correntes. E quando tem a arma na mão, sonha que é livre... e é isto o que quer: ter uma arma na mão e sonhar que é livre. Então é uma questão de astúcia contra astúcia, pois o gladiador é um demônio e o seu treinador também tem de ser um demônio.

— E encontrais homens assim? — perguntou Crasso, intrigado e fascinado pela descrição franca que o homem fazia de seu ofício.

— Só existe um lugar onde é possível encontrá-los... esses a quem eu prefiro. Só um lugar: as minas. É preciso que seja nas minas. Devem vir de algum lugar que, comparado com ele, a legião é um paraíso, o *latifundium* um paraíso e até o patíbulo uma bênção. É ali que meus agentes os encontram. Foi onde encontraram Espártaco. Ele era um *koruu*. Sabeis o que significa a palavra? Creio que é de origem egípcia.

Crasso abanou a cabeça, negativamente.

— Significa três gerações de escravos. O neto de um escravo. Em egípcio quer dizer, também, um animal asqueroso. Um animal intocável, mesmo por outros animais. *Koruu*. Poderíeis perguntar porque surgiu isto no Egito. Eu vos direi: existem coisas piores que ser um *lanistae*. Quando cheguei ao vosso acampamento, os oficiais me olharam. Por quê? Por quê? Somos todos carneiros, não é mesmo? E trabalhamos no comércio da carne trinchada. Então, por quê?

Estava bêbado, cheio de pena de si mesmo, aquele gordo treinador de gladiadores. Transbordava-lhe a alma; mesmo um porco gordo com apetite para o sangue da arena tem uma alma.

— E Espártaco era *koruu* — disse Crasso pensativo. — Veio do Egito?

— Era trácio, mas veio do Egito — confirmou Baciato. — Os exploradores das minas do Egito compram de Atenas e compram *koruu* quando podem. Os trácios são apreciados.

— Por quê?

— Existe uma crença de que trabalham bem nas minas.

— Compreendo. Mas por que dizem que Espártaco foi comprado na Grécia?

— Sei lá porque são ditas tantas tolices! Mas sei onde foi comprado porque quem o comprou fui eu. Em Tebas. Duvidais de mim? Sou um mentiroso? Sou um gordo *lanistae*, um solitário, nesta miserável chuva de Gália. Porque vivo na solidão? Que direito tendes de me desprezar? Vossa vida é vossa vida. A minha é minha.

— Sois meu conviva de honra. Eu não vos olho com desprezo — disse Crasso.

— Sabeis o que eu quero? — disse Baciato inclinando-se para ele. — Sabeis o que preciso? Somos dois homens experimentados. Preciso de uma mulher. Esta noite. — Sua voz rouca adquiriu um tom persistente. — Por que preciso de uma mulher? Não por luxúria, mas por pura solidão. Para cicatrizar as feridas. Tendes mulheres... os homens não podem prescindir das mulheres.

— Falai-me primeiro de Espártaco e do Egito e, depois, falaremos de mulheres — disse Crasso.

III

E foi assim que, muito antes de haver um inferno cristão nos livros e sermões — e talvez mesmo depois — já existia um inferno sobre a terra, que os homens viam e conheciam muito bem. Pois é da natureza do homem só poder escrever sobre infernos que ele próprio criou.

No mês de julho, quando está seco e desolador, sobe de Tebas pelo Nilo. Vai até a primeira catarata. Ali, já estás na terra do diabo. Vê como a fita de verdura ao longo da margem se reduziu e ressequiu! Vê como a areia das colinas e montículos do deserto tornou-se mais fina. Fumaça e pó; o vento toca-a e ela sobe e estende seus tentáculos. Onde o rio corre lentamente — o que acontece no tempo da seca — por sobre ele há uma crosta de pó branco. O pó está, também, no ar e o calor já é intenso.

Mas, pelo menos, há um pouco de vento neste local. Quando passares a primeira catarata, tens que te dirigir para o Deserto Núbio, que fica a sudeste. Avança pelo deserto até desaparecer o pouco vento que existia junto ao rio, mas não tão longe para

alcançar ao menos a mais ligeira brisa do Mar Vermelho. E, agora, desce para o sul.

De súbito, o vento pára e a terra está morta. Só o ar é vivo, cristalizado pelo calor, resplandesce, e um homem não pode mais contar com os seus sentidos, pois não vê as coisas como são, e tudo lhe parece recurvado e torcido pelo calor. O deserto também mudou. É um erro imaginá-lo que o deserto é o mesmo em toda a parte; o deserto significa apenas falta de água, e esta falta varia enormemente; o deserto se modifica de acordo com a natureza do solo onde se acha. Há desertos de pedra, e montanha, e há desertos de areia, e desertos de sal branco e de lava... e, também, há o terrível deserto de poeira branca movediça onde impera a morte.

Ali nada cresce. Nem as rudes plantas do deserto de pedra, nem as ervas do deserto de areia. Absolutamente nada.

Caminha, pois, por este deserto, através da poeira branca e sente como onda após onda do medonho calor vem golpear tuas costas. É um calor que permite, apenas, ao homem continuar vivo. Quando caminhas por este terrível deserto, o tempo e o espaço passam a ser ilimitados e monstruosos. Mas prossegues para a frente. Que é o inferno? O inferno começa quando os atos simples e necessários da vida se tornam monstruosos, e sabem disto os homens que, em todas as épocas, provaram o inferno que outros homens fazem sobre a terra. Torna-se horrível agora caminhar, respirar, ver, pensar.

Mas não continua eternamente. De súbito, delinea-se e surge um outro aspecto do inferno. A tua frente erguem-se negras fantasmagóricas colinas. São escarpas de pedra escura. Para estas escarpas tu te encaminhas e notas então que são todas cortadas de veios de mármore branco. Oh! como é branco o mármore! Oh! como luze e brilha e que brilho celestial, porque os caminhos do céu são pavimentados de ouro e o mármore branco é rico em ouro! É por isso que os homens vêm a este lugar, e é por isso que estás aqui, porque o mármore é rico e abundante em ouro.

Aproxima-te mais e olha. Há muito que os faraós egípcios descobriram essas escarpas de pedra negra, e naquela época só possuíam instrumentos de cobre e bronze. Assim, pouco mais podiam fazer que arranhar e lascar a superfície. Mas, depois que gerações raspavam a superfície, o ouro sumiu e foi, então, necessário penetrar na rocha negra e arrancar o mármore branco; Isto foi possível porque havia passado a idade do cobre e chegara a idade do ferro. Agora os homens podiam trabalhar o mármore com picaretas e cunhas de ferro e malhos de dez

quilos.

Mas, para isto, precisava-se de um novo tipo de homem. O calor e o pó e as contorções físicas, necessárias para seguir os sinuosos veios de ouro na rocha, tornavam impossíveis empregar camponeses da Etiópia ou do Egito, e o escravo comum custava muito e morria depressa. Assim, para este lugar, foram trazidos soldados enrijecidos pela guerra, que haviam sido capturados, e crianças que eram *koruu*, nascidas de escravos, filhas de escravos, num processo em que apenas os mais fortes e os mais rijos podiam sobreviver. As crianças eram necessárias, pois quando os veios se estreitavam dentro da rocha negra, só uma criança podia trabalhá-los.

O velho esplendor e poder dos faraós desapareceram e se esvaziaram as bolsas dos reis gregos do Egito; a mão de Roma se estendeu sobre eles e os mercadores de escravos de Roma tomaram a si a exploração das minas. De qualquer forma, ninguém, a não ser os romanos, sabia como fazer os escravos trabalharem direito.

Assim, chegas às minas, como chegou Espártaco, com cento e vinte e dois outros trácios acorrentados pelo pescoço, carregando suas cadeias ardentes pelo deserto a fora, desde a Primeira Catarata. O décimo segundo homem, na linha da frente, é Espártaco. Está quase despido, como o estão todos os outros, e logo ficará completamente nu. Preso à cintura um pedaço de girão, seus cabelos são longos, a barba crescida, como a de todos os outros homens da fila. As sandálias estão completamente gastas, mas usa o pouco que delas lhe resta pela proteção que ainda possam proporcionar, pois, se bem que a pele de seus pés tenha a grossura de quase um dedo e seja dura como o couro, não o protege suficientemente contra as ardentes areias do deserto.

Como é este homem, Espártaco? Tem vinte e três anos de idade, e carrega sua corrente pelo deserto, mas não é por isso que se conhece sua idade. Essa espécie de homem só (conhece a labuta eterna, sem juventude, sem maturidade, sem velhice, só a eterna labuta. Dos pés à cabeça, o cabelo e a barba e o rosto, todo ele está coberto da poeira branca da areia, mas, sob a areia, sua pele curtida é parda e escuros são os olhos intensos, que brilham cheios de ódio como carvões ardentes no rosto cadavérico. A pele parda é um requisito indispensável à vida que leva; os escravos do norte, de pele branca e cabelos amarelos, não podem trabalhar nas minas; o sol os frige e mata, e morrem em meio a dores atrozes.

E difícil dizer se é alto ou baixo, pois homens acorrentados

não caminham eretos e seu corpo é um feixe de músculos tenso, curtido ao sol. ressequido, mas não sem consistência. Durante muitas gerações houve um processo de seleção, e nas colinas rochosas da Trácia a vida nunca foi fácil, de forma que o que sobrevivia era rijo e profundamente apegado à vida. O punhado de trigo com que se alimenta diariamente, os duros e secos bolos de cevada, são absorvidos até o último resíduo de substância e o corpo é ainda jovem para sustentar-se a si mesmo. O pescoço é espesso e musculoso, mas há feridas abertas onde fica a argola de bronze. Os ombros são forrados de músculos, mas tão proporcionais ao corpo que o homem parece menor do que é. O rosto é largo e, como o nariz se quebrou uma vez sob o chicote de um feitor, parece mais achatado do que o é na realidade, e, como os olhos escuros são muito separados, a fisionomia toda adquire uma expressão dócil de carneiro. Sob a barba e a poeira, a boca é rasgada e cheia, sensual e sensível e, se os lábios se distendem — num arreganho, nunca um sorriso — vê-se que os dentes são brancos e regulares. As mãos são grandes e quadradas e belas como podem ser certas mãos; de fato, a única coisa de belo nele são as mãos.

Este é, pois, Espártaco, o escravo trácio, filho de um escravo que era filho de um escravo. Ninguém conhece o próprio destino e o futuro não se pode ler num livro, e mesmo o passado — quando o passado é só labuta e mais labuta — pode dissolver-se num obscuro leito de dores incontáveis. Este é, pois Espártaco, que não conhece o futuro e não tem motivo para lembrar o passado, e nunca lhe ocorreu que aqueles que labutam jamais possam fazer outra coisa, nem lhe ocorreu tampouco que jamais haverá um tempo em que os homens labutarão sem o chicote a lhes cortar as costas.

Em que pensa ele ao palmilhar a areia quente? Não se deve ignorar que, quando carregam uma corrente, os homens pensam pouco, muito pouco, e a maior parte do tempo é melhor não pensar senão na hora em que se vai comer, beber e dormir de novo. Assim, não existem pensamentos complexos na mente de Espártaco ou na de qualquer dos seus companheiros trácios que com ele carregam a corrente. Quando se transformam homens em bestas eles não pensam em anjos.

Mas, agora, é o término do dia, a cena se transforma e homens como esses se agarram a quaisquer pequenas mudanças. Espártaco ergue os olhos e vê a faixa negra das escarpas. Existe uma geografia de escravos, e ainda que ignorem a forma dos mares, a altitude das montanhas ou o curso dos rios, conhecem bem as minas de prata da Espanha, as minas de ouro da Arábia,

as minas de ferro da África do Norte, as minas de cobre do Cáucaso e as minas de estanho da Gália. Este é o seu próprio léxico do horror, seu único refúgio no conhecimento de outro lugar pior que aquele onde estão; e pior que as escarpas negras da Núbia, nada existe em todo o mundo.

Espártaco fita-as; os outros também olham, toda a coluna estaca e os camelos com suas cargas de água e trigo também param, da mesma forma que os feitores com seus chicotes e aguilhões. Contemplam todos a fita negra do inferno. E depois a coluna prossegue.

O sol já se põe por trás da rocha escura quando a atingem. Esta tornou-se mais negra, mais selvagem, mais sinistra. Terminou o dia de trabalho e os escravos vão emergindo dos poços.

"Que são eles? Que são eles?" — pensa Espártaco.

O homem atrás dele murmura: "Que Deus me ajude!"

Mas Deus não o ajudará ali. Deus não está ali; que estaria fazendo Deus ali? E então Espártaco compreende que as coisas que vê não fazem parte de alguma estranha espécie do deserto, mas são homens, como ele próprio, e crianças como ele um dia o foi. É o que são. Mas a diferença neles se formou de dentro e de fora e, em resposta às forças que os modelaram em algo à parte da humanidade, houve uma reação íntima, um esmorecimento do desejo ou necessidade de ser humano. Olhai-os! O coração de Espártaco, que no processo dos anos se petrificou, começa a contrair-se de medo e horror. Nele as fontes da piedade, que julga estarem secas, se umedecem novamente, e seu corpo desidratado ainda é capaz de lágrimas. Olha-os. O chicote corta-lhe as costas, impulsionando-o para frente, mas ele continua imóvel, fitando-os.

Estiveram se "arrastando nas galerias e agora, ao sair, continuam a se arrastar como animais. Não se banharam desde que ali estão e nunca mais tornarão a se banhar. Sua pele forma um conjunto de poeira preta e imundície parda; seus cabelos) são longos e emaranhados e, quando não são crianças, a barba/ é comprida. Alguns são pretos e outros brancos, mas a diferença agora é tão pequena que mal se pode notá-la. Todos têm enormes calos nos joelhos e cotovelos e seus corpos estão nus, completamente nus. Por que não? Roupas não os manterão vivos por mais tempo e a mina só tem um objetivo: render lucros aos acionistas romanos, e mesmo farrapos de pano sujo custam alguma coisa.

Todavia, uma coisa eles usam. Cada um tem no pescoço uma argola de bronze ou de ferro, e, ao saírem esgueirando-se das

rochas pretas, os feitores prendem cada argola numa longa corrente, e quando vinte estão assim encadeados, encaminham-se para o abrigo. Convém notar que nunca nenhum escapou das minas núbias. Ninguém poderia escapar. Um ano nessas minas e nunca mais será possível pertencer novamente ao mundo dos homens. A corrente é mais um símbolo do que uma necessidade.

Espártaco observa-os e procura a sua própria classe, a sua própria raça, a humanidade, que é raça e classe quando um homem é escravo. "Falai — diz ele para si mesmo — falai uns com os outros". Mas eles não falam. Estão silenciosos como a morte. "Sorri", suplica no seu íntimo. Mas ninguém sorri.

Levam consigo os instrumentos, as picaretas de ferro, as barras e as talhadeiras. Muitos deles trazem lanternas toscas amarradas à cabeça. As crianças, esqueléticas como aranhas, se contorcem caminhando e piscam constantemente sob a luz. Essas crianças jamais crescem. Depois de chegar às minas, vivem no máximo dois anos, mas não há outro meio de acompanhar a pedra com ouro quando os veios se estreitam e serpenteiam. Passam pelos trácios carregando suas correntes, mas nem viram a cabeça para olhar os recém-chegados. Não têm curiosidade. Não se interessam.

E Espártaco sabe. "Dentro em pouco eu não me interessarei", diz para si mesmo. E isto é mais aterrador do que qualquer outra coisa.

Agora os escravos vão comer, e os trácios os acompanham. A caverna de pedra, que é o seu abrigo, foi cavada na própria base da escarpa, há muitos anos. Ninguém se lembra quando. É feita de maciços blocos de pedra negra, e dentro não há luz. A ventilação vem só de uma abertura de cada lado. Nunca foi limpa. A sujeira de décadas apodreceu e endureceu no seu chão. Os feitores nunca entram ali. Se há qualquer desordem lá dentro, cortam simplesmente a comida e a água; depois que passam algum tempo sem água e comida, os escravos tornam-se dóceis e se arrastam para fora, como animais que são. Quando alguém morre ali dentro, os escravos puxam o corpo para fora. Mas, às vezes, uma criança morre em algum recanto do seu interior e ninguém nota a sua ausência até que a decomposição do seu corpo revele o fato. Assim é o abrigo.

Os escravos entram sem as correntes. À entrada são desencadeados e recebem uma gamela de madeira com comida e um copo de couro com água. O copo contém um litro de água, e esta é a ração que lhes dão duas vezes ao dia. Mas nem dois litros de água por dia seriam suficientes para repor o que o calor tira num lugar tão seco, e assim os escravos são sujeitos a um constante processo de desidratação progressiva. Se outras coisas

não os matam, cedo ou tarde, isto lhes destrói os rins e quando a dor é muito forte para que possam trabalhar, são enxotados para morrer no deserto.

Espártaco sabe de tudo isso. Ele sabe tudo a respeito dos escravos e a comunidade dos escravos é a sua. Nasceu, cresceu e amadureceu nisso. Conhece o segredo fundamental dos escravos. É um desejo — não de prazer, conforto, comida, música, risos, amor, calor, mulheres ou vinho, nem nada que se pareça com isso — é um desejo de suportar, de sobreviver, apenas isto e nada mais: sobreviver.

Não sabe por quê. Não há razão nenhuma para esta sobrevivência, nenhuma lógica; nem, tampouco, o conhecimento é um instinto. É mais do que isso. Nenhum animal pode sobreviver desta maneira; a sobrevivência não é simples nem fácil; é muito mais complexa e difícil do que todos os problemas enfrentados por pessoas que nunca a têm de enfrentar. E também há uma razão para isto. Mas Espártaco não a conhece.

Agora, quer sobreviver. Adapta-se, amolda-se, acondicionando-se e aclimatando-se. É um mecanismo de profunda fluidez e flexibilidade. Seu corpo, libertado das correntes, conserva a força. Por quanto tempo ele e seus companheiros carregaram essa corrente, através do mar, pelo rio Nilo acima, através do deserto! Semanas e semanas de cadeias, e agora vê-se livre delas! Sente-se leve como uma pluma, mas a força recobrada não deve ser desperdiçada. Aceita a sua água. . . mais água do que viu em semanas. Ele não a tomará de uma vez só para não desperdiçá-la na urina, mas irá sorvê-la durante horas, para que todas as gotas sejam aproveitadas, umedecendo-lhe os tecidos do corpo. Aceita a comida, uma pasta de trigo e cevada cozida com gafanhotos. Existe força e alimento em gafanhotos secos, e o trigo e a cevada são a composição de sua carne. Já comeu pior, e toda a comida deve ser respeitada; aqueles que desrespeitam a comida, mesmo em pensamento, tornam-se inimigos dela e logo morrem.

Entra na escuridão do abrigo, e a onda fétida invade-lhe os sentidos. Mas um homem não morre de mau cheiro, e só imbecis e homens livres podem se dar ao luxo de vomitar. Não desperdiçará um só grama do conteúdo de seu estômago, de tal forma. Não lutará contra o fedor; não se pode lutar contra tais coisas. Ao contrário, deixar-se-á envolver por ele — que penetre em seu ser, e logo não mais o assustará.

Caminha no escuro e seus pés o guiam. Seus pés são como olhos. Não deve tropeçar ou cair, pois numa mão leva comida e,

na outra, água. Aproxima-se da parede de pedra e senta-se, nela apoiando as costas. Não está tão ruim ali. A pedra é fresca e dá apoio às suas costas. Come e bebe. Em todo o seu redor há movimento e respiração e mastigo de outros homens e crianças que fazem exatamente o que ele faz, e, no interior de seu corpo, os órgãos o ajudam e extraem o que precisam da pouca comida e da pouca água. Cata o último grão de comida na sua gamela, bebe o que ainda lhe resta e lambe a madeira do recipiente. Não é o apetite que o faz agir assim, mas a sobrevivência; cada migalha de comida significa sobrevivência.

Uma vez terminada a comida, alguns que comeram estão mais satisfeitos e outros se entregam ao desespero. Nem todo o desespero desapareceu desse lugar. A esperança pode desaparecer, mas o desespero se agarra mais tenazmente, e há gemidos e lágrimas e suspiros e, em alguma parte, um grito estridente. E há mesmo alguma conversa, e uma voz alquebrada que chama:

— Espártaco, onde estás?

— Aqui estou, trácio — responde ele.

— Aqui está o trácio — diz outra voz. Trácio, trácio. É sua gente e reúne-se em torno dele. Espártaco toca-lhe as mãos. Talvez os outros escravos estejam ouvindo e, de qualquer modo, estão profundamente silenciosos. Talvez os que ali chegaram antes estejam lembrando agora o que mais temem lembrar. Alguns compreendem as palavras de língua ática e outros não. Talvez ainda reste uma lembrança das montanhas cobertas de neve da Trácia, da abençoada frescura, dos riachos correndo através de florestas de pinheiros e das cabras pretas saltando entre rochedos. Quem sabe que recordações persistem entre os condenados das escarpas negras?

— Trácio — eles o chamam, e Espártaco os sente agora por todos os lados. Quando estende a mão, sente o rosto de um deles, coberto de lágrimas. Ah, as lágrimas são um desperdício.

— Onde estamos nós, Espártaco? Onde estamos nós — murmura um deles.

— Não estamos perdidos. Sabemos como viemos.

— Quem se lembrará de nós?

— Não estamos perdidos — repete ele.

— Mas quem se lembrará de nós?

Não se pode falar desta maneira. Ele é como um pai para eles. Para homens que têm duas vezes a sua idade, ele é como um pai, no velho sentido tribal. Todos eles são trácios, mas ele é o trácio. E canta para eles suavemente, como um pai para seus filhos:

*Assim na praia a água se quebra impetuosa
Em cerrada formação ante o vento oeste
Surgindo translúcida do fundo do oceano
Em curvas côncavas sobre a areia.
Sua espuma branca espargindo-se alia e longe,
Na mesma formação avançaram os Danaítas,
Sem hesitação para a linha de batalha. . .*

Ele os domina e contém-lhes as misérias, pensando para si mesmo: "Quanta maravilha, quanta magia na velha canção!" Alivia-os da terrível escuridão e os transporta para as praias nacaradas de Tróia. Lá estão as torres brancas da cidade! Lá estão os dourados guerreiros, cobertos de bronze! A suave canção se ergue e decresce e afrouxa os nós do terror e da ansiedade, e a escuridão agita-se com o movimento. Os escravos não precisam saber grego e na realidade o dialeto trácio de Espártaco pouco se assemelha à língua de Ática; conhecem a canção, em que a velha sabedoria de um povo se preserva para as horas de provação...

Finalmente, Espártaco deita-se para dormir. Dormirá. Jovem como é, há muito enfrentou e conquistou o terrível inimigo que é a insônia. Seu pensamento agora explora as memórias da infância. Quer céu azul e fresco e sol e brisas suaves e nas suas lembranças tem tudo isso. Estira-se à sombra dos pinheiros, vendo as cabras pastarem e um velho está a seu lado. O velho lhe ensina a ler. Com uma vara traça letra após letra na terra. "Lê e aprende, meu filho" — diz-lhe o homem — "para que nós, que somos escravos, tenhamos uma arma. Sem ela, somos como animais nos campos. O mesmo deus que deu a centelha aos homens, deu-lhes o poder de escrever seus pensamentos para que possam relembrar os pensamentos dos deuses nos felizes tempos de antanho, quando os homens estavam perto dos deuses e lhes podiam falar. Há de voltar aquele tempo em que não havia escravos."

Assim Espártaco relembra, e aos poucos suas lembranças se transformam em sonhos, e ele adormece...

É acordado de manhã pelo rufar de um tambor à entrada do abrigo. O toque ecoa e reecoa pela caverna de pedra. EKÍ se ergue e, em volta, ouve os companheiros levantando-se. Na escuridão negra, movem-se em direção à entrada. Espártaco apanha o copo e a gamela; se os esquecesse não receberia comida e bebida nesse dia, mas ele conhece bem a escravidão, e não há variações que ele não possa prever. Move-se sentindo a pressão de corpos à sua volta, e se deixa levar por eles para a

entrada, numa extremidade do abrigo. Enquanto isso, o tambor continua a rufar violento.

É a hora antes da madrugada, quando o deserto é mais fresco do que nunca. Nesta única hora do dia, o deserto é um amigo. Uma brisa suave refresca a face da escharpa negra. O céu adquire uma maravilhosa tonalidade azul-negra e as estrelas vão desaparecendo aos poucos, as únicas coisas femininas neste desencantado, desesperado mundo de homens. Até os escravos nas minas de ouro da Núbia — de onde ninguém jamais volta — precisam ler uma pequena pausa, e assim lhes é dada a hora antes da madrugada, para que seus corações se encham de urna doçura amarga e revivam suas esperanças.

Os feitores se agrupam de um lado, mastigando pão e bebendo água. Só daqui a quatro horas darão de comer e beber aos escravos, mas uma coisa é ser um feitor e outra ser um escravo. Os feitores se envolvem em capas de lã e Cada um deles tem um chicote, um cacete e um longo punhal. Que espécie de homens são essas feitores? O que os traz a este terrível lugar sem mulheres, no deserto?

São homens da Alexandria, duros, amargos homens e ali estão porque o salário é alto e porque têm uma percentagem em todo o ouro que as minas produzem. Estão ali com seus próprias sonhos de riqueza e lazer, e com a promessa da cidadania romana quando tiverem servido cinco anos aos interesses da corporação. Vivem para o futuro, quando puderem alugar aposentos num dos edifícios de Roma, quando cada um deles possa comprar três ou quatro ou cinco escravos para os servir e dormir com eles, e quando passarão todos os dias nos jogos ou nos banhos públicos e as noites bebendo. Acreditam que, ao vir para este inferno, apressam o seu futuro céu terrestre; mas a verdade é que eles, como todos os guardas de prisão, necessitam mais do mesquinho domínio sobre os condenados do que de perfume e vinho e mulheres.

São homens estranhos, um produto único dos bairros miseráveis de Alexandria e a linguagem que falam é um jargão de aramaico e grego. Faz dois séculos e meio que os gregos conquistaram o Egito, e esses feitores não são nem egípcios nem gregos, mas alexandrinos. O que significa que são versáteis em sua corrupção, cínicos em suas perspectivas, e não acreditam em deuses de espécie alguma. Seus desejos são anormais, mas comuns. Dormem com homens, e seu sono é artificial, provocado pelo suco entorpecente das folhas de Khat que cresce nas costas do Mar Vermelho. Tais são os homens que Espártaco observa na fresca hora antes do amanhecer, enquanto

os escravos saem das grandes cavernas de pedra, sobraçam suas correntes e se dirigem para as escarpas. Estes serão seus amos; e terão sobre ele o poder de vida e morte; e assim procura notar-lhes as pequenas diferenças, os hábitos, os maneirismos, e outras indicações. Nas minas não existem bons amos, mas é possível que alguns sejam menos cruéis e sádicos do que os outros. Observa-os quando se afastam, um por um, para junto dos grupos de escravos. Ainda está tão escuro que ele não pode distinguir as sutilezas de fisionomias e feições, mas seus olhos adquiriram prática nessas questões: no andar e no peso de um homem há uma definição.

Agora está fresco e os escravos estão nus. Nem mesmo um trapo cobre-lhes os miseráveis, inúteis órgãos genitais escurecidos pelo sol. Tremem de frio e enroscam os braços em torno ao corpo. A raiva aos poucos se apodera de Espártaco, embora não seja um sentimento produtivo na vida de um escravo, e ele pensa: "Tudo podemos suportar, mas não isto, não ter nem mesmo um pedaço de trapo para cobrir nossas partes, somos como animais." E então retifica para si mesmo: "Não... pior que animais. Pois quando os romanos tomaram as terras que possuíamos e as plantações em que trabalhávamos, as bestas foram deixadas no campo e só nós fomos trazidos para as minas."

Agora o tambor cessa seu rufar estridente, os feitores desenrolam seus chicotes e os amaciam com grandes estalos que encham o espaço com sua música barulhenta. Chicoteiam o ar porque é muito cedo para chicotear a carne. Está mais claro agora, e Espártaco pode ver claramente as esqueléticas e trêmulas crianças que se arrastam para dentro da terra e arranham a pedra branca onde é encontrado o ouro. Os outros trácios também vêm, agrupam-se em torno de Espártaco e alguns deles murmuram:

— Pai, ó pai, que espécie de inferno é este!

— Tudo irá bem — diz Espártaco; pois o que mais dizer quando se é chamado de pai por quem tem o dobro da sua idade? Espártaco diz as palavras que deve dizer.

Os grupos se encaminham para as escarpas e agora só resta o dos trácios. Ficaram também alguns feitores e, arrastando os chicotes pela areia, aproximam-se dos recém-chegados. Um dos feitores pergunta no seu jargão carregado:

— Quem é vosso líder, trácios?

Nenhuma resposta.

— Ainda é cedo para usar o chicote, trácios.

— Chamam-me pai — diz então Espártaco.

O feitor examina-o de alto a baixo, como que querendo medi-lo.

— És jovem para seres chamado de pai.

— É o costume em nossa terra.

— Temos outros costumes aqui, *pai*. Quando o filho peca, o pai é castigado. Estás me ouvindo?

— Estou te ouvindo.

— Então ouvi vós todos, trácios. Este é um lugar ruim. Mas pode ser pior. Enquanto fordes vivos, queremos trabalho e obediência. Quando morrerdes, pouco pediremos. Em outros lugares é melhor viver do que morrer. Mas aqui podemos fazer com que seja melhor morrer do que viver. Compreendeis, trácios?

O sol agora se ergue. Eles são acorrentados e levados para as escarpas. Mas ali a corrente é removida. A breve frescura da manhã já passou. Cada qual recebe as ferramentas, e lhes mostram o veio branco na rocha preta na base da escarpa. Pode ser o começo do veio; pode não ser nada. Eles têm que talhar a rocha negra e expor a pedra com ouro.

O sol surge do céu, e recomeça o terrível calor do dia. Picaretas, machos e cunhas. Espártaco vibra o martelo. A cada hora é mais meio quilo de peso que sente no martelo. Ele é duro, mas nunca antes em sua vida de labor trabalhou tanto como agora, e cada músculo em seu corpo vibra com a tensão do esforço. É simples dizer que um martelo pesa nove quilos; mas não há palavras para descrever as torturas de um homem que trabalha com um martelo hora após hora. E aqui, onde a água é tão preciosa. Espártaco começa a suar. O suor emana de sua pele, corre-lhe da fronte pelos olhos, embora empregue toda a sua força de vontade para impedir o desperdício. Mas a transpiração não se detém e a sede se converte num terrível e selvagem tormento.

Quatro horas são a eternidade. Quem melhor do que um escravo sabe como controlar os desejos do corpo? Mas quatro horas são uma eternidade e quando as mochilas de água são passadas pelos escravos, Espártaco sente que está morrendo de sede, como o sentem todos os trácios, e esvaziam os copos sorvendo ao máximo o fluido verde e abençoado. E então compreendem que fizeram uma tolice.

Assim são as minas de ouro da Núbia. Depois do meio-dia a força e o poder de trabalho diminuíram e então o chicote começou a impulsioná-los. Oh, com que perícia os feitores manejam os chicotes! Podem tocar qualquer parte do corpo,

com delicadeza, suave ou ameaçadoramente. como uma advertência. Podem atingir os rins de um homem, ou a boca, as costas ou a frente. É como um instrumento que pode tocar música no corpo de um homem. Agora a sede é dez vezes pior do que antes, mas a água foi-se e só haverá mais quando terminar o dia de trabalho. E um dia assim é a eternidade.

E no entanto termina. Tudo termina. Há um tempo de começo e um tempo de fim. Mais uma vez o tambor soa e o dia de trabalho está terminado.

Espártaco deixa cair o martelo e olha suas mãos ensangüentadas. Alguns trácios se sentam. Um deles, rapaz de 18 anos, deixa-se cair a seu lado, as pernas encolhidas numa contração de agonia. Espártaco debruça-se sobre ele.

— Pai... és tu, pai?

— Sim — diz Espártaco, e beija o rapaz na testa.

— Então beija-me os lábios, pois estou morrendo, pai, e quero dar-te o que me resta de alma.

Espártaco beija-o, então, mas não pode chorar, pois está ressequido como um couro queimado.

IV

Assim terminou Baciato sua narrativa de como Espártaco e outros trácios foram para as minas de ouro da Núbia e como trabalharam nus na encosta das escarpas negras. A narrativa levava muito tempo. A chuva cessara. Sob o céu plúmbeo a escuridão caíra profunda e completa, e os dois homens, um, treinador de gladiadores e o outro patrício, soldado de fortuna, que um dia seria o homem mais rico de seu mundo, continuavam sentados à luz trêmula que a lâmpada de óleo projetava. Baciato bebera muito e os músculos frouxos de seu rosto estavam ainda mais afrouxados. Era desse tipo de sensualista que combina o sadismo com uma enorme dose de pena de si mesmo e identificação subjetiva, e sua história da mina de ouro fora contada com força e colorido e piedade também. Crasso se deixara comover, malgrado seu.

Crasso não era um homem ignorante nem insensível e havia lido o poderoso ciclo que Esquilo escreveu sobre Prometeu, e compreendeu o que significava para um Espártaco emergir de onde estivera até o ponto em que Roma, por mais forças que reunisse, não tinha podido enfrentar os seus escravos. Tinha uma necessidade quase apaixonada de compreender Espártaco, de imaginá-lo; sim, de penetrar um pouco no íntimo de Espártaco, a fim de que o eterno enigma de sua classe, o enigma

do homem acorrentado que tenta alcançar as estrelas, pudesse algum dia ser esclarecido. Contemplou agora Baciato, dizendo a si mesmo que muito devia àquele homem gordo e feio e cogitou sobre qual das gastas mulheres do acampamento mandaria vir para dormir com o treinador dos gladiadores. Essa luxúria assim generalizada não era do temperamento de Crasso, cujos desejos operavam de maneira diferente. Mas o comandante era meticoloso no pagamento de suas pequenas dívidas pessoais.

— E como escapou Espártaco daquele lugar? — perguntou ao *lanista*.

— Não escapou. Ninguém escapa de um lugar assim. A virtude das minas é que destrói rapidamente o desejo do escravo de retornar ao mundo dos homens. Fui eu quem tirou Espártaco de lá.

— Ah, sim? Mas por quê? E como soubestes que ele ali se achava e quem era e o que era?

— Eu não sabia. Pensais que minha reputação junto aos gladiadores é uma lenda, uma ficção. . . pensais que sou uma carcaça inútil, e nada sei a respeito de nada. Mas há arte até mesmo na minha profissão, posso vos garantir. . .

— Acredito — concordou Crasso. — Contai-me como comprastes Espártaco.

— O vinho é proibido na Legião? — perguntou Baciato, estendendo a garrafa vazia. — Ou devo acrescentar a embriaguez aos muitos desprezes que tendes por mim? Ou será verdade o ditado de que um tolo só com álcool solta as rédeas de sua língua?

— Vou buscar mais vinho — respondeu Crasso erguendo-se e indo até seu quarto de dormir, de onde voltou com outra garrafa. Baciato não se deu ao trabalho de abrir a garrafa: arreventou-lhe o gargalo contra a perna da mesa e serviu até seu copo transbordar.

— Sangue e vinho — sorriu ele. — Gostaria de ter nascido em outra situação e comandar uma legião. Mas, quem sabe? É possível que, para vós, o prazer consista em ver lutar os gladiadores. A mim me entediam.

— Já vi muita luta.

— Sim, naturalmente. Mas na arena há um estilo e uma coragem que não podem ser equiparados à carnificina em massa. Mandam-vos recuperar a fortuna de Roma depois de Espártaco ter esmagado três quartas partes do poderio romano. Dominais a Itália? A verdade é que Espártaco domina a Itália. Sim, acabareis por derrotá-lo. Nenhum inimigo pode vencer

Roma. Mas, no momento, é ele quem está por cima. Não é assim?

— É — respondeu Crasso.

— E quem treinou Espártaco? Fui eu. Ele nunca lutou em Roma, mas não é em Roma que se realizam as melhores lutas. O que Roma aprecia é a carnificina, mas as lutas verdadeiramente grandes são em Cápua e na Sicília. Eu vos digo, não há legionário que saiba lutar todo recoberto de *galea*, *pectoralis* e *humeralis*, como uma criança no útero, brandindo uma lança. O gladiador sai nu para a arena, com uma espada na mão e nada mais. Aspira o sangue na arena. As trombetas tocam, os tambores rufam, o sol rebrilha e as damas abanam seus lenços de renda e não tiram os olhos do sexo pendente do lutador. Muito vão elas se excitar naquela tarde mas, para ele, o orgasmo será quando sentir a barriga rasgada e ficar ali em pé gritando, enquanto as suas entranhas caem na areia. Isto é que é luta, meu comandante; e para isto os homens comuns não servem. É preciso uma outra raça, mas onde encontrá-la? Estou disposto a gastar dinheiro para fazer dinheiro. E mando meus agentes comprarem o que preciso. Envio-os a lugares onde homens fracos morrem rapidamente e onde covardes se matam. Duas vezes ao ano, envio-os às minas núbias. Uma vez eu mesmo fui lá. . . mas uma vez bastou. Para manter uma mina em funcionamento é preciso gastar escravos. A maioria agüenta dois anos, não mais; muitos duram apenas seis meses. Mas a única maneira rendosa de trabalhar uma mina é usar escravos rapidamente e sempre comprar mais. E como os escravos sabem disso há sempre o perigo do desespero. É este o grande inimigo das minas, o desespero. Uma doença contagiosa. Assim, quando se tem um homem desesperado, um homem forte que não teme o chicote e a quem outros homens ouvem, o melhor a fazer é matá-lo depressa e espetá-lo ao sol para que as moscas se alimentem de sua carne e todos possam ver o fruto do desespero. Mas esta espécie de matança é um desperdício que pesa na bolsa, e assim tenho uma combinação com os feitores: guardarem tais homens para mim e vendê-los por um bom preço. O dinheiro fica com eles, e ninguém sai perdendo. Esses homens dão bons gladiadores.

— E foi assim que comprastes Espártaco?

— Precisamente. Comprei Espártaco e outro trácio chamado Ganico. Deveis estar lembrado de que, na ocasião, os trácios estavam em voga por serem considerados bons na adaga. Um ano é a adaga, no outro a espada e no ano seguinte a *fuscina*. Na

realidade, muitos trácios jamais tocaram uma adaga, mas a fama está feita, e as damas não querem ver uma adaga nas mãos de ninguém mais.

— Vós mesmo o comprastes?

— Através de meus agentes. Remeteram os dois acorrentados de Alexandria e de lá um agente meu, de Nápoles, o transportou de liteira para o interior.

— Vosso negócio não é pequeno — admitiu Crasso, que estava sempre alerta sobre as possibilidades de empregar dinheiro rendosamente.

— Vejo que compreendeis — observou Baciato. o vinho escorrendo-lhe pelos cantos da boca. — Poucos são os que o compreendem. Em quanto calculais meu capital em Cápua?

— Nunca me ocorreu calcular — replicou Crasso. — Quando se vê gladiadores, não se pensa no dinheiro que foi empregado antes deles entrarem na arena. Mas isto é natural. Quando se vê uma legião, pensa-se que sempre houve legiões e que, portanto, sempre haverá legiões.

Era uma lisonja soberba. Baciato largou o copo e fitou o comandante, esfregando o nariz bulboso.

— Advinhaí.

— Um milhão?

— Cinco milhões de *denarii* — disse Baciato lenta e enfaticamente. — Cinco milhões de *denarii*. Mas considerai que lido com agentes em cinco países. Tenho um agente no porto de Nápoles. Alimento meus gladiadores com o melhor trigo integral, cevada, carne e queijo de cabra. Tenho minha própria arena para pequenos espetáculos, mas o anfiteatro tem uma tribuna de pedra que custou bem um milhão. Abrigo e alimento um manipulo da guarnição local. Sem mencionar os subornos na mesma direção... com vosso perdão. Nem todos os militares são como vós. E quando se leva gladiadores para Roma, gasta-se cinquenta mil *denarii* por ano com os tribunos e chefes de guarnições. Sem mencionar as mulheres.

— Mulheres? — perguntou Crasso.

— Um gladiador não é um servo no latifundium. Se quereis que um gladiador tenha classe, deveis fornecer-lhe algo com que dormir. Assim ele come e luta melhor. Tenho uma casa para minhas mulheres e só compro do melhor. Nada de rameiras ou mulheres fanadas. Todas são fortes, saudáveis e virgens quando vêm para minhas mãos; eu as experimento — esvaziou o copo, lambeu os lábios e adquiriu

uma expressão chorosa e melancólica — preciso de mulheres — queixou-se, servindo mais vinho. — Alguns homens não precisam... mas eu preciso.

— E essa a quem chamam de mulher de Espártaco?

— Varínia — disse Baciato. Concentrou-se um momento, e nos seus olhos havia um mundo de ódio, raiva e desejo. — Varínia? — repetiu.

— Falai-me sobre ela.

A extensão do silêncio revelou a Crasso mais do que as palavras que se seguiram.

— Quando a comprei, tinha ela 19 anos. Uma cadela germana, mas boa de olhar quando se aprecia cabelo amarelo e olhos azuis. Um mísero animalzinho e eu devia tê-la matado, por Deus que devia! Em lugar disso, dei-a a Espártaco. Foi uma brincadeira. Ele não queria uma mulher e ela não queria um homem. Foi uma brincadeira.

— Falai-me sobre ela.

— Já vos falei! — rosou Baciato. Ergueu-se, cambaleou para tora da tenda, e Crasso o ouviu urinar. Era uma das virtudes do comandante não se deixar desviar de seus intentos. Nem se deixou irritar com o espetáculo de Baciato voltando trôpego para a mesa. Não era seu fito fazer do *lanista* um homem educado.

— Falai-me dela — insistiu.

— Não vos aborrece que eu me embriague? — perguntou Baciato abanando a cabeça com dignidade ofendida.

— Não me preocupo em absoluto. Podeis beber o quanto desejardes. Mas estáveis contando como Espártaco e Ganico foram levados de liteira para o interior. Suponho que estivessem acorrentados?

Baciato concordou.

— Já o tínheis visto antes?

— Não. O que eu vi não vos teria impressionado, mas julgo os homens de maneira diferente. Ambos estavam barbados, mundos, cobertos de úlceras e feridas e marcados da cabeça aos pés pelo chicote. Eram tão fétidos que só aproximar deles engulhava o estômago. Estavam recobertos com seus próprios excrementos secos. Seu esgotamento era tão grande que somente os olhos demonstravam serem eles *desperantes*. Vós não os teríeis aceito para limpar latrinas, mas olhei-os e vi algo, porque esta é a minha arte. Mandeí-os ao banho, depois os fiz barbear e cortar os cabelos, friccionar com óleos e alimentar...

— Quereis falar de Varínia, agora?

— Maldito sejais!

O *lanista* estendeu a mão para o copo de vinho mas suas mãos desajeitadas o entornaram. Debruçou-se sobre a mesa fitando a mancha vermelha. O que viu ali ninguém saberá. Talvez tenha visto o passado, e talvez também algo do futuro. Pois a arte do agouro não é só fraude, e somente homens, e não animais, têm o poder de julgar a consequência de seus atos. Este era o homem que havia treinado Espártaco; e com isto se emaranhava num futuro que não tinha fim — como tantos outros e gerações e gerações ainda por nascer o iriam lembrar. O treinador de homens que treinara Espártaco, sentado à frente do líder dos homens que iriam destruir Espártaco; mas ambos partilhavam do agouro vago e confuso de que ninguém podia destruir Espártaco. E por partilharem um vislumbre dessa constatação, ambos se sentiam igualmente condenados.

V

(Seu gordo amigo Lêntulo Baciato, disse Crasso, o comandante, mas Caio Crasso, o jovem, deitado ao seu lado na cama, dormitava, os olhos fechados. . . e só ouvira alguns fragmentos da história. Crasso não era um bom narrador; a história estava em sua cabeça, na sua memória, nos seus temores e esperanças. Terminara a Guerra Servil e terminara Espártaco. *Villa Solaria* significa paz e prosperidade, a paz romana que tem sido a bênção da terra, e ali estava ele. na cama, com um jovem. "E por que não?" — perguntou a si mesmo. "Será pior do que o que outros grandes homens fizeram?"

Caio Crasso pensava nas cruzes que se alinhavam na estrada de Roma a Cápua, pois não estava inteiramente adormecido. Não o perturbava partilhar uma cama com o grande general. Sua geração não mais sentia necessidade de abrandar a culpa, racionalizando o homossexualismo. Para ele era normal. A *paixão* de seis mil escravos pendurados em cruzes ao longo da estrada era normal para ele. Era muito mais feliz do que Crasso, o grande general. Crasso, o grande general, era um homem torturado pelos demônios, mas Crasso, o rapaz de família nobre — e provavelmente seu parente — não lutava contra nenhum demônio.

É verdade que o defunto Espártaco o afrontava. Odiava o escravo morto; mas quando abriu os olhos e fitou o rosto sombreado de Crasso, não soube como explicar seu ódio.

— Não estás dormindo — disse Crasso — não, afinal não estás dormindo, e aí tens a história, se é que ouviste alguma coisa, e por que odeias Espártaco, que agora está morto e se foi para sempre?

Mas Caio Crasso estava perdido em suas próprias lembranças de quatro anos atrás. Seu amigo então era Braco. E com Braco fizera a jornada pela Via Ápia a Cápua. Braco queria agradá-lo com galanteria, riqueza e abundância, pois o que pode ser melhor do que estar sentado entre almofadas ao lado do homem que se deseja e ver outros homens na arena lutando até à morte? Naquela ocasião, quatro anos antes desta estranha noite em *Villa Salaria*, ele tinha compartilhado uma liteira com Braco, e Braco o tinha lisonjeado e prometido fazê-lo ver as melhores lutas que houvesse em Cápua — e que o custo não representaria um obstáculo. Haveria sangue na areia, e eles beberiam vinho enquanto assistissem às lutas.

E ele fora então com Braco ver Lêntulo Baciato, que dirigia a melhor escola e treinava os melhores gladiadores de toda a Itália.

E Caio refletia sobre tudo isso que acontecera há quatro anos antes... antes de haver a Guerra Servil, antes de alguém ter ouvido falar em Espártaco. E agora, Braco estava morto e Espártaco também, e ele, Caio, estava na cama com o maior general de Roma.)

TERCEIRA PARTE

**Em que se Narra a História
da Primeira Viagem a Cápua feita
por Mário Braco e Caio Crasso,
Quatro Anos antes da Noite em Villa Salaria,
e da Luta de Dois Pares de Gladiadores,**

I

Numa bela manhã de primavera em que Lântulo Baciato. O *lanista*, sentado no seu escritório arrotava de vez em quando, sentindo o estômago confortavelmente cheio com a refeição da manhã, seu contador grego entrou na sala e informou-lhe que dois jovens romanos esperavam fora e que desejavam conversar com ele sobre as lutas de alguns pares.

Ambos, o escritório e o contador — um bem educado escravo jônico — eram provas da fortuna e prosperidade de Baciato. Sua aprendizagem em política e na luta de rua, sua hábil cadeia de ligação de uma família importante para outra, e a capacidade organizadora que lhe permitira criar uma das maiores e mais eficientes quadrilhas da cidade, rendera bem e o emprego de suas economias numa pequena escola para gladiadores, em Cápua, fora bem sucedido. Como gostava muito de dizer, sabia caminhar na crista do progresso. Havia um limite para um chefe de quadrilha, e nenhum era bastante astucioso para escolher sempre o lado vencedor. Outras quadrilhas mais poderosas que a sua haviam sido varridas do cenário romano pela vitória inesperada de um adversário e a fúria selvagem de um novo cônsul.

Por outro lado, a luta de pares — como se costumava dizer — era um novo campo para emprego de capital e lucro; era legal, um negócio reconhecido, e qualquer um que soubesse ler o sinal dos tempos, sabia também que estava apenas começando. O divertimento casual se tornaria a loucura dominante de todo um sistema social. Os políticos começavam a compreender que, quando não se pode ter a glória de uma guerra vitoriosa em solo estrangeiro, pode-se obter quase o mesmo resultado, criando uma menor em sua própria cidade, e a luta de cem pares estendendo-se por dias e semanas já era bastante comum. A procura de gladiadores treinados nunca se esgotava, e os preços subiam cada vez mais. Arenas de pedra

estavam sendo construídas em quase todas as cidades e, finalmente, quando uma das mais belas e imponentes arenas de toda a Itália foi edificada em Cápua, Lântulo Baciato decidiu ir para lá e fundar uma escola.

Começara modestamente, com apenas um telheiro e uma rústica arena, treinando um par de cada vez. Mas o negócio se desenvolvera rapidamente e agora, cinco anos depois, possuía um grande estabelecimento onde treinava e alojava mais de cem pares. Tinha seus próprios aposentos, ginásio e casa de banho, curso de treinamento e arena para espetáculos particulares — naturalmente não comparável aos anfiteatros públicos, mas com uma capacidade para cinqüenta ou sessenta pessoas e bastante grande para lutarem três pares ao mesmo tempo. Além disso, estabelecera suficientes ligações locais com os militares — à custa de suborno — para ter uma força de tropas regulares disponível a qualquer momento, e assim poupar a si mesmo a despesa de criar sua própria polícia particular. Sua cozinha servia a um pequeno exército, pois com gladiadores, suas mulheres, treinadores, escravos domésticos e de liteira, mantinha mais de quatrocentas pessoas. Tinha, pois, Baciato razão para estar satisfeito consigo mesmo.

O escritório em que se encontrava nessa ensolarada manhã de primavera era sua última aquisição. No começo da carreira, resistia a tudo quanto fosse aparência. Não era patricio e não tinha pretensão a sê-lo. Mas, à medida que cresciam os lucros, achou que devia levar uma vida mais de acordo com sua atual situação. Começou por comprar escravos gregos e, entre eles, comprou um arquiteto e um contador. O arquiteto persuadira-o a construir um escritório no estilo grego, de teto plano e colunas, com apenas três paredes, sendo o quarto ao lado aberto para a vista mais agradável que sua situação permitia. Com os reposteiros puxados, todo o lado da sala ficava aberto e abria para o sol e o ar fresco. O chão de mármore e a bela mesa branca sobre a qual tratava de seus negócios eram de excelente gosto. Ficava de costas para o lado aberto e de frente para a porta da entrada. Ao lado tinha uma sala para seus empregados c outra de espera. Realmente, era bem diferente das lutas de quadrilha nas vielas de Roma.

— Dois *rosillae* — disse o contador. — Perfume, ruge, roupas e jóias caras. Muito dinheiro, mas são *rosillae*, e darão trabalho. Um é quase um menino, de uns vinte anos, creio. O outro quer agradá-lo.

— Faça-os entrar — disse Baciato.

Momentos depois entravam os dois rapazes, e Baciato ergueu-se com excessiva polidez, indicando dois bancos em

frente à sua mesa.

Ao se sentarem, Baciato observou-os rápida e eficientemente. Tinham um ar de riqueza, mas apenas o suficiente para mostrar que não precisavam exhibir. Eram rapazes de boa família, mas não na velha tradição — pois mostravam muito obviamente ser o que eram para serem tolerados pelas pessoas mais severas da cidade. O mais jovem. Caio Crasso, era bonito como uma moça. Braco era mais velho, mais endurecido, e parecia dominá-lo. Tinha frios olhos azuis, cabelos de um louro pálido, lábios finos e uma expressão cínica. Foi ele quem falou. Caio apenas ouvia, olhando de vez em quando para o amigo com respeito e admiração. Braco falava de gladiadores com a familiaridade fácil de um conhecedor das pugnas.

— Sou Lêntulo Baciato, *lanista* — disse o homem gordo, dando a si mesmo o título pejorativo que, calculou, custaria pelo menos 5.000 *denarii* aos dois rapazes.

Braco apresentou-se e ao amigo e imediatamente entrou no assunto.

— Gostaríamos de uma exibição privada de dois pares.

— Só para vós dois?

— Nós e dois amigos.

O *lanista* aquiesceu gravemente com um gesto de cabeça e juntou as mãos gordas para que seus dois diamantes, uma esmeralda e um rubi ficassem bem à vista.

— Isso pode ser arranjado — disse ele.

— Até à morte — disse Braco calmamente.

— Como?

— Ouvistes o que eu disse. Quero dois pares de trácios, até à morte.

— Por quê? — perguntou Baciato. — Por que cada vez que vós, jovens, vindes de Roma, quereis uma luta até à morte? Podeis ver a mesma quantidade de sangue e de luta. Não é melhor por decisão. Por que até à morte?

— Porque preferimos assim.

— Isto não é resposta — disse Baciato estirando as mãos para discutir o assunto calma e cientificamente entre homens entendidos. — Pedis trácios. Posso o melhor desempenho trácio no mundo, mas não vereis um bom desempenho ou manejo de adagas se pedirdes até à morte. Sabeis disto tão bem quanto eu. Não é razoável. Gastais dinheiro e, de repente, acabou-se tudo! Posso dar-vos um dia inteiro de lutas por pontos e será algo como nunca vistes em Roma. Na verdade, podeis ir ao teatro e ver coisa melhor do que em qualquer parte de Roma. Mas se vindes a mim para um espetáculo particular,

tenho que zelar pela minha reputação. E minha reputação não é a de um açougueiro. Quero dar-vos uma boa luta, a melhor que se possa obter.

— Queremos uma boa luta — sorriu Braco. — E queremos até à morte.

— isto é uma contradição!

— Esta é a vossa maneira de pensar — retorquiu Braco num tom polido. — Gostariais de ficar com meu dinheiro e também com os gladiadores. Quando pago, compro. Estou comprando dois pares até à morte. Se não me quiserdes servir, irei procurar outro.

— Disse que não vos queria servir? Quero servir-vos melhor do que pensais. Posso dar-vos dois pares alternados da manhã à noite, oito horas por dia, se assim o desejardes. E substituirei qualquer par que esteja muito cortado. Dar-vó-ei todo o sangue e excitação que vós e vossas damas desejardes, e vos cobrarei apenas 8.000 *denarii* por tudo. Nisto estão incluídos vinho, comida e qualquer outra coisa que desejardes.

— Sabeis o que desejamos. Não gosto de regatear — disse Braco friamente.

— Está bem. Então custar-vos-á 25.000 *denarii*.

Caio ficou impressionado, assustado mesmo com a enorme cifra, mas Braco ergueu os ombros.

— Está bem. Eles devem lutar nus.

— Nus?

— Foi o que eu disse, *lanista!*

— Está bem.

— E não quero trapaças... nada de caírem na areia fingindo que estão liquidados. Se ambos caírem, um de seus treinadores os degolará. Quero que sejam informados disso.

Baciato aquiesceu.

— Dar-vos-ei dez mil por conta e o resto quando terminarem as lutas.

— Está bem. Podeis pagar ao meu contador e ele fará os contratos e vos dará um recibo. Quereis vê-los agora?

— Podemos ter a arena pela manhã?

— Pela manhã? Sim. Mas devo vos advertir que esta espécie de luta pode terminar muito depressa.

— Não quero vossas advertências, *lanista*. — E virando para Caio perguntou: — Queres vê-los, menino?

Com um sorriso tímido Caio fez que sim. Saíram e, depois de Braco ter pago e assinado o contrato, entraram em suas liteiras e foram carregados para o pátio de exercícios. Caio não conseguia tirar os olhos de Braco. Pensava que nunca tinha visto um homem portar-se tão admiravelmente. Não eram apenas os

25.000 *denarii* — sua própria mesada de 1.000 *denarii* era considerada muito liberal por todos os de sua roda — mas a maneira de gastá-los e a forma displicente de decidir sobre vidas humanas. Era uma espécie de desprezo cínico a que Caio aspirava e que para ele significava o mais alto nível de cosmopolitismo; e neste caso se combinava ainda com uma maravilhosa sofisticação. Jamais teria ele a coragem de exigir que os gladiadores lutassem nus; e, no entanto, essa era uma das razões pela qual eles tinham vindo a Cápua, em vez de ir à arena de Roma.

No pátio de exercícios, os escravos baixaram as liteiras. O pátio de 50 metros de comprimento por 15 de largura, era cercado dos três lados por uma grade de ferro, sendo o quarto lado formado pela construção de pedra onde os gladiadores moravam. Caio compreendeu que aquela era uma arte mais elevada e perigosa que o treino de animais selvagens; pois o gladiador não só era um animal selvagem, mas podia também pensar. Uma deliciosa emoção de medo e excitação percorreu-o ao observar os homens no pátio de exercícios. Eram uns cem, vestidos apenas com uma tanga, a cara raspada, o cabelo cortado rente, executando seus passes com armas de madeira. Uns seis treinadores caminhavam entre eles e, como todos os treinadores, eram veteranos do exército. O treinador trazia uma curta espada espanhola numa das mãos e na outra uma pesada soqueira de bronze, e caminhava atento, o olhar nervoso e alerta. Um manipulo de tropas regulares do exército se espalhava em intervalos em torno de todo o cercado, mantendo a disciplina com seus pesados e mortíferos *pila*. Não era sem razão, pensou Caio, que o preço da morte de alguns desses homens fosse tão caro.

Os gladiadores exibiam uma musculatura soberba e seus movimentos tinham a graça das panteras. Em seu todo, dividiam-se em três classes, as três classes de lutadores tão populares na Itália daquele tempo. Havia os trácios — mais um grupo ou profissão do que uma raça, pois entre eles havia numerosos judeus e gregos — que eram os mais apreciados no momento. Lutavam com a *sica*, uma adaga curta e ligeiramente curva, a arma usual na Trácia e na Judéia onde era recrutada a maioria deles. Os *retiarii* que começavam agora sua era de popularidade, e lutavam com duas armas curiosas, uma rede e um tridente. Para esta categoria Baciato preferia os africanos, os altos e esguios homens negros da Etiópia que sempre eram postos para lutar contra os *murmillones*, uma categoria menos definida de lutadores que usava só uma espada ou uma espada e um escudo. Os *murmillones* eram, geralmente, germanos e

gauleses.

— Observai-os — disse Braco apontando para os homens negros — são os melhores e mais adestrados, mas podem causar tédio. Os melhores são mesmo os trácios. Não concordais? — perguntou a Baciato.

— Cada qual tem suas virtudes — respondeu o *lanista*.

— Quero um trácio contra um negro.

Baciato fitou-o um momento e, depois, sacudiu a cabeça.

— Não pode ser. O trácio luta apenas com uma adaga.

— Eu quero — disse Braco.

Baciato ergueu novamente os ombros, e fez sinal a um dos treinadores para que se aproximasse. Fascinado, Caio observava as fileiras de gladiadores executarem seus exercícios precisos como passos de dança, os trácios e judeus treinando com pequenos bastões e escudos de madeira, os negros atirando redes e lançando suas longas varas que mais pareciam cabos de vassouras e os grandes e louros germanos e gauleses esgrimindo espadas também de madeira. Nunca em sua vida vira homens em tão boas condições, tão ágeis, tão graciosos, aparentemente incansáveis, repetindo seus exercícios, sem interrupção. Ali, à luz do sol, atrás das grades de ferro, transmitiam mesmo a Caio — mesmo à sua deformada e retorcida consciência — uma sensação de pena de que toda essa esplêndida vitalidade servisse, apenas, para carnificina. Mais foi apenas um lampejo; nunca, antes, Caio experimentara uma excitação tão intensa com a perspectiva de um futuro acontecimento. O tédio entrara em sua vida desde que era menino. Mas, agora, não estava entediado.

— A adaga tem apenas um lado afiado — explicava o treinador. — Uma vez que deixe a rede cobrir sua adaga, o trácio está liquidado, isso causa agitação na escola. Não é uma luta igual.

— Vá buscá-los — disse Baciato secamente.

— Por que não um germano? . . .

— Estou pagando para ver trácios — disse Braco impassível — não discutas!

— Tu o ouviste — disse o *lanista*.

O treinador levou à boca um pequeno apito de prata que trazia pendurado ao pescoço e soprou três vezes. As fileiras de gladiadores se imobilizaram.

— Quem queres? — perguntou a Baciato.

— Draba.

— Draba! — gritou o treinador.

Um dos negros virou-se e se aproximou, arrastando a rede e a lança. Era um gigante, com a pele escura luzindo de suor.

— David.

— David! — gritou o treinador.

Este era um judeu, magro, feições de rapina, lábios finos e amargos, olhos verdes num rosto bem barbeado, curtido pelo sol. Mantinha a adaga de madeira em seus dedos que se contraíam e distendiam, e olhou os visitantes sem vê-los.

— Um judeu — disse Braco a Caio. — Já viste um judeu?

Caio abanou a cabeça.

— Será excitante. Os judeus são muito bons com a *sica*. É tudo o que sabem sobre lutas, mas são muito bons.

— Polemo.

— Polemo! — gritou o treinador,

Este era um trácio, muito jovem ainda, gracioso e belo.

— Espártaco!

Ele veio juntar-se aos outros três. Os quatro homens ali ficaram em pé, separados dos dois jovens romanos, do *lanista* e dos escravos de liteira pela pesada grade de ferro do pátio de exercícios. Fitando-os, Caio percebeu que eram algo de novo, de diferente e terrível em seus próprios termos. Não era apenas a sombria masculinidade que mostravam — uma masculinidade que praticamente não existia no círculo de relações de Caio — mas a maneira pela qual estavam separados dele. Eram homens treinados para lutar e matar, não como soldados ou animais, mas como gladiadores, o que era algo inteiramente diferente. Caio via à sua frente quatro máscaras aterrantas.

— Que tal? — perguntou Baciato.

Caio jamais conseguiria responder à interpelação, mas Braco disse calmamente:

— Todos, exceto o de nariz quebrado. Não parece um lutador.

— As aparências enganam — lembrou-lhe Baciato. — Este é Espártaco. É muito bom, muito forte e muito rápido. Escolhi-o propositalmente.

— Com quem lutará ele?

— Com o negro — respondeu Baciato.

— Está bem. Espero que valha o preço — disse Braco.

Assim foi como e quando Caio viu Espártaco; embora quatro anos mais tarde tivesse esquecido os nomes dos gladiadores e só se lembrasse do sol quente, do cheiro do local, do cheiro dos corpos dos homens, banhados em suor.

II

Esta é Varínia, que jaz desperta na escuridão. Não dormiu

esta noite, nem mesmo por alguns instantes; mas Espártaco, a seu lado, dorme. Como dorme profundamente! O arfar suave de sua respiração, a inalação e exaltação do ar, que é o combustível do fogo de vida dentro dele, é tão regular e igual como todos os fluxos : refluxos do mundo de vida. e Varínia pensa nisso e sabe que o que está em paz ou em guerra com a vida tem a mesma regularidade, quer seja o movimento das marés, o passar das estações ou a frutificação do óvulo dentro da mulher.

Mas como pode um homem dormir desta maneira quando sabe o que terá de enfrentar ao acordar? Como pode repousar à beira da morte? De onde vem sua paz?

Leve, muito de leve, Varínia toca-lhe a pele, a carne e os membros na escuridão. A pele é elástica e fresca; os músculos estão distendidos, os membros em repouso. O sono é precioso; sono é vida para ele.

(Dorme, dorme, dorme, meu bem amado, meu querido, meu brando, bom e terrível amado.. . Dorme. Dorme e conserva tua força, meu homem, meu homem.)

Suave e cautelosamente, seus gestos como um sussurro, Varínia chega-se a ele, para sentir-lhe mais a carne, suas pernas coladas às dele, os seios aconchegados a seu peito, os rostos se tocando, seus cabelos como uma coroa dourada esparramando-se sobre ele, amortizando agora seu medo com amor, porque não é fácil ao medo e ao amor viverem juntos.

(Uma vez ela lhe dissera: "Quero que façam uma coisa. Quero que façam o que costumamos fazer na tribo porque acreditamos em algo." Ele sorria-lhe: "Em que se acredita na tua tribo?" Ela dissera: "Vais rir", e então ele respondera: "Alguma vez rio? Já me viste rir?" E ela lhe dissera: "Na tribo, acreditamos em que a alma entra no corpo pelo nariz e pela boca, aos poucos, a cada respiração. Estás sorrindo." E ele respondera, então: "Não estou sorrindo de ti. Estou sorrindo das coisas fantásticas em que a gente acredita." Ao que ela replicara: "Porque és um grego e os gregos em nada acreditam." Então lhe dissera ele: "Não sou um grego mas um trácio, e não é verdade que os gregos em nada acreditam, e as coisas melhores e mais ricas em que se acredita são aquelas em que os gregos acreditam." Ao que a resposta dela fora que não se importava com as coisas em que os gregos acreditavam, mas não queria ele fazer o que se fazia na sua tribo? Colar a boca à sua e respirar e exalar sua alma dentro dela? Depois ela faria a mesma coisa com ele, e para todo o sempre suas almas se uniriam e eles passariam a ser uma só pessoa em dois corpos. Ou tinha medo? E a isto ele respondeu:

"Não sabes das coisas de que tenho medo?"

Estão estirados um ao lado do outro, na esteira, sobre o chão de sua cela. A cela é seu lar. A cela é seu castelo. Todo o tempo que passaram juntos foi neste cubículo de pedra que mede dois metros por três e que contém, apenas, um urinol e uma esteira. Mas também esses objetos não são seus; nada lhes pertence, nem eles mesmos se pertencem, e ela está ao seu lado, tocando-lhe o rosto e os membros e chorando baixinho — ela que ninguém jamais viu chorar à luz do dia.

("Não dou mulheres, só as empresto" — costumava dizer Baciato. "Empresto-as a meus gladiadores. Um homem não serve na arena quando seu sexo se atrofia. Um gladiador não é um escravo de liteira. Um gladiador é um homem, e se não for um homem, ninguém pagará dez *denarii* por ele. E um homem precisa de uma mulher. Compro os incorrigíveis porque são baratos e se não os posso domesticar entrego-os a meus treinadores.")

A noite está passando e a primeira luz cinza da madrugada penetra na cela. Se Varínia ficasse de pé, toda a sua esguia estatura, a cabeça ficaria ao nível da única janela da cela. Se olhasse para fora, veria a extensão cercada de grades de ferro do pátio de exercícios e, mais além, os soldados sonolentos que montam guarda dia e noite. Ela sabe bem disso. Cela e correntes não são naturais para ela como o são para Espártaco.

(Essa mulher enchea Baciato de ansiedade e deleite. Seu agente comprara-a em Roma por um preço muito baixo, apenas 500 *denarii*, e, assim, sabia que a mercadoria deveria ter algum defeito, mas só o fitá-la encheu-o de desejo e prazer. Ela era alta e lindamente conformada como o são tantas mulheres das tribos germanas, e Baciato admirava as mulheres altas e bem feitas. Além disso, era muito jovem, uns 20 ou 21 anos, e Baciato apreciava as mulheres jovens. E, ainda mais, era bela, com uma maravilhosa cabeleira loura, e Baciato preferia mulheres belas com lindos cabelos. Assim, não é difícil compreender porque ela despertara no *lanista* tanta ansiedade e deleite.

Mas o defeito existia e ele o descobriu na primeira vez que tentou levá-la para a cama. Ela se transformou num gato selvagem. Converteu-se num monstro que arranhava, cuspiam, unhava e dava pontapés — e como era grande e forte, muito teve que bater-lhe até deixá-la inconsciente. Na luta, todos os objetos de valor que decoravam o seu dormitório foram quebrados, inclusive um formoso jarro grego que utilizou para golpear-lhe a cabeça até que ela deixasse de lutar. Sua raiva e frustração foram tais que sentiu que seria plenamente justificado matá-la; mas, quando somou os delicados vasos, as

lâmpadas e estatuetas ao custo original de Varínia, calculou que o capital era elevado demais para se permitir ao luxo da cólera. Nem podia, de boa fé, vendê-la por bom preço no mercado, de acordo com o que aparentava. Talvez por ter começado como um chefe de quadrilha nas vielas de Roma, Baciato tinha uma extraordinária preocupação com éticas comerciais. Orgulhava-se do fato de nunca vender nada sob falsas aparências. Decidiu, pois, deixar que os gladiadores a domesticassem e, como já sentisse uma antipatia desarrazoada pelo estranho e silencioso trácio chamado Espártaco — cujo aspecto carneirado encobria uma chama respeitada por todos os gladiadores na escola — escolheu-o para companheiro da escrava.

Agradou-lhe observar Espártaco quando lhe entregou Varínia, dizendo: "Esta é a companheira para dormir contigo. Faça-lhe um filho ou não, como queiras. Obriga-a a te obedecer, mas não a machuques ou deformes." Foi o que disse a Espártaco, que se mantinha silencioso e impassível, fitando calmamente a jovem germana. Varínia, naquele momento, não estava bela. Em seu resto apareciam dois longos cortes. Um olho não se abria, de tão inchado, e manchas amarelas e roxas marcavam sua testa, nuca e braços.

— "Olha o que recibes!" — disse Baciato, arrancando o vestido já rasgado que lhe dera: e, então, ela ficou nua em frente de Espártaco. Nesse momento, Espártaco viu-a e amou-a, não pela sua nudez, mas porque, mesmo despida, ela não estava nua e não se encolheu ou tentou cobrir-se com os braços, mas permaneceu ali, simples e altiva, sem mostrar dor ou sofrimento, sem olhar para ele ou para Baciato, mas contida em si mesma, contida nos seus olhos e na sua alma e nos seus sonhos, e contendo essas coisas porque decidira entregar sua vida que nada mais valia. O coração de Espártaco se abriu para ela.

Nessa noite, ela se encolheu no canto mais longínquo da cela, e ele a deixou em paz, não fez o menor gesto em sua direção, exceto o de perguntar-lhe: "Falas latim, mulher?" — Nenhuma resposta. Então ele disse: "Falarei contigo em latim porque não falo germano; o frio da noite está chegando agora e quero que deites na minha esteira." — E de novo não teve resposta. Empurrou então a esteira na direção dela e deixou-a entre os dois, e pela manhã ali estava, e ambos tinham dormido sobre a pedra. Mas este fora o primeiro gesto de bondade que Varínia tinha recebido, desde que a haviam arrancado das florestas germânicas, um ano e meio antes.)

E nessa noite úmida transformando-se agora em manhã, volta-lhe a lembrança daquela primeira noite, e com a

lembrança uma tal onda de amor para o homem dormindo a seu lado que ele teria que ser feito de pedra para não senti-la. Espártaco move-se e, de repente, abre os olhos, apenas vislumbrando-a na luz tênue da madrugada, porém vendo-a inteiramente com seu olhar interior e, não ainda de todo acordado, toma-a nos braços e começa a acariciá-la.

— Oh, querido, querido — diz e!a.

— Deixa...

— E onde encontrarás forças para hoje, meu bem amado?

— Deixa, estou cheio de forças.

Ela se entrega e, silenciosamente, fluem-lhe as lágrimas.

III

É a manhã da luta, e isto está no ar e por toda a parte e cada um dos duzentos e tantos gladiadores têm do fato eletrizante conhecimento. Dois pares sangrarão na areia porque dois jovens vieram de Roma com muito dinheiro e em busca de emoções. Dois trácios, um judeu e um africano, e como o africano é treinado na rede e tridente, as probabilidades são desiguais. Isto é uma coisa que muitos *lanistae* não permitiriam, pois mesmo quando se adestra um cachorro não é para lançá-lo contra um leão, mas Baciato faz qualquer coisa por dinheiro.

Draba, o homem negro, acorda nessa manhã e na sua própria língua diz: "Saúdo-te, dia da morte."

Deitado na esteira, pensa em sua vida. Medita sobre o estranho fato de que todos os homens, mesmo os mais míseros, têm recordações de amor e carinho e beijos e alegria, e música e dança, e todos os homens têm medo de morrer. Mesmo quando a vida nada vale, os homens a ela se agarram. Mesmo quando estão solitários e longe do lar e despojados de qualquer esperança de retornar à sua terra, e sujeitos a toda a indignidade e dor e crueldade e alimentados como animais de raça e treinados para lutar para o divertimento dos outros — mesmo assim, ainda se agarram à vida.

E ele, que já fora um honesto chefe de família, com lar e mulher e filhos, uma voz ouvida na paz e honrada na guerra — a ele, que fora isso tudo, agora dão uma rede e um tridente e mandam-no lutar para que outros possam rir e aplaudir.

Murmura a filosofia vazia dos de sua espécie e profissão: "*Dum vivimus, vivamus.*"⁵

Mas é vazia e sem consolo, e doem-lhe os ossos e os músculos quando se levanta para começar o dia e forçar seu

⁵ Enquanto vivemos, vivamos! (N. do E.)

corpo e espírito à tarefa de matar Espártaco — que ama e considera acima de todos os outros homens brancos. Mas, acaso não lhe foi dito: "Gladiador, não faça amizade com gladiadores"?

IV

Primeiro, foram aos banhos, os quatro juntos e em silêncio. De nada valia falar, pois não havia o que pudessem dizer e, como estariam juntos desde aquele momento até entrarem na arena, falar só pioraria a situação.

O banho já estava pronto e rapidamente entraram na água quente, como se tudo tivesse de ser feito sem pensar ou fazer considerações. A casa de banhos era muito escura e seus quinze metros de comprimento por sete de largura eram iluminados apenas por uma pequena clarabóia de mica. Sob essa luz pálida, a água do banho adquiria um tom cinza, recoberto pelo vapor quente que dela se erguia proveniente das pedras aquecidas que ali haviam sido jogadas, enchendo toda a casa de banhos com a espessa textura do ar saturado de vapor, que penetrava por todos os poros do corpo de Espártaco, afrouxando-lhe os músculos tensos e dando-lhe uma estranha sensação isolada de conforto e bem-estar. A água quente sempre o maravilhava, pois nunca se esquecera da morte seca da Núbia; e nunca podia entrar na casa de banhos sem meditar sobre o tratamento proporcionado aos corpos daqueles que eram criados para a morte e treinados para produzir apenas a morte. Quando produzira as coisas da vida, trigo e cevada e ouro, seu corpo fora uma coisa suja e inútil, uma coisa vergonhosa e imunda, para ser espancado e chicoteado e condenado à fome — mas, agora que se transformara numa criatura de morte, seu corpo era tão precioso como o amarelo meta! que havia extraído nas minas da África.

E o mais estranho era que só agora o ódio se desabrochava nele. Não houvera espaço para ódio antes; ódio é um luxo que necessita de alimento e força e mesmo de tempo, uma certa espécie de tempo, para reflexão. Tinha agora essas coisas, e tinha Lântulo Baciato como o objeto vivo de seu ódio. Baciato era Roma e Roma era Baciato. Odiava Roma e odiava Baciato; e odiava tudo o que era romano. Fora criado para aceitar a labuta dos campos, o pastoreio do gado, e a mineração do metal; mas só em Roma chegara a ver homens serem criados e treinados para se estraçalharem mutuamente e sangrarem na arena para o riso e prazer de homens e mulheres bem nascidos.

Dos banhos, foram às mesas de massagem. Como sempre, Espártaco fechou os olhos enquanto o perfumado óleo de oliva

era despejado sobre sua pele e cada músculo de seu corpo se afrouxava sob os dedos ágeis e práticos de um massagista. A primeira vez que isso lhe acontecera, sua sensação havia sido a de um animal acuado, com pânico e terror, a pequena liberdade de tudo o que possuía ou jamais possuía e sua própria carne invadida por dedos estranhos. Agora, no entanto, podia descansar e aproveitar-se inteiramente do que o massagista lhe dava. Doze vezes estivera naquela mesa; doze vezes lutara, oito vezes no grande, anfiteatro de Cápua, com a multidão uivante e enlouquecida pelo sangue instigando-o, quatro vezes na arena particular de Baciato para a edificação de ricos entendidos em carnificina, que vinham das soberbas e lendárias *urbes*, que ele nunca vira, para passar um dia, com suas damas ou com amantes masculinos, vendo homens lutarem.

Agora, como sempre acontecia quando se estendia na mesa de massagem, reviveu todas aquelas ocasiões. Estava tudo gravado em sua mente. Nenhum horror de mina ou campo era como o que se apoderava de um homem quando pisava a areia socada da arena; nenhum medo como aquele medo especial; nenhuma indignidade como aquela indignidade especial de ser escolhido para matar.

E assim aprendeu que nenhuma forma de vida humana era tão baixa quanto a do gladiador, e que sua própria semelhança aos animais merecia o mesmo cuidado dispensado a cavalos de raça, embora Lântulo Baciato ou qualquer outro romano se tivesse revoltado à idéia de destruir um bom cavalo na arena. Trazia consigo seu próprio manto de medo e indignidade, e agora os dedos do massagista acompanhavam a trama de cada fio de tecido cicatrizado.

A sorte o acompanhara até então. Nunca tivera um nervo seccionado, um osso lascado, uma vista vazada, a ponta de uma adaga no tímpano ou no pescoço e quaisquer dos outros ferimentos que seus camaradas temiam e com que sonhavam à noite, em suores de agonia e terror. Nunca lhe haviam cortado um tendão ou perfurado os intestinos. Todos os seus ferimentos eram simples *mementa*, como o chamavam, mas não podia nem queria atribuí-lo à sua habilidade. Habilidade, nessa carnificina! *Um escravo não faz um soldado*, dizia-se. Mas ele era rápido como um felino, quase tão rápido como o judeu dos olhos verdes, a criatura do ódio e silêncio que se estendia na mesa a seu lado, e muito forte e muito reflexivo. Era o mais difícil... pensar e não se enfurecer. *Ira est mors.*⁶ E os que se enfureciam na arena morriam. O medo já era outra coisa, mas não a cólera.

⁶ A ira é morte! (N. do E.)

Para ele não era difícil. Em toda a sua vida seus pensamentos haviam sido o instrumento de sobrevivência. Pouca gente sabia disto: "o escravo não pensa em nada". E "o gladiador é um animal". Isso era óbvio, mas, no íntimo, era o próprio reverso. De vez em quando, um homem livre sobrevive pelo pensamento; mas, dia a dia, o escravo deve pensar para viver... uma outra espécie de pensamento; no entanto, pensamento. O pensamento era o companheiro do filósofo, mas o adversário do escravo. Quando Espártaco deixou Varínia naquela manhã, apagou-a de sua lembrança. Ela não devia existir para ele. Se ele vivesse, ela viveria, mas agora não estava nem vivo nem morto.

Os massagistas terminaram. Os quatro escravos desceram das mesas, e se envolveram em longas túnicas de lã, mortallas, como as chamavam, e cruzaram o pátio até o refeitório. Os gladiadores já faziam sua refeição da manhã, cada homem sentado no chão de pernas cruzadas, e comendo de uma mesinha à sua frente. Cada homem tinha uma vasilha de coalhada de leite de cabra e um pote de sopa de trigo cozido com pedaços de carne de porco. O *lanista* alimentava bem e muitos dos homens que vinham para a sua escola saciavam o apetite pela primeira vez na vida, como o faz o condenado antes de ser pregado ao crucifixo. Mas, para os quatro que se deviam exibir na arena, só havia um pouco de vinho e alguns pedaços de galinha fria. Não se luta bem com o estômago cheio.

De qualquer maneira, Espártaco não tinha fome. Sentaram-se à parte dos outros, os quatro, partilhando a mesma falta de apetite. Sorveram um pouco de vinho, comeram alguns pedaços da galinha, entreolhando-se de vez em quando. Mas ninguém falava e era como se os quatro formassem uma pequena ilha de silêncio no burburinho de vozes que enchia o refeitório. Os outros gladiadores também não os olhavam nem lhes davam demasiada atenção. Era esta a cortesia da última refeição.

Todos já sabiam como tinham sido emparelhados. Ninguém ignorava que Espártaco lutaria contra o negro e que seria a adaga contra a rede e o tridente. Todos sabiam que o trácio e o judeu tinham sido escolhidos para formar o outro par. Espártaco morreria e o jovem trácio morreria. Era culpa de Espártaco. Não somente dormira com a moça germana e sempre a ela se referia como sua esposa, e de nenhuma outra forma senão como esposa, como também fizera com que os outros homens o amassem. Nenhum dos gladiadores ali sentados no refeitório poderia ter exprimido isso com clareza. Não sabiam por que ou como isto acontecera. Um homem tem a sua maneira, tem mil gestos e ações. A maneira branda do trácio, o rosto acarneirado, com os

lábios cheios e o nariz quebrado — tudo isso escondia a qualidade que fazia os homens aceitarem seu julgamento, vindo a ele com temores e disputas, e lhe pedindo conforto e decisão. E quando ele decidia, seguiam o que determinara. Quando lhes falava, no seu latim suave e de estranho sotaque, aceitavam suas palavras. Falava-lhes e eles se sentiam confortados. Parecia ser um homem feliz. Andava de cabeça erguida, o que era uma coisa estranha para um escravo; nunca baixava a cabeça, nunca erguia a voz ou se irritava. Sua atitude o destacava naquele grupo de matadores treinados e homens perdidos.

— Gladiadores são animais — Baciato costumava dizer. — Quando se pensa neles como gente, perde-se toda a perspectiva.

O simples fato era que Espártaco se recusava a ser um animal, e por esta razão era perigoso e, apesar de toda a sua habilidade com a adaga e do lucro que podia render, Baciato preferia vê-lo rendosamente morto.

A refeição estava terminada. Os quatro homens que eram *privilégio*, como eles próprios diziam na sua gíria irônica, caminharam isolados. Eram coisas proibidas naquela manhã. Não se podia falar-lhes ou tocá-los. Mas Ganico aproximou-se de Espártaco e o abraçou e beijou-lhe os lábios; foi um gesto ousado e seu preço era alto — trinta chicotadas — mas foram poucos os gladiadores que não compreenderam porque o fizera.

V

Nos anos que se seguiram, muitas vezes Lêntulo Baciato recordou aquela manhã e a analisou em detalhe numa tentativa de compreender se os acontecimentos que depois abalaram o mundo lhe podiam ser atribuídos. Entretanto, duvidava disso pois não lhe era possível aceitar o fato de que tudo aquilo tivesse acontecido porque dois pederastas romanos tinham desejado ver um combate de morte. Nunca se passava uma semana sem que houvesse uma exibição particular de um, dois ou três pares, na sua própria arena, e não lhe parecia que daquela vez fora diferente. Isso fazia-o pensar no destino de certas casas de cômodos que possuía na cidade de Roma. Essas casas ou *insulae*, como se chamavam, eram comumente reconhecidas como um dos melhores empregos de capital que um homem de negócios podia fazer. Não estavam sujeitas a qualquer das vicissitudes das empresas mercantes; davam uma renda constante, que podia ser sempre aumentada. Mas havia um certo perigo nesse aumento de renda. No começo, Baciato comprara duas casas, uma de quatro andares e outra de cinco. Cada uma tinha 12 aposentos por andar, e cada um custava ao

inquilino cerca de 900 *sesterces* por ano. Baciato não levou muito tempo para compreender que uma pessoa interessada em lucros devia acrescentar outros andares. Negociantes tímidos possuíam casas baixas; homens ricos eram proprietários de arranha-céus. Prontamente, o *lanista* acrescentou dois andares à casa de cinco, mas o primeiro acréscimo à casa de quatro andares fez com que essa caísse, causando-lhe não só um enorme prejuízo, como, também, matando mais de 20 de seus inquilinos — o que significava uma fortuna em suborno. Algo de semelhante dava-se, também, em seu negócio de gladiadores, em que um aumento de quantidade resultava numa mudança de qualidade, mas Baciato sabia que seu negócio não estava em piores condições do que os de muitos *lanistae*; pelo contrário, sua situação era melhor do que a de muitos.

É verdade que a manhã se anunciara ruim. Em primeiro lugar, Ganico tivera que ser açoitado. Não era bom açoitarem gladiadores, mas, ao mesmo tempo, a disciplina de uma escola tinha que ser das mais severas. A quebra de qualquer regra por parte de um gladiador tinha que ser punida, rápida e implacavelmente punida. Em segundo lugar, havia ressentimento entre os gladiadores porque eram postos em combate uma adaga contra a rede e o tridente. Em terceiro lugar, havia a própria luta.

Baciato estava esperando, na arena, a chegada dos convivas. Não obstante o que pensasse desses romanos, sabia honrar o dinheiro. Sempre que encontrava um milionário — não apenas um homem que possuía milhões, mas um que sabia gastá-los — sentia-se esmagado pela mesquinhez de sua posição. No tempo em que era chefe de quadrilha nas ruas da *urbs*, seu sonho fora acumular 400 mil *sesterces* que o qualificariam para ser admitido na ordem dos cavaleiros. No entanto, quando seu sonho se realizou, compreendeu pela primeira vez o que significava a riqueza e que, apesar de tudo o que já subira, não havia limite para a escadaria a galgar.

Honra a quem a merece. Era por isso que esperava ali por Caio, Braco e os outros; e portanto não sabia que Ganico tinha recebido trinta chicotadas. Agora estava ocupado em escoltar os honrosos convivas ao camarote que para eles fora preparado. O camarote tinha apenas altura suficiente para dele se avistar todos os pontos da arena, sem esforço. Ele próprio arrumou as almofadas das divas para que os convivas se pudessem reclinar confortavelmente, enquanto assistiam à luta. Trouxeram vinho fresco e pequenos potes com comestíveis salgados e franguinhos cozidos em mel para que a sede e o apetite estivessem sempre satisfeitos. Um toldo listrado protegia-os do sol da manhã e dois escravos domésticos mantinham-se de cada lado do camarote

com abanadores de plumas, prontos a usá-los caso a frescura da manhã se transformasse em calor. Ao superintender os arranjos do local, o coração de Baciato se encheu de orgulho — certamente ali estava o que qualquer um, por mais delicados que fossem seus gostos, poderia desejar. E para encher o vazio, até o momento em que começasse a pugna, havia dois músicos e uma dançarina na arena.

Não que dessem muita atenção à musica ou à dança, pois estavam na expectativa de coisas muito mais excitantes; o amigo casado de Braco — Cornélio Lúcio, era seu nome — tagarelava nervosamente sobre o que se precisava hoje em dia em Roma para viver com decência. Baciato ouvia-o com atenção; estava ansioso por saber de quanto se precisava para viver bem em Roma, e surpreendeu-se quando Lúcio disse que pagara 5.000 *denarii* por um novo *libarius*, uma fortuna por um pasteleiro.

— Mas não se pode viver como um porco.. . não é mesmo? — observou Lúcio. — Ou mesmo como vivia meu pai. Quando se quer comer decentemente necessita-se de, pelo menos, quatro escravos, o pasteleiro, o *cocus*, o *pistores*, e imprescindivelmente um *dulciarius*, a não ser que se mande comprar doces no mercado o que é o mesmo que dispensá-los de todo.

— Não sei como se pode dispensar os doces — disse sua esposa. — Todos os meses queres um novo *tonsores*; parece que só um deus te poderia barbear direito, mas se peço mais um cabeleireiro ou um massagista...

— Não se trata apenas de adquirir uma centena de escravos — observou-lhe Braco — mas treiná-los e, mesmo depois de os haver treinado, às vezes penso que não valem o esforço. Tenho um *privata* para cuidar de minhas roupas, um grego de Chipre, capaz de citar Homero durante horas. Não lava nem limpa, e tudo o que peço é que traga minhas roupas em ordem. Tenho um armário para capas. Tudo o que peço é que, quando acabo de usar uma determinada capa, esta seja colocada no armário. Uma túnica no armário onde são guardadas minhas túnicas. Poder-se-ia até mesmo ensinar um cão a fazer isto, não é mesmo? De modo que, quando lhe disser: "Raxides, dá-me minha túnica amarela", ele saiba onde encontrá-la. Mas não sabe. E me levaria mais tempo ensinar-lhe a fazer isto direito do que fazê-lo pessoalmente.

— Não podes fazer isto sozinho — protestou Caio.

— Não... é claro que não. Menino, olha que tipo de vinho nos serviu o *lanista*.

— Cisalpino — disse Baciato rápido, erguendo a jarra para

eles.

Braco cuspiu delicadamente, apertando uma das narinas.

— Como pensaste em almofadas, se eu não te disse que as queria? Tens vinho da Judéia, *lanista*?

— Naturalmente, do melhor. Rosado... do mais leve rosa. — Gritou para um dos escravos para que trouxesse imediatamente vinho da Judéia.

— Diga-lhe — respondeu Lúcio à esposa, que lhe falava baixinho.

— Não...

Braco inclinou-se para ela, tomou-lhe a mão e apertou-a contra os lábios.

— Querida, há algo que não me possas dizer?

— Vou dizer-te baixinho. — E murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Traga aqui o judeu antes de começar a luta — disse então Braco a Baciato.

A tessitura dos atos das pessoas bem nascidas sempre aturdiu Baciato. Sabia que existia essa tessitura, mas, por mais que quisesse, não podia definir-lhe a consistência, nem localizar a razão por que lhe era impossível esconder sua origem num padrão de comportamento. Mas como saber, se cada grupo que alugava sua arena se portava de maneira diferente?

Baciato mandou buscar o judeu.

Ele veio entre dois treinadores e parou em frente ao camarote, esperando. Ainda estava envolto na longa capa de lã rústica, e seus pálidos olhos verdes eram como pedras frias. Nada via com aqueles olhos. Estava apenas ali, parado.

A mulher teve um sorriso afetado. Caio se assustou. Era a primeira vez que um gladiador estava ao alcance de sua mão, sem paredes nem grades que os separassem, e os dois treinadores não eram suficientes para tranquilizá-lo. Nada havia de humano naquele judeu de olhos verdes e lábios finos, um agressivo nariz aquilino e o crânio raspado.

— Diga-lhe que tire a capa, *lanista* — ordenou Braco.

— Dispa-se — murmurou Baciato.

O judeu ficou imóvel alguns momentos; depois, subitamente, deixou cair a capa e ficou nu diante deles, seu magro e musculoso corpo tão imóvel como se fosse talhado em bronze. Caio fitou-o, fascinado. Lúcio fingiu estar entediado, mas sua mulher olhava com os lábios entreabertos e o peito arfante.

— *Animal bipede implume*⁷ — disse Braco, displicente.

⁷ Animal bípede sem penas. (N. do E.)

O judeu inclinou-se, apanhou a capa, e se afastou. Os dois treinadores o seguiram.

— Faça-o lutar primeiro.

VI

Naquele tempo ainda não havia a lei exigindo que, quando um trácio ou um judeu lutasse na arena com a tradicional adaga, ou melhor, com a faca ligeiramente curva a que chamavam de *sica*, deviam ter um escudo de madeira para se defender, e, mesmo quando a lei foi promulgada, era freqüentemente violada. O escudo, como os tradicionais elmos e grevas, destruía a dramaticidade essencial da luta — que era o incrível jogo de movimento e agilidade exigido dos gladiadores. Até uns quarenta anos antes daquela época — c quando o combate de pares era pouco freqüente — a peleja usual na arena era chamada *Samnites*, e os pares lutavam com pesadas armaduras, trazendo o pesado escudo oblongo da legião, o *scutum*, e a espada espanhola, a *spatha*. Isto não era nem muito excitante nem muito sanguinário, e o chocar de escudo contra escudo e espada contra espada podia se prolongar por horas, sem que nenhum dos dois lutadores se machucasse muito. Nessa ocasião, também, o *lanista* era tão desprezado como o alcoviteiro — em geral um chefe de quadrilha de baixa categoria, que comprava uns poucos escravos já gastos e os deixava agredirem-se uns aos outros até caírem mortos de perda de sangue ou de pura exaustão. Freqüentemente o *lanista* era um alcoviteiro que lidava com gladiadores de um lado e prostitutas de outro.

Dois inovações revolucionaram a luta de pares, e transformou um espetáculo enfadonho na mania de Roma, levando muitos *lanistae* a ocupar cadeiras no Senado, possuir casas de campo e fortunas de milhões. A primeira foi o resultado da penetração militar e comercial romana na África. O homem preto, bastante raro no passado, fez sua aparição no mercado de escravos, o negro em toda a sua estatura e força. Um *lanista* concebeu a idéia de dar-lhe uma rede de pescador e um tridente e de o colocar na arena contra a espada e o escudo. Imediatamente isto conquistou a preferência dos romanos, e as pugnas adquiriram importância. Ao processo se acrescentou uma segunda inovação, que era o resultado da penetração na Trácia e na Judéia e a descoberta de duas vigorosas raças independentes de montanhese, cuja principal arma na guerra era um curto punhal curvo e afiado como uma navalha. Ainda mais do que os *retiarii*, os homens das redes, esta inovação transformou o combate gladiatório. O escudo e as armaduras do

corpo passaram a ser raramente usados. O baque amortecido dos *samnitae* se transformou no riscar vertiginoso de adagas, ferimentos profundos, sangue e estripamento, habilidade e dor e relampejar de movimentos.

Como Braco explicara ao seu jovem companheiro, "quando se vê trácios não se quer mais nada. Tudo o mais é entediante, aborrecido e sem significado. Uma boa exibição de trácios é a coisa mais emocionante do mundo."

Chegara a hora dos pares. A dançarina e os músicos se haviam retirado. A pequena arena estava nua e deserta, à luz quente do sol da manhã. Um silêncio trêmulo, dolorido, se estendia por toda parte, e os quatro romanos, a dama e os três cavaleiros, reclinados em seus divas sob o toldo listrado, sorviam o rosado vinho da Judéia e esperavam que a luta começasse.

VII

Na habitação de espera, que era um pequeno telheiro com vista para a arena, os três gladiadores — os dois trácios e o negro — aguardavam a volta do judeu. Estavam sentados melancolicamente num banco, pois eram *consignados*, como se dizia. Sem glória, sem amor, e sem honra, só a vergonha lhes fazia companhia. E finalmente o homem preto disse, quebrando o silêncio que se haviam imposto a si mesmos:

— *Quem di diligunt adolescens moritur*. Se os deuses te amam morres na adolescência.

— Não — disse Espártaco.

— Acreditas nos deuses? — perguntou-lhe, então, o negro.

— Não.

— Acreditas que haja outra vida depois desta?

— Não.

— Então, em que acreditas, Espártaco?

— Acredito em ti e acredito em mim.

— Tu e eu — disse Polemo, o jovem e belo trácio — somos carne no balcão do açougue do *lanista*.

— Em que mais acreditas, Espártaco? — perguntou o negro.

— Que mais...? Com que sonha um homem? Quando vai morrer, com que sonha ele?

— Digo-te o que já disse antes — insisti suavemente o negro, a voz saindo-lhe ressonante e dolorida do peito — estou muito só e muito longe de minha casa e muito saudoso de meu lar. Não quero viver mais. Não te matarei, companheiro.

— É este um lugar para clemência?

— É um lugar para cansaço e estou fatigado.

— Meu pai era um escravo — disse Espártaco — e ensinou-me uma só virtude. A única virtude de um escravo é viver.

— Nós dois não podemos viver.

— E a única bondade da vida para um escravo é que, como os outros, não sabe a hora de sua morte.

Os guardas agora os ouviam e bateram com suas lanças na parede para que se calassem. O judeu regressou; de qualquer forma, não teria falado; nunca falava. Ficou em pé, envolto na sua capa, a cabeça caída de tristeza e vergonha. Uma trombeta soou. O jovem trácio se ergueu, o lábio inferior trêmulo, ele e o judeu deixaram cair as capas. A porta se abriu e, nus, lado a lado, entraram na arena.

O negro não se mostrou interessado. Sentia-se unido à morte. Cinquenta e duas vezes lutara com a rede e o tridente e emergira vivo, mas agora o elo que o prendia à vida se partira. Estava sentado no banco com suas lembranças, a cabeça entre as mãos; mas Espártaco correu para a porta e espiou por uma fresta, para poder ver, para poder saber. Não tomava partido; o trácio era de seu povo, mas o judeu era algo que lhe dilacerava o coração de uma estranha maneira. Quando um par lutava até à morte, um tinha que morrer, mas a essência da matéria era vida, enquanto a vida persistia. A essência de Espártaco era vida. As pessoas reconheciam isso nele. Era a sobrevivência colocada no plano das estrelas, e agora espiava pela fresta que lhe dava um canal de visão até o centro da arena.

A princípio sua visão foi bloqueada pelo par que se ia afastando à medida que avançava para o centro da arena e se colocava à frente daqueles que lhe haviam comprado a carne e o sangue. Suas sombras os seguiam, seus corpos eram escuros e lúzidos. Então afastaram-se dez passos um do outro e cada um se colocou na extremidade do raio de sua visão, com a areia e o sol entre eles. Espártaco podia ver o camarote em que estavam sentados os romanos, com um amplo e alegre pavilhão colorido de amarelo, rosa e vermelho, com seu toldo listrado, o movimento lento dos abanadores de plumas nas mãos dos escravos. Ali estavam sentados os que haviam comprado vida e morte, os poucos e poderosos — e todos os pensamentos que ocorrem a um homem, pelo menos em cada era dos tempos, todos esses pensamentos ocorreram a Espártaco...

Agora entrava o treinador, o árbitro da arena. Trazia os dois punhais numa bandeja de madeira polida e ofereceu-os simbolicamente aos que tinham pago o preço da luta. Ao inclinar a bandeja para eles o sol brilhou sobre o metal das lâminas, vinte e cinco centímetros de aço reluzente, afiado, lindamente completado por um cabo de nogueira escura. O

punhal era ligeiramente curvo e o mais leve toque da lâmina rasgaria a pele.

Braco fez um sinal de aprovação e o ódio foi, para Espártaco, como o toque de um dos punhais, da cabeça aos pés; mas depois, controlado e frio, observou os gladiadores que escolhiam suas armas e se afastavam do seu campo de visão. Entretanto, sabia quais eram os seus movimentos; conhecia-os todos. Fitando-se um ao outro com a vigilância e o horror cauteloso dos condenados, mediam os vinte passos que lhes eram determinados. Inclínavam-se agora e esfregavam areia no cabo do punhal e na palma das mãos. Estavam agachados e cada músculo tremia como uma mola esticada e seus corações batiam como máquinas.

O treinador soprou o apito de prata e os dois gladiadores tornaram a entrar no campo visual de Espártaco. Nus, agachados, cada qual com o punhal seguro na palma da mão direita, tinham-se desprendido de sua condição humana. Eram dois animais. Rodearam-se como dois animais, em passos curtos pela areia quente. Num só movimento convulsivo se aproximaram e recuaram. Os romanos aplaudiram e o peito do judeu se riscou com um fio de sangue, como uma faixa.

Mas nenhum dos dois parecia consciente do ferimento infligido. Era tão intensa, tão absoluta sua concentração que o mundo todo parecia ter nele seu centro de rotação. O tempo cessou; tudo o que era vida e experiência se concentrava neles, e a intensidade com que cada qual estudava o outro tornou-se quase dolorida. E, então, de novo se aproximaram no que pareceu ser uma única convulsão integrada de força e decisão e se agarraram, mão direita agarrando a esquerda, corpo a corpo, face a face, torcendo os pulsos presos e gritando em silêncio o desejo de cortar e matar. Sua transição era agora completa; odiavam-se mutuamente; um só propósito os animava, o propósito da morte, pois só matando podia um deles viver. Agarrados como estavam, os músculos rígidos e tensos, os dois se tornaram uma só entidade dilacerada em si mesma.

Enquanto a carne e o sangue podiam suportar, debateram-se naquele abraço, e, então, romperam-no e se separaram e agora havia uma fita rubra em toda a extensão do braço do trácio. Separados por uns doze passos, ofegavam e odiavam e estremeciam, ambos besuntados de sangue e óleo e suor, o sangue pingando e manchando a areia a seus pés.

Então, o trácio atacou. Punhal em riste, atirou-se ao judeu que dobrou um joelho, aparou o golpe de baixo para cima e repeliu o trácio que foi projetado no ar. E quase antes do trácio cair ao

solo o judeu estava sobre ele. Era o momento de supremo horror e extrema excitação do jogo. A morte recortava o trácio. Ele se contorceu, rolou, usou seus pés descalços para afastar o terrível punhal, mas o judeu estava de novo sobre ele, cortando, esfaqueando... mas impossibilitado de desferir o golpe mortal, tal era o desespero convulsivo do jovem trácio.

O trácio pôs-se de pé: seu corpo ensangüentado e rasgado, como que pulou no ar, mas a vida e a força já o deixavam. A explosão que o pusera de pé, gastara-lhe a última gota de força. Equilibrou-se com uma das mãos, agarrou o punhal com a outra e balançou para a frente e para trás, cutilando o ar com a lâmina para afastar o judeu. Mas este manteve-se à distância, sem um gesto para tornar a se aproximar — e na realidade não havia necessidade disto, pois o trácio estava liquidado, o rosto cortado, as mãos, o corpo, as pernas cortadas, a vida esvaindo-se-lhe numa poça de sangue que se alastrava a seus pés.

Todavia, o supremo drama da vida e morte ainda não havia terminado.

Os romanos despertaram de seu transe e, com vozes estridentes, roucas, exigentes, gritaram para o judeu:

— *Verbera! Ataca! Ataca!*

Mas o judeu não se moveu. Tinha recebido, apenas, um golpe através do peito, porém seus movimentos haviam espalhado o sangue por todo o corpo. E, de repente, atirou o punhal, que foi espetar-se, vibrando, na areia. Imóvel, ele esperou, de cabeça baixa.

Em apenas um instante a oportunidade passaria. O trácio, nu, agora vestido com uma roupagem de sangue vermelho que cobria cada centímetro de sua pele, tombou sobre um joelho. Deixara cair o punhal e estava morrendo rapidamente. Os romanos gritaram e o treinador correu pela arena brandindo um longo e pesado chicote de couro. Seguiam-no dois soldados.

— Luta, canalha! — berrou o treinador e o couro se enroscou nas costas e no tronco do judeu. — Luta! — O chicote tornou a golpeá-lo e golpeá-lo, mas ele não se moveu, e então o trácio caiu de bruços, estremeceu um pouco e começou a gemer de dor, a princípio gemidos débeis que foram aumentando de intensidade até alcançar um crescendo arrancado do próprio fundo de seu corpo contorcido.

Então os gritos de dor pararam, ele se imobilizou e o treinador parou de açoitar o judeu.

O negro juntara-se a Espártaco na fresta da porta. Observavam em silencio.

Os soldados se aproximaram do trácio e espetaram-no com suas lanças. Ele se moveu um pouco. Um dos soldados tirou do cinturão um pequeno mas pesado martelo. O outro soldado forçou a lança sob o corpo do trácio e o revirou. Então o primeiro soldado desfechou-lhe com o martelo um terrível golpe na têmpora, um golpe que lhe esmigalhou o crânio e, em seguida saudou os espectadores com o martelo sujo de miolos. Ao mesmo tempo, outro treinador trouxe para a arena um burro. O burro tinha um enfeite de plumas coloridas na cabeça e um arreio de couro de onde se arrastava uma corrente. Prenderam os pés do trácio na corrente e os soldados espantaram o burro com suas lanças, obrigando-o a trotar para fora da arena, arrastando o corpo ensangüentado, que deixava um rastro de miolos pelo chão. Os romanos aplaudiam e a dama, encantada, abanou seu lenço de renda.

Então, a areia banhada em sangue foi removida e aplainada, para dar lugar à musica e à dança, antes do próximo combate.

VIII

Baciato correria ao camarote de seus clientes para se desculpar, para explicar porque, apesar de ter sido tão bem pago, no final o judeu deixara de matar a carne com vida, e seccionar a artéria na garganta ou no braço, para que o rico sangue vermelho desse, ao final do combate, o tom colorido adequado; mas Mário Braco, segurando uma taça de vinho numa das mãos, silenciou-o com um gesto:

— Nem mais uma palavra, *lanista*. Foi delicioso. É o suficiente.

— Mas tenho minha reputação.

— Para o diabo a tua reputação. Mas espera. . . Traga aqui o judeu. Nenhum outro castigo. Quando um homem lutou bem, isto basta, não? Traga-o aqui.

— Aqui? Francamente... — começou Lúcio.

— Naturalmente! Não precisa limpá-lo. Traga-o como ele está. Enquanto Baciato ia cumprir a ordem, Braco tentou, como o fazem todos os entendidos, explicar a beleza e a habilidade do que tinham acabado de assistir.

— Quando se vê isto uma vez em 100 pares, já se tem muita sorte. Um momento de glória é melhor do que uma hora de duelo entediante. Esta é a famosa *avis jacienda ad mortem*.⁸ Um vôo para a morte. . . e como poderia um gladiador morrer melhor? Considerai as circunstâncias. O trácio mede o judeu e

⁸ Ave lançada para a morte. (N. do E.)

sabe que ele leva vantagem...

— Mas foi o trácio quem primeiro fez correr o sangue — objetou Lúcio.

— Isto nada significa. O mais provável é que nunca se tivessem enfrentado antes. Estavam apenas se medindo. Cada qual tinha que fazer uma série de movimentos para conhecer o outro. Se estivessem em igualdade de condições, teriam duelado, o que teria significado habilidade e resistência; mas quando se chocaram, o judeu livrou-se primeiro e golpeou o adversário no braço. Se fosse o braço direito em lugar do esquerdo, a luta teria acabado ali; mas, tal como aconteceu, o trácio sabia que levava desvantagem, e arriscou tudo num só golpe. Nove em dez gladiadores teriam aparado o golpe e tentado investir contra o outro, mesmo que neste processo se ferissem muito. Sabeis o que significa aparar um desses punhais com todo o peso de um corpo de homem por trás? Por que mandei buscar o judeu? Vou mostrar-vos ...

Enquanto falava, o judeu apareceu, ainda nu, cheirando a sangue e a suor, uma visão selvagem e terrível de homem em frente deles, a cabeça baixa, os músculos ainda trêmulos.

— Curva-te! — ordenou Braco.

O judeu não se moveu.

— Curva-te! — gritou Baciato.

Os dois treinadores que o acompanhavam agarraram o judeu e o forçaram a ajoelhar-se frente aos romanos, e Braco exclamou triunfante, apontando para suas costas:

— Vede ali. .. ali! Não as marcas do chicote. Vede onde a pele está rompida como se tivesse sido arranhada por unha de mulher. Foi ali que o tocou o punhal do trácio, quando se atirou contra ele. *Avis jacienda ad mortem!* Deixa-o em paz, *lanista*. Nada de chicotes. Deixa-o em paz e ele te renderá uma fortuna. Eu mesmo me encarregarei de dar-lhe reputação. A tua saúde, gladiador!

Mas o judeu permaneceu impassível, a cabeça inclinada.

IX

— Chorariam as pedras — disse o negro — e gemeriam de dor as areias sob nossos pés, mas nós não choramos.

— Somos gladiadores — respondeu Espártaco.

— Teu coração é de pedra?

— Sou um escravo. Imagino que um escravo deva ter um coração de pedra ou não tê-lo de todo. Tens coisas boas para recordar, mas sou um *koruu*, e nada de bom tenho a lembrar.

— É por isto que podes assistir a esta cena sem te emocionares?

— De nada adiantará emocionar-me — respondeu Espártaco. Sombrio.

— Não te conheço, Espártaco. És branco e sou preto. Somos diferentes. Em minha terra, quando o coração de um homem se enche de tristeza, ele chora. Mas em vós, trácios, as lágrimas secaram. Olha-me. Que vês?

— Vejo um homem chorando — disse Espártaco.

— E sou menos homem por causa disto? Ouça-me, Espártaco, não lutarei contigo. Malditos sejam eles para todo o sempre! Mas digo-te que não lutarei contigo.

— Se não lutarmos, morreremos ambos — respondeu Espártaco inabalado.

— Então, mata-me, meu amigo. Estou cansado de viver. Estou farto de viver.

— Quietos aí! — Os soldados bateram na parede do galpão, mas o negro se virou e esmurrou a porta até sacudir o galpão todo. Depois, parando abruptamente, sentou-se no banco e apoiou o rosto nas mãos. Espártaco aproximou-se, ergueu-lhe a cabeça e, com ternura, enxugou o suor gotejante na testa do negro.

— Gladiador, não faças amizade com gladiadores.

— Espártaco, para que nasce o homem? — murmurou o outro agoniado.

— Para viver.

— É esta toda a resposta?

— A única resposta.

— Não compreendo tua resposta, trácio.

— Por que, por que, meu amigo? — perguntou Espártaco, quase implorando. — A criança sabe a resposta no mesmo momento em que sai do útero da mãe. É uma resposta tão simples.

— Não é resposta para mim — disse o negro — e meu coração está se partindo por aqueles que me amaram.

— E outros te amarão.

— Nunca mais — disse o negro — nunca mais.

X

Nos anos subseqüentes, Caio não se recordaria com muita clareza da manhã, em Cápua, em que haviam lutado os dois pares. Havia muitas sensações em sua vida; sensações que eram compradas, e pagas, e Espártaco era apenas um nome trácio. Os

romanos diziam que todos os nomes trácios soavam da mesma maneira: Ganico, Espártaco, Menico, Floraco, Leaco. Caio, narrando o caso, poderia ter dito que o judeu era também um trácio, uma vez que a terminologia sempre crescente da arena dera ao termo "trácio" dois significados. Por um lado, trácio era o termo que distinguia qualquer membro das centenas de tribos que viviam ao sul da zona dos Bálcãs, e os romanos usavam-no ainda mais amplamente para definir qualquer povo bárbaro a leste dos Bálcãs, através das estepes do Mar Negro. Os próximos da Macedônia falavam grego, mas este não era de modo algum o idioma de todos aqueles que se chamavam trácios, como tampouco era o punhal curvo a arma comum daquelas tribos.

Por outro lado, na linguagem esportiva de Roma e na gíria comum da arena, trácio era todo aquele que lutasse com a *sica*. Assim, o judeu era um trácio, pois Caio não sabia nem se interessava em saber que ele provinha do grupo dos *zealotes*, indômitos e robustos camponeses das colinas da Judéia, que carregavam o estandarte da rebelião e do ódio incessante contra os opressores já desde os velhos tempos dos macabeus e da primeira guerra agrária. Caio pouco conhecia sobre a Judéia e ainda menos se interessava no assunto; para ele, o judeu era um trácio circuncidado. Vira a luta de um par, e esperava pela segunda. O segundo par era menos comum, mas, na sua lembrança do que acontecera ao negro, esquecia a sorte do oponente. Todavia, lembrava-se com bastante clareza da entrada dos dois na arena, saindo de sua jaula, da sombra para a luz viva do sol e para a areia amarela. Os pássaros voaram — os pássaros sanguinários, *avis sanguinária*, pequenas e graciosas aves que bicavam tão vorazmente a areia manchada. Eram também amarelos, e quando levantaram vôo foi como se punhados de areia houvessem saltado no ar. Os dois homens se detiveram no lugar determinado. Ali, renderam homenagem aos que compraram sua carne e seu sangue; era o momento em que a vida deixa de valer, em que a dignidade e a vergonha alteram o sentido da vida. É a isto que chega: a senhora do mundo se diverte com sangue.

Caio recordaria como o trácio parecia pequeno comparado ao gigantesco negro africano, pois aquela era uma lembrança gravada contra o fundo ensolarado da areia amarela e o tabique de madeira do anfiteatro; mas não recordaria o que dissera Braco. Eram palavras insignificantes, sem conseqüência, e se desvaneceram com o passar do tempo. As mesquinhas fantasias de tais homens nunca são causas, apenas parecem ser causas; mesmo Espártaco não era uma causa, mas o resultado do que

para Caio era normal. E o capricho que levava Braco a planejar a orgia microcós mica de morte e sofrimento para a diversão de seu insignificante e fútil companheiro não parecera a Caio ser um capricho, mas antes, uma coisa de grande originalidade e emoção.

Assim o par prestou homenagem e os romanos beberam vinho e beliscaram comidas. Depois, veio o portador das armas. Para Espártaco, o punhal. Para o negro, o longo e pesado tridente e a rede. Eram ambos protagonistas de uma pantomima de vergonha e degradação sangrenta. O mundo inteiro havia sido escravizado para que aqueles romanos pudessem estirar-se ali à sombra confortável de um toldo, petiscando iguarias e bebendo vinho.

O par apanhou as armas. E então, tal como viu Caio, o negro endoideceu. Loucura era o único motivo que Caio podia atribuir ao fato. Nem ele, nem Braco ou Lúcio poderiam ter remontado à origem do homem negro, e só assim teriam compreendido que o negro não enlouquecera. Nem mentalmente ser-lhe-ia possível visualizar sua casa à margem do rio e os filhos que sua mulher lhe tinha dado e a terra que ele cultivara e o fruto da terra, antes de chegarem os soldados com os traficantes de escravos para fazer a colheita de vidas humanas que, como por encanto, se transformavam em ouro.

Viram apenas o negro enlouquecer. Viram-no atirar a rede de lado e lançar um selvagem brado de guerra. E viram-no correr para o pavilhão. Um treinador com a espada desembainhada tentou detê-lo, e, no mesmo instante, caía, contorcendo-se como um peixe fisgado nas pontas do tridente, para ser erguido, berrando, no ar, num giro doido, antes de ser projetado ao solo. Agora uma paliçada de dois metros obstruía o caminho do negro, mas ele arrancou as tábuas como se fossem de papel. Estava transfigurado em sua força, transfigurado numa arma lançada contra o camarote onde se achavam os romanos.

Mas agora os soldados corriam de todos os lados da arena. O da frente plantou-se de pernas abertas na areia e atirou sua grande lança de madeira com ponta de ferro, a que nada no mundo podia resistir, que havia arrasado os exércitos de cem nações. Mas não arrasou o negro. A lança atingiu-o nas costas e a ponta de ferro o atravessou, saindo-lhe no peito, mas, mesmo assim, não o deteve, e apesar da tremenda vara de madeira cravada no seu corpo ele continuou a avançar para os romanos. Uma segunda lança penetrou-lhe no flanco, mas continuou avançando. Uma terceira lança tornou a atingi-lo nas costas, e uma quarta perfurou-lhe o pescoço. Agora, finalmente, estava liquidado — e ainda assim o tridente que seu braço estirado empunhava chegou a tocar o parapeito do camarote, atrás do

qual os romanos se encolhiam, aterrados. E ali ficou, com o sangue jorrando aos borbotões, e ali morreu.

Deve-se notar que, durante todo esse tempo, Espártaco não se movera. Se o tivesse feito, estaria morto. Atirou o punhal na areia e permaneceu imóvel. A vida é a resposta à vida.

QUARTA PARTE

**Em que se Trata
de Marco Túlio Cícero e de seu Interesse
na Origem da Guerra Servil.**

I

Era de esperar em *Vitta Safaria*, onde um grupo de nobres se tinha reunido, uma noite, para gozar da atenciosa hospitalidade de um latifundiário romano, tanto se interessassem por Espártaco e pela grande revolta que chefiara. Todos eles haviam chegado à *Villa* pela Via Ápia, vindo na sua maioria para o sul, de Roma, enquanto que Cícero viera para o norte, na direção de Roma, em sua jornada da Sicília, onde desempenhava um importante cargo governamental como *quaestor*. Assim, toda, a sua viagem fora pontilhada pela presença dos símbolos de castigo, a severa e inflexível *signa poenae*,⁹ proclamando ao mundo que a lei romana era, ao mesmo tempo, implacável e justa.

Entretanto, os menos sensíveis dos seres humanos não poderiam ter viajado pela grande estrada sem meditar sobre a série de terríveis batalhas entre escravos e homens livres que abalara a República até às raízes — e o mundo todo que a República dominava. Não havia um só escravo na plantação que não se agitasse, inquieto, em seu sono, quando tantos iguais a ele pendiam de inúmeras cruces. Esta crucificação era como uma imensa paixão, e a dor de seis mil homens que haviam morrido tão lenta e cruelmente se infiltrava em toda a zona rural. Isto era de esperar, e era de esperar também que um jovem tão cuidadoso como Marco Túlio Cícero se deixasse impressionar.

Com respeito a Cícero, convém notar que homens como Antônio Caio saíam de seu caminho para lhe oferecer uma deferência, acima da que seria devida aos seus trinta e dois anos de idade.

Não era uma questão de linhagem, de importância de família ou mesmo de encanto pessoal ou qualidades sedutoras; pois

⁹ Símbolos do castigo. (N. do E.)

mesmo os amigos não consideravam Cícero especialmente encantador. Era inteligente, mas os outros o eram tanto quanto ele. Especificamente, Cícero era um desses homens — presentes em todas as épocas — que são capazes de se desfazer de qualquer escrúpulo, qualquer ética, qualquer confusão sobre a moral em vigor, qualquer impulso de aliviar a consciência ou culpa, qualquer gesto de clemência ou justiça que pudessem interferir no caminho do êxito. Isto não significa que ele não se preocupasse com a justiça, a moralidade ou a clemência. Preocupava-se, mas exclusivamente em termos de sua própria vantagem. Cícero não era apenas ambicioso, pois a ambição pura e simples não podia conter certos elementos de emoção; Cícero preocupava-se fria e astuciosamente com o sucesso, e se, às vezes, seus cálculos se voltavam contra ele, isso também não era raro em homens de seu tipo.

Por aquela época seus cálculos ainda não se haviam virado contra ele. Era o menino prodígio que havia advogado aos dezoito anos, participado de uma grande campanha — unicamente pelo prestígio e sem correr riscos corporais — aos vinte e poucos anos, e, quando atingira os trinta, fora empossado em importante cargo administrativo do governo. Seus ensaios sobre filosofia e política e suas orações eram lidos e admirados e se a tênue substância que continham era emprestada de outros, a maioria das pessoas era bastante ignorante para não saber de onde ele havia plagiado. Conhecia as pessoas que convinha e as avaliava cuidadosamente. Naquela ocasião, a maioria das pessoas em Roma procurava relações influentes; e a virtude principal de Cícero era não permitir que nada interferisse em suas conexões com gente importante.

Há muito Cícero descobrira a profunda diferença entre justiça e moralidade. Justiça era o instrumento dos fortes para ser usada quando lhes convinha; moralidade, como os deuses, era a ilusão dos fracos. A escravidão era justa; apenas os imbecis, na opinião de Cícero, argumentavam que era imoral. Viajando para o norte, ao longo da estrada, pôde apreciar o terrível sofrimento das intermináveis crucificações, mas não se deixou comover. Na ocasião, trabalhava — estava sempre escrevendo alguma coisa — numa curta monografia sobre a série de Guerras Servis que haviam abalado o mundo, e estava intensamente interessado nos vários tipos de escravos crucificados ao longo da Via Apia. Era capaz de se interessar, sem se deixar envolver, e podia estudar os vários tipos de gauleses, africanos, trácios e judeus e germanos e gregos que compunham a hoste dos crucificados, sem experimentar náusea ou piedade. Ocorreu-lhe que, naquela vasta paixão, havia o reflexo de uma nova e poderosa corrente

surgida no mundo — uma corrente com ramificações que se estenderiam por épocas vindouras; mas também lhe ocorreu que, naquela sua época, uma pessoa que pudesse observar, analisar e interpretar friamente esta nova manifestação de revolta serviria estaria numa posição de poder único. Cícero só sentia desprezo por aqueles que odiavam sem compreender as necessidades subjetivas do objeto de seu ódio.

Essas eram as qualidades que alguns viam e outros não, em Cícero. Quando Cláudia chegou a *Villa Solaria*, naquela noite, não notou essas qualidades. O tipo menos complexo de força era mais compreensível para Cláudia. Helena, ao contrário, as reconheceu e prestou-lhe homenagem. "Sou como tu" — diziam seus olhos a Cícero. "Devemos prosseguir?" E enquanto seu irmão esperava na cama a vinda de um grande general, ela encaminhou-se para o quarto de Cícero. Estava cheia de dignidade artificial de uma pessoa que despreza a si mesma e se reconforta com isso; mas por que haveria ela de se sentir inferior a esse homem que provinha de uma gananciosa família da classe média, não o podia compreender. Nunca admitiria, nem para si mesma, que, antes de terminada aquela noite, iria fazer uma série de coisas pelas quais mais tarde odiaria a si mesma.

Para Cícero, entretanto, ela era um tipo muito desejável de mulher. Seu corpo alto e desempenado, suas feições finas e retas e os intensos olhos escuros, exemplificavam para ele todas as qualidades inerentes ao sangue patricio. Era um objetivo a que sua gente aspirara durante gerações, mas que nunca conseguira obter. E encontrar em tal espécime as qualidades que levavam uma mulher ao quarto de um homem tão tarde da noite, por apenas uma e óbvia razão, era singularmente satisfatório.

Naquele tempo poucos eram os romanos que trabalhavam à noite. O desenvolvimento estranho e desigual dessa sociedade tinha um de seus pontos fracos na iluminação artificial, e as lâmpadas romanas eram ruins, vacilantes, forçavam a vista e, na melhor das hipóteses, produziam uma pálida luz amarela. Portanto, trabalhar de noite, especialmente numa noite depois de tanto vinho e comida, era uma prova específica de uma excentricidade admirável ou suspeita, dependendo de quem fosse a pessoa que trabalhava. No caso de Cícero, era admirável, pois tratava-se de um jovem gênio; e quando Helena penetrou em seu quarto o jovem gênio estava sentado de pernas cruzadas sobre a cama, um pergaminho desenrolado no colo, anotando e corrigindo. A situação poderia afigurar-se forçada para uma mulher mais experiente, mas Helena tinha apenas 23 anos e deixara-se impressionar. Um líder na paz e na guerra era ainda uma constante das antigas lendas, e havia os romanos de quem

se dizia que só dormiam duas ou três horas por noite, dando o resto de seu tempo à nação. Eram consagrados. Ela gostava da idéia de que um homem *consagrado* a tivesse fitado como Cícero a fitara.

Mesmo antes dela ter fechado a porta atrás de si, Cícero fez-lhe um sinal com a cabeça para que viesse se sentar na cama — uma questão de necessidade, pois não havia outro lugar confortável onde sentar, ali — e continuou seu trabalho. Ela fechou a porta e sentou-se na cama.

E agora? Uma das coisas que mais intrigavam Helena era o fato de que dois homens não se aproximavam de uma mulher da mesma forma. Mas Cícero nem sequer se aproximou dela, e depois de estar sentada por mais de um quarto de hora, ela perguntou:

— Que estás escrevendo?

Ele fitou-a interrogativamente. A pergunta era superficial, uma espécie de pretexto de conversa, mas Cícero queria falar. Como tantos homens de seu tipo, estava perpetuamente esperando a mulher que o compreendesse: isto é, a mulher que alimentasse suficientemente seu ego, e perguntou a Helena:

— Por que perguntas?

— Porque quero saber.

— Estou escrevendo uma monografia sobre as Guerras Servis — disse modestamente.

— Queres dizer, uma história delas?

Naquele tempo começava a ser moda homens da classe abastada e muitos dos novos aristocratas se ocuparem com a história antiga da República, a fim de que seus antepassados e os grandes acontecimentos pudessem ser devidamente coordenados.

— Não uma história — respondeu Cícero fitando a moça com o olhar firme e grave, atitude que adotara para dar uma impressão de honestidade e integridade, independentemente de seu processo íntimo de dissimulação. — Uma história exigiria uma cronologia. Estou mais interessado no fenômeno, no processo. Se alguém olhasse aquelas cruces, aqueles símbolos de castigo que se alinham na Via Apia, veria apenas os cadáveres de seis mil homens. Poderia concluir, então, que nós, romanos, somos um povo vingativo, e não basta dizer que somos um povo justo, invocando a necessidade de justiça. Precisamos explicar, até para nós mesmos, a lógica desta justiça. Temos que compreender. Não bastou ao ancião dizer *delenda est Carthago*.¹⁰ Isto é demagogia. Quanto a mim, gostaria de

¹⁰ Cartago deve ser destruída. Palavras com que Catão, o Velho, terminava

compreender por que Cartago tinha que ser destruída e por que seis mil escravos tinham que ser mortos de tal maneira.

— Dizem alguns que, se eles todos fossem postos no mercado ao mesmo tempo, arruinariam algumas fortunas bastante respeitáveis — sorriu Helena.

— Um pouco de verdade e muita inverdade — respondeu Cícero. — Quero ver além do superficial. Quero conhecer o significado da revolta dos escravos. A ilusão tornou-se um grande passatempo romano. Não gosto de me iludir. Falamos desta e daquela guerra, de grandes campanhas e de grandes generais, mas nenhum de nós quer ao menos sussurrar sobre a guerra constante de nossos tempos, que ultrapassa todas as outras, a Guerra Servil, a revolta dos escravos. Os próprios generais que nela combatem não gostam de tocar no assunto. Não há glória na Guerra Servil. Não há glória na conquista de escravos.

— Mas, certamente, a coisa não é tão importante.

— Não? E não te pareceram importantes as crucificações ao longo da Via Ápia?

— Foi bastante nauseante. Não gosto de olhar para essas coisas. Minha amiga Cláudia gosta.

— Em outras palavras, tem alguma importância.

— Mas todo mundo sabe a respeito de Espártaco e de sua guerra.

— Sabe mesmo? Não estou certo. Não estou certo nem de que Crasso saiba muito. No que se refere a nós, Espártaco é um mistério. Segundo informações oficiais, ele era um mercenário trácio e um salteador de estradas. Segundo Crasso, nasceu escravo e saiu das minas de ouro da Núbia. Em quem devemos acreditar? Baciato, o suíno que dirigia a escola de Cápua, está morto — degolado por um escravo grego que era seu contador — e do mesmo modo morreram ou desapareceram os outros contatos com Espártaco. E quem irá escrever sobre ele? Gente como eu?

— Por que não gente como tu? — perguntou Helena.

— Obrigado, minha cara. Mas nada sei sobre Espártaco. Apenas o odeio.

— Por quê? Meu irmão também o odeia.

— E tu, não o odeias?

— Nada sinto de especial a respeito — disse Helena. — Era apenas um escravo.

— Seria? E como chega um escravo ao que Espártaco chegou? Este é o mistério que tenho de resolver. Descobrir onde

seus discursos. (N. do E.)

isto começou e por que começou. Mas, não te causo tédio?

Havia em Cícero um ar de sinceridade que enganava as pessoas e que, anos mais tarde, as fariam defendê-lo contra todas as acusações.

— Por favor, continua falando — disse Helena. Os jovens que conhecia em Roma e que eram da idade de Cícero falavam sobre os últimos perfumes, o gladiador em quem tinham apostado, no cavalo de sua predileção, ou na sua última amante ou concubina. — Por favor continua.

— Não confio inteiramente na retórica — disse Cícero. — Gosto de escrever as coisas e depois deixá-las encaixarem-se em seus lugares. Receio que a maioria das pessoas pensem como tu, que a revolta dos escravos não é de grande conseqüência. Mas as nossas vidas se relacionam com escravos e a revolta dos escravos é responsável por mais guerras do que todas as nossas conquistas. Podes acreditar numa coisa dessas?

Ela abanou a cabeça.

— Posso prová-lo. Começou há uns cento e vinte anos, com a revolta dos escravos cartagineses que cativáramos. Depois, duas gerações mais tarde, a grande revolta dos escravos nas minas de Láurio, na Grécia. A seguir, a poderosa revolta dos mineiros na Espanha. Poucos anos mais tarde, a revolta dos escravos sicilianos que abalou a República até os alicerces. Vinte anos depois, a guerra servil dirigida pelo escravo Sálvio. Estas são, apenas, as grandes guerras, mas entremeadas de mil revoltas menores — e em todo o seu conjunto é uma guerra só, uma contínua, interminável guerra entre nós e nossos escravos, uma guerra silenciosa, vergonhosa, de que ninguém fala e que os historiadores se negam a relatar. Temos medo de relatá-la, medo de encará-la; porque é algo de novo sobre a terra. Existiram guerras entre nações, cidades, partidos, e até guerras entre irmãos... mas este é um novo monstro dentro de nós, nas nossas entranhas e contra todos os Partidos, todas as nações, todas as cidades.

— Tu me assustas — disse Helena. — Percebes o quadro que estás descrevendo?

Cícero assentiu e a fitou inquisitivamente. Num impulso ela tocou-lhe as mãos e sentiu uma sensação de calor e entusiasmo para com ele. Era um homem pouco mais velho que ela e, no entanto, profundamente preocupado com questões relativas ao destino e futuro da nação. Relembra-lhe as histórias que ouvira em outros tempos, vagas histórias de sua infância. Cícero pôs de lado o manuscrito e começou a afagá-la com brandura, e, depois, inclinou-se e beijou-a. Vividamente agora vieram à memória de Helena os símbolos de castigo, a carne podre,

bicada pelos pássaros, enegrecida pelo sol, dos homens crucificados na Via Apia; apenas, agora não era mais horrível; Cícero fizera daquilo tudo uma racionalização, embora de forma alguma pudesse relembrar o sentido de seu raciocínio.

"Somos uma gente estranha, com grande capacidade de amor e de justiça" — pensou Cícero. Acariciando Helena, sentiu que, finalmente, ali estava uma mulher que o compreendia. Entretanto, isso não abrandava o senso de conquista que ela lhe transmitia. Muito pelo contrário, sentia-se cheio de poder, a extensão do poder — e era esse mesmo poder, para dizer a verdade, que compreendia a lógica do que ele escrevia. Num momento de mística revelação, sentiu o poder de seu membro unido ao poder que esmagara Espártaco, e o haveria de esmagar sempre. Fitando-o, Helena subitamente percebeu, e com horror, o ódio e a crueldade no rosto do amante. Como de costume, submeteu-se com medo e desprezo de si mesma.

II

De puro cansaço e agitação emotiva, Helena finalmente adormeceu, e o pesadelo do despertar, que sempre marcava suas relações com um homem, transformou-se num sonho estranho e perturbador. O sonho combinava realidade e irrealidade de uma forma que tornava difícil separá-las. Em seu sonho, ela relembrava a ocasião, nas ruas de Roma, em que seu irmão, Caio, lhe apontara Léntulo Baciato, o *lanista*. Isto fora há apenas sete meses, e poucos dias antes de Baciato ter sido degolado pelo seu contador grego — ao que se dizia — por causa de uma mulher que o grego comprara com dinheiro roubado do *lanista*. Por causa de seu contato com Espártaco, Baciato adquirira uma certa reputação. Nessa ocasião, estava em Roma para se defender de um processo movido contra ele: ruína uma casa sua e as famílias, sobreviventes de seis inquilinos mortos, o estavam processando.

Em seu sonho ela o via, nítida e normalmente, um enorme e bamboleante produto de muita comida e muita dissipação, que se recusava a alugar uma liteira e preferia caminhar pelas ruas embrulhado numa imensa toga, cuspidando e escarrando constantemente e empurrando com uma bengala os moleques que lhe pediam esmolas. Na tarde daquele mesmo dia, ela e Caio tinham ido ao Foro e, por acaso, assistido ao julgamento de Baciato. Isto, no sonho, era igual ao que acontecera na realidade. O julgamento estava se processando ao ar livre. Havia muitos espectadores, desocupados, mulheres sem nada que fazer, rapazes da sociedade, crianças, gente de outras terras que

não queriam deixar a grande *urbs* sem testemunhar a famosa justiça romana, escravos levando ou trazendo mensagens — na verdade, parecia um milagre que o menor sentido de razão e muito menos de justiça pudesse advir daquela balbúrdia; mas era assim que atuavam as cortes, semana após semana. Baciato era interrogado, e respondia às perguntas com bramidos de touro, e tudo se passava como acontecera realmente. Mas então, como ocorre nos sonhos, encontrou-se, sem explicação alguma, de pé, no dormitório do *lanista*, vendo o contador grego aproximar-se com o punhal desembainhado. O punhal era a *sica* curva com que os trácios lutam na arena, e o chão do quarto era também recoberto de areia, como uma arena. O grego esgueirava-se pela areia com a agilidade de um trácio e o *lanista*, sentado na cama, observava-o com horror. Mas não se ouvia uma só palavra ou som. Depois, junto ao grego surgiu uma figura gigantesca, um enorme homem bronzado, trajando uma armadura completa, e Helena soube imediatamente que era Espártaco. Sua mão fechou-se sobre o pulso do contador, apertando-o ligeiramente, e o punhal caiu na areia. Então o belo gigante que era Espártaco fez um sinal a Helena, e ela apanhou o punhal e cortou o pescoço do *lanista*. O grego e o *lanista* desapareceram e ela ficou, então, só com o gladiador; mas, quando abriu os braços para ele, Espártaco cuspiu-lhe no rosto e, virando-se, saiu do quarto. Ela correu atrás dele, soluçando e implorando-lhe que a esperasse, mas o gladiador desapareceu e Helena viu-se só, num espaço infinito de areia.

III

Foi uma morte feia e barata a de Baciato, o *lanista* — assassinado por seu próprio escravo; e talvez tivesse evitado isso e muitas outras coisas se, depois da abortada a exibição dos dois pares, tivesse morto os dois gladiadores sobreviventes. Se houvesse feito isto, estaria simplesmente usando de seus direitos: era uma prática aceita matar gladiadores que se insubordinavam. É pouco provável, entretanto, que a morte de Espártaco trouxesse grandes modificações à história de Roma. As forças que o impulsionavam teriam, somente, exercido sua influência sobre outro. Exatamente como o sonho de Helena, a jovem romana, dormindo seu sonho cheio de culpas em *Villa Solaria*, tanto tempo depois, não se referia especificamente a ele, mas ao escravo que empunha a espada, os próprios sonhos de Espártaco eram menos uma coisa sua do que as recordações sangrentas e esperanças partilhadas por tantos de sua profissão, os gladiadores, os homens da espada. Esta poderia ser a resposta

àqueles que não compreendiam como pudera ser urdida a revolta de Espártaco. Não fora urdida por um, mas por muitas.

Varínia, sua esposa, estava sentada ao seu lado enquanto ele dormia, incapaz ela própria de adormecer com os gemidos e as palavras agitadas que ele pronunciava. Espártaco falava de muitas coisas. As vezes era uma criança, às vezes estava nas minas de ouro ou, então, na arena. De repente a *sica* lhe rasgava a pele e ele berrava de dor.

Quando isso aconteceu, ela o acordou, pois era-lhe impossível suportar por mais tempo aquele pesadelo. Acordou-o e o acariciou ternamente, passando-lhe a mão pela testa, beijando sua pele úmida. Quando Varínia era menina, vira o que acontecia com os homens e mulheres de sua tribo que se apaixonavam um pelo outro. Era o triunfo sobre o medo; mesmo os demônios e os espíritos das grandes florestas onde seu povo vivia sabiam que os que se amavam tornavam-se invulneráveis ao medo, e isto podia se ver nos seus olhos, na maneira pela qual caminhavam com os dedos entrelaçados. Mas, depois de feita cativa, esqueceram as recordações e o instinto essencial de sua existência se convertera em ódio.

Agora todo o seu ser, a vida dentro dela, seu ser e sua existência, seu viver e seu agir, a torrente de seu sangue e o bater de seu coração se fundiam no amor àquele escravo trácio. Sabia, agora, que a experiência dos homens e mulheres de sua tribo era bem autêntica e antiga e expressiva. Nada mais temia no mundo. Acreditava em magia, e a magia de seu amor era real e evidente. Ao mesmo tempo, compreendia que seu homem era fácil de ser amado. Era um desses raros seres humanos talhados num só bloco. A primeira coisa que se via em Espártaco era sua integridade. Ele era uma entidade à parte. Satisfazia-se, não pelo local em que estava, mas porque era um ser humano. Mesmo nesse ninho de desesperados e de condenados — nessa escola em que aprendiam a matar, criminosos, desertores do exército, almas perdidas e mineiros que as minas não tinham conseguido destruir, Espártaco era amado, honrado e respeitado. Mas o amor de Varínia era já outra coisa. Ela acreditava que o desejo de seu corpo estava morto para sempre, mas lhe bastava tocá-lo para que o desejo voltasse. Tudo nele era da maneira especial que devia ser um homem, se ela fosse escultora e tivesse que o modelar. O nariz quebrado, os grandes olhos castanhos e os lábios polpudos e sensíveis eram totalmente diferentes das faces dos homens que conhecera na infância, mas não podia conceber ter ou amar um homem que não fosse como Espártaco.

Por que era ele assim, não saberia dizê-lo. Varínia participara suficientemente da vida culta e requintada da aristocracia romana para saber o que eram os seus homens, mas não podia compreender como um escravo pudesse ser como Espártaco. Suas mãos agora o acalmavam e ela perguntou-lhe:

— Com que estavas sonhando?

Ele sacudiu a cabeça.

— Abraça-me e não terás mais estes sonhos.

— Já pensaste alguma vez que podemos ficar separados? — perguntou ele puxando-a para si.

— Sim.

— E que farás então, minha querida?

— Morrerei — respondeu ela simples e diretamente.

— Quero conversar contigo sobre isto — disse ele, agora já de todo acordado.

— Por que haveríamos de conversar ou pensar nisto?

— Porque se me amasses bastante não desejadas morrer se eu desaparecesse ou me afastassem de ti.

— É isto o que pensas?

— Sim.

— E se eu morresse, tu não desejarias morrer?

— Eu quereria viver.

— Por quê?

— Porque não há nada sem vida.

— Não há vida sem ti — disse ela.

— Quero que me faças uma promessa e que a cumpras.

— Se eu fizer uma promessa não deixarei de cumpri-la. Ou então não a farei.

— Quero que me prometas que não te matarás. Durante alguns instantes ela não respondeu.

— Prometes?

— Sim, prometo — disse Varínia finalmente.

E então ele adormeceu, calmo e sossegado, abraçado a ela.

IV

Os tambores da alvorada os acordaram. Eram quarenta minutos de exercício na paliçada antes da refeição matinal. Cada homem, ao despertar, recebia um copo de água fria. Abriam-lhe a porta da cela e, se tinha uma mulher, esta tinha permissão de limpar a cela antes de ir para o trabalho junto à criadagem da escola. Não havia desperdício na instituição de Lêntulo Baciato.

As mulheres dos gladiadores esfregavam, limpavam e cozinham e tratavam da horta e trabalhavam nas termas e cuidavam das cabras, e com essas mulheres Baciato era tão duro como qualquer latifundiário, usando abundantemente o chicote, e alimentando-as com mingaus baratos. Mas por Varínia e Espártaco sentia um estranho medo; embora fosse incapaz de dizer o que neles havia de temível ou por que os temia.

Naquela manhã inesquecível, entretanto, havia um tom de impaciência e de ódio na escola, no soar dos tambores da alvorada, na maneira pela qual os treinadores retiraram os homens das celas e os conduziram à paliçada, alinhando-os com o rosto voltado para a grade de ferro onde o africano fora crucificado, já depois de morto; e as mulheres foram chicoteadas com o mesmo ódio nervoso. Varínia não inspirava medo nessa manhã e o chicote não a poupou mais do que às outras. Pelo contrário, parecia ter sido destacada pelo feitor com comentários especiais sobre a marafona do grande lutador. Foi levada para trabalhar na cozinha.

Era a raiva de Baciato que contagiava o ambiente, uma raiva profunda e trêmula vinda do que mais facilmente despertava a ira do *lanista*: uma perda financeira. Braco só pagara a metade do preço combinado e, embora Baciato se dispusesse a processá-lo, sabia quais eram as suas possibilidades de ganhar um processo contra uma proeminente família romana num tribunal romano. Os resultados de sua cólera se faziam sentir por toda parte. Na cozinha, o cozinheiro praguejava contra as mulheres e as espancava com a longa vara de madeira que lhe dava autoridade. Os treinadores, fustigados pelo seu patrão, fustigavam os gladiadores, e o preto morto, esticado em frente à grade da paliçada, fora posto ali para intimidar os gladiadores durante o seu exercício da manhã.

Espártaco tomou o seu lugar com Ganico de um lado e um gaulês chamado Crixo do outro. Formaram duas fileiras em frente ao edifício das celas, e os treinadores que os vigiavam esta manhã, estavam fortemente armados, especialmente com punhal e espada. Os portões da paliçada estavam abertos, e quatro esquadrões de tropas regulares, quarenta homens, ali estavam de prontidão com os grandes dardos de madeira prontos a serem lançados. O sol matutino inundou a areia amarela e tocou os homens com seu calor, mas não havia calor em Espártaco e quando Ganico lhe perguntou baixinho se sabia o que significava aquilo tudo, ele abanou a cabeça em silêncio.

— Lutaste? — perguntou o gaulês.

— Não.

— Mas o preto não matou a nenhum deles, e já que ia morrer, poderia tê-lo feito melhor.

— Morrerás melhor do que ele? — perguntou Espártaco.

— Morrerá como um cão e tu também — disse Crixo, o gaulês. — Ele morrerá na areia com a barriga aberta, e tu também.

Foi então que Espártaco começou a compreender o que devia fazer; ou antes, a compreensão nele se solidificou em realidade. A realidade apenas começava; a realidade, para ele, nunca seria mais do que um começo, o final estirando a sua infinidade num futuro ainda por nascer; mas a realidade estava ligada a tudo o que lhe tinha acontecido, aos homens ao seu redor e a tudo o que ia acontecer agora. Fitou o corpo do negro, fustigado pelo sol, a pele e a carne rasgadas onde os *pila* haviam penetrado, o sangue coagulado e seco, a cabeça pendurada entre os ombros largos.

"Que desprezo pela vida têm esses romanos" — pensou Espártaco. "Com que facilidade matam, e que volúpia sentem com a morte! E por que não, se todo o processo de sua vida está baseado no sangue e nos ossos dos de sua própria espécie?"

A crucificação exercia sobre eles uma fascinação especial. Viera de Cartago, onde os cartagineses a haviam adotado como a única morte própria para um escravo; mas, tocada pelos dedos romanos, a crucificação tornara-se uma paixão.

Baciato entrara na paliçada e Espártaco, mal movendo os lábios, perguntou ao gaulês ao seu lado:

— E como morrerás?

— Como tu, trácio.

— Ele era meu amigo — disse Espártaco, referindo-se ao negro morto — e me amava.

— Esta é a tua maldição.

Baciato foi se postar em frente à longa fila de gladiadores e os soldados se agruparam em torno dele.

— Eu vos alimento com os melhores assados, galinhas e peixe fresco — disse Baciato. — Comeis até estufar a barriga. Proporciono-vos banhos e massagens. Fui buscar-vos nas minas e nas prisões e aqui viveis como reis, na indolência e na fartura. Nada era tão baixo como vós antes de virdes para cá, mas agora viveis em conforto e tendes do melhor.

— És meu amigo? — murmurou Espártaco, e o gaulês respondeu, mal descerrando os lábios:

— Gladiador, não faças amizade com gladiador.

— Chamo-te amigo — disse Espártaco.

Mas agora Baciato falava:

— No coração negro desse negro cão não havia reconhecimento. Quantos de vós são como ele?

Os gladiadores mantiveram-se em silêncio.

— Apanhai um preto! — disse Baciato aos treinadores, e estes dirigiram-se para o lugar onde estavam os africanos e arrastaram um para o centro da paliçada. A cena fora preparada de antemão. Os tambores começaram a rufar e dois soldados, destacando-se dos outros, ergueram suas pesadas lanças. Caiu de bruços sobre a areia com as lanças formando um curioso ângulo. Baciato virou-se para o oficial a seu lado e disse:

— Agora não haverá mais perturbações. Os cães não ousarão mais rosnar.

— Chamo-te amigo — disse Ganico a Espártaco, e o gaulês do outro lado nada disse, limitando-se a respirar pesadamente.

E começou o exercício da manhã.

V

Mais tarde, na Comissão de Inquérito do Senado, Baciato declarou, com uma boa dose de verdade, que não somente ignorava que uma conjuração estava sendo tramada, mas que não acreditava ter isto sido possível. Para apoiar esta sua teoria, fez notar que sempre mantinha dois espiões a seu soldo, sob promessa de libertação. De vez em quando esses dois eram emparelhados numa luta. Um era libertado, o outro voltava com leves sinais de combate, e então um novo delator era recrutado para completar o par; Baciato insistia em que uma conspiração não poderia ser tramada sem o seu conhecimento.

Assim, como sempre, cada vez que havia uma revolta entre os escravos, não havia como localizá-la, como descobrir suas raízes contínuas que, como as raízes dos morangos, eram contínuas e indivisíveis, embora só a planta em flor fosse visível. Quer se tratasse de uma revolta em grande escala na Sicília, ou de uma tentativa abortada numa plantação, que terminava com a crucificação de uma centena de míseras criaturas, falhava sempre a tentativa do Senado de arrancar-lhe as raízes. Mas era preciso arrancá-las. Os homens haviam criado ali um esplendor de vida e luxo e abundância nunca antes conhecidos no mundo; a guerra de nações terminara na Paz Romana; a divisão das nações terminava nas estradas romanas. E neste poderoso centro urbano do mundo, a nenhum homem

faltava alimento e prazer. Era assim que devia ser, como todos e cada um dos deuses o tinham planejado, mas, com o desabrochar do organismo, surgira essa enfermidade que não podia ser extirpada.

— Não havia indícios de conspiração, descontentamento? — perguntara o Senado a Baciato.

— Não havia nada — insistira ele.

— E quando executastes o africano, o que consideramos plenamente justificado, não houve protestos?

— Nenhum.

— Estamos especialmente interessados em saber se nesse caso houve ajuda externa, provocação estrangeira de qualquer tipo.

— Impossível — afirmara Baciato.

— E não houve auxílio de fora ou fundos fornecidos ao triunvirato de Espártaco, Ganico e Crixo?

— Posso jurar por todos os deuses que não.

VI

Isto, no entanto, não era inteiramente verdadeiro. Nenhum homem é só. Fazia parte da incrível força de Espártaco nunca se ver sozinho, e nunca fechar-se em si mesmo. Pouco antes da fracassada luta dos dois pares, contratados pelo jovem milionário romano Mário Braco, dera-se um levante de escravos em três grandes plantações da Sicília. Novecentos escravos haviam tomado parte na revolta. Quase todos tinham sido mortos. Foi só no final da carnificina que os proprietários compreenderam quanto dinheiro estavam desperdiçando. Assim, quase uma centena de sobreviventes foi vendida por uma ninharia para as galeras, e fora numa galera que um dos agentes de Baciato vira o espadaúdo gaulês de cabelos vermelhos, cujo nome era Crixo. Como os escravos de galeras eram considerados incorrigíveis, o preço fora baixo, e pequenos os subornos para efetuar-se a transação, e como os mercadores de escravos, que controlavam as docas navais em Ostia, não queriam complicações, nada disseram sobre a origem de Crixo.

Assim sendo, Espártaco não estava nem só nem desligado dos muitos fios que formavam aquela trama. Crixo dormia na cela ao lado da sua. Muitas noites, estirado no chão, a cabeça junto à porta, Espártaco ouvia de Crixo a história das intermináveis lutas dos escravos sicilianos, que tinham começado mais de meio século antes. Ele, Espártaco, era um escravo nascido de escravos, mas entre os de sua classe havia heróis lendários, tão

esplêndidos como Aquiles e Heitor e Odisseu, o sábio, e ainda mais altivos, embora sobre eles não se fizessem canções, nem os transformassem em deuses para que os homens lhes rendessem culto. O que estava certo, pois os deuses eram como os romanos ricos: não se preocupavam com a vida dos escravos. Estes, menos do que homens, escravos, escravos nus, mais baratos no mercado do que jumentos que eram atrelados para arrastar arados nos campos dos *latifúndio*. Mas que gigantes eram! Euno, que libertou todos os escravos da ilha e que esmagou três exércitos romanos antes que o derrotassem; Atenion, o grego; Sálvio, o trácio; b germano Undart e o estranho judeu Ben Joash, que escapara de Cartago num navio e se havia unido a Atenion com toda a tripulação.

Ouvindo, Espártaco sentia o coração encher-se de orgulho e alegria, é um grande e límpido senso de fraternidade e comunhão o unia a esses heróis mortos. Seu coração transbordava de afeição por aqueles seus companheiros; conhecia-os bem; sabia o que haviam sentido e sonhado e pelo que ansiavam. Raça, cidade ou Estado, não tinham significado algum. Seu cativo era universal. Apesar do penoso esplendor de suas revoltas, sempre fracassavam; sempre eram os romanos que os pregavam na cruz, a árvore nova e o novo fruto, para que todos pudessem ver a recompensa para um escravo que não queria ser escravo.

— No final, sempre acontecia o mesmo — dissera Crixo...

Quanto mais se tornava um gladiador, menos Crixo falava do passado. Nem o passado nem o futuro podem ajudar um gladiador. Para ele, só existe o agora. Crixo construiu uma muralha de ceticismo a sua volta, e só Espártaco ousava tocar a amarga concha em que se fechava o gigante gaulês. Um dia Crixo lhe dissera:

— Fazes muitos amigos, Espártaco. É duro matar um amigo. Deixa-me só.

Nessa manhã, depois do exercício, eles se agruparam por alguns momentos na paliçada, antes de se encaminhar para a refeição matinal. Encalorados e suarentos, em pé ou acorados em pequenos grupos, os gladiadores falavam, a voz abafada pela presença dos dois africanos que agora pendiam crucificados na grade. Havia uma nova poça de sangue sob o que fora selecionado como um símbolo de castigo e os pássaros sanguinários bicavam e engoliam a mancha adocicada. Os gladiadores estavam sombrios e tensos. Sentiam que era apenas o começo. Baciato agora os poria a lutar o mais breve que, pudesse. Era má a ocasião.

Os soldados haviam ido comer num pequeno bosque, do outro lado do riacho que marginava a escola, e Espártaco, de dentro da paliçada, podia vê-los espalhados, sob as árvores, os elmos e as armas empilhados pelo chão. Em nenhum momento desviava os olhos.

— Que vês? — perguntou Ganico. Há muito que eram companheiros de escravidão, juntos nas minas, juntos em criança.

— Não sei.

— Que vês, Espártaco? — perguntou também Crixo, sombrio, contendo a custo a violência que lhe ia no íntimo.

— Não sei.

— Mas sabes tudo, e é por isso que os trácios te chamam de pai.

— A quem odeias, Crixo?

— O negro também te chamava de pai, Espártaco? Por que não lutaste com ele? Lutarás comigo quando chegar nossa vez?

— Nunca mais lutarei contra gladiadores — disse Espártaco calmo. — Isto eu sei. Não o sabia há pouco, mas agora sei.

Uma meia dúzia deles ouvira suas palavras e foram se chegando para ele. Espártaco agora não mais olhava os soldados e sim os gladiadores. Fitava-os no rosto, um por um. A meia dúzia se transformou em oito, dez, doze, e ele continuava sem nada dizer; mas a expressão sombria dos outros desapareceu para dar lugar a uma expectativa ansiosa. Ele os fitou nos olhos.

— Que faremos, pai? — perguntou Ganico.

— Saberemos o que fazer quando chegar o momento. Agora, dispersai-vos.

Então o tempo se desdobrou, e milhares de anos se acumularam sobre o escravo trácio. Tudo o que não acontecera em mil anos, aconteceria nas próximas horas. Agora, novamente, no momento, eram escravos — os refugos, os carneiros da escravidão.

Encaminharam-se para os portões da paliçada e depois marcharam para o refeitório.

Nesse momento, cruzaram com Baciato em sua enorme liteira, conduzida por oito escravos, e tendo ao lado o magro contador, ambos a caminho do mercado de Cápua para comprar provisões. Ao passarem as fileiras dos gladiadores, Baciato notou com que precisão e disciplina marchavam, e pensou que valera a pena sacrificar um africano, apesar da despesa.

E assim Baciato vivia e vivia seu contador, para mais tarde degolar o amo.

VII

O que aconteceu no refeitório nunca se saberá ao certo; pois não havia historiadores para relatar as aventuras dos escravos, nem suas vidas eram consideradas dignas de relatos; e quando um escravo fazia parte da história, esta era relatada por alguém que possuía, temia e odiava os escravos. Mas Varínia, trabalhando na cozinha, viu com seus próprios olhos, e muito tempo depois narrou tudo a outro — como verão os leitores depois — e mesmo que o possante som desses acontecimentos vá amortecendo, até chegar ao sussurro, nunca se perderá de todo. A cozinha ficava numa extremidade do refeitório. As portas que lhe davam acesso estavam na outra ponta.

O refeitório tinha sido uma improvisação de Baciato. Muitas construções romanas eram edificadas num formato tradicional, mas o treinamento de gladiadores em grande escala era um produto dessa geração, como o era a loucura pelas lutas de pares, e ensinar e controlar tantos gladiadores constituía um problema novo. Baciato aproveitou uma velha parede de pedra e acrescentou-lhe três lados. Depois cobriram-nos com um telheiro à moda antiga, aberto no centro, sendo o interior pavimentado numa vala central, para escoar a água da chuva. Esse método de construção era comum um século antes, mas no clima ameno de Cápua era suficiente, se bem que no inverno fosse frio e freqüentemente úmido. Os gladiadores comiam sentados no chão, sob o telhado. Os treinadores passeavam no pátio aberto do centro, de onde podiam vigiá-los melhor. A cozinha, que consistia de um comprido forno de tijolo e ladrilho e de uma enorme mesa de trabalho, ficava numa ponta do quadrângulo; na outra extremidade uma pesada porta de madeira era fechada quando os gladiadores entravam.

E foi assim que aconteceu nesse dia, conforme a rotina, e os gladiadores, depois de tomarem seus lugares, foram servidos pelos escravos da cozinha, em sua maioria mulheres. Vigiávamos, do pátio central, quatro treinadores armados de punhais e chicotes de couro trançado. A porta foi devidamente fechada por fora, por dois soldados destacados do pelotão para esta tarefa. O resto dos soldados comia sua refeição matinal no agradável bosque, a umas cem jardas dali.

Tudo isto Espártaco viu e notou. Comia pouco. Sentia a boca seca e o coração palpitando-lhe no peito. Nada de grande estava acontecendo, e o futuro não lhe oferecia mais perspectivas do que a qualquer outro. Mas alguns homens chegam a um ponto em que dizem para si mesmos: "Se eu não fizer isto ou aquilo,

não há necessidade nem razão para continuar vivendo." E quando muitos homens chegam a este ponto, o mundo se abala. Iria abalar-se antes de terminado aquele dia, antes de aquela manhã se transformar em tarde e crepúsculo; mas Espártaco ainda não o sabia. Apenas sabia do próximo passo, que era o de falar aos gladiadores. Ao falar com Crixo, o gaulês, avistou sua mulher, Varínia, observando-o de junto ao forno. Outros gladiadores também o observavam. O judeu, David, lia o movimento de seus lábios. Ganico e um africano chamado Praxo inclinaram-se para ouvi-lo.

— Quero ficar de pé e falar — disse Espártaco. — Quero abrir-lhes meu coração. Mas quando eu falar não haverá mais recuo possível e os treinadores tentarão me fazer calar.

— Não o farão — disse Crixo, o gigantesco gaulês ruivo.

A tensão se fazia sentir por todos os recantos do quadrângulo. Dois treinadores viraram-se para Espártaco e o grupo de homens agachados em seu redor, fizeram estalar os chicotes e desembainharam os punhais.

— Fala agora! — gritou Ganico.

— Somos por acaso cães, para que levantem os chicotes contra nós? — disse o africano.

Espártaco pôs-se de pé e dezenas de gladiadores se levantaram com ele. Os treinadores lutaram com os chicotes e punhais mas os gladiadores se lançaram contra eles e os mataram em poucos instantes. As mulheres mataram o cozinheiro. Tudo foi feito com pouco ruído, e, então, Espártaco deu sua primeira ordem, branda, calma, pausada, dizendo a Crixo, a Ganico, a David e a Praxo:

— Guardai a porta para que eu possa falar.

Houve um instante de indecisão, mas, depois, obedeceram e quando mais tarde ele os chefiou, seguiam a tudo quanto ele dizia. Amavam-no. Crixo sabia que iriam morrer, mas não se importava, e o judeu David, que há tanto tempo nada sentia, experimentou uma onda de calor e de amor pelo estranho, brando e feio trácio, com seu nariz quebrado e rosto de carneiro.

VIII

— Aproximai-vos de mim — disse ele.

Tudo fora feito tão rapidamente que os soldados estacionados fora não tinham dado sinal algum. Os gladiadores e os escravos da cozinha — trinta mulheres e dois homens — agruparam-se em torno dele e Varínia fitou-o com temor e esperança. Abriram alas para ela, e Espártaco passou-lhe o braço por sobre o ombro e a apertou de encontro ao peito, pensando:

"Agora sou livre. Nunca houve um momento de liberdade para meu pai ou meu avô, mas, neste momento, sou um homem livre."

Era algo para deixá-lo embriagado e sentiu como se o vinho lhe estivesse correndo nas veias. Mas, ao mesmo tempo, havia o medo. Não é fácil ser livre; não é pouca coisa ser livre quando se foi escravo por tanto tempo, por todo o tempo em que se viveu, por todo o tempo em que viveu o pai. Havia também em Espártaco o terror de um homem que tomou uma decisão inalterável e sabe que qualquer passo que der no caminho que toma, a morte o aguarda. E, por fim, uma grande dúvida de si mesmo, pois esses homens, cujo ofício era matar, tinham matado seus amos e agora se sentiam cheios da terrível dúvida que se apodera do escravo que se virou contra o senhor. Todos tinham os olhos fitos nele. Para eles era o afável mineiro trácio quem sabia o que havia em seus corações e deles se havia aproximado, e como tudo era superstição e ignorância, como na maioria das pessoas daquele tempo, pensavam que um deus — um estranho deus com um pouco de piedade em seu coração — o havia tocado. Dali em diante ele teria que traçar o futuro e lê-lo como um homem lê um livro e encaminhar os companheiros para esse futuro; e não havendo caminhos, abri-los para eles. Tudo isso leu-lhes nos olhos.

— Sois minha gente? — perguntou-lhes logo que se acercaram dele. — Nunca mais serei um gladiador. Prefiro morrer. Sois minha gente?

Os olhos de alguns se encheram de lágrimas, e aproximaram-se ainda mais. Alguns estavam mais assustados, outros menos, mas a todos Espártaco transmitiu um pouco de glória.

— Agora temos de ser companheiros — disse ele — e todos juntos, como uma só pessoa. Antigamente, meu povo, segundo me contaram, quando ia lutar, o fazia por vontade própria, não como vão os romanos, e, quando alguém não queria lutar, podia afastar-se e ninguém o censurava.

— O que faremos nós? — perguntou alguém.

— Vamos sair e lutar, e lutaremos bem, pois somos os melhores lutadores do mundo. — De súbito, sua voz ecoou violenta e o contraste entre a atitude branda de antes a todos traspassou; sua voz era selvagem e alta, e não podia deixar de ser ouvida lá fora, pelos soldados.

— Faremos uma tal luta de pares que, por todos os tempos, Roma nunca mais esquecerá os gladiadores de Cápua!

Há certos momentos em que os homens têm de fazer o que devem e Varínia sabia disso: sentia-se orgulhosa com uma espécie de felicidade que jamais conhecera; orgulhosa e cheia de uma estranha alegria, pois tinha um homem que era como

nenhum outro no mundo. Ela conhecia Espártaco; mais tarde o mundo todo o conheceria, mas nunca como ela. Sabia, de algum modo, que isso era apenas o começo de algo imenso e interminável, e o seu homem era bom e puro e não existia outro como ele.

IX

— Primeiro os soldados — disse Espártaco.

— Somos cinco contra um e é possível que fujam.

— Não fugirão — respondeu irritado. — Deveis saber isto sobre os soldados: eles não vão fugir. Ou nos matam ou os matamos, e, se os matarmos, outros virão. Os soldados de Roma não acabam nunca. Mas, também, não acabam nunca os escravos!

Prepararam-se então com rapidez. Apanharam os punhais dos treinadores mortos e da cozinha, tudo o que pudesse servir de arma, as facas e machadinhas e espetos e pilões, sobretudo os pilões que serviam para moer o grão com que faziam os mingaus; apanharam também a lenha e, quando nada mais havia, um deles se armou de um osso, e as tampas das panelas usaram como escudo. De uma forma ou de outra estavam armados e, então, com as mulheres atrás, escancararam as portas do refeitório e saíram para a luta.

Haviam atuado com rapidez, mas não o suficiente para surpreender os soldados. Os dois que estavam de guarda haviam dado o alarme, e tiveram tempo para colocar as armaduras e formar quatro manipulos de dez. Achavam-se agora na outra margem do riacho, quarenta soldados, dois oficiais e uma dúzia de treinadores armados, como os soldados, de espada, escudo e lança. Assim, cinqüenta e quatro homens armados enfrentavam os duzentos gladiadores nus e quase sem armas. Era uma proporção desigual, mas a vantagem estava do lado dos soldados, que eram guerreiros romanos, aos quais nada no mundo podia resistir. Ergueram as lanças e avançaram numa fileira dupla, um manipulo após outro. As ordens dos oficiais ecoavam altas e claras no ar da manhã e avançaram como uma vassoura que varre do caminho a imundície. Suas altas botas chapinharam a água do riacho. As flores selvagens das margens se esmagavam sob seus pés e, de todos os lados, os escravos restantes vieram correndo e se reuniram em grupos, para ver a coisa incrível que estava acontecendo. Os terríveis *pila* empunhados para trás, faziam brilhar ao sol suas pontas de ferro polido e, por tudo o que o poderio romano significava — mesmo a modesta ramificação do poderio romano que representavam os quatro manipulos — os escravos deveriam

ter-se dispersado numa fuga desabalada. Mas, nesse momento, era precário o poderio romano e Espártaco tornara-se comandante. Não há uma definição clara para um homem que lidera outros homens. A liderança é rara e intangível, sobretudo quando não se apóia em força e glória. Qualquer homem pode dar ordens, mas dá-las de maneira a que outros obedeam é uma qualidade, e esta qualidade Espártaco possuía. Ordenou aos gladiadores que se dispersassem e eles obedeceram. Ordenou-lhes que fizessem um largo círculo em torno dos manípulos, e foi o que fizeram. Agora os quatro manípulos atacantes diminuíram a marcha, tomados de indecisão. Pararam. Não havia soldado que pudesse igualar o passo dos gladiadores, para quem a vida era a velocidade, a velocidade era a vida. Além do que, agora as tangas de couro, os gladiadores estavam nus, enquanto os soldados romanos de infantaria suportavam o grande peso da espada, lança, escudo, elmo e armadura. Os gladiadores, correndo, formaram um círculo de uns cento e cinqüenta metros de diâmetro, no centro do qual estavam os manípulos, virando-se de um lado para outro, empunhando os *pila*, que de nada adiantavam num raio de mais de trinta ou quarenta metros. A lança romana podia ser arrojada apenas uma vez; a ela tinha que se seguir imediatamente o ataque. Mas, em que atirar ali?

Nesse momento, com surpreendente clareza, Espártaco viu a tática a adotar, não só nessa ocasião como em todas as ocasiões futuras. Pela sua memória passou rápida e vivamente a lógica de todas as narrativas sobre exércitos que se tinham lançado contra aquelas pontas de ferro de Roma, para serem esmagados sob o imenso peso da lança romana e, depois, serem cortados em pedaços pela curta e afiada lâmina da espada romana. Mas ali estavam a disciplina de Roma e o poderio de Roma impotentes dentro de um círculo de gladiadores nus, que os amaldiçoavam e desafiavam.

— Pedras! — gritou Espártaco. — As pedras lutarão por nós! Atirem pedras! Correu em torno do círculo, veloz nas pontas dos pés, ágil nos movimentos.

E sob a afronta das pedras, os soldados se jogaram ao chão. O ar se encheu de pedras. As mulheres juntaram-se ao círculo, assim como os escravos da casa e da horta. Os soldados se protegiam sob os escudos, mas davam oportunidade aos gladiadores de lançar-se sobre eles, feri-los e voltar. Um manipulo atacou o círculo e atirou as lanças. Um só gladiador foi atingido pela terrível arma, mas os demais se lançaram contra o manipulo, atiraram os soldados ao chão e os trucidaram praticamente com as mãos limpas. Os soldados reagiram. Dois

manípulos fizeram um círculo, e, mesmo quando sob a chuva de pedras apenas alguns soldados se mantinham de pé, e os gladiadores se lançavam contra eles, como uma manada de lobos, lutaram até morrer. O quarto manipulo tentou abrir caminho através do círculo e escapar, mas eram apenas dez homens para isso, e foram lançados ao solo e trucidados, como o foram também os treinadores. .. dois dos quais, que clamavam por clemência, foram mortos pelas mulheres, a pedradas.

Aquela estranha e violenta batalha, que havia começado no refeitório, lavrou por toda a área da escola e estendeu-se à estrada de Cápua, onde foi derrubado e morto o último soldado, e por todos esses lugares ficaram mortos e feridos, cinquenta e quatro mortos que eram romanos e treinadores, e outros que eram gladiadores.

Entretanto, era só o começo. Os escravos estavam vitoriosos, ensangüentados e exultantes, mas era apenas um começo — e agora, já na estrada, Espártaco podia ver a distância as muralhas de Cápua, uma cidade dourada pela luz do sol da manhã, e podia ouvir o rufar dos tambores da guarnição. Agora não haveria mais descanso, pois as coisas estavam acontecendo e a notícia voava e havia muitos soldados aquartelados em Cápua. O mundo todo explodira. Ali, de pé, ofegante, sobre a estrada pavimentada, com sangue e morte a sua volta, sentia-se arrastado por tumultuosas e poderosas correntes, vendo Crixo, o ruivo gaulês, rindo; Ganico, exultante; David, o judeu, com sangue em seu punhal e vida em seus olhos; e os gigantescos africanos deliberadamente calmos, murmurando seu canto de batalha. Então, tomou Varínia nos braços. Outros gladiadores beijavam suas mulheres, rodopiando e rindo com elas, enquanto os escravos da casa vinham correndo com odres de vinho de Baciato. Até os feridos esqueceram seus ferimentos e abafaram seus gemidos de dor. A moça germana fitou Espártaco, rindo e chorando ao mesmo tempo, e tocou-lhe o rosto, os braços e a mão que segurava o punhal. Os odres de vinho estavam sendo esvaziados, quando Espártaco lhes chamou a atenção. Podiam ter saído das páginas da História, então, bêbados e exultantes, pois já os soldados começavam a marchar para fora dos portões de Cápua, mas Espártaco conseguiu conter os companheiros. Ordenou a Ganico que tirasse as armas dos soldados mortos e mandou Nordo, o africano, verificar se o depósito de armas poderia ser arrombado. Sua brandura desaparecera agora e a intensa idéia fixa da fuga o queimava como uma chama e o transformava. Toda a sua vida fora dirigida para aquele momento e toda a sua paciência tinha sido um preparo para isso. Esperara durante séculos; tinha esperado desde que o primeiro

escravo fora acorrentado e chicoteado para rachar lenha e carregar água, e nada no mundo o deteria agora.

Antes, pedia-lhes; agora comandava-os. Quem sabia usar armas romanas? Quem já tinha lutado com o *pilum*? Dividiu uma fileira em quatro manípulos.

— As mulheres devem ficar no centro — disse. — Não devem ser expostas nem lutar.

A fúria das mulheres o havia surpreendido. Ia além e era maior que a dos homens. As mulheres queriam combater; pediram-lhe em lágrimas que as deixasse lutar; imploravam que lhes desse os preciosos punhais, e quando ele se negou dobraram as túnicas e as encheram com pedras.

Junto à escola estendiam-se colinas cobertas de plantações. Os escravos do campo, vendo que se passava algo de diferente e violento, acorreram, reunindo-se junto às muralhas de pedra em pequenos grupos, e, vendo-os, Espártaco compreendeu com clareza, em toda simplicidade, sua sorte futura. Chamou o judeu David e lhe disse o que devia fazer, e o judeu correu para os escravos do campo. Espártaco não tinha calculado mal; três quartos dos escravos do campo voltaram com David. Vieram correndo e saudaram os gladiadores, beijando-lhes as mãos. Traziam suas enxadas, que, de repente, de instrumentos, se transformaram em armas. Agora voltavam os africanos. Não tinham podido arrombar o depósito de armas; seria preciso, pelo menos, meia hora para isso; mas tinham conseguido apoderar-se de vinte e tantos tridentes, que Espártaco distribuiu entre os *retiarii*, e os africanos beijaram e afagaram as armas, e sobre elas fizeram estranhas juras em sua língua nativa.

Tudo isso tinha levado muito pouco tempo, mas a necessidade de agir rapidamente tornava-se mais premente para Espártaco. Queria afastar-se do local, para longe da escola, para longe de Cápua.

— Segui-me!

Varínia ficou a seu lado. Saíram da estrada e se encaminharam através dos campos, subindo para as colinas.

— Nunca me deixes para trás, nunca — disse-lhe Varínia. — Posso lutar tão bem quanto um homem.

Foi então que viram os soldados avançando pela estrada de Cápua. Deviam ser uns duzentos. Vinham em fila dupla até que viram os gladiadores fugindo para as colinas. Seus oficiais, então, os fizeram voltar numa tangente, para que cortassem o caminho aos gladiadores. E os soldados avançaram pelo campo. Atrás deles, os cidadãos de Cápua saíam em multidão, pelos portões, para presenciar o esmagamento dessa revolta de escravos, para assistir a uma luta de pares sem despende

dinheiro.

Podia ter acabado ali ou uma hora antes ou um mês depois. Em qualquer um dos inúmeros pontos, podia ter acabado. Anteriormente, já haviam fugido escravos. Se esses escravos tinham fugido, teriam de estar escondidos nos campos ou bosques, vivendo, como animais, do que pudessem roubar e das raízes da terra. Seriam caçados um por um e crucificados um por um. Não havia refúgio para um escravo; o mundo era feito assim. E ao ver os soldados da guarnição correndo para eles, Espártaco compreendeu esse fato simples. Não havia lugar para esconder-se, nem toca para se abrigar. O mundo tinha que ser mudado. Parou de correr e disse:

— Lutaremos contra os soldados.

X

Muito tempo depois, Espártaco perguntava a si mesmo: "Quem escreverá sobre nossas batalhas e sobre o que ganhamos e o que perdemos? E quem dirá a verdade?" A verdade dos escravos era contrária à verdade dos tempos em que viviam. A verdade era impossível — de qualquer forma a verdade era impossível, não porque não acontecesse, mas porque não havia explicação para ela, dentro da contextura daqueles tempos. Havia mais soldados do que escravos, e os soldados estavam bem armados; mas não esperavam que os escravos lutassem, e os escravos sabiam que os soldados lutavam. Os escravos se precipitaram sobre eles, das colinas, e os soldados, que corriam em formação aberta, da maneira pela qual os caçadores se jogam contra uma lebre acuada, não puderam agüentar o choque, e, atirando as lanças ao acaso, recuaram ante a chuva de pedras que as mulheres lançaram sobre eles.

Assim, a verdade foi que os soldados foram batidos pelos escravos e deles fugiram. E até meio caminho de Cápua, os escravos os perseguiram e alcançaram. Na primeira batalha os escravos sofreram muitas baixas, mas, na segunda, apenas um punhado deles morreu; e os soldados romanos puseram-se em fuga. Esta era a verdade, mas a história foi contada de cem maneiras diferentes, e o primeiro relato foi escrito pelo comandante das forças de Cápua.

"Houve um levante de escravos na escola de treinamento de Lântulo Baciato — escreveu ele — e um certo número deles escapou e fugiu para o Sul, ao longo da Via Ápia. Uma meia coorte de tropas da guarnição foi enviada contra eles, mas alguns conseguiram abrir caminho e escapar. Não se sabe quem são seus chefes, nem o que pretendem fazer, mas já causaram

dissensões entre os escravos do campo e os cidadãos daqui opinam que o nobre Senado não deve poupar esforços para reforçar a guarnição em Cápua, a fim de que a revolta possa ser prontamente sufocada." Possivelmente, como algo que lhe tivesse ocorrido depois, o comandante acrescentou: "Já ocorreu uma série de violências. Receia-se que o campo sofra saques e rapinas."

E, naturalmente, Baciato contou sua história à multidão dos cidadãos de Cápua, ansiosos por saber o que se passara. Ninguém se preocupou muito, exceto Baciato, que via anos de trabalho desaparecerem de um momento para outro, mas todos compreenderam que o campo seria um lugar perigoso até que o último desses terríveis homens (os gladiadores) fosse caçado e aniquilado ou crucificado, para que os outros vissem o exemplo. A história foi contada e recontada por centenas de pessoas, cuja vida se baseava na periclitante estrutura da escravidão e que a relatavam influenciadas por seus receios e suas necessidades. Sempre foi assim. E assim seria anos mais tarde.

— Sim, eu estava fazendo uma estação de águas em Cápua, quando Espártaco se revoltou. Vi-o, sim. Um homem gigantesco. E o vi espetar uma criancinha na sua lança. Foi uma coisa horrível.

Ou qualquer uma das centenas de versões. Mas a verdade era algo que o próprio Espártaco mal entrevia na ocasião. Sua visão se libertara das amarras de seu tempo. Em dois pequenos encontros, os escravos que chefiava haviam derrotado soldados romanos. É verdade que se tratava apenas de um punhado de tropas de guarnição de segunda categoria, amolecidos pela vida fácil numa cidade balneária, e que tiveram de enfrentar os melhores espadachins profissionais de toda a Itália. Mas, mesmo considerando este aspecto, o fato de os escravos derrotarem, num só dia, duas vezes, ao seu amo, era de molde a abalar o mundo. E quando os soldados fugiram, eles não se dispersaram. Voltaram ao chamado de Espártaco — eram já disciplinados e em poucas horas ele já passara a ser um deus para eles. Estavam cheios de orgulho e seus temores se tinham dissipado. Tocavam-se uns aos outros, como se estivessem se acariciando, e como se a máxima cruel, *Gladiador, não faças amizade com gladiadores*, subitamente se tivesse invertido. Sentiam-se conscientes de sua mútua presença. Não pensavam nem raciocinavam sobre isso. Na sua maior parte, eram homens simples e ignorantes, mas, de repente, sentiam-se exaltados e purificados. Olhavam-se como se nunca tivessem visto uns aos outros, e talvez houvesse uma verdade nisso. Realmente, nunca tinham ousado olhar-se antes. Pode o carrasco olhar para sua

vítima? Mas agora não eram mais vítima e carrasco em inevitável união; agora eram uma irmandade em triunfo e Espártaco compreendeu então que tinha acontecido na Sicília e em tantos outros lugares. Sentia-lhes a força porque a sentia dentro de si próprio, e a corrente que lhe percorria o corpo limpava-o de todo o sofrimento do passado, de todos os medos e vergonhas e indignidades. Agarrara-se à vida por tanto tempo, transformara em ciência precisa a capacidade de reter a vida durante tanto tempo, que poder-se-ia supor que a vida se tivesse tornado para ele uma questão de cuidado e cautela. Mas ali estava a soma de suas economias, e de repente ele não temia a morte ou pensava nela, porque a morte não importava mais. .. Uns dez quilômetros ao sul de Cápua, a uma pequena distância da Via Apia, os gladiadores e suas mulheres, e os escravos que a eles se haviam reunido, concentraram-se na encosta de um morro à vista de uma grande mansão em meio às plantações de um patrício romano. Devia ser por volta do meio-dia, agora, e no desenrolar das duas lutas e na subsequente marcha para o Sul os gladiadores se haviam transformado num pequeno exército. A distância, se não houvesse negros entre eles, poderiam ser tomados por um destacamento de soldados romanos. Tinham partilhado as armas, bem como as armaduras e lanças e escudos do inimigo. Ninguém agora estava desarmado, e, assim equipados, e provados como eram, duvidoso seria que qualquer força, a não ser mais perto de Roma, os pudesse desafiar seriamente. Exceto as mulheres, mas incluindo os escravos domésticos e do campo que a eles se haviam reunido, contavam agora duzentos e cinqüenta homens. Cada um dos três grupos maiores, os gauleses, os africanos e os trácios, marchava como um destacamento — cada qual com seus chefes próprios no papel de oficiais. Por terem visto durante tanto tempo um manipulo romano de dez homens como unidade, adotaram naturalmente a mesma formação. Espártaco chefiava-os. Sobre isto não havia cogitação. Teriam morrido por ele. Era como as lendas dos homens que haviam sido tocados pelos deuses. Quando olhavam para Espártaco, lia-se essa crença nos seus olhos.

Enquanto marchavam, ele ia na frente, com Varínia ao lado, a enlaçar-lhe a cintura. As vezes fitava-o, mas nada daquilo era novidade para ela. Há muito que se unira àquele homem, que era o melhor e o mais valente dos homens... E não sabia disto ela, antes, tão bem como agora? Quando seus olhos se encontravam, ela lhe sorria. Tinha lutado contra os soldados e não sabia se Espártaco estava ou não satisfeito, mas não parecia fazer objeção a que ela estivesse armada de um punhal.

Estavam em termos de igualdade. O mundo vivia cheio de lendas sobre as amazonas, mulheres que tinham lutado nos campos de batalha em igualdade com os homens, em tempos idos... E na época de Espártaco eram ainda narradas muitas lendas de um passado em que todos os homens e mulheres eram iguais e em que não havia nem amos nem escravos e em que tudo era de propriedade comum. Esse passado remoto estava agora obscurecido pela bruma do tempo: era a idade de ouro. Tornaria a surgir outra idade de ouro.

Era uma idade dourada agora, com o sol inundando os lindos campos e os impetuosos homens da arena reunidos em torno dele e da jovem escrava alemã, fazendo-lhe perguntas. A relva era macia e verde, no prado onde se tinham reunido. Flores amarelas, e por toda parte borboletas e abelhas e o ar vibrando com sua música. Eles o chamavam *pai*, à maneira trácia.

— Que faremos agora e onde iremos?

Ele ficou de pé no centro do círculo que se formara. Varínia sentou-se na relva, a face apoiada às pernas dele. Os outros também se sentaram ou agacharam na relva, os negros esguios, os gauleses com suas rudes fisionomias e olhos azuis, os trácios de cabelos escuros e corpos musculosos.

— Somos uma tribo — disse Espártaco. — Ê isto que desejais?

Todos responderam afirmativamente. Na tribo não havia escravos e todos os homens falavam em igualdade e isso não acontecera há tanto tempo para que eles tivessem esquecido.

— Quem quer falar? — perguntou. — Quem será vosso chefe? Que se erga quem quiser nos chefear. Agora somos homens livres.

Ninguém se pôs de pé. Os trácios bateram nas fivelas com os cabos dos punhais e o tamborilar fez sair pássaros em revoada das árvores. Surgiram algumas pessoas a distância, em torno da mansão, mas de tão longe era impossível dizer quem eram. Os negros saudaram Espártaco batendo as mãos em frente do rosto. Estavam todos possuídos de uma alegria estranha, e no momento viviam como num sonho. O rosto de Varínia continuava apoiado contra a perna de seu amado. Ganico gritou:

— Salve, gladiador!

Um homem que estava morrendo tentou se levantar. Jazia estendido sobre a relva, com toda extensão do braço cortado até o osso, esvaindo-se em sangue. Era um gaulês e não queria ser deixado para trás: assim podia provar um pouco mais a liberdade. Tinha o braço vendado por uma atadura encharcada de sangue, e Espártaco o ajudou a ficar de pé.

— Não tenho medo de morrer — disse o gaulês aos

gladiadores. — É melhor do que morrer numa luta de pares. Mas eu preferia seguir este homem a morrer. Preferia seguir este homem e ver onde ele nos leva. Mas, se eu morrer, lembrai-vos de mim e não lhe façais mal. Atendei ao que ele vos disser. Os trácios chamam-no pai e somos como criancinhas, mas ele arrancará o mal que há em nós. Não me resta mais nenhum mal. Fiz uma grande coisa, sinto-me purificado e não tenho medo de morrer. Dormirei calmamente. Depois de morto não terei mais sonhos.

Alguns dos gladiadores choravam abertamente. O gaulês beijou Espártaco, que lhe retribuiu o beijo.

— Fica a meu lado — disse Espártaco. E o homem deixou-se cair na relva, a seu lado, e os escravos do campo, que se tinham reunido a eles, observavam boquiabertos esses gladiadores que tinham tanta intimidade com a morte.

— Morres, mas nós viveremos — disse-lhe Espártaco. — Recordaremos teu nome e o repetiremos bem alto. Tão alto que será ouvido em toda a terra.

— Nunca recuarás? — perguntou o gaulês.

— Por acaso recuamos quando os soldados nos atacaram? Lutamos duas vezes contra eles e os vencemos. Sabeis o que devemos fazer agora? — perguntou aos gladiadores.

Eles o observavam.

— Podemos fugir?

— Para onde? — perguntou Crixo. — Em toda parte é o mesmo que aqui. Em toda parte há amos e escravos.

— Não fugiremos — disse Espártaco, que agora sabia com toda a segurança como se nunca lhe tivesse ocorrido uma dúvida. — Iremos de plantação em plantação, de casa em casa, e, onde quer que estejamos, libertaremos os escravos e os incorporaremos às nossas hostes. Quando enviarem soldados contra nós, saberemos combatê-los, e os deuses decidirão se querem a nossa vitória ou a dos romanos.

— E armas? Onde encontraremos armas? — perguntou alguém.

— Nós as tomaremos dos soldados. E também as fabricaremos. Que é Roma senão o sangue, e suor e o sofrimento de escravos? Existe alguma coisa que não possamos fazer?

— E se Roma nos declarar guerra?

— Então iremos à guerra contra Roma — disse Espártaco impávido. — Acabaremos com Roma e construiremos um mundo em que não haja escravos nem senhores.

Era um sonho, mais estavam com disposição para sonhar. Tinham mergulhado nos céus e se esse estranho trácio, de olhos pretos e nariz quebrado, lhes tivesse dito que tencionava levá-

los à luta contra os próprios deuses, naquele momento o teriam acreditado e seguido.

— Não nos desonraremos — disse-lhes Espártaco, falando-lhes como se se dirigisse a cada um diretamente. — Não faremos como fazem os romanos. Não obedeceremos à lei romana. Faremos nossa própria lei.

— Qual é a nossa lei?

— Nossa lei é simples. Tudo de que nos apossarmos será de todos nós, e nenhum homem possuirá nada mais do que suas armas e sua roupa. Será como nos tempos passados.

— Há o suficiente para todos ficarem ricos — disse um trácio.

— Vós fareis a lei. Não eu — disse Espártaco.

Discutiram, então, e entre eles havia homens gananciosos que sonhavam em ser grandes senhores como os romanos, e outros que sonhavam em transformar os romanos em escravos; e assim continuaram falando e discutindo, mas no final foi como Espártaco tinha estabelecido.

— Não possuiremos mulher alguma a não ser como esposa — disse Espártaco. — E nenhum homem terá mais do que uma mulher. A justiça será igual para os dois, mas se não puderem viver em paz, devem se separar. Nenhum homem deverá dormir com qualquer mulher, seja ela romana ou não que não tenha desposado legalmente.

Suas leis eram poucas e todos concordaram com elas. Depois apanharam as armas e partiram para a mansão. Só restavam os escravos, pois os romanos haviam fugido para Cápua... E os escravos se juntaram aos gladiadores.

XI

Em Cápua, viram a fumaça da primeira mansão que fora queimada e disso concluíram que os escravos eram vingativos e cruéis. Teriam preferido que fossem brandos e compreensivos; em outros termos, prefeririam que eles tivessem fugido para as montanhas agrestes, escondendo-se sozinhos ou em grupos nas cavernas, e vivendo como animais, até serem caçados, como é caçado um animal. Mesmo quando os cidadãos de Cápua viram a fumaça da primeira casa incendiada não se alarmaram muito. Era de se esperar que os gladiadores descarregassem sua fúria sobre tudo quanto encontrassem. Um emissário já partira pela Via Apia para informar ao Senado do levante em Cápua — e isto significava que, em poucos dias, a situação estaria controlada. Então os escravos levariam uma lição de que não se esqueceriam com facilidade.

Um grande latifundiário, chamado Mário Ácano, tendo sido avisado, reuniu seus setecentos escravos e os arrebanhou rumo a Cápua, a fim de protegê-los entre as suas muralhas; mas os gladiadores o encontraram na estrada e, em silêncio, viram seus próprios escravos trucidá-lo e à mulher, e à cunhada, e à sua filha, e ao marido de sua filha. Foi uma cena medonha, mas Espártaco sabia que não era possível impedi-la, nem estava particularmente ansioso por impedi-la. Colhiam o que haviam semeado. E os próprios escravos das liteiras se desincumbiram da tarefa, no momento em que viram que não se tratava de soldados romanos, mas dos próprios gladiadores rebelados, cuja fama já se espalhava como um canto e um grito levados pelo vento. O dia apenas terminava, mas as notícias haviam voado mais rápido que o tempo. Agora os primeiros duzentos e poucos se tinham transformado em mil, e, ao marcharem para o Sul, corriam escravos das colinas e dos vales para juntar-se a eles. Os que trabalhavam no campo vinham com seus instrumentos; os pastores traziam seus rebanhos de cabras e carneiros. Quando se aproximavam de uma casa, numa massa informe de multidão — pois apenas os gladiadores ainda conservavam uma formação militar — as notícias corriam à sua frente e os escravos das cozinhas saíam para recebê-los com facas e pilões, e os da casa, com presentes de seda e de linho fino. Na maioria dos casos, os romanos fugiam, mas onde os feitores e romanos reagiam, havia uma evidência terrível da luta travada.

Não podiam avançar rapidamente. Era agora uma imensa hoste de homens, mulheres e crianças que riam e cantavam, todos eles embriagados com o mesmo vinho da liberdade. A noite caiu quando já estavam a quase uns trinta quilômetros de Cápua, e acamparam num vale à margem de um córrego borbulhento, acendendo fogueiras e comendo carne fresca até se fartar.

Carneiros e ovelhas, e até mesmo um bezerro, assavam nos seus espetos e o cheiro apetitoso de carne assada perfumava o ar. Era um grande festim para aqueles que passavam o ano todo alimentando-se com cartilagens e nabos e mingau de cevada. Com a carne, beberam vinho e temperaram a comida com risadas e canções. Era um estranho grupo, gauleses e judeus, e gregos e egípcios, trácios e núbios, e sudaneses e libaneses, persas e assírios, samaritanos e germanos e eslavos, búlgaros e macedônios e espanhóis, e também muitos italianos, descendentes de algum antepassado que, por uma ou outra razão, fora vendido como escravo, sabinos e úmbrios e toscanos e sicilianos e gente de muitas outras tribos, cujos nomes estão para sempre esquecidos, um estranho grupo de sangue e nações,

mas unido na escravidão e agora na liberdade.

Nos velhos tempos, havia existido a família da *gens* e a comunidade da tribo — e ultimamente o orgulho e o privilégio da nação; mas para o mundo havia um elemento novo nessa camaradagem peculiar dos oprimidos e no fato de que, naquela noite, nenhuma voz se erguesse com raiva ou descontentamento, apesar do grande número de nações e povos ali reunidos. Todos se sentiam tocados de um pouco de amor e um pouco de glória. Muitos deles mal tinham visto Espártaco, mas estavam cheios de sua presença. Ele era o seu chefe e seu deus — pois em sua mente não estava claro que deuses ocasionalmente não passeassem pela terra, e não tinha o próprio Prometeu roubado o fogo sagrado do céu para presentear a humanidade? E o que acontecera uma vez podia acontecer de novo. Já histórias começavam a ser narradas em torno das fogueiras e se formava toda uma saga de Espártaco. Não havia ninguém entre eles — nem mesmo entre as crianças — que não tivesse sonhado com um mundo onde não houvesse escravos...

Enquanto isso, Espártaco, sentado entre os gladiadores, conversava e analisava o que havia acontecido. O pequeno riacho já se transformara num rio que iria se transformar numa torrente, dizia Ganico. Seus olhos brilhavam cada vez que olhava para Espártaco.

— Podemos marchar através do mundo e revirá-lo pedra por pedra! — disse ele; mas Espártaco pensava de outro modo. Estava estirado com a cabeça no colo de Varínia e ela passava-lhe os dedos pelos cabelos escuros e sentia a barba picando no seu rosto, e enchia-se de contentamento. Agora sentia-se satisfeita mas nele ardia um fogo. Sentira-se mais satisfeito na escravidão. Fitou as estrelas no céu italiano e seus pensamentos se entremearam de anseios e medo e dúvidas, e do peso que sentia, agora, sobre os ombros. Tinha que destruir Roma. O simples pensamento, a enormidade insolente de pensar nisso o fez sorrir e Varínia alegrou-se e acariciou-lhe os lábios com a ponta dos dedos, cantando na sua própria língua:

*"Quando o caçador, da floresta,
Traz da caça o veado fulvo
Fixa seus olhos sobre o fogo,
Fala às crianças, fala à mulher..."*

O ritmo da canção da floresta, de uma fria e selvagem terra, quantas daquelas canções da floresta ele já a ouvira cantar. Varínia cantava agora e ele repetia para si mesmo com os pensamentos embalados pelo ritmo da música, os sonhos

disseminados entre as estrelas do céu:

"Deves destruir Roma — tu, Espártaco. Tens que chefiar esta gente e ser severo e forte com eles. Tens que ensinar-lhes a lutar e a matar. Não podes mais voltar atrás... nem um passo atrás. O mundo inteiro pertence a Roma, de modo que Roma deve ser destruída e transformada apenas numa má lembrança, e então, onde era Roma, edificaremos uma nova vida onde todos os homens viverão em paz, em irmandade e amor, sem escravos e sem amos, sem gladiadores e arenas, mas uma época como a do passado, como a idade de ouro. Edificaremos novas cidades de fraternidade e não haverá muralhas cercando-as."

— Com que sonhas, meu amado, meu trácio? — perguntou Varínia, que parará de cantar. — Estarão os deuses nas estrelas falando contigo? Que estão te dizendo, meu bem-amado? Estão te contando segredos que nunca podem ser partilhados?

Ela acreditava nisso. Quem poderia dizer o que era verdade ou falso a respeito dos deuses? Espártaco não adorava os deuses e os detestava. "Existem deuses para escravos?", perguntara-lhe um dia.

— Em toda a minha vida, nada haverá que não partilhe contigo, minha amada — disse ele.

— Então, com que sonhas?

— Sonho que faremos um novo mundo.

Ela, então, teve medo dele, mas Espártaco disse-lhe brandamente:

— Este mundo foi feito por homens. Achas que surgiu do nada, querida? Pensa um pouco. Haverá alguma coisa que não tenhamos edificado, as cidades, as torres, as muralhas, as estradas e os navios? Então, por que não podemos fazer um novo mundo?

— Roma. .. — disse ela, e nesta única palavra' havia um poder implícito, um poder que dominava o mundo.

— Então destruiremos Roma — respondeu Espártaco. — O mundo está farto de Roma. Destruiremos Roma e destruiremos as coisas em que Roma acredita.

— Quem? Quem? — implorou ela.

— Os escravos. Houve, antes, levantes de escravos, mas desta vez será diferente. Lançaremos um apelo que os escravos ouvirão no mundo inteiro...

A par foi-se e foi-se a esperança e, muito tempo depois, Varínia lembrou aquela noite, quando tinha a cabeça de seu amado no colo e os olhos dele se fixavam nas estrelas distantes. Mas foi uma noite de amor. A pouca gente é dada uma noite assim, e eles foram felizes. Deitaram-se, entre os gladiadores, junto ao fogo, e o tempo passou lentamente. Tocaram-se e provaram sua presença um ao outro. E se converteram numa só pessoa.

QUINTA PARTE

**Em que Lântulo Graco
Relata Parte de suas Memórias
e alguns Detalhes sobre sua Estada
em Villa Solaria.**

I

Lêntulo Graco gostava de dizer que, à medida que aumentava seu peso, mais aumentava sua capacidade de andar na corda bamba, e o fato de que trinta e sete de seus cinquenta e seis anos haviam sido despendidos numa bem sucedida carreira política, vinha corroborar sua afirmação. A política, como ele costumava dizer, requeria três talentos permanentes e nenhuma virtude. Mais políticos, afirmava ele, tinham sido destruídos pela virtude do que por qualquer outro motivo; e então enumerava os talentos que considerava indispensáveis. O primeiro era a capacidade de escolher sempre o lado vitorioso. Na falta destes, o segundo talento era a capacidade de se desvencilhar do lado derrotado. E o terceiro talento era nunca fazer um inimigo.

Todos estes três talentos eram ideais, e sendo o que são as pessoas e os ideais, não existia ninguém que os tivesse na dose certa. Quanto a ele, saíra-se bem. Tendo começado como filho de um sapateiro modesto, mas trabalhador, aos 19 anos estava comprando e vendendo votos, aos 25 comprando e vendendo cargos e um ou outro assassinio, aos 28 chefiando um poderoso grupo político e aos 30 era chefe da famosa Prisão Caeliana. Cinco anos depois tornava-se um magistrado e, na idade de 40 anos, entrou para o Senado. Conhecia dez mil pessoas na cidade, pelo nome, e mais vinte mil de vista. Incluía na sua lista de favores mesmo seus piores inimigos, e embora nunca cometesse o engano de acreditar que qualquer dos seus associados fosse honesto, jamais caía no erro mais profundo de considerar como certa a desonestidade de qualquer um deles.

Seu peso e substância assentavam bem à sua posição; nunca confiara em mulheres nem notara que fossem especialmente rendosas para os seus colegas. Seu vício era a comida, e as fartas camadas de gordura que tinha acumulado no decorrer dos anos não somente faziam dele uma figura imponente de homem, como o destacavam como um dos poucos romanos que nunca

eram vistos em público sem estar envoltos nas dobras de uma toga. De túnica, Léntulo Graco não era uma figura sedutora. De toga, era o símbolo da substância e virtude romanas. Seus cento e quarenta quilos suportavam uma cabeça calva, e o queixo saliente se apoiava numa série de papadas de gordura. Tinha uma voz profunda, rouca, um sorriso simpático e alegres olhinhos azuis que espreitavam por trás das dobras das bochechas. Sua pele era rosada como a de um bebê.

Graco era menos cínico do que bem informado. A fórmula do poder romano nunca constituíra para ele um mistério, e divertia-o o pomposo raciocínio de Cícero, moldado sobre o que a Cícero agradava pensar que fosse a última e mais importante verdade. Quando Antônio Caio pediu-lhe a opinião sobre Cícero, Graco respondeu apenas:

— É um confuso.

Com Antônio Caio, Graco mantinha as melhores relações, como com tantos outros patrícios. A aristocracia era o único mistério e devoção que ele se permitia. Gostava de aristocratas. Invejava-os. E também, sob certos aspectos, desprezava-os, pois considerava todos bastante néscios, e nunca chegara a compreender porque eles pareciam tirar tão pouca vantagem da origem e da posição. Não obstante, cultivava-os, e sentia prazer e orgulho em ser convidado a uma esplêndida plantação, como *Villa Salaria*. Não se dava ares importante, nem tentava fazer-se passar por um aristocrata. Não falava o seu latim requintado, e preferia usar a linguagem fácil da plebe. Embora tivesse meios para isto, nunca procurara adquirir uma plantação. Por seu lado, os aristocratas apreciavam seu espírito prático, o manancial de informações úteis de que dispunha, e seu imenso corpanzil infundia confiança. Antônio Caio gostava dele porque Graco era um homem inteiramente inabalável por julgamentos morais, e freqüentemente referia-se a Graco como o único homem honesto que já conhecera.

Nessa noite, Graco percebia tudo o que se passava. Pesava e calculava, mas não julgava. Por Caio, não sentia senão desprezo. O grande e rico general Crasso divertia-o e, a respeito de Cícero, comentara com seu anfitrião:

— Ele tem tudo, menos grandeza. Creio que cortaria o pescoço da própria mãe se isso fosse vantajoso para a sua causa.

— Mas a causa de Cícero não é tão importante assim.

— Precisamente. E, por isso, ele fracassará em, praticamente, tudo. Não é ninguém que se tema, pois não é ninguém que se admire.

Este era o comentário mais penetrante que se poderia fazer e Antônio Caio, que era merecedor de admiração, ainda que suas

tendências e atos sexuais fossem do nível de um menino de doze anos. Graco estava disposto a admitir que o chão que pisava tornava-se cada vez mais escorregadio. Seu mundo estava se desintegrando, mas, como o processo de desintegração era lento e como ele próprio estava longe de ser imortal, não tinha interesse em enganar-se a si mesmo. Era capaz de ver o que se passava sem tomar partidos; considerava que não havia necessidade de tal coisa.

Nessa noite, permaneceu acordado quando todos já tinham adormecido. Dormiu mal e pouco, e, finalmente, resolveu dar um passeio ao luar. Se alguém o tivesse interrogado, seria capaz de responder, com bastante precisão, quem tinha ido dormir com quem nessa noite, mas observara tudo sem investigar, e não sentia ressentimentos. Assim era Roma. Só um imbecil poderia se espantar.

Quando caminhava pelos jardins, avistou Júlia, sentada num banco de pedra, uma figura melancólica na noite, alquebrada e possuída do terror de sua própria incapacidade de adaptação e pela maneira por que fora rejeitada. Encaminhou-se para ela.

— Somos dois esta noite — disse-lhe. — Uma linda noite, não achas Júlia?

— Se assim o sentes.

— E não o sentes, Júlia? Posso sentar-me um pouco a teu lado?

— Pois não.

Ele sentou-se e ficou em silêncio alguns instantes, levemente emocionado com a beleza dos jardins iluminados pelo luar, a grande mansão branca erguendo-se tão elegante das moitas de arbustos, entre ciprestes esguios, o terraço, as fontes, a pálida mancha de uma escultura aqui e ali, os caramanchões com seus bancos de mármore preto e rosa-pálido. Quanta beleza Roma conseguira! Finalmente, disse:

— Parece que isto tudo nos deveria bastar, Júlia.

— Sim, parece.

Ele era amigo e hóspede de seu marido.

— É um privilégio ser romano — observou.

— Nunca fazes estas observações insípidas a não ser quando estás a meu lado — observou Júlia.

— Sim?

— Sim, é o que noto. Diga-me, já ouviste falar em Varínia?

— Varínia?

— Algum dia já deste alguma resposta sem primeiro virá-la sete vezes na tua cabeça? Não estou tentando parecer inteligente, meu caro. — Ela apoiou a mão sobre a do seu

hóspede. — Não o sou. Varínia era a mulher de Espártaco.

— Sei, ouvi falar nela. Na realidade, todos aqui parecem obcecados com Espártaco. Não ouvi falar de outra coisa esta noite.

— Ele poupou *Villa Solaria*. Não sei se deva ser-lhe grata ou não. Creio que são os símbolos de castigo. Ainda não estive na estrada. São muito horríveis?

— Horríveis? Não me preocupei muito a respeito. Estão ali, e é só. A vida é barata e hoje em dia os escravos não valem praticamente nada. Por que me perguntaste sobre Varínia?

— Tenho procurado descobrir de quem tenho inveja. Creio que tenho inveja dela,

— Realmente, Júlia? Uma pobre escrava bárbara! Se quiseres, posso arranjar uma dúzia como ela no mercado de escravos, amanhã, e mandá-las de presente para ti.

— Nunca falas nada a sério, Graco?

— Muito poucas coisas merecem seriedade. Por que a invejas?

— Por que odeio a mim mesma,

— Isto é muito complexo para mim — retorquiu Graco. Podes imaginá-la suja, com o dedo no nariz, cuspendo, escarrando, as unhas sujas e quebradas, o rosto coberto de espinhas? Aí tens a tua princesa escrava. Ainda a invejas?

— Ela era assim?

— Quem sabe! — Graco soltou uma risada. — A política é uma mentira. A história é o relato de uma mentira. Se fores amanhã à estrada e olhares as cruces, verás a única verdade a respeito de Espártaco. Morte. Nada mais. Tudo mais são invenções. Eu sei.

— Olho meus escravos...

— E não vês Espártaco? Naturalmente. Pára de torturar teu coração, Júlia. Sou mais velho do que tu, tenho o direito de te aconselhar. Sim, apesar do risco de me intrometer em coisas que não são da minha conta... Escolha entre os teus escravos um jovem garanhão...

— Chega, Graco!

— ... e ele poderá passar por Espártaco.

Ela chorava agora. Graco não via muitas mulheres da sua classe em lágrimas, e, subitamente, sentiu-se estúpido e constrangido. Começou a perguntar se a culpa fora sua. Nada que dissera tinha sido com a intenção de um insulto, mas fora sua culpa?

— Não, não, por favor, Graco. Es um dos únicos amigos que possuo. Não deixes de ser meu amigo por ser eu uma tão grande idiota. — Enxugou as lágrimas, depois, e despediu-se dele — Estou muito cansada. Por favor, não me acompanhes.

II

Como Cícero, Graco tinha um senso da história; a diferença importante era que Graco nunca confundia seu próprio papel e lugar, e, portanto, via muitas coisas mais nitidamente do que Cícero. Agora estava sentado ali, sozinho, na suave noite italiana, e revolvia na mente o estranho caso de uma matrona e patriciã romana que invejava uma escrava bárbara. Primeiro, cogitou se Júlia estava dizendo a verdade, e chegou à conclusão que sim. Por alguma razão incompreensível, a essência da melancólica tragédia de Júlia era esclarecida por Varínia — e pensou que talvez o significado de suas próprias vidas estivesse contido nos infundáveis símbolos de castigo que margeavam a Via Apia. Graco não se deixava perturbar pela moralidade; conhecia seu povo, e não se deixava enganar pelo mito da matrona romana e da família romana. Mas, por alguma estranha razão, sentia-se profundamente perturbado pelo que Júlia dissera, e não podia deixar de pensar no problema de sua amiga.

A resposta surgiu num lampejo de compreensão que o deixou frio e abalado, de uma maneira que raramente lhe acontecera antes, e o encheu do temor da morte e da total e horrenda escuridão e não-existência que a morte traz; pois a resposta retirou-lhe grande parte da certeza cínica que o apoiava e deixou-o desolado, um velho gordo e barrigudo cujo destino subitamente se ligara a um imenso movimento das correntes da história.

Viu tudo claramente. A coisa que surgira tão de repente no mundo era toda uma sociedade construída sobre as costas de escravos, e a expressão sinfônica dessa sociedade era a canção do chicote. Mas, que consequência trazia aos que empunhavam o chicote? Que queria Júlia dizer? Ele nunca se tinha casado; um germe da sua recente compreensão impedira-o de escolher uma esposa, e as concubinas que comprava bastavam-lhe. Mas Antônio Caio também mantinha um harém de concubinas, assim como todos os outros homens da sua classe mantinham uma quantidade de mulheres, como se mantêm estrebarias ou canis, e as esposas sabiam e aceitavam e faziam o mesmo com os escravos. Não se tratava de simples corrupção, mas de um monstro que revirara o mundo; e aquela gente reunida por uma

noite em *Villa Salada* estava obcecada com Espártaco, porque Espártaco era tudo o que eles não eram. Cícero não poderia jamais compreender de onde vinha a virtude desse misterioso escravo, mas ele, Graco, compreendia. Lar e família e honra e virtude e tudo de bom e de nobre era defendido e possuído pelos escravos — não porque fossem bons e nobres, mas porque seus senhores lhes haviam transferido tudo o que era sagrado.

Assim como Espártaco tivera uma visão do que poderia ser — a visão que brotava dele próprio — Graco também teve uma visão do que poderia ser, e o que viu no futuro deixou-o frio e apavorado. Ergueu-se e, envolvendo-se na toga, caminhou com passos pesados para seu quarto e sua cama.

Mas não conseguiu dormir. A exemplo de Júlia, pôs-se a chorar como um menino na solidão, e, como um menino, imaginou que a escrava Varínia partilhava de sua cama. O terror deu forças a sua chorosa ânsia de virtude. Suas mãos rechonchudas afagaram um fantasma nos lençóis. As horas se passaram, e ali ficou com suas lembranças.

Todos eles odiavam Espártaco. A casa estava invadida pela presença de Espártaco; ninguém conhecia seu físico e sua maneira de ser e seus pensamentos, mas a casa enchia-se de sua presença e em Roma era a mesma coisa. Não era em absoluto exato que ele, Graco, estivesse libertado desse ódio. Muito pelo contrário, seu ódio, que sempre escondia cautelosamente, era mais violento, mais amargo, mais pungente que o dos outros.

Ao lutar com suas lembranças, estas tomaram forma e cor e realidade. Lembrou-se de que estava sentado no Senado — e nunca se sentava no recinto do Senado sem sentir um profundo orgulho em estar ali, entre os aristocratas e os grandes — quando chegara a notícia, pelo correio de Cápua, de que houvera um levante entre os gladiadores da escola de Léntulo Baciato e que estava se alastrando pelo campo. Recordou a onda de medo que invadira o Senado, e como tinham começado a gritar como um bando de gansos, falando todos ao mesmo tempo e dizendo disparates, aterrados simplesmente porque um punhado de gladiadores tinha matado seus treinadores. Lembrou o nojo que sentira deles. Erguera-se, então, apanhando as dobras de sua toga e jogando-as sobre o ombro, com o gesto desenvolto que se tornara uma característica sua, e, berrando para seus augustos colegas, gritara:

— Cavalheiros! Cavalheiros! Não percam a cabeça!

Eles cessaram a algazarra e viraram-se para Graco.

— Cavalheiros, estamos a braços com o crime de um punhado de míseros e sujos escravos carniceiros. Não se trata de uma invasão bárbara. Mas, mesmo que assim fosse, parece-me

que o Senado deveria comportar-se de maneira um tanto diferente! Parece-me que devemos a nós mesmos uma certa dignidade!

Ficaram furiosos com ele, mas Graco também estava furioso com eles. Fazia questão de nunca perder a calma, mas, dessa vez, deixara-se arrastar pela cólera, e ele, uma pessoa de origem e educação modestas, um plebeu, insultara e humilhara o mais augusto órgão do mundo inteiro. "Para os diabos com tudo isto!", dissera para si mesmo, e, deixando o recinto ainda com os protestos dos seus nobres colegas ressoando-lhe nos ouvidos, fora para casa.

Nunca mais esqueceu aquele dia, cada minuto daquele dia. A princípio ficara atemorizado. Tinha violado suas próprias regras sagradas de conduta. Perdera a calma. Fizera inimigos. Caminhou pelas ruas de sua querida Roma cheio de temor pelo que fizera. Mas ao medo misturava-se o desprezo pelos colegas e por si mesmo, ainda que não conseguisse nem mesmo agora dominar seu respeito pelo Senado e sua veneração arraigada pelos imbecis que o compunham.

Por uma vez, não tomava conhecimento do cheiro e do ruído de sua querida Roma. Graco nascera e fora criado na cidade, e a *urbs* era o seu *habitat*. Fazia parte dele e ele fazia parte dela, nutrindo um profundo desprezo pelos horizontes amplos e vales verdejantes e córregos cristalinos. Aprendera a andar e correr e lutar nas ruas tortuosas e nas vielas sujas de Roma. Na infância, escalara como um cabrito os altos telhados das intermináveis casas de cômodo. O cheiro de braseiros de carvão que perpassava a cidade era o mais doce perfume que conhecia. Esta era uma parte de sua vida que o ceticismo nunca invadira. Andar pelas estreitas ruas do mercado, com suas fileiras de carrocinhas e barracas onde eram exibidas e vendidas mercadorias de todo o mundo, constituía sempre uma nova aventura para ele. A metade da cidade conhecia-o de vista. Por toda parte, saudavam-no com um "Olá, Graco!" sem-cerimônia, e os vendeiros e sapateiros e mendigos e desocupados e carreteiros e marceneiros e carpinteiros gostavam dele porque pertencia a sua classe e tinha lutado e vencido na vida. Gostavam dele porque, quando comprava votos, pagava o preço mais alto. Gostavam dele porque não se dava ares e porque preferia caminhar a andar de liteira e porque sempre encontrava tempo para saudar um velho amigo. Não fazia diferença que não oferecesse remédio algum para a crescente miséria e desamparo do povo, num mundo em que o trabalho dos escravos transformava os trabalhadores em desocupados e mendigos, vivendo à custa de esmolas do Estado. O próprio povo ignorava que houvesse remédio para

tal estado de coisas. E ele, por sua vez, amava o seu mundo, o sombrio mundo em que os altos edifícios quase se encontravam por sobre as luas sujas e tinham que ser estacados com tronços, o mundo de ruas, de ruidosas, imundas, míseras ruas da maior cidade do mundo.

Mas nesse dia, que recordaria para sempre, estava insensível a tudo isso. Caminhou pelas ruas sem responder às saudações. Nada comprou nas barracas. Mesmo os saborosos bocados de toucinho frito, tripa recheada e salsicha defumada não o atraíram. Em geral, não podia resistir às comidas vendidas nas ruas, os bolos de mel e peixe defumado e sardinhas salgadas e maçãs condimentadas e ovas de peixe; mas nesse dia não dava atenção a nada — e, mergulhado nos seus negros pensamentos, voltou para casa.

Graco, que era quase tão rico como Crasso, nunca se permitira o luxo de construir ou comprar uma das casas que se edificavam na parte nova da cidade, entre jardins e parques ao longo do rio. Preferia morar no andar térreo de uma casa antiga, e suas portas estavam sempre abertas para aqueles que desejavam vê-lo. Deve-se observar que muitas famílias abastadas moravam nos andares térreos dos edifícios. Os andares de baixo eram considerados os melhores, numa casa de cômodos romana, e o preço diminuía e a miséria aumentava à medida em que se subia as escadas bamboleantes que levavam aos andares de cima. Em geral, eram apenas os dois andares de baixo que tinham água encanada e instalações sanitárias; mas a antiga comuna tribal não estava tão longe no passado para que já se tivesse estabelecido uma separação absoluta de ricos e pobres, e muitos ricos mercadores ou banqueiros viviam sob um verdadeiro ninho de miséria, que se empilhava por vários andares acima de suas moradias.

Graco lembrava-se de como voltara para casa naquele dia, sem uma palavra amável para ninguém, e como entrara no seu escritório, dando a suas escravas a ordem pouco habitual de que queria ficar sozinho. Só possuía escravas, disto fazia questão, e não admitia que homem algum compartilhasse seu teto; mas também não exagerava isso, como o faziam tantos dos seus amigos. Quatorze mulheres bastavam para suprir suas necessidades. Não tinha um harém especial, como era hábito dos solteirões; usava as escravas que o atraíram em ocasiões em que desejava uma companhia de cama, e como não quisesse complicações em seu lar, sempre que uma das mulheres engravidava vendia-a a um plantador. Raciocinava que era melhor para as crianças crescerem no campo, e nada via de imoral ou cruel no seu sistema.

Não tinha favoritas entre suas mulheres — pois nunca era capaz de ter com uma mulher senão relações casuais — e gostava de dizer que sua casa era das mais pacíficas e ordenadas. Mas, agora deitado na cama em *Villa Solaria*, ao recordar aquele dia, não sentia por sua casa nenhum calor ou alegria. Possuía-o, agora, um sentimento moral, e enojava-se em pensar como era sua vida. Entretanto, continuou a recordar os incidentes daquele dia. Via-se de um ponto de vista vantajoso, um homem corpulento, envolto numa toga, sentado sozinho no quarto vazio a que chamava de escritório. Devia estar sentado ali há pelo menos uma hora, quando foi interrompido por uma pancada na porta.

— Quem é? — perguntou.

— Alguns senhores vos procuram — disse a escrava.

— Não quero ver ninguém!

— Mas são vossos augustos colegas do Senado.

Assim, tinham-no vindo procurar: ele não fora amaldiçoado e expulso do seu círculo. O que fizera imaginar tal coisa? Evidente que tinham que procurá-lo! Criou alma nova. Seu ego se recuperou. Levantou-se, abriu a porta, voltando a ser o Graco de costume, sorridente, confiante, competente.

— Senhores — disse — senhores, sede bem-vindos.

A comitiva se compunha de cinco pessoas. Dois deles eram *consulares*; os outros três patricios, reconhecidamente hábeis e inteligentes. A comitiva viera menos por causa da atual emergência do que para refazer quaisquer rompimentos políticos que Graco estivesse urdindo. Assim, mostraram-se risonhos e íntimos e o criticaram afavelmente.

— Com que, então, Graco, há um ano que estais sentado no Senado, esperando uma oportunidade para nos insultar?

— Não tenho nem o espírito nem o jeito para vos pedir perdão convenientemente — desculpou-se Graco.

— Possuis ambas as qualidades. Mas isto não vem ao caso.

Ele mandou vir cadeiras, e sentaram-se todos em círculo a sua volta, cinco homens de idade e dignidade, envoltos em belas togas, brancas que se tinham tornado o símbolo do domínio de Roma sobre o mundo. As escravas trouxeram vinho e uma bandeja de doces. O *consularis* Cáspio falou pelos outros. Isto ao mesmo tempo lisonjeou e intrigou Graco, que não considerava a ocasião assim tão crítica. Muitas vezes sonhara desempenhar o papel de cônsul, mas o cargo estava fora do seu alcance, pois não possuía nem os talentos nem as ligações de família exigidas para tal. Tentou adivinhar o que queriam, e pôde apenas presumir que tinha algo a ver com a Espanha, onde a revolta contra o Senado — e Roma, naturalmente — chefiada

por Sertório, transformara-se numa disputa pelo poder entre Sertório e Pompeu. Graco tinha sua opinião formada a respeito. Desprezava ambos os rivais, e estava decidido a ficar de lado, vendo os dois destruírem-se mutuamente. Como o estavam, bem o sabia, os cinco homens sentados em seu redor.

— Vedes então — disse Cáspio — que esta revolta em Cápua oferece grandes possibilidades de perigo.

— Não vejo isto em absoluto — respondeu Graco positivo.

— Levando em consideração o que já sofremos com revoltas de escravos. ...

— Que sabeis sobre esta revolta? — perguntou Graco, já mais afável. — Quantos escravos tomam parte nela? Quem são eles? Para onde foram? Até que ponto se justifica a vossa preocupação?

Cáspio respondeu às perguntas uma por uma:

— Temos estado em constante comunicação. Inicialmente, o levante foi apenas de gladiadores. Há uma informação de que apenas setenta deles fugiram. Uma informação mais recente diz que foram mais de duzentos, trácios e gauleses e vários negros africanos. As últimas notícias aumentam esse número. Isto pode ser o resultado do pânico. Por outro lado, podem ter ocorrido distúrbios nos *latifúndia*. Os rebeldes parecem ter causado consideráveis danos, mas não se conhecem os detalhes. Quanto ao local para onde fugiram, ao que parece, estão se encaminhando na direção do Monte Vesúvio.

— Nada mais positivo do que esse *ao que parece?* — retorquiu Graco impaciente. — Serão todos idiotas em Cápua para não saberem o que ocorreu na sua própria casa? Eles têm ali uma guarnição. Por que não pôs ela um fim rápido e eficiente a tudo isso?

Cáspio fitou friamente Graco.

— Havia apenas uma coorte em Cápua.

— Uma coorte! Quantas tropas são necessárias para liquidar uns poucos míseros gladiadores?

— Sabeis, tão bem quanto eu, o que deve ter acontecido em Cápua.

— Não sei, mas posso supor. E minha suposição é que o comandante da guarnição está a soldo de todos os imundos *lanistae* que operam na redondeza. Vinte soldados aqui, uma dúzia ali. Quantos restavam na cidade?

— Duzentos e cinquenta. As coisas são assim. Não adiantam indignações, Graco. As tropas foram derrotadas pelos gladiadores. Isto é o mais inquietante, Graco. Nossa opinião é que algumas coortes de Roma devem ser imediatamente enviadas.

- Quantas?
- Pelo menos seis... pelo menos três mil homens.
- Quando?
- Imediatamente.

Graco abanou a cabeça. Era exatamente o que poderia esperar. Pensou no que iria dizer. Pensou cuidadosamente. Reuniu mentalmente tudo quanto sabia e tinha aprendido sobre a psicologia dos escravos.

— Aconselho-vos a não fazerdes tal coisa.

Tinha o costume de se opor a eles. Todos quiseram saber por quê.

— Porque não confio em coortes da cidade. Deixai os escravos sozinhos por enquanto. Deixai que comecem a se deteriorar. Não enviai coortes da cidade.

— Quem mandaremos?

— Chamai de volta uma das legiões.

— Da Espanha. E Pompeu?

— Pompeu que se dane! Está bem, deixai a Espanha tranqüila. Que volte a terceira legião da Gália Cisalpina. Mas não vos apresseis. Trata-se de escravos, um punhado de escravos. Não serão nada, a menos que os transformeis em alguma coisa...

Assim discutiram e, em sua memória, Graco reviveu a discussão e os via, em seu incrível temor de revolta de escravos, decidir mandar seis das coortes de Roma. Graco dormiu pouco. Acordou pela madrugada, como sempre o fazia, independentemente do tempo e do local. Foi fazer no terraço sua refeição matinal de água e de frutas.

III

A luz do dia espairose os temores e perplexidades do homem e, muitas vezes, é como um bálsamo e uma bênção. Muitas vezes, mas não sempre; pois existem celtas categorias de seres humanos a quem não agrada a luz do dia. Um preso se abraça à noite, que é como um manto que o conforta e aquece e protege; a luz do dia nada traz de bom ao condenado. Mas, em geral, a madrugada dissipa as confusões da noite. Grandes homens cada manhã readquirem "o manto de sua grandeza, pois mesmo os grandes homens ficam iguais a todos os outros homens durante a noite, e alguns fazem coisas desprezíveis e outros soluçam e outros ainda encolhem-se no medo da morte e de uma escuridão mais profunda do que a que os cerca. Mas, pela manhã, voltam a ser grandes homens, e Graco, sentado no terraço, trajando uma nova e alvíssima toga, o polpudo rosto

cheio de jovialidade, era a própria imagem do que deveria ser um senador romano. Muitas vezes se disse, então e mais tarde, que nunca existiu um melhor e mais nobre e mais sábio conjunto de homens reunidos para legislar do que os que integravam o Senado da República de Roma, e, observando-se Graco, tinha-se a tendência de acreditar na veracidade dessa afirmação. Sem dúvida, ele não era de nobre estirpe e o sangue em suas veias tinha uma ascendência extremamente dúbia, mas era muito rico, e uma das virtudes da República era medir um homem tanto nos termos de si próprio como no de seus antepassados. O simples fato de os deuses darem fortuna a um homem era uma indicação de suas qualidades inatas, e se alguém quisesse prova disto bastava verificar quantos eram pobres e quão poucos eram ricos.

Enquanto Graco estava ali sentado, vieram reunir-se a ele os outros hóspedes que honravam *Villa Solaria*. Era um excepcional grupo de homens e mulheres que ali haviam passado a noite, e regozijavam-se na certeza de que eram pessoas excepcionais e muito importantes. Deixava-os à vontade uns com os outros, e acentuava sua confiança em Antônio Caio, que nunca cometia o erro de combinar mal os convivas de sua casa. Mas nos termos gerais de vida campestre romana, não eram muito fora do comum. É verdade que entre eles achavam-se dois dos mais ricos homens do mundo, uma jovem que se tornaria uma prostituta célebre através dos séculos, e um homem que, em razão de toda uma vida de frias e calculistas intrigas, adquiriria notoriedade entre as futuras gerações, e um rapaz cuja degenerescência se tornaria famosa por si mesma; mas quase constantemente poder-se-ia encontrar hóspedes do mesmo tipo em *Villa Salaria*.

Essa manhã, agruparam-se em torno de Graco. Era o único entre eles que usava toga. Era o inabalável magistrado veterano, sentado ali com sua água perfumada, descascando uma maçã e de vez em quando soltando uma frase. "Eles se recompoem bem", disse para si mesmo, observando os homens bem cuidados e as mulheres pintadas com perfeição, os cabelos arrumados em lindos penteados. Conversavam sobre uma e outra coisa, e sua conversa era viva e bem ensaiada. E quando falaram sobre escultura, Cícero tomou uma posição oficial, como seria de se esperar:

— Estou cansado de ouvir falar em gregos. Que fizeram que os egípcios já não tivessem feito mil anos antes? Em ambos os casos, nota-se uma degenerescência inerente, um povo incapacitado de se desenvolver e dominar. Isto se reflete em sua

escultura. Pelo menos, um artista romano retrata a realidade.

— Mas a realidade pode ser muito aborrecida — protestou Helena, com a prerrogativa da juventude e de sua condição de intelectual e de mulher.

Era de se esperar que Graco negasse entender alguma coisa de arte.

— Sei do que gosto — disse.

E Graco sabia muito sobre arte. Comprava arte egípcia porque despertava nele um eco. Crasso não tinha opinião definida sobre arte; na realidade eram muito poucas as suas opiniões definidas; entretanto, por comparação, era um bom general. Ao mesmo tempo, irritava-o a declaração cortante de Cícero. Era muito fácil falar em degenerescência quando não se tinha que lutar contra os supostos degenerados.

— Devo dizer que sou pela escultura grega — observou Antônio Caio. — É barata e bastante agradável quando as cores desaparecem. Naturalmente, são as peças sem cor que se encontram com mais facilidade, mas ficam bonitas no jardim e eu as prefiro assim.

— Então poderíeis ter comprado os monumentos de Espártaco, antes de o vosso amigo Crasso os mandar quebrar — sorriu Cícero.

— Monumentos? — perguntou Helena.

— Tinham que ser destruídos — disse Crasso friamente.

— Que monumentos?

— Se não me engano, foi Graco quem assinou a ordem para a sua destruição — disse Cícero.

— Nunca te enganas, não é, rapaz? — resmungou Graco, e virando-se para Helena: — Cícero tem razão. Havia dois grandes monumentos esculpidos em pedra vulcânica, que Espártaco erigiu nas encostas do Vesúvio. Nunca os vi, mas assinei a ordem para destruí-los.

— Como pudeste fazer tal coisa? — perguntou Helena.

— Como podia deixar de fazê-lo? Se a imundície ergue um emblema de imundície, a coisa a fazer é arrasá-lo!

— Como eram? — perguntou Cláudia.

Graco abanou a cabeça, sorrindo maliciosamente por notar como os fantasmas dos escravos e o fantasma de seu chefe se insinuavam constantemente na conversa.

— Nunca os vi, minha cara. Pergunta a Crasso que os viu.

— Não vos posso dar uma opinião de artista — disse Crasso. — Mas os monumentos eram o que se poderia esperar que fossem. Um representava a figura de um escravo, de uns quinze

metros de altura, creio. Estava de pé, com as pernas abertas, e tinha rompido suas correntes, que pendiam dos seus pulsos. Com um braço, estreitava ao peito uma criança e, na outra mão, trazia uma curta espada espanhola. Pareceu-me muito bem feito, mas, como já disse, não sou entendido em arte. Notei que era esculpido com simplicidade, e o homem e a criança eram bem modelados e com detalhes como calos e feridas que as correntes costumam fazer. Lembro-me que o jovem Gaio Taneria me fez notar o desenvolvimento das espáduas musculosas do escravo, as veias salientes de suas mãos, tais como se pode notar nas de um trabalhador do campo. Espártaco tinha muitos gregos no seu exército, e os gregos sabem fazer escultura. Não chegaram a ter a oportunidade de pintar a estátua, ou talvez não tivessem podido dar pigmentação à pedra vulcânica. Lembrou-me as velhas esculturas que se vêem em Atenas, as que já perderam a cor, e concordo com Caio em que são mais bonitas assim — além de mais baratas.

— O outro monumento tinha menos altura; as figuras deviam medir uns sete metros, mas também eram muito bem feitas. Simbolizavam três gladiadores, um trácio, um gaulês e um africano. O curioso era que o africano fora esculpido em pedra negra, sendo as outras figuras em pedra branca. O africano estava no centro, um pouco mais alto do que os outros, agarrando seu tridente com ambas as mãos. De um lado achava-se o trácio, o punhal na mão e, do outro, o gaulês, empunhando uma espada. Era muito bem feito, e podia-se ver que tinham estado lutando, pois apresentavam vários cortes nos braços e pernas. Atrás deles havia uma mulher de porte altivo, e dizem que Varínia serviu-lhe de modelo. A mulher segura uma trolha numa das mãos e um enxadão na outra. Devo confessar que nunca compreendi direito o significado disso.

— Varínia? — perguntou Graco num tom abafado.

— Por que tiveste que destruir os monumentos? — perguntou Helena.

— Seria possível deixá-los de pé? — retorquiu Graco. — Deixá-los ali para que todos os apontassem e dissessem: "Vede o que fizeram os escravos"?

— Roma é bastante forte para não os destruir... sim, e para apontá-los — declarou Helena.

— Muito bem dito! — observou Cícero, mas Crasso pensou que vira, naquela ocasião, os dez mil homens de suas melhores tropas jazendo num campo de sangue e os escravos retirando-se como um leão irado, que apenas se irritou mas que mal chegou a ser ferido.

— Como era a estátua de Varínia? — perguntou Graco, procurando dar um tom casual à pergunta.

— Não me recordo muito bem. Poderia ser tomada por uma alemã ou uma gaulesa, cabelos longos, roupagens soltas e o mais. Os cabelos trançados e presos, segundo o hábito da Gália e da Germânia. Um bom busto — uma bela e robusta figura de mulher, como certas raparigas germanas que se encontram atualmente no mercado e que alcançam tão bom preço. Naturalmente, ninguém sabe ao certo se era ou não Varínia. Como tudo o mais que se relaciona com Espártaco, pouco ou nada sabemos a respeito. A não ser que se queira engolir o que dizem por aí. Tudo o que sei sobre Varínia é o que aquele infecto *lanista*, Baciato, contou-me, o que foi muito pouco, exceto que se babou todo ao falar nela. Portanto, ela deve ter sido bonita...

— E destruíste também isto! — exclamou Helena.

Crasso abanou afirmativamente a cabeça. Não era homem para se deixar perturbar facilmente.

— Minha cara, sou um soldado e cumpri as instruções do Senado. Ouvireis muita gente dizer que a Guerra Servil foi coisa sem importância. E muito natural que se adote este ponto de vista, pois Roma pouco lucra em proclamar ao mundo o trabalho que tivemos com alguns escravos. Mas aqui, neste agradável terraço, em casa do meu querido e bom amigo Antônio Caio, entre conhecidos, posso deixar de lado as lendas. Ninguém nunca ameaçou tanto Roma de destruição como Espártaco. Ninguém nunca a feriu tão tremendamente. Não quero me fazer valer. Que Pompeu seja o herói, mesmo porque não há grande honra em se derrotar escravos. Mas a verdade perdura e, se os símbolos de castigo são desagradáveis, pensai em como me senti quando vi o chão recoberto de cadáveres das melhores tropas de Roma. Portanto, não hesitei em destruir as esculturas de pedra que os escravos haviam erigido. Muito pelo contrário, senti uma certa satisfação nisso. Destruímos por completo as figuras e as esmagamos até virarem cascalho. . . para que não restasse vestígio algum delas. Da mesma forma que destruímos Espártaco e seu exército. Da mesma forma que, indubitavelmente, destruiremos a própria lembrança do que ele fez e do que foi. Sou um homem bastante simples e não especialmente inteligente, mas tenho uma certeza: a ordem das coisas é que alguns devem reinar e outros servir. Assim o determinaram os deuses, e assim sempre será.

Uma das qualidades de Crasso era a de poder provocar exaltação sem, para isso, exaltar-se ele próprio. Suas belas feições marciais davam ênfase a suas palavras. Era a figura

acabada do gavião de bronze da República!

Graco o observava de soslaio, como observava todos os demais, o destruidor e magro Cícero, o jovem pederasta, Caio, Helena, a sofredora e um tanto ridícula Júlia, Cláudia, bela e satisfeita consigo mesma, Antônio Caio e Crasso — a todos observava, e ouvia também, e pensava de novo no dia em que a comitiva senatorial fora procurá-lo. Isso tinha sido o começo, naturalmente — quando foram enviadas as seis coortes. E o começo seria esquecido, e o final também, como dissera Crasso. A não ser — e talvez assim fosse — que o final ainda estivesse por acontecer.

IV

No começo, a decisão do Senado era mandar seis das coortes da cidade imediatamente para Cápua, a fim de esmagar a revolta dos escravos. Esta fora a decisão a que Graco se tinha oposto, e que, de algum modo, fora levada a efeito para dar-lhe uma lição de humildade. A luz do que acontecera depois, a questão de humildade era lembrada por Graco com uma certa satisfação amarga.

Cada uma das coortes da cidade consistia de quinhentos e sessenta soldados, armados mais ou menos como os legionários apenas melhor e mais dispendiosamente. A cidade era um bom lugar para estacionar-se. As legiões iam aos confins do mundo e, muitas vezes, nunca voltavam: encontravam suas sepulturas em solo estranho, ou voltavam dez ou quinze anos depois. As legiões marchavam o dia inteiro, parcamente alimentadas, trabalhavam na construção de estradas e cidades em pontos longínquos, e às vezes a grande *urbs* passava a ser, para eles, apenas uma lembrança. Os soldados que integravam as coortes da cidade tinham do bom e do melhor, e não lhes faltavam mulheres, vinho e jogos. Mesmo um soldado raso da coorte da cidade era um fator político, e sempre lhe respingava algum dinheiro na palma das mãos. Muitos deles possuíam bons aposentos na cidade, e alguns sustentavam várias escravas. Contava-se de um soldado que mantinha quatorze concubinas num grande cômodo em Roma e ganhava bom dinheiro criando crianças até a idade de seis anos e, depois, vendendo-as no mercado público. Muitas histórias deste gênero circulavam em Roma.

Trajavam belos uniformes. Todas as coortes eram comandadas por jovens de boa família, que queriam seguir a carreira militar, mas queriam, ao mesmo tempo, manter suas carreiras a curta distância do teatro, da arena e dos restaurantes

melhores. Muitos deles eram amigos de Caio, e por uma ou duas vezes ele pensara em assumir também o cargo, mas desistira por considerar a profissão militar algo em desacordo com seus talentos. Todavia esta espécie de comando e também o fato de que as coortes eram escolhidas para as paradas de cerimônia em quase todas as funções políticas, resultavam numa rivalidade entre os jovens comandantes para chefiar o contingente mais bem uniformizado. Na cidade, o couro sujo e encharcado de suor das calças dos legionários, era substituído por camurça macia e de lindas cores. Cada regimento tinha uma cor diferente, e em geral possuía o privilégio de usar plumas no elmo. Os *humeralia*, as tiras de ferro que desciam do ombro para se cruzarem sobre a armadura do peito, eram freqüentemente chapeadas com ouro ou prata. As armaduras de uma coorte eram inteiramente de bronze, e cada regimento possuía uma bota especial, freqüentemente até à altura dos joelhos e ornamentada com pequenas campainhas de prata. Grevas de bronze, há muito abandonadas pelas legiões da fronteira, que não podiam marchar grandes distâncias com as pernas recobertas de metal, ainda eram usadas pela metade dos regimentos da cidade, e cada coorte tinha um desenho diferente para a face dos seus escudos. A qualidade de suas armas e armaduras não tinha igual em toda a Itália.

Não é que fossem mal treinados. As coortes, nessa ocasião, exercitavam-se todos os dias. Geralmente, treinavam de manhã cedo, no *Circus Maximus*, que era então uma pista livre de corridas no *Vallis Murcia*, e era um prazer vê-las executar seus exercícios ao som da música cadenciada de cem pifanos. Todas as manhãs, as encostas das colinas em torno do *Circus* se cobriam de crianças de Roma que assistiam ao espetáculo militar com deleite e inveja.

Mas o fato é que as coortes não eram legiões, e é muito diferente dispersar uma aglomeração de esfaimados sem emprego ou liquidar uma arruaça política nas estreitas ruas da cidade, do que lutar contra espanhóis, gauleses, germanos, trácios, judeus e africanos. No entanto, tratava-se apenas do levante de um punhado de escravos, e apesar de todas as suas deficiências, seis coortes da cidade incluíam mais de três mil e quinhentos soldados romanos. O próprio Graco não podia deixar de constatar tal coisa. Por uma questão de princípio, não gostava de ver as coortes afastarem-se mais do que um dia de jornada das muralhas da cidade. Mas, ao todo, havia vinte e sete coortes, e nem mesmo Graco negava que estavam capacitadas a cumprir sua tarefa. Sua oposição derivava mais de um profundo temor desses regimentos políticos que não consistiam de soldados

camponeses mas de homens nascidos e criados na cidade, os desocupados, inconscientes, corruptos parasitas de Roma, os párias e os desesperançados que viviam suas vidas no limbo, entre a massa de escravos sobre quem se apoiava a sociedade e o punhado de governantes acima. Eram mais numerosos do que os trabalhadores de Roma, o grupo cada vez mais reduzido de artesãos e comerciantes. Passavam os dias nas ruas ou na arena; viviam de esmolas do governo e jogavam e apostavam nas corridas e vendiam seus votos em cada eleição e estrangulavam seus recém-nascidos para escapar à responsabilidade de criá-los e passavam horas nos balneários e viviam em pequenos e sujos cômodos nos andares superiores das casas de aluguel — entre eles eram recrutadas as coortes da cidade.

As seis coortes partiram ao romper da madrugada, no dia seguinte à decisão do Senado. Seu comando foi entregue a um jovem senador, Varínio Glabro, que recebeu o símbolo de legado e enviado como representante direto do Senado. Não faltavam em Roma homens com experiência militar mais amadurecida; mas, durante anos, Roma fora corroída por uma luta interna pelo poder, e o Senado mostrava-se extremamente relutante em entregar o poder militar a alguém que não pertencesse ao seu grupo. Varínio Glabro era vaidoso, pouco inteligente, e, politicamente, podia-se confiar nele.

Tinha trinta e nove anos de idade e, pelo lado materno, era de excelente família. Não era excessivamente ambicioso, e tanto ele como a família consideraram a nomeação como uma oportunidade para conquistar glória, sem incerteza alguma. Ao escolhê-lo, a maioria do Senado firmava sua posição com grande parte da população patricia. Os oficiais sob suas ordens cumpririam militarmente seu dever; e quanto às poucas decisões que teria de tomar, recebeu instruções precisas e cautelosas. Levaria seus homens a Cápua a passo de campanha, o que equivalia a uns trinta e cinco quilômetros por dia. Toda esta distância seria percorrida na Via Apia, o que significava o transporte em carros da comida e da água que o legionário comum tinha de carregar nas costas. Teria que acampar seus homens fora das muralhas de Cápua, e passar apenas um dia naquela cidade, colhendo informações sobre o progresso da revolta de escravos e traçando planos para esmagá-la. Depois, comunicaria seus planos ao Senado, mas os poria em prática sem esperar pela aprovação. Enfrentaria os escravos como julgasse melhor, mas devia esforçar-se o quanto possível por capturar os chefes da revolta, e voltar com eles, e todos os mais que aprisionasse, para Roma a fim de que tosem julgados e

punidos publicamente. Se o Conselho de Cápua solicitasse símbolos de castigo, teria o direito de crucificar dez escravos fora de Cápua — mas somente se este número representasse menos da metade dos feitos prisioneiros. Por ordem explícita do Senado, todos os direitos de propriedade dos escravos passavam às mãos do Senado, e Varínio tinha instruções para não aceder a reclamação alguma sobre esses direitos, embora posteriormente fossem aceitas apelações que seriam apresentadas ao Comitê de Reclamações.

Isto fora antes de haver qualquer informação em Roma sobre quem chefiava a revolta. O nome de Espártaco ainda não era conhecido, nem se sabia ao certo como se tinha iniciado a revolta na escola de Baciato. As coortes se formaram para desfilar ao romper da madrugada, mas houve um certo atraso devido a uma disputa entre os oficiais a respeito da sua colocação. O sol já ia alto no céu quando começaram a marchar. A excitante música militar de seus tambores e címbalos ecoou pela cidade, e quando alcançaram os portões já os esperava uma grande multidão para vê-los partir.

Graco lembrava-se muito bem de tudo isso. Ele e dois outros senadores tinham-se reunido à multidão, e lembrava-se do belo espetáculo que ofereciam as coortes marchando para fora da cidade, a banda tocando, as bandeiras e estandartes esvoaçando lindamente, os elmos emplumados dos soldados balouçando ao ritmo dos passos, e Varínio, à frente da coluna, trajando uma bela armadura de bronze polido, montado num esplêndido cavalo branco, e saudando a multidão que o aclamava. Não há nada mais emocionante do que uma parada de soldados bem adestrados. Graco lembrava-se de tudo muito bem.

V

E foi assim que o Senado tomou conhecimento de Espártaco, e Graco podia recordar a primeira vez que ouvira o seu nome pronunciado. Possivelmente era a primeira vez que o mencionavam em voz alta, em Roma. No primeiro relatório enviado de Cápua ao Senado de Roma, Varínio o citava de passagem e sem dar-lhe maior importância. A informação de Varínio não era um documento especialmente brilhante. Começava com a frase costumeira "Seja grato ao nobre Senado", e prosseguia detalhando os poucos incidentes da marcha pela Via Apia e as informações colhidas em Cápua. O principal acontecimento da marcha fora que as três coortes que usavam grevas de bronze tinham adquirido dolorosas escoriações no peito dos pés. Varínio tinha resolvido que os

soldados abandonassem suas grevas e ordenara que uma das carretas as levassem de volta a Roma. Os oficiais das coortes consideraram isto um desdouro para a honra de suas tropas — seus soldados estavam sendo insultados e tudo podia se resolver com um pouco de pomada nos pés machucados. Varínio cedeu, e o resultado foi que mais de cem homens tiveram de ser deixados para trás, em Cápua, por se acharem incapacitados para o combate. Várias centenas de outros manquejavam, mas a opinião dos oficiais era que logo estariam aptos a participar da campanha contra os escravos.

(Graco teve uma contração nervosa ao ouvir a palavra *campanha*.)

Quanto à revolta, Varínio estava evidentemente dividido entre o desejo de relatar os fatos — que eram praticamente nulos — e a ânsia de aproveitar a oportunidade para aumentar seu prestígio pessoal, o que implicava num exagero de tudo o que estava se passando. Incluiu uma declaração de Baciato, relativa aos antecedentes da revolta, e observou que "parecia ser chefiada por um certo Espártaco, um trácio, e por Crixo, um gaulês." Ambos eram gladiadores, mas pelo relatório era impossível deduzir-se quantos gladiadores estavam envolvidos. Varínio descreveu detalhadamente as três plantações que haviam sido incendiadas. Os escravos dessas plantações tinham-se mostrado absolutamente leais a seus senhores, mas sob a ameaça de morte haviam sido forçados a reunir-se aos rebeldes. Os que se recusaram, foram imediatamente executados.

(Graco aprovou. Essa era a única maneira de se contar o ocorrido.)

Dois latifundiários tinham tentado abrigar-se em Cápua, mas seu caminho fora interceptado pelos gladiadores que os haviam assassinado e obrigado os escravos a aderir à revolta. Além do mais, um certo número de descontentes entre os escravos da região fugira para se reunir aos rebeldes. Varínio acrescentava uma longa lista de atrocidades supostamente cometidas pelos escravos, e incluiu na sua informação três depoimentos prestados a respeito e enumerando outras atrocidades praticadas pelos escravos.

Terminava declarando que, segundo fora informado, os escravos tinham estabelecido seu quartel general nas rochosas encostas do Monte Vesúvio, e que tencionava marchar imediatamente para lá e cumprir as ordens que recebera do Senado.

O Senado recebeu e aceitou seu relatório. Foi também apresentada e aprovada uma resolução no sentido de que oitenta escravos foragidos e que se destinavam às minas fossem agora

ofertados como símbolos de castigo, "para que todos os escravos na *urbs* vissem no destino dos seus companheiros uma advertência e uma lição". No mesmo dia, os pobres infelizes foram crucificados no *Circus Maximus*, num intervalo entre as corridas. E ali ficaram pendurados nas suas cruzes enquanto o favorito do momento, *Aristones*, um magnífico garanhão da Sicília, perdia inesperadamente para *Caros*, uma égua da Núbia — causando sérios prejuízos a um considerável número de jogadores de Roma.

Mas durante seis dias não se ouviu mais falar em Varínio ou nas suas coortes. E ao fim deste período chegou um curto informe. As coortes de Roma tinham sido derrotadas pelos escravos. Era uma informação curta, sem mais dados, e durante vinte e quatro horas o Senado e a cidade aguardaram em tensa expectativa novas notícias. Todo mundo falava sobre o levante dos escravos, mas ninguém sabia nada ao certo. O medo pairava sobre a cidade.

VI

O Senado se reuniu de portas cerradas, em sessão plenária, enquanto, fora, a multidão crescia até encher a *plaza* e bloquear as ruas que nela desembocavam, e os boatos se espalhavam por todos os cantos da cidade, pois agora o Senado sabia a história das coortes da cidade.

Apenas duas das cadeiras estavam vazias. Recordando aquela sessão, Graco pensou que era nesses momentos — momentos de crise e de amargas notícias — que o Senado mais se salientava. Os olhos dos anciões ali sentados e tão silenciosos eram cheios de preocupação porém não de temor, e nas fisionomias dos homens mais jovens havia cólera e exasperação. Mas todos pareciam profundamente conscientes da dignidade do Senado romano, e em tal contingência até Graco pusera de lado seu ceticismo. Conhecia aqueles homens; sabia por que meios vis e corrompidos tinham comprado suas cadeiras no Senado e o sujo jogo político em que tomavam parte. Conhecia todas as sujeiras íntimas de cada um deles, e mesmo assim sentia-se emocionado e orgulhoso de sentar-se ao seu lado.

Não se sentia capaz, agora, de se regozijar com sua vitória pessoal, pois não a podia destacar do que estavam enfrentando agora, e em consequência elegeram-no *senator inquaesitor*, e ele, pondo de parte qualquer sentimento de triunfo que pudesse sentir, identificou-se com o desgosto geral. Pôs-se à frente dos senadores e, diante do soldado romano que tinha voltado, o soldado romano nascido e criado nas ruas e becos da cidade,

mas agora, pela primeira vez em sua vida, de pé, perante o augusto Senado, um homem de olhos sombrios e rosto descarnado, furtivo e aterrado, com uma contração nervosa no canto dos olhos, a língua umedecendo-lhe constantemente os lábios, ainda trajando sua armadura, sem armas, como convém a quem se apresenta perante o Senado, barbeado e, pelo menos parcialmente banhado, mas com uma atadura encharcada de sangue num braço, e exausto também, Graco fez o que outros não teriam feito. Antes de iniciar o interrogatório, pediu a um assistente que trouxesse uma botija de vinho e a colocasse numa pequena mesa ao lado do soldado. Estava fraco e Graco não queria que ele de repente desmaiasse. O homem segurava nas mãos a pequena vara de marfim do *legado*, a vara que — costumava-se dizer — tinha mais potência do que um exército invasor, o braço da autoridade e o poder do Senado.

— Podes entregar-ma — começou Graco.

O soldado não o compreendeu a princípio, e então Graco tomou-lhe a vara das mãos e colocou-a sobre o altar, sentindo a garganta apertar-lhe e uma dor no coração. Podia ter desprezo pelos homens, sendo eles o que são, mas não podia sentir desprezo por aquela pequena vara que representava toda a dignidade e poder e glória de sua vida, e que há dias apenas fora entregue a Varínio.

— Primeiro, teu nome?

— Áralo Pórcio.

— Pórcio?

— Áralo Pórcio — repetiu o soldado.

Um dos senadores colocou as mãos atrás das orelhas e gritou:

— Mais alto. Não podeis falar mais alto? Não consigo ouvir.

— Fala mais alto — disse Graco. — Nenhum mal te acontecerá aqui. Estás na câmara sagrada do Senado para dizer toda a verdade em nome dos deuses imortais. Fala alto!

O soldado respondeu com um aceno de cabeça.

— Bebe um pouco de vinho — disse Graco.

O soldado fitou de rosto em rosto as fileiras de homens impassíveis, sentados com suas togas brancas nos bancos de pedra, e com as mãos trêmulas se serviu de um copo de vinho até transbordá-lo, tragando depois o líquido de uma só vez, e tornando a passar a língua nos lábios.

— Que idade tens? — perguntou Graco.

— Vinte e cinco anos.

— E onde nasceste?

— Aqui, na *urbs*.

— Tens um ofício?
O homem sacudiu a cabeça.
— Quero que respondas a cada pergunta. Quero que pelo menos digas sim ou não. Se puderes, responde com mais detalhes.
— Não... não tenho outro ofício a não ser o da guerra — disse o soldado.
— Qual era teu regimento?
— A Terceira Coorte.
— Há quanto tempo eras soldado da Terceira Coorte?
— Há dois anos e dois meses.
— E antes?
— Vivía de esmolas.
— Quem era teu comandante na Terceira?
— Sívio Caio Salvário.
— E teu oficial?
— Mário Graco Álvio.
— Muito bem, Áralo Pórcio. Agora quero que me contes, e aos nobres senadores aqui reunidos, exatamente o que aconteceu depois que tua coorte e mais cinco outras marcharam de Cápua para o Sul. Quero que fales direta e claramente. Nada que digas será usado contra ti, e aqui, nesta câmara sagrada, nenhum mal te poderá advir.

Não era fácil, porém, ao soldado, falar com coerência e, anos depois, Graco, sentado no terraço de *Villa Salaria* na suave manhã de primavera, recordava com mais facilidade o quadro dramático evocado pelas palavras do soldado do que as suas próprias palavras. Não fora um exército muito satisfeito ou alegre que marchara para o Sul sob o comando de Varínio Glabro. O tempo esquentara inesperadamente e as coortes, pouco habituadas a marchas constantes, sofriam bastante. Embora estivessem carregando dez quilos menos por homem do que os legionários em marcha, mesmo assim tinham que suportar o peso do elmo, armadura, escudo, lança e espada. Nasciam-lhes feridas onde as extremidades do metal quente roçavam a pele, e descobriam que as macias e belas botas de parada, que causavam tanto efeito quando marchavam de um lado para outro no *Circus Maximus*, não tinham grande utilidade na estrada e no campo. As chuvas da tarde vieram encharcá-los, e quando a noite chegou, estavam exaustos e mal-humorados.

Graco podia imaginá-los muito bem, a longa coluna de soldados, já agora fora da Via Ápia, marchando por uma poeirenta estrada de terra batida, as plumas molhadas pendendo de seus vistosos elmos, tão fatigados que não tinham mais

ânimo nem para se queixar. Foi então que apanharam quatro escravos do campo e os mataram — três homens e uma mulher.

— Por que os matastes? — interrompeu Graco.

— Julgávamos que todos os escravos naquela parte do país eram contra nós.

— Se eram contra vós, por que haveriam de vir até a estrada para assistir à passagem da coluna?

— Não sei. Foi a Segunda Coorte que os matou. Saíram de forma e agarraram a mulher. Os homens tentaram protegê-la, mas os soldados os trespassaram com suas lanças, matando-os imediatamente. Quando ali cheguei...

— Queres dizer que teu regimento também saiu de forma? — perguntou Graco.

— Sim. Todo o exército. Formamos uma roda em torno — o que podíamos chegar perto para assistir ao que estava acontecendo. Os soldados arrancaram as roupas da mulher e a estenderam nua, sobre a estrada. E então, um após outro, eles...

— Não precisas entrar em detalhes a este respeito — interrompeu Graco. — Seus oficiais interferiram?

— Não.

— Queres dizer que eles permitiram que tal coisa acontecesse sem interferir?

O soldado ficou um momento sem responder.

— Quero que respondas a verdade. Não quero que receies dizer a verdade.

— Os oficiais não interferiram.

— Como foi morta a mulher?

— Morreu do que lhe estavam fazendo — respondeu o soldado em voz baixa. Então, tiveram de ordenar-lhe de novo que falasse mais alto. Parecia ter perdido a voz, quase por completo.

Contou como tinham acampado naquela noite. Duas coortes nem sequer armaram as tendas. A noite estava tépida, e os soldados se deitaram em campo aberto. Nesse ponto, foi interrompido.

— Sabes se teu comandante tentou estabelecer um campo fortificado?

Era um dos orgulhos do exército romano o princípio de que nenhuma legião acampava em parte alguma, nem que fosse só por uma noite, sem edificar um campo fortificado, com paliçadas ou muros de barro, fossos e estacas, organizado como uma pequena fortaleza.

— Não, mas sei o que disseram os homens.

— Conta-nos, então.

— Disseram que Varínio Glabro queria fazer as fortificações, mas que os comandantes dos regimentos se opuseram. Os homens disseram ainda que, mesmo que todos concordassem, não tínhamos engenheiros conosco, e que tudo tinha sido muito mal planejado. Disseram... por favor, nobres...

— Diga-nos sem temor.

— Disseram que tudo tinha sido muito mal planejado. Mas os oficiais argumentavam que um punhado de escravos não representava perigo algum. À noite já ia caindo e, pelo que ouvi, o argumento dos oficiais era que se Varínio Glabro queria um campo fortificado, por que os fizera marchar até o cair da tarde? Os homens diziam o mesmo. Essa fora a pior marcha de toda a jornada. Primeiro nas estradas empoeiradas, tão empoeiradas que mal podíamos respirar, e depois sob um aguaceiro. Era fácil para os oficiais que iam a cavalo, mas nós, soldados, tínhamos que caminhar. O argumento, porém, era que, enquanto as carretas estivessem nos acompanhando e carregando nossa bagagem, devíamos cobrir o máximo de distância possível.

— Onde se achavam os regimentos, então?

— Próximos à montanha...

Sim, era mais fácil recordar as cenas evocadas do que as palavras chãs do soldado aterrado e estúpido que prestava testemunho. E algumas das cenas estavam tão claras no espírito de Graco que quase podia acreditar que as tinha visto com os próprios olhos. A estrada de terra batida estreitando-se até se tornar num simples atalho. Os lindos campos e pastagens dos *lati-fundia* cedendo lugar a bosques emaranhados e solitários elevações de rocha vulcânica que cercavam a cratera. E, pairando acima, a sombria majestade do Vesúvio. As seis coortes se espalharam em mais de um quilômetro de estrada. As carretas de bagagens barrando o caminho. Os homens exaustos e irritados. Em frente ao acampamento um monte de rochedos e abaixo um pequeno campo aberto com um riacho de águas claras, e flores campestres e relva macia, e a noite caindo.

Acamparam ali, e Varínio cedeu aos oficiais na questão de fortificações. Isto, também, Graco podia visualizar. Os comandantes dos regimentos ter-lhe-iam observado que chefiavam mais de três mil soldados romanos, todos muito bem armados. Que possibilidade haveria de um ataque? Que perigo? Mesmo no início da revolta os gladiadores eram pouco mais de duzentos; e muitos deles já tinham sido mortos. E os homens estavam muito cansados. Alguns tinham-se deitado na relva e adormecido imediatamente. Umhas poucas coortes armaram

tendas e fizeram uma tentativa de as colocar numa certa ordem regimental. A maioria das coortes preparou fogueiras para cozinhar, mas, como havia um grande suprimento de pão nas carretas de bagagem, alguns soldados não se deram nem a esse trabalho. Tal era o quadro do acampamento ao pé da montanha. Varínio ergueu sua tenda no centro do acampamento, e ali fincou seu estandarte e sua Insígnia Senatorial. O povo de Cápua preparara-lhe grande quantidade de iguarias, ele se sentara com seus oficiais para uma excelente refeição — talvez sentindo um certo alívio em não ter que se entregar à árdua tarefa de construir fortificações. Afinal, essa não era uma das piores campanhas — traria honra e talvez algumas glórias, e estavam apenas a uns poucos dias de marcha da grande cidade.

Assim, em sua memória, em sua visão íntima que o diferenciava e colocava acima dos animais, Graco recordou as cenas desde o começo. A memória é a alegria e a tristeza da humanidade. Graco banhava-se no sol da manhã, fitando o copo d'água que tinha nas mãos e ouvindo o eco longínquo de um mísero soldado que tinha voltado com a vara de marfim do legado. Ocorreram-lhe à mente alguns quadros. Como seria para aqueles que vão enfrentar a morte dentro de poucas horas, mas não o sabem? Ouvira jamais Varínio Glabro o nome de Espártaco? Provavelmente não.

— Lembro-me de como a noite caiu, e as estrelas nasceram no céu — dissera o soldado aos senadores impassíveis.

A beleza simples da fala de um imbecil. A noite caiu, e Varínio Glabro e seus oficiais devem ter ficado horas sentados na sua grande tenda, bebendo vinho e petiscando pedaços de pombo assado em mel. A conversa devia ter sido boa nessa noite, conversa culta, pois ali se achavam reunidos jovens da sociedade mais sofisticada que o mundo já produzira. Sobre o que tinham conversado? Agora, quatro anos mais tarde, Graco tentou recordar os temas que estavam na moda, então — no teatro, nas corridas, na arena. Não fora pouco depois da nova produção de Pacúvio, *Armorum ludicium*? E não tinha Flávio Gaio cantado o papel principal como nunca antes? (Ou seria imaginação dizer que um papel foi cantado ou desempenhado como nunca o fora antes?) Mas talvez assim fosse, e talvez os jovens comandantes das coortes tivessem erguido suas vozes já um tanto alteradas pelo vinho:

— *Men' servasse ut essent qui me perderent?*¹¹

O canto se fizera ouvir por todo o acampamento. . . possivelmente. A memória é fantasista. A fadiga devia ter

¹¹ Ter-me-iam preservado para haver quem me matasse? (N. do E.)

desaparecido do acampamento todo. Os homens das coortes estiravam-se na relva, mastigando pão e fitando as estrelas, enquanto outros dormiam tranqüilamente sob as tendas. E assim chegou o sono, um calmo sono que se apossou dos três mil e tantos soldados de Roma que tinham marchado para o sul e para o Monte Vesúvio, a fim de ensinar aos escravos que não deviam levantar a mão contra seus amos. . .

Graco era o *senator inquaesitor*. A ele cabia fazer as perguntas, e entre as respostas do soldado reinava um tal silêncio no Senado que se poderia ouvir as asas de uma mosca agitando o ar.

— Dormiste? — perguntou Graco.

— Dormi — respondeu, apavorado, o soldado que tinha voltado para prestar testemunho.

— E o que te acordou?

Neste ponto, o soldado perdeu a voz. Seu rosto tornou-se muito pálido, e Graco pensou que ele fosse desmaiar. Mas não desmaiou, e nesse ponto seu depoimento tornou-se claro e preciso, mas sem emoção. E contou o que acontecera e como o havia presenciado.

— Adormeci, e então acordei porque alguém estava gritando. Pelo menos pensei que um homem estivesse gritando, mas quando acordei de todo compreendi que era um grande grito de muitos homens, e o ar estava cheio desse grito. Ao despertar, rolei sobre mim mesmo. A meu lado estava Cálío, que era apenas um nome, um órfão das ruas, mas era meu melhor amigo. Por isto dormíamos lado a lado, e ao estender o braço, minha mão tocou em algo quente e úmido e macio, e quando olhei vi que era o pescoço de Cálío, mas seccionado. Enquanto isto, o grito continuava vibrando no ar. Então sentei-me numa poça de sangue, e não sabia se era ou não o meu sangue, e por toda a parte em meu redor, via, ao luar, cadáveres de soldados jazendo onde tinham adormecido, e o campo estava cheio de escravos armados com punhais que cortavam o ar em todas as direções. E foi assim que fomos derrotados, a metade dos soldados quando ainda adormecidos. E quando um homem se erguia, matavam-no, também. Aqui e ali uns poucos soldados se agrupavam para formar uma defesa, mas não conseguiam lutar muito. Foi a coisa mais terrível que vi na minha vida, e os escravos nunca paravam de matar. Então perdi a cabeça, e comecei a gritar também. Não tenho vergonha de confessar isso. Desembainhei a espada e corri através do campo, e atirei-me contra um escravo e o matei, mas quando cheguei à extremidade do campo, este achava-se inteiramente cercado por uma barragem sólida de lanças, e a maioria dos que as empunhavam

eram mulheres, mas não eram mulheres como as que já tinha visto ou imaginado, e sim criaturas terríveis com os cabelos esvoaçando ao vento e a boca escancarada num terrível grito de ódio. Um soldado passou correndo por mim e atirou-se contra as lanças, porque não pensou que as mulheres tivessem coragem de matá-lo, mas foi exatamente o que fizeram. Ninguém escapou do acampamento, e quando os feridos se arrastavam até elas, matavam-nos também. Atirei-me de encontro à barragem e fui ferido com uma lança no braço, e então caí ensangüentado e ali fiquei, com os ouvidos cheios da apavorante gritaria. Não sei por quanto tempo permaneci ali. Não me pareceu muito tempo, e disse a mim mesmo que devia levantar-me e lutar e morrer, mas continuei esperando. Depois a gritaria foi diminuindo e, então, mãos me agarraram e me puseram de pé, e eu os teria agredido com minha espada, mas arrancaram-na da minha mão, e meu braço estava sem forças por causa do ferimento da lança. Escravos me seguraram e alguém ia me cortar o pescoço com uma faca. Compreendi que estava perdido e que ia morrer. Mas uma voz gritou, *espera*. E a faca esperou, quase me tocando a pele do pescoço. Então um escravo se adiantou, e também trazia na mão um punhal trácio, e disse aos outros: "*Esperai, creio que ele é o único que resta.*" Ficaram todos parados, esperando. Minha vida esperou. Aproximou-se, então, um escravo de cabelos ruivos, e começaram a discutir meu caso. Eu era o único que restava, todos os meus companheiros estavam mortos. Foi por isso que não me mataram. Levaram-me através do campo, onde jaziam as coortes, na sua maioria trucidadas durante o sono. Levaram-me para a tenda de Varínio Glabro, o legado, mas o legado estava morto. Morto no seu leito. Na tenda havia também os corpos de alguns oficiais da coorte. Os escravos puseram uma atadura no ferimento do meu braço e me deixaram ali, guardado por alguns deles. O céu já começava a se acinzentar e a madrugada surgia. Mas todas as coortes estavam aniquiladas.

Isto o soldado disse sem emoção, num tom natural de narrativa, mas os músculos de seu rosto tremiam todo o tempo e nem uma vez levantou os olhos para os senadores ali sentados com as fisionomias impassíveis.

— Como sabes que estavam todos mortos? — perguntou Graco.

— Deixaram-me na tenda até o romper da madrugada. Os lados das tendas estavam enrolados, e eu podia avistar todo o acampamento. A gritaria cessara, mas eu ainda a podia ouvir no meu cérebro. Olhava em redor, e por toda parte só via mortos. O cheiro de sangue e de morte enchia o ar. A maioria das mulheres

que haviam feito a barragem de lanças sumira. Não sei para onde foram. Mas, além do cheiro de sangue, eu podia sentir o cheiro de carne assada. Talvez as mulheres estivessem assando carne para a refeição. Repugnou-me tanto a idéia de que alguém pudesse comer naquele momento que comecei a vomitar. Estava clareando. Vi grupos de escravos percorrendo o acampamento. Estavam despojando os mortos. Estenderam nossas tendas abertas no chão e depositaram sobre elas tudo o que os mortos estavam usando, armaduras e roupas e botas. As espadas e lanças e armaduras foram levadas ao riacho que corria junto à tenda de Varínio, e que ficou da cor da ferrugem só com o sangue lavado nele. Depois os escravos pegaram nossos potes de graxa, e depois de terem secado os metais, engraxaram tudo muito bem. E numa das tendas empilharam as espadas, milhares de espadas...

— Quantos eram os escravos? — perguntou Graco.

— Setecentos, oitocentos... talvez mil. Não sei. Trabalhavam em grupos de dez. Trabalhavam arduamente. Alguns deles montaram nossas carretas de bagagem e as carregaram com o que tinham pilhado dos mortos e as levaram. Enquanto trabalhavam, mulheres voltaram com cestas de carne assada. Um grupo de cada vez parava e comia. Comeram também nossas rações de pão.

— Que fizeram com os mortos?

— Nada. Deixaram-nos onde estavam. Depois de despojar os mortos, caminhavam por entre eles como se não existissem. No entanto, o chão estava coberto deles, e a terra encharcada de sangue. Agora o sol já ia alto. Foi a pior coisa que já vi. No centro do acampamento havia um grupo de escravos, observando o que se passava. Era um grupo de seis. Um deles era negro, um africano. Eram gladiadores.

— Como sabes?

— Quando se aproximaram de onde eu estava pude ver que eram gladiadores. Tinham o cabelo cortado rente ao crânio, e o corpo todo marcado de cicatrizes. Não é difícil reconhecer-se um gladiador. Um deles não tinha uma orelha. Outro tinha cabelos ruivos. Mas o chefe do grupo era um trácio. Tinha o nariz quebrado e olhos escuros que me fitavam sem pestanejar...

Nesse momento, houve entre os senadores uma mudança, quase imperceptível, porém real. Agora ouviam de outra maneira; ouviam com ódio e tensão e mais intensidade. Graco nunca mais esqueceria aquele momento, pois foi quando Espártaco tornou-se real, emergiu do nada para abalar o mundo. Outros homens têm raízes, um passado, um começo, um lugar,

uma terra, um país. . . mas Espártaco nada tinha. Nasceu dos lábios de um soldado que sobrevivera e cuja volta a Roma fora engendrada por Espártaco, exatamente com esse objetivo — o objetivo de fazê-lo comparecer ao Senado para dizer quem era Espártaco. Não se tratava de um gigante, de um selvagem ou de um homem feroz, mas simplesmente de um escravo; havia, porém, algo que o soldado vira e que precisava ser contado em detalhe.

— ... e a fisionomia me lembrava a de um carneiro. Vestia uma túnica, um pesado cinto de latão e botas altas, mas não usava nem armadura nem capacete. Trazia um punhal no cinto, e era esta a sua única arma. Sua túnica estava respingada de sangue. Tinha uma fisionomia difícil de se esquecer. Meteu-me medo. Não tinha medo dos outros, somente dele.

O soldado poderia ter contado aos senadores que via aquele rosto em seus sonhos, que despertava banhado em suor frio com a visão do rosto achatado com o nariz quebrado e os olhos negros, mas esses não eram detalhes de informação que interessassem ao Senado. O Senado não queria saber dos seus sonhos.

— Como sabes que ele era um trácio?

— Pelo seu sotaque. Falava um mau latim, como já ouvi falarem os trácios. Havia mais um outro trácio e creio que os outros eram gauleses. Fitaram-me, apenas, mas senti-me morto como os outros. Fitaram-me e passaram para a outra divisão da tenda de Varínio Glabro. Os corpos dos oficiais já tinham sido retirados dali e jogados ao chão, fora, com os dos soldados. Mas, primeiro, tinham despido completamente Varínio Glabro, e sua armadura e pertences estavam empilhados no leito. O seu legado também estava sobre o leito. Os escravos voltaram e se reuniram em torno do leito, fitando a armadura e os pertences do comandante. Apanharam a espada e a examinaram, passando-a de mão em mão. O punho era de marfim trabalhado. Depois de examiná-la, tornaram a jogá-la sobre o leito. Depois examinaram o legado. O homem do nariz quebrado — seu nome é Espártaco — virou-se para mim e perguntou-me: "*Romano, sabes o que é isto?*" "*?*" "*E o braço do nobre Senado*", respondi. Tive que explicar-lhes o que significava o legado, porque não sabiam. Espártaco e o gaulês de cabelos ruivos sentaram-se no leito. Os outros permaneceram de pé. Espártaco pôs o queixo nas mãos, os cotovelos nos joelhos, e manteve os olhos fixos em mim, e era como se uma serpente me fitasse. Quando acabei de falar, eles nada disseram, e Espártaco continuou fitando-me. Eu sentia o suor escapar de todos os poros de minha pele. Pensei

que iam matar-me. Então disse-me o seu nome. "*Meu nome é Espártaco*", disse. "*Grava meu nome, romano.*" Todos me olharam, e Espártaco disse ainda: "*Por que mataste os três escravos ontem, romano? Nada estavam fazendo de mal. Tinham vindo ver, apenas, a passagem dos soldados. Por acaso são as mulheres de Roma tão virtuosas para que toda uma legião precise violar uma pobre escrava? Por que fizeste isso, romano?*" Tentei contar-lhe o que tinha acontecido. Disse-lhe que fora a Segunda Coorte que a violara e matara os escravos. Não sei como souberam o que tinha acontecido, pois não parecia haver ninguém por perto quando os três escravos foram mortos. Mas sabiam tudo o que tínhamos feito. Sabiam a que horas havíamos saído de Cápuia. Estava tudo escrito nos seus olhos negros de serpente que nunca piscavam. Estava tudo na sua voz. Falava comigo como quem fala com uma criança, mas não me enganou com suas maneiras brandas. Era um matador. Estava nos seus olhos. Estava nos olhos de todos eles. Uns assassinos. Conheço bem gladiadores. Ninguém, a não ser gladiadores, poderia matar da maneira como mataram aquela noite. Conheço gladiadores que...

Graco o interrompeu. O soldado estava agora sob o fascínio de suas próprias palavras, como num transe, e Graco disse-lhe:

— Não estamos interessados no que sabes, soldado. Estamos interessados no que aconteceu entre ti e os escravos.

— Isto aconteceu... — começou o soldado, e então calou-se.

Despertara do seu transe, e fitou demoradamente os membros do nobre Senado da poderosa Roma. Estremeceu e disse:

— Esperei, então, que me dissessem o que iam fazer comigo. Espártaco continuou sentado sobre o leito, com a vara de marfim do legado nas mãos. Alisava-a com os dedos, e de repente atirou-a para mim. A princípio, não compreendi o que ele queria. "*Pega-a, soldado*", disse. "*Pega-a, romano.*" Peguei a vara. "*Agora és o braço do nobre Senado*", disse. Não parecia zangado. Nem uma só vez ergueu a voz. Estava apenas estabelecendo um fato — quero dizer, um fato para ele. Era isto o que queria. Eu nada podia fazer. De outra forma, teria preferido morrer do que tocar na vara sagrada. Nunca a teria tocado. Sou um romano, um cidadão...

— Não serás castigado por isto — disse Graco. — Continua.

— "*Agora és o braço do nobre Senado*" — tornou a dizer Espártaco. "*O nobre Senado tem um braço comprido, e na sua ponta agora só tu restas.*" Peguei então a vara... ele continuou sentado, com os olhos fixos em mim, e finalmente perguntou-me, "*Es um cidadão, romano?*" Respondi-lhe que era um cidadão. Ele esboçou um sorriso. "*Agora és um legado*", disse.

"Vou dar-te uma mensagem que transmitirás ao Senado. Palavra por palavra."

Neste ponto o soldado calou-se, o Senado esperou. Graco também esperou. Não queria perguntar-lhe pela mensagem de um escravo. Entretanto, a mensagem teria que ser pronunciada. Espártaco surgida do nada — mas agora achava-se em meio à câmara do Senado, e Graco viu-o naquele momento como o veria tantas vezes depois, apesar de nunca ter visto o que era a carne e o sangue de Espártaco.

E, finalmente, Graco ordenou ao soldado que falasse.

— Não posso.

— O Senado te ordena que fales.

— Estas foram as palavras de um escravo. Que minha língua seque...

— Basta de rodeios — disse Graco. — Conta-nos o que o escravo mandou-nos dizer.

O soldado então repetiu as palavras de Espártaco. O que Espártaco tinha dito — o quanto Graco podia se recordar tantos anos depois; e, recordando, Graco tinha uma visão do *praetorium*, a grande tenda de um comandante romano com suas alegres listras amarelas e azuis, erguendo-se no centro de um campo de mortos nus, o escravo Espártaco sentado no leito do comandante, seu quartel-general de gladiadores reunido a sua volta, e na sua frente o aterrado soldado romano, o único sobrevivente, seguro por dois escravos e por sua vez segurando a delicada vara do poder, o legado, o braço do Senado!

"Volta para o Senado (dissera Espártaco) e entrega-lhes a vara de marfim. Faça-te legado. Volta e conta-lhes o que viste aqui. Dize-lhes que enviaram suas coortes contra nós e que as destruímos. Dize-lhes que somos escravos — o que chamam de *instrumentum vocale*. O instrumento com voz. Dize-lhes o que diz nossa voz. Dizemos que o mundo está cansado deles, cansado do seu Senado podre e da sua Roma podre. O mundo está cansado da riqueza e esplendor que extraíram do nosso sangue e ossos. O mundo está cansado da canção do chicote. É a única canção que conhecem os nobres romanos. Mas não queremos mais ouvir essa canção. No começo dos tempos, todos os homens eram iguais e viviam em paz, repartindo entre si o que possuíam. Mas agora existem duas espécies de homens, o senhor e o escravo. Somos, porém, mais numerosos que vós, muito mais. F. somos mais fortes, melhores que vós. Tudo o que existe de bom na humanidade nos pertence. Amamos nossas mulheres e as protegemos e lutamos com elas. Mas vós transformais vossas mulheres em prostitutas e nossas mulheres em gado. Choramos quando nossos filhos nos são

arrancados e os escondemos entre os rebanhos, para que os possamos ter por mais tempo ao nosso lado; mas criais vossos filhos como quem cria gado. Tendes filhos com nossas mulheres, e os vendeis no mercado de escravos a quem pagar mais. Transformais homens em cães, e os enviais à arena a fim de que se estraçalhem para vosso deleite, e enquanto assistem o espetáculo de nossa morte, vossas nobres damas romanas acariciam cachorrinhos no colo e os alimentam com iguarias finas. Que criaturas repugnantes sois e que imundície fizestes na vida! Tornastes em deboche tudo com que sonham os homens, o trabalho das mãos de um homem, o suor da frente de um homem. Vossos próprios cidadãos vivem de esmolos e passam os dias no circo ou na arena. Fizestes da vida humana uma farsa e roubastes-lhe todo o seu valor. Matais pelo prazer de matar, e vossa suave diversão é ver correr sangue. Mandais criancinhas para vossas minas e em poucos meses as matais de trabalho. E edificastes vossa grandeza roubando o mundo. Mas, agora, isto acabou. Dize a teu Senado que está acabado. Esta é a voz do instrumento. Dize a teu Senado que mande seus exércitos contra nós, e os destruiremos como destruímos estas coortes, e nos armaremos com as armas dos exércitos que mandarem contra nós. O mundo todo ouvirá a voz do instrumento — e gritaremos aos escravos do mundo: "Erguei-vos e rompei vossas cadeias!" Percorreremos a Itália, e onde formos os escravos se reunirão a nós — e então, um dia, investiremos contra vossa cidade eterna. Deixará de ser eterna, então. Dize isto a teu Senado. Dize-lhes que os avisaremos da nossa chegada. Arrasaremos as muralhas de Roma. Iremos à casa onde está instalado o teu Senado, e arrastaremos os senadores de seus poderosos lugares e lhes arrancaremos as roupas para que fiquem nus e sejam julgados como sempre fomos julgados. Mas os julgaremos com justiça, toda a justiça que não merecem. Cada crime que cometeram lhes será imputado,, e haverá um relato completo.. Dize-lhes isto, a fim de que se preparem e examinem suas consciências. Terão que prestar testemunho, e nós, escravos, temos uma boa memória. Depois, quando tiver sido feita a justiça, edificaremos melhores cidades, limpas e belas cidades sem muralhas — onde a humanidade possa viver em paz e felicidade. É esta a mensagem ao Senado. Agora, vai transmiti-la. Dize-lhes que é de um escravo chamado Espártaco..."

Assim falou o soldado, mais ou menos nestas palavras — já fazia tanto tempo, pensou Graco — e assim ouviram os senadores, as fisionomias petrificadas. Mas fazia muito tempo. Tanto tempo, e quase tudo estava esquecido, e as palavras de Espártaco não tinham sido escritas, e só existiam na memória de

uns poucos homens. Até dos anais do Senado as palavras tinham sido extirpadas. Estava certo — tão certo como tinha sido destruir os monumentos que os escravos tinham erigido e reduzi-los a pó de pedra. Crasso compreendia isto, ainda que fosse um tolo. Um homem tinha que ser um tanto tolo para ser um grande general. A menos que fosse um Espártaco, pois Espártaco tinha sido um grande general. Fora ele tolo, também? Eram aquelas palavras as de um tolo? Como pode um tolo, durante quatro longos anos, resistir ao poderio de Roma, esmagando um exército romano após outro e transformando a Itália num cemitério de legiões? Como, então? Dizem que ele morreu, mas outros dizem que os mortos vivem. Será está a imagem viva dele, caminhando para Graco — um gigante, um homem gigantesco, e no entanto o mesmo, o nariz quebrado, os olhos negros, o cabelo crespo e curto? Os mortos caminham?

VII

— Olhai o velho Graco — disse Antônio Caio, sorrindo ao ver como pendia a cabeça do político, ao mesmo tempo em que nas suas mãos o copo d'água perfumada permanecia em equilíbrio, sem uma só gota derramada.

— Não zombeis dele! — disse Júlia.

— Quem ri de Graco? Ninguém, minha cara Júlia — disse Cícero. — A minha vida inteira hei de me esforçar para atingir tanta dignidade.

"E nunca chegará a atingi-la" — pensou Helena. Neste momento. Graco acordou, piscando com a luz.

— Estava dormindo? — E virando-se para Júlia: — Minha cara. peço-te perdão. Eu estava sonhando acordado.

— Com coisas boas?

— Com coisas antigas. Não considero que seja a memória uma benção para o homem. Na maioria dos casos é uma maldição. Na minha memória há coisas demais.

— Não mais que na dos outros — adiantou Crasso. — Todos temos nossas recordações, igualmente desagradáveis.

— E nunca agradáveis? — perguntou Cláudia.

— Minha recordação de ti, querida — rosou Graco — .será como um raio de sol até o dia de minha morte. Permite que um velho te diga isto.

— Ela deveria permitir a um jovem, também — riu Antônio Caio. — Enquanto dormias, Crasso nos estava contando...

— Não podemos falar de outra coisa que não seja Espártaco? — exclamou Júlia. — Não existe mais nada a não ser política e guerra? Detesto essa conversa...

— Júlia — interrompeu Antônio Caio.

Ela calou-se, engoliu em seco, e depois fitou o marido. Ele falou-lhe como se fala a uma criança difícil.

— Júlia, Crasso é nosso hóspede. Agrada a todos nós ouvi-lo contar coisas que, de outra forma, nunca saberíamos. Creio que devia te agradar também, Júlia, se prestasse atenção.

Ela cerrou os lábios e seus olhos se encheram d'água. Inclinou a cabeça, mas Crasso foi amável nas suas desculpas.

— Essas coisas aborrecem-me tanto quanto a ti. Júlia. Perdoa-me.

— Creio que Júlia gostaria de ouvir, não é, Júlia? — disse Antônio Caio. — Não é, Júlia?

— Sim — murmurou ela. — Por favor, continua, Crasso.

— Não... de forma alguma, não...

— Fui uma tola e me portei mal — disse Júlia como que repetindo uma lição. — Por favor, continua.

Graco interveio: estava-se criando uma situação bastante desagradável. Desviou a atenção de Júlia para Crasso, dizendo:

— Tenho certeza de que posso adivinhar qual era a tese do general. Estava dizendo que os escravos ganhavam as batalhas porque não tinham a menor consideração pela vida humana. Suas hordas se lançavam contra nós e nos trucidavam. Estou certo, Crasso?

— Difícilmente poderia estar mais errado — riu Helena.

Graco deixou que zombassem dele e mostrou-se tolerante até com Cícero, quando este disse:

— Sempre suspeitei, Graco, de que alguém cuja propaganda era tão boa quanto a tua tinha necessidade de também acreditar nela.

— Em parte, tens razão — admitiu Graco, tolerante — Roma é grande porque Roma existe. Espártaco é desprezível porque Espártaco não é mais do que um daqueles símbolos de castigo. Este é o fator que se deve considerar. Não concordas, Crasso?

O general aprovou com a cabeça.

— Todavia, Espártaco ganhou cinco grandes batalhas — disse Cícero. — Não as batalhas em que rechaçou as legiões, nem mesmo as em que as pôs em fuga. Refiro-me às cinco vezes em que ele destruiu Exércitos Consulares, destruiu-os e varreu-os da face da terra, e se apossou de suas armas. Crasso estava frisando que Espártaco era menos um estrategista do que um chefe com sorte — ou com azar, se quiserem. Seus homens eram invencíveis porque não podiam se dar ao luxo da derrota. Não era isto que querias explicar, Crasso?

— Sim, até certo ponto — admitiu o general, e voltando-se com um sorriso para Júlia. — Permite-me que illustre meu

ponto de vista com uma história que te agradará mais, Júlia. Um pouco de guerra, um pouco de política, e um pouco de Varínia. Era a mulher de Espártaco, sabes?

— Sei — respondeu Júlia num tom brando. Fitou Graco com alívio e gratidão. "Sei, minha cara Júlia", disse Graco para si mesmo. "Ambos somos um tanto patéticos e ridículos, e a principal diferença entre nós é que sou um homem e tu és uma mulher. Não poderias ser pomposa. Mas, essencialmente, somos iguais, com a mesma tragédia vazia em nossas vidas. Ambos amamos fantasmas porque nunca aprendemos como amar e ser amados por entes humanos".

— Sempre pensei que alguém a tivesse inventado — disse Cláudia inesperadamente.

— Por quê?

— Não existem mulheres assim — afirmou Cláudia categórica.

— Não? Talvez. . . É difícil distinguir o que é verdade e o que não o é. Uma vez li sobre uma batalha em que eu próprio tinha tomado parte, e o que li pouco tinha a ver com a realidade. São assim as coisas. Não garanto a veracidade do que vou contar, mas tenho todos os motivos para acreditar que assim tenha sido. Sim. acredito.

Havia uma nota estranha em sua voz, e, fitando-o atentamente. Helena, de repente, constatou que era um belo homem. Sob o sol da manhã, suas feições finas e enérgicas lembravam o passado lendário da jovem república. Mas, por alguma razão, o pensamento não lhe era agradável, e ela lançou um olhar de soslaio ao irmão. Caio tinha os olhos fixos no general, numa espécie de adoração enlevada. Os outros não notaram isso. Crasso prendia a atenção; seu tom abafado e sincero fascinava-os e até Cícero o fitava com interesse renovado. E Graco observou novamente o que já notara antes, a qualidade pela qual Crasso despertava paixões sem se deixar em absoluto apaixonar.

— Apenas algumas palavras de introdução ao que vou contar — começou Crasso. — Quando assumi o comando, a guerra já se prolongava há vários anos, como sabeis. É sempre uma coisa delicada tomar a si uma causa perdida, e quando a guerra é servil, a glória da vitória é pouca e imensa a vergonha da derrota. Cícero falou certo. Cinco exércitos tinham sido destroçados por Espártaco. — E voltando-se para Graco: — Tua propaganda é tentadora, mas deves admitir que eu tinha que encarar a situação sob seu verdadeiro aspecto.

— Naturalmente.

— Constatei que não se tratava de hordas de escravos.

Nunca houve uma ocasião em que não os superássemos em número, se for dita a verdade. Isto foi verdade no começo, e foi verdade no final. Se Espártaco de fato tivesse tido sob seu comando os trezentos mil homens que lhe imputavam, não estaríamos sentados hoje aqui nesta agradável manhã, na mais bela casa de campo da Itália. Espártaco teria tomado Roma e o mundo também. Outros podem duvidar disso. Eu, porém, lutei contra Espártaco suficientes vezes para não duvidar. Sei. A verdade é que a massa dos escravos da Itália nunca aderiu a Espártaco. Acreditais que, se fossem feitos da mesma tempera, estaríamos sentados aqui, numa plantação onde os escravos nos superam de cem para um? Evidentemente, muitos aderiram a ele, mas Espártaco nunca chefiou mais que uns quarenta e cinco mil guerreiros — e isto somente quando no auge de seu poder. Nunca teve cavalaria, como Aníbal, mas esteve muito mais próximo de derrotar Roma — uma Roma tão poderosa que poderia ter esmagado Aníbal numa única campanha. Não, apenas os melhores, os mais violentos, os mais desesperados seguiram Espártaco.

— Tive que descobrir isto por mim mesmo. Tive vergonha de Roma, quando descobri o estado de pânico e de alucinação criado pelos escravos. Queria saber a verdade. Queria saber precisamente contra quem estava lutando, que espécie de homem, que espécie de exército. Queria saber por que as melhores tropas do mundo, que tinham lutado e esmagado tudo, germanos, espanhóis, judeus, atiravam fora seus escudos e fugiam em debandada, à vista desses escravos. Tinha estabelecido meu acampamento, nessa época, na Gália Cisalpina, um acampamento que faria Espártaco pensar duas vezes antes de atacar e entrei a fundo na questão. Tenho poucas virtudes, mas uma delas é a precisão e devo ter entrevistado centenas de pessoas e lido milhares de documentos. Uma das pessoas com quem falei foi Baciato, o *lanista*. Falei com uma porção de soldados e oficiais que tinham lutado contra Espártaco. Um deles me contou esta história em que eu acredito.

— Se a história é tão longa como a introdução, almoçaremos aqui — observou Antônio Caio.

Os escravos já estavam trazendo melão egípcio, uvas e um vinho leve. Estava agradável e fresco no terraço, e mesmo os que planejavam continuar sua jornada nesse dia, não mostravam pressa em partir.

— É mais longa. Mas um homem rico deve ser ouvido...

— Continua — disse Graço meio irritado.

— É esta a minha intenção. A história é para Júlia. Com tua permissão, Júlia.

Ela assentiu com a cabeça e Graco pensou: "Não o julgaria tão perspicaz. A que diabo quer chegar ele?"

— Foi na ocasião da segunda destruição do exército romano por Espártaco. Na primeira ocasião o fato ocorreu com as coortes da cidade; calculo que meu amigo Graco se recorde muito bem. . . assim como todos nós, naturalmente — disse Crasso num tom malicioso. — Depois daquilo o Senado enviou Públio contra ele. Uma legião inteira e muito boa, creio. Era a Terceira, não é mesmo, Graco?

— A precisão é virtude tua, não minha.

— Creio que estou certo. E, se não me engano, uma parte da cavalaria da cidade acompanhou a legião, uns sete mil homens ao todo. Acredita-me, Júlia, que nada há de especialmente misterioso na arte da guerra. É preciso mais inteligência para fazer dinheiro ou para tecer uma peça de linho do que para ser um bom general. A maioria das pessoas cujo ofício é a guerra não é muito inteligente — por razões óbvias. Espártaco era muito inteligente. Compreendia as simples regras da guerra e compreendia a força e a fraqueza das armas romanas. Poucos outros tinham compreendido isso. Aníbal foi um deles. Nosso estimado contemporâneo Pompeu não compreende, receio eu.

— E vamos ouvir esses sublimes segredos? — perguntou Cícero.

— Não são nem sublimes nem especialmente secretos. Repito-os para Júlia, Parece algo impossível para um homem aprender. A primeira regra é nunca dividir as forças a não ser por uma questão de sobrevivência. A segunda regra é atacar quando se vai lutar, e, quando não se ataca, evitar o combate. A terceira regra é escolher o tempo e o local da batalha e nunca deixar a escolha ao inimigo. A quarta regra é evitar envolvimento a todo custo. E a regra final é atacar e destruir o inimigo onde se mostra mais fraco.

— Este ABC pode ser encontrado em qualquer manual de armas, Crasso — comentou Cícero. — Falta-lhe profundidade, se me permite. É simples demais.

— Talvez. Mas justamente por ser tão simples não lhe falta profundidade. Eu te garanto.

— E para completar isso — disse Graco — em que consiste a fraqueza e a força das armas romanas?

— Numa coisa igualmente simples, e tenho certeza de que Cícero novamente discordará de mim.

— Sou um estudante atento aos pés de um grande general — disse Cícero em tom leve.

— Não, de forma alguma — replicou Crasso. — Todos os homens estão convencidos de que têm talento para duas coisas

que não implicam nem em preparo nem em estudo: escrever um livro e comandar um exército. E há motivo para isso, em vista do número surpreendente de idiotas que fazem ambas as coisas. Refiro-me a mim mesmo, naturalmente — acrescentou sutilmente.

— Isto é muito hábil — disse Helena.

Crasso voltou-se um instante para ela. Tomava conhecimento das mulheres mas não se interessava realmente por elas, ou pelo menos esta era a opinião de Helena.

— Quanto ao nosso próprio exército — continuou ele — sua fraqueza e sua força podem ser resumidas numa palavra: disciplina. Temos o exército mais disciplinado do mundo, talvez mesmo o único disciplinado. Uma boa legião treina suas tropas cinco horas por dia, sete dias por semana. O treinamento soluciona uma série de contingências de batalha, mas não todas. A disciplina é até certo ponto mecânica, e quando surge uma nova contingência a disciplina é submetida à prova. Temos também um excelente exército de ataque; toda a sua vantagem é o ataque e suas armas são para atacar. É por isso que a legião constrói um acampamento fortificado onde deve passar uma noite. O "calcanhar de Aquiles" da legião é o ataque noturno. A primeira tática das armas romanas é a nossa própria escolha do campo de batalha. Mas este foi um luxo que Espártaco raramente nos permitiu. E Públio quando levou a Terceira Legião para o Sul, violou todas essas regras extremamente simples. E isto se compreende, aliás. Nada tinha senão desprezo por Espártaco.

As duas filhas de Antônio Caio vieram ter com o grupo no terraço. Chegaram correndo, as cores do rosto avivadas pelo riso e o exercício, e foram se refugiar nos braços de Júlia. Nesse momento Crasso pronunciava o nome de Espártaco.

— Conhecestes Espártaco? — perguntou a mais velha.

— Nunca o vi — sorriu Crasso. — Mas o respeitava, meu bem.

Graco descascava gravemente uma maçã e com os olhos semicerrados observava Crasso: Não gostava do general, e refletiu que nunca tinha conhecido um militar por quem sentisse qualquer calor ou afeição. Segurou na ponta dos dedos a casca da maçã numa só tira, e as meninas bateram palmas, encantadas. Quiseram apanhar a casca, mas ele insistiu para que primeiro formulassem um desejo.

— Depois deveis envolver com a casca o vosso desejo. A maçã contém toda a sabedoria.

— E às vezes alguns bichos — observou Júlia. — Ias contar-nos uma história sobre Varínia. Crasso.

— E estamos chegando a ela. Eu estava apenas delineando os

antecedentes. Nessa ocasião Espártaco ainda se achava na região do Vesúvio. E Públio, como imbecil que era, dividiu suas tropas em três partes, cada qual com um pouco mais de dois mil homens. E começou a palmilhar aquele terreno difícil... procurando por Espártaco. Em três combates separados, Espártaco varreu seu exército da face da terra. Fez a mesma coisa nas três vezes, surpreendeu-os num desfiladeiro estreito onde os manípulos não podiam avançar ou recuar, e os destruiu. Todavia, numa das instâncias, toda uma coorte de cavalaria e a maior parte de uma coorte de infantaria, conseguiram escapar e bater em retirada, a infantaria seguindo de perto os cavalos que galopavam à custa de chicote. Se compreenderdes como os escravos lutam, sabereis que eles não deixam uma coisa dessas desviá-los. Concentram-se no que está à mão. Foi o que fizeram, e os oitocentos ou novecentos homens da cavalaria bateram em retirada através dos bosques, perderam-se e acabaram indo parar no acampamento dos escravos onde estavam as mulheres e crianças. Digo acampamento, mas era mais como uma pequena aldeia, cercada por uma fossa, uma muralha de barro e, além disso, uma paliçada. Devia haver muitos desertores da legião com Espártaco, pois as fortificações eram construídas da mesma maneira que construímos as nossas e, dentro, as cabanas se enfileiravam em ruas regulares. Pois bem, os portões estavam abertos e várias crianças estavam brincando fora, vigiadas por algumas mulheres. Deveis compreender que quando os soldados são derrotados e fogem perdem quase todo o controle. Nem me disponho a julgar aqueles que matam escravos, sejam estes crianças, mulheres ou homens. Temos razão suficiente para odiar a escória e esses soldados estavam cheios de ódio. Atiraram-se contra o acampamento e os soldados de cavalaria mataram as crianças com suas lanças, como quem mata coelhos. Mataram também algumas das mulheres, na primeira investida, mas as outras ofereceram resistência e saíram pelos portões armadas com facas, espadas e lanças. Não sei que idéia tinham os soldados, se é que havia outra idéia a não ser o ódio e a vingança. Devem ter matado algumas e violado outras. Deveis estar lembrados da grande raiva que havia, então, contra os escravos. Antes de Espártaco, quando um homem matava uma de suas escravas, não podia sair à rua de cabeça erguida. Isso era considerado uma ação mais ou menos degradante, e se se provasse que havia agido sem razão, podia levar uma pesada multa. Essa lei foi mudada há três anos, não é, Graco?

— Foi — disse Graco, sem entusiasmo. — Mas, continua tua história. Ias falar sobre Varínia.

— Ah, sim? — Crasso parecia ter-se esquecido disso por uns momentos. Júlia tinha o olhar perdido na paisagem.

— Agora, ide embora — disse às crianças. — Ide brincar.

— Queres dizer que as mulheres lutaram contra os soldados? — quis saber Cláudia.

— Exatamente — disse Crasso. — Houve uma terrível batalha ali nos portões. Sim, as mulheres lutaram contra os soldados. E os soldados enlouqueceram e esqueceram que estavam combatendo com mulheres. A batalha durou quase uma hora, creio. Segundo se conta, as mulheres eram chefiadas por aquela possessa de cabelos louros, que se supõe ter sido Varínia. Estava em toda parte. Suas roupas tinham sido arrancadas e ela lutou nua, com uma lança. Era como uma fúria...

— Não acredito em nada disso — interrompeu Graco.

— Não é preciso que acredites, se não o queres — observou Crasso, percebendo que sua história fracassara lamentavelmente. — Só a contei para Júlia.

— Por que para mim? — perguntou Júlia.

Neste momento, fitando-o atentamente, Helena disse:

— Por favor, termina a história. Quer seja verdadeira ou não, deve ter um final, não é exato?

— Um final comum. Todas as batalhas terminam essencialmente da mesma maneira. São ganhas ou perdidas. Perdemos, dessa vez. Alguns escravos voltaram, e assim eles e as mulheres, liquidaram quase toda a cavalaria. Escaparam apenas uns poucos que nos mandaram a informação.

— Mas Varínia não foi morta?

— Se aquela era Varínia, certamente não morreu. Reaparece sempre.

— Está viva agora? — perguntou Cláudia.

— Está viva agora? — repetiu Crasso. — Que importa isso agora?

Graco, então, ergueu-se, jogando para trás as dobras da toga, num gesto característico, e se retirou do terraço. Houve um instante de silêncio e, depois, Cícero perguntou:

— Que aconteceu com o velho?

— Só Deus sabe.

— Por que dizes que não importa agora se Varínia está viva? — quis saber Helena.

— O caso está acabado, não é? — disse Crasso categórico. — Espártaco morreu. Varínia é uma escrava. O mercado de Roma está abarrotado delas. Varínia e dez mil outras. — De súbito, na sua voz transpareceu uma cólera surda. . .

Antônio Caio pediu licença e foi atrás de Graco. Perturbava-

o que dois homens, como Graco e Crasso, tão unidos politicamente, pudessem se desentender por uma ninharia. Nunca vira Graco se portar daquela maneira. Seria por causa de Júlia? Não, não o velho Graco, não o gordo e impotente Graco. Antônio Caio reconhecia-lhe muitas qualidades, mas o considerara apenas um capão em questões de sexo. E por que haveria Crasso, que podia ter qualquer mulher em Roma, livre ou escrava, de interessar-se pela pobre, patética Júlia? Quanto a ele, Antônio Caio, se algum dos dois queria Júlia, estava mais do que disposto a cedê-la juntamente com a cama e a hospedagem! Nada o tornaria mais feliz.

Encontrou Graco sentado, melancolicamente sentado no conservatório. Aproximou-se de seu velho amigo e bateu-lhe amigavelmente no ombro.

— Tudo bem, meu velho... tudo bem?

— Algum dia — respondeu Graco — o mundo será pequeno demais para Crasso e eu.

SEXTA PARTE

**Em que se Relata a Jornada
de alguns Hóspedes de Villa Salaria a Cápua
e alguns Detalhes daquela Bela Cidade,
e de como os Viajantes Assistiram
à Crucificação do Último dos Gladiadores.**

I

Nesse mesmo dia, Cícero e Graco despediram-se e seguiram para Roma. Crasso e o grupo do jovem Caio deixaram-se persuadir por Antônio a permanecer mais um dia em *Villa Solaria*, decidindo que sairiam de manhã cedo e, assim, aproveitariam o dia todo para viajar. Crasso já havia sugerido a Caio que viajassem juntos e Helena e Cláudia estavam encantadas com a idéia de serem acompanhadas pelo famoso general.

Deixaram a plantação pouco depois do nascer do sol. As quatro liteiras, a criadagem e os carregadores de bagagem formavam uma grande caravana na estrada, e, quando chegaram à Via Apia, Crasso escolheu uma guarda de honra de dez legionários. O general tinha sido convidado a Cápua para assistir às cerimônias de comemoração do aniquilamento final da Revolta Servil — no próprio local onde tivera início a revolta. Cem gladiadores haviam sido selecionados entre os prisioneiros, depois da derrota e da morte de Espártaco, e há várias semanas já as pugnas estavam se realizando. Essas lutas eram *munera sine missione*, processo de eliminação do qual só podia restar um sobrevivente. À medida em que cada par lutava, o sobrevivente era emparelhado com outro. A dança da morte era ininterrupta.

— Pensei que gostarias de presenciá-los — dissera Caio ao general.

As quatro liteiras viajavam lado a lado para que seus ocupantes pudessem conversar. O tráfego vindo de outra direção era empurrado para as margens da estrada pelos legionários, e a gente que via o tamanho e a riqueza da comitiva submetia-se ao seu privilégio.

Caio e Crasso estavam lado a lado, Cláudia ao lado de Crasso e Helena ao lado do irmão. Devido à sua idade e a certos sentimentos com relação a eles, Crasso assumira o papel de

anfitrião. Tinha escravos bem treinados e, mesmo com as liteiras em movimento na magnífica estrada, conseguia prever as necessidades e desejos de seus companheiros, fosse um novo vinho gelado e perfumado da Judéia, ou suculentas uvas egípcias, ou um pouco de essência para perfumar o ar. Como os homens ricos, era muito cuidadoso quanto às coisas materiais que se relacionavam com os de sua própria classe. Nesse momento agia como anfitrião, companheiro e guia. Em resposta a Caio, disse:

— Não. Pode surpreender-te, Caio, mas perdi quase por completo o gosto pelas lutas. Só uma vez ou outra, se o par é muito bom e muito especial. Acho que esses prêmios de Cápua só me entediariam. Mas se soubesse que gostarias de assisti-los. . .

— Não tem importância.

— Tem que haver um sobrevivente na *munera*? — perguntou Cláudia.

— Não necessariamente, já que ambos correm o risco de se ferirem muito. E o mais provável é que, caso um deles sobreviva, seja crucificado como símbolo nos portões da cidade. São sete portões, e quando os símbolos de castigo foram erigidos, começou-se com sete cruzes, uma em frente de cada portão. O que sobreviver, simplesmente substituirá o corpo no portão que dá para a Via Apia. Já estiveste em Cápua? — perguntou a Cláudia.

— Não, nunca.

— Então, terás muito com que te deleitates. É uma cidade tão linda, a mais bela do mundo inteiro, e num dia claro vê-se de suas muralhas a esplêndida baía e, a distância, o cume branco do Vesúvio. Não conheço nada que se lhe assemelhe. Tenho uma pequena *villa* lá e gostaria muito que fosses meus hóspedes.

Caio explicou que Flaviano, seu tio-avô, os esperava e que dificilmente poderiam agora mudar de planos.

— De qualquer forma, poderemos encontrar-nos bastante. Os primeiros dias serão aborrecidos mas, quando terminarem as recepções oficiais, os discursos e tudo o mais, poderemos passar algumas horas na baía, velejando — este é o rei dos esportes, sabeis? — talvez um piquenique e, certamente, uma tarde entre os *unguentarii*. Não se pode separar Cápua de seus perfumes. Tenho sociedade numa fábrica e conheço bastante a ciência dos perfumes. Terei o máximo prazer em vos presentear com qualquer essência que vos agrade.

— És muito gentil — disse Helena.

— A amabilidade me custa pouco e me recompensa muito. De qualquer maneira, amo Cápua e sempre me orgulhei dela. É uma cidade muito antiga. Segundo a lenda, há mil anos os

etruscos construíram doze cidades nesta parte da Itália — as doze gemas de um colar de ouro, como eram chamadas. Uma delas era *Volturnun*, que se supõe ser a Cápua de hoje. Naturalmente, trata-se apenas de uma lenda, e os samnitas, que a tomaram dos etruscos há uns trezentos e cinquenta anos, reconstruíram a sua maior parte — e, quando a tomamos deles, edificamos novas muralhas e abrimos ruas novas, é uma cidade muito mais linda que Roma.

Assim viajavam pela Via Ápia. Agora, já pouca ou nenhuma atenção davam aos símbolos de castigo. Quando o vento soprava e lhes trazia o odor de carne em decomposição, espargiam um pouco de perfume no ar. Mas, em geral, quase não olhavam as cruzes. Não houve incidentes além do tráfego normal da estrada. Passaram as noites em casas de campo e uma noite numa estalagem de grande luxo. Em cômodas etapas, finalmente chegaram a Cápua.

II

Cápua estava engalanada, uma cidade no apogeu de sua fama, glória e prosperidade — agora limpa da mancha da Guerra Servil. Sobre as muralhas brancas da cidade, adejavam mil e duzentas bandeiras. Os sete famosos portões estavam escancarados, pois agora o país estava em paz. A notícia da chegada antecipara-se aos viajantes e uma quantidade de dignitários da cidade viera recebê-los. A banda cívica, composta de cento e dez instrumentos, metais e pífanos e tambores, saudou-os com alarido, e a Coorte da Cidade, paramentada com armaduras chapeadas de prata, escoltou-os através do Portão Apio. Era muito excitante para as moças e até Caio, apesar de fingir indiferença, entusiasmou-se com a recepção excepcional que partilhava com seu famoso companheiro. Uma vez dentro da cidade, separaram-se de Crasso e foram para a casa de seus parentes; mas, poucas horas depois, chegou um convite do general solicitando a presença de Caio, da irmã, da amiga, e de todo o resto da família a um banquete que se realizaria naquela noite. Caio mostrou-se orgulhoso por se sentir objeto da atenção do general e, durante o longo e um tanto entediante banquete, Crasso esforçou-se por cobri-los de gentilezas. Caio, Cláudia e Helena provaram apenas alguns dos cinquenta e cinco pratos servidos em honra ao general. Cápua conservava a antiga tradição etrusca da preparação exótica de insetos, mas a Caio não agradava essa iguaria, mesmo quando os insetos eram dissolvidos em mel ou

servidos em delicados bolinhos com lagosta picada. Uma das atrações da noite era uma nova dança criada especialmente em honra a Crasso. Representava a violação de virgens romanas por escravos sanguinários, e as cenas foram representadas com grande fidelidade no bailado que durou uma hora. Quando finalmente os escravos eram mortos, uma chuva de pétalas brancas caiu, como neve, do teto do grande salão.

Helena notou que, à medida que passava a noite e centenas de convidados iam ficando cada vez mais embriagados, Crasso bebia menos e menos. Apenas provava o vinho, e nem sequer experimentou o famoso conhaque de ameixas, um dos fatores da fama de Cápua, e que era destilado com tanta perícia como seus perfumes, conhecidos no mundo todo. Ele era uma estranha combinação de austeridade e sensualismo. Os dois se entreolhavam agora freqüentemente, e ambas as qualidades se viam em seus olhos. Por outro lado, Caio e Cláudia estavam bastante alcoolizados.

Já era muito tarde quando terminou o banquete, mas Helena teve o estranho capricho de ver a escola de Lêntulo Baciato, o local onde se iniciara a revolta dos escravos, e pediu a Crasso que os levasse lá e lhes servisse de guia e mentor. Era uma noite maravilhosa, fresca e cheia do perfume das flores de primavera que desabrochavam por toda a parte na cidade. Uma grande lua amarela começava a se erguer no céu, e não lhes foi difícil encontrar o caminho na noite.

Estavam parados na praça do Foro, uma multidão cercava o general, e cumprira também afastar com tato as duas moças da família de Helena; mas esta pediu a Caio que lhes servisse de acompanhante. Ele estava tão bêbado que logo aceitou; titubeava um pouco e cravava em Crasso olhos de adoração. O general conseguiu sair-se bem das formalidades e, pouco depois, já o grupo se achava em suas liteiras a caminho do portão Ápio. Os soldados de sentinela saudaram o general, que gracejou com eles e lhes distribuiu um punhado de moedas de prata. Perguntou-lhes também o caminho.

— Então, nunca estiveste lá? — perguntou Helena.

— Não... nunca.

— É estranho. Se fosse eu, teria querido conhecer a escola de Baciato, porque foi ali que se entrelaçaram tua vida e a vida de Espártaco.

— Minha vida e a morte de Espártaco — corrigiu Crasso.

— A escola, agora, quase não existe mais — disse o capitão da guarda. — O velho *lanista* empregou ali grande capital e parecia a caminho de se tornar um milionário. Mas, depois da revolta, a má sorte não o largou mais, e quando foi assassinado

pelo seu escravo, a escola ficou interdita, em litígio. E continua assim até agora. As outras escolas grandes mudaram-se para dentro da cidade. Duas delas ocupam edifícios de cômodos.

Cláudia bocejou. Caio adormecera em sua liteira.

— Na história do levante, escrita por Flácio Monaia — continuou o capitão — a escola de Baciato é descrita como situada no coração da cidade. Agora levamos os turistas para lá. Na verdade, minha palavra nada vale contra a de um historiador. A escola de Baciato é fácil de encontrar. Podeis seguir o pequeno atalho ao longo do riacho. Está tão claro como o dia, com esta lua. Não podem deixar de encontrar a arena. Vê-se de longe a arquibancada de madeira.

Enquanto conversavam passou um grupo de escravos carregando pás e picaretas. Traziam também uma escada e uma cesta de vime. Aproximaram-se de uma grande cruz, o primeiro e o mais simbólico de todos os símbolos de castigo, a primeira das seis mil cruzes que pontilhavam o caminho para Roma. Ao apoiarem a escada à cruz, um bando de corvos se dispersou, grasnando.

— Que estão fazendo? — perguntou Cláudia.

— Tirando um cão para que possam colocar outro cão em seu lugar — respondeu o capitão, displicente. — Pela manhã o sobrevivente da *munera sine missione* será honrado, de acordo com os seus direitos. Ali morrerá o último escravo que lutou ao lado de Espártaco.

Cláudia estremeceu.

— Creio que não quero te acompanhar — disse ela a Crasso.

— Se queres, podes ir para casa. — E, virando-se para o capitão: — Podes mandar dois homens acompanhá-la?

Mas Caio, roncando confortavelmente, prosseguiu com eles. Helena queria andar a pé e Crasso acedeu e deixou sua liteira para fazer-lhe companhia. As liteiras tomaram a dianteira, e o grande financista e general e a jovem as seguiram à luz do luar. Quando passaram pelo crucifixo, os escravos estavam descendo os restos tostados de sol, fétidos e picados de pássaros do homem que ali morrerá. Outros estavam cavando na base da cruz e enfiando cunhas para ajustá-la e reforçá-la.

— Nada realmente te perturba, não é? — perguntou Crasso a Helena.

— Por que haveria de me perturbar com uma coisa dessas?

— Não disse isso como uma crítica. Pelo contrário, acho-a admirável.

— Que uma mulher não seja uma mulher?

— Aceito o mundo em que vivemos — respondeu Crasso,

evasivo. — Não conheço outro mundo. Conheces?

Helena abanou a cabeça sem responder e continuou a caminhar. A distância não era grande até a escola, e a paisagem, bela à luz do dia, transformava-se ao luar num verdadeiro conto de fadas. Não tardou em que visse à sua frente o muro da arena. Crasso ordenou aos escravos das liteiras que se detivessem e os esperassem. E continuou a caminhar com Helena.

Vazio, o local parecia pequeno e insignificante. Grande parte da grade de ferro, que cercava o pátio de exercício, tinha sido roubada. As construções de madeira já começavam a apodrecer e metade do muro da arena ruíra. Crasso e Helena foram até a areia e ali ficaram, fitando a arquibancada. A arena parecia muito pequena e pobre, mas a areia prateava ao luar.

— Ouvi meu irmão falar sobre esta arena — disse Helena.

— Mas descreveu-a tão diferente do que vejo...

Crasso tentou estabelecer uma ligação entre os campos de mortos, as batalhas sangrentas e as infundáveis campanhas com essa insignificante escola, mas não pôde. Para ele nada significava e nenhum sentimento aquilo lhe despertava.

— Quero ir até o pavilhão — disse Helena.

— Se assim desejas. Mas é preciso cuidado, pois a madeira deve estar podre.

Encaminharam-se para o camarote que fora o orgulho e a alegria de Baciato. O toldo listrado estava em tiras e ratos fugiram de entre os restos de velhas almofadas. Helena sentou-se num dos divãs e Crasso sentou-se ao seu lado.

— Não sentes nada por mim? — disse ela então.

— Acho que és uma jovem muito linda e muito inteligente — respondeu Crasso.

— É eu, grande general, acho que és um porco — disse ela calmamente.

Crasso se inclinou para ela e Helena cuspiu-lhe em pleno rosto. Mesmo à luz tênue, ela viu a cólera fulgurar-lhe nos olhos. Assim era o general; esta era a paixão que nunca transparecia em suas palavras. Esbofeteou-a e a bofetada atirou-a do divã e a jogou de encontro à balaustrada podre, que se estilhaçou sob o seu peso. Ela ali ficou, metade para fora, a sete metros do chão da arena, mas pôde refazer-se e erguer-se... e o general não se moveu. Então, atirou-se a ele como uma gata selvagem, unhando-o, mas ele agarrou-lhe os dois pulsos e a manteve afastada, sorrindo-lhe agora friamente e dizendo:

— A coisa é diferente, minha cara. Eu sei.

Passado o espasmo de ira e energia, ela começou a chorar.

Chorava como uma criança mimada, e enquanto chorava ele a possuiu. Helena nem resistiu nem correspondeu. Ao terminar o ato sem paixão nem urgência, Crasso disse-lhe:

— Era isso o que querias, não é, minha cara?

Ela não respondeu, mas ajeitou suas roupas e o cabelo, limpou o carmim que lhe manchara o rosto e os riscos de óleo que lhe escorrera pelo rosto. Caminhou na frente, em direção às liteiras e, em silêncio, esgueirou-se para dentro da sua. Crasso preferiu andar; os escravos puseram-se em marcha pela pequena estrada para Cápua e Caio continuou dormindo. A noite já estava quase terminando e a lua já perdia a sua clara radiossidade. Uma nova luz tocava a terra, e logo um manto cinza mesclaria a luz da noite com a luz do dia. Por um motivo qualquer, Crasso sentia uma vibração renovada de vida e pujança. Apoderou-se dele um sentimento que raramente experimentava, um sentimento de tanta vitalidade que quase acreditou na velha lenda segundo a qual os poucos eleitos da humanidade são fecundados por deuses nas mulheres mortais. Não seria possível, pensou ele, que fosse este o seu caso? Bastava pensar em como havia sido favorecido. Por que, então, não haveria ele de ser um semideus?

Seus passos o levaram para junto da liteira de Helena, que, fitando-o de modo estranho, perguntou:

— Que querias significar quando disseste que a coisa real era diferente? Eu não sou real? Por que disseste uma coisa tão horrível?

— Foi tão horrível assim?

— Sabes o quanto foi horrível. Que é a coisa real?

— Uma mulher.

— Que mulher?

Sua fisionomia se sombreou e ele sacudiu a cabeça. Lutou tenazmente para reter sua sensação de esplendor, o que conseguiu em grande parte. No portão Apio, deixou a liteira de Helena e dirigiu-se ao capitão da guarda, ainda lutando consigo mesmo para se sentir como um eleito dos deuses. E num tom brusco, disse ao capitão:

— Manda uma escolta acompanhá-la até a casa!

O capitão obedeceu e Helena foi conduzida para a cidade, sem sequer um "boa-noite" de despedida. Crasso ficou, por uns instantes, refletindo na escuridão da noite. O capitão da guarda e as tropas de plantão observavam-no curiosamente.

— Que horas são?

— A última hora quase já passou. Não vos sentis cansado, general?

— Não, não estou cansado — disse Crasso. — Não estou

nada cansado, capitão. Faz muito tempo que não monto guarda assim.

— As noites são muito compridas — admitiu o capitão. — Daqui a meia hora, a praça estará bem diferente. Os verdureiros começarão a surgir e os leiteiros com suas vacas e os carregadores e os pescadores e assim por diante. Este portão é muito movimentado. E esta manhã vão colocar o gladiador ali. — Com a cabeça fez um gesto em direção da cruz que agora parecia vaga e cinzenta e meio indefinida na obscuridade da madrugada.

— Virá muita gente? — perguntou Crasso.

— Bem... não tanto como no começo, mas bastante com o passar do dia. Devo admitir que há uma fascinação peculiar em contemplar-se um homem crucificado. Depois do meio-dia, no portão e nas muralhas haverá uma multidão. Seria de se pensar que, tendo-se visto isso uma vez, seria suficiente, mas não é assim.

— Quem é o homem?

— Não vos posso dizer. Pelo que sei, apenas um gladiador. Um ótimo gladiador, creio, e quase sinto pena do pobre diabo.

— Guarde sua pena para outra coisa, capitão — disse Crasso.

— Não foi isso que quis dizer, general. Quis apenas dizer que sempre se sente alguma coisa pelo último de uma *munera*.

— Se te interessam as probabilidades matemáticas. A *munera* dos gladiadores começou há muito tempo. Tinha que haver um último homem.

— Suponho que sim.

Passara a última hora. Com a luz do dia começou a primeira hora. A lua empalidecera e o céu era como leite sujo. A névoa da manhã cobria tudo, exceto a linha escura da grande estrada que se estirava interminavelmente para o norte. Contra a crescente luminosidade do céu se destaca rígida a cruz e no nascente uma radiosidade rosa-pálido prenunciava o sol. Crasso sentiu-se satisfeito por ter decidido ficar acordado. No seu estado de espírito recebeu com prazer os primeiros lampejos da madrugada, que é sempre um misto de tristeza e glória.

Um menino de uns doze anos aproximou-se carregando um cântaro na mão. O capitão da guarda saudou-o e tirou-lhe o cântaro.

— Meu filho — explicou a Crasso. — Traz-me vinho quente todas as manhãs. Podeis falar com ele, general? Ficarão tão contente e nunca mais se esquecerá. Seu nome de família é Lichto e o nome, Mário. Sei que é um atrevimento meu pedir-vos isto, mas significará tanto para mim e para ele.

— Salve, Mário Lichto — disse Crasso.

— Conheço-vos — disse-lhe o garoto. — Sois o general. Ontem eu vos vi. Onde está vossa armadura de ouro?

— Era de bronze, não de ouro, e tirei-a por ser muito desconfortável.

— Quando eu tiver uma assim nunca a despirei.

"Assim vive Roma, e a glória e as tradições de Roma viverão para todo o sempre" — pensou Crasso. De certa forma, sentia-se comovido com a cena. O capitão ofereceu-lhe o cântaro.

— Quereis vinho, general?

Crasso sacudiu a cabeça. Agora, a distância, soou um tambor e o capitão devolveu o cântaro ao menino e gritou ordens para a guarda do portão. Os soldados se alinharam de cada lado da entrada, os escudos encostados no chão, as pesadas lanças estendidas para a frente, apresentando armas. Era uma posição difícil de se manter e irritou Crasso, pois suspeitava que, se não estivesse ali, não se teriam dado ao luxo daquela exibição de armas. Aumentou o rufar de tambores, e pouco depois surgiram as primeiras fileiras da banda militar na larga avenida que ia do portão ao Foro. O sol nascente tocava a parte mais alta dos edifícios e quase ao mesmo tempo começaram a surgir algumas pessoas nas ruas. Encaminharam-se para o portão, atraídas pelo som da música militar.

Eram seis tambores e quatro pífanos; depois, seis soldados; depois, o gladiador, nu, com os braços amarrados para trás; depois, mais uns doze soldados. Era uma escolta considerável para um só homem, e este homem não parecia muito perigoso ou muito forte. Todavia, quando se aproximou mais, Crasso mudou de opinião; certamente era perigoso — tais homens são perigosos. Viu-lhe isso no rosto; em seu rosto nada havia do calor e da franqueza aberta que se vêem na fisionomia de um romano.

Tinha as feições de um falcão, o nariz adunco, a pele esticada sobre os pômulos altos, lábios finos, e olhos que eram verdes e ferinos como os de um gato. O rosto era cheio de ódio, mas um ódio inexpressivo como o de um animal, e a face era uma máscara. Sua estatura não era elevada, mas a musculatura parecia feita de couro. Tinha apenas dois ferimentos recentes no corpo, um no alto do peito e outro no flanco, mas nenhum era muito profundo e o sangue coagulara sobre eles. Entretanto, os cortes em todo o corpo formavam uma verdadeira tapeçaria de cicatrizes. Faltava-lhe um dedo numa das mãos e uma orelha tinha sido decepada.

Quando o oficial que chefiava o destacamento viu Crasso, estendeu o braço para que seus homens fizessem alto e, então,

aproximou-se e saudou o general. Estava obviamente comenetrado com o significado do momento.

— Nunca sonhei que tivesse a honra e o privilégio de vos ver aqui, general.

— É um acaso feliz — respondeu Crasso. Ele também não podia escapar à coincidência daquela justaposição de si mesmo com o último representante do exército dos escravos. — Vão colocá-lo agora na cruz?

— Estas foram as minhas instruções.

— Quem é ele? Refiro-me ao gladiador. Não resta dúvida de que é um veterano da arena. Vê-se a marca da espada em todo o seu corpo. Mas, sabe-se quem é?

— Sabemos um pouco. Era um oficial e comandava uma coorte ou talvez até mais. Também parece ser judeu. Baciato tinha vários judeus que, às vezes, são melhores do que os trácios no manejo da *sica*. Com efeito, Baciato prestou um depoimento referente a um judeu de nome David que, juntamente com Espártaco, foi um dos chefes da insurreição. Este pode ou não ser ele. Nunca mais disse uma palavra depois que foi trazido para cá, a fim de participar da *munem*. Lutou muito bem, e nunca vi ninguém manejar o punhal assim. Lutou em cinco pares e tem apenas dois cortes no corpo. Assisti a três dos pares e nunca vi nada melhor com o punhal. Ele sabia que no final viria para a cruz, mas lutava como se a vitória significasse a liberdade. Não posso compreender.

— Não... mas a vida é uma coisa estranha.

— Sim, general. Concordo.

— Se ele é o judeu David — disse Crasso pensativo — então existe ainda uma irônica justiça. Posso falar-lhe?

— Naturalmente... naturalmente. Mas não creio que possais arrancar-lhe alguma coisa. É fechado e bruto como um animal.

— Vou tentar.

Aproximaram-se de onde estava o gladiador, cercado agora por uma turba crescente que os soldados procuravam conter. Um tanto pomposamente o oficial anunciou:

— Gladiador, vais ter uma honra insigne. Este é o *Praetor*, Marco Licínio Crasso, que condescende em falar-te.

Quando o nome foi anunciado a multidão rompeu em aplausos, mas o escravo poderia ser surdo, tão nula foi a sua reação. Impassível, continuava com os olhos voltados para a frente. Eram olhos que luziam como pedras verdes, mas não havia nenhum outro indício de vida em sua face.

— Tu me conheces, gladiador — disse Crasso. — Olha-me!

O gladiador nu continuou imóvel. E então o oficial em

comando do destacamento aproximou-se e esbofeteou-lhe o rosto com a mão aberta.

— Não vês quem te fala, porco? — gritou.

Tornou a esbofeteá-lo. O gladiador não tentou evitar o golpe, e Crasso compreendeu que, se isso continuasse, seu prestígio nada lucraria.

— Basta, oficial. Deixa-o em paz e prossegue com o que tens a fazer.

— Lamento muitíssimo que ele não tenha falado. Talvez seja mudo. Nunca falou nem com seus próprios companheiros.

— Não tem importância — disse Crasso.

Observou-os enquanto se dirigiam para o crucifixo. Passava agora pelo portão uma corrente ininterrupta de pessoas que se espalhavam ao longo da estrada de onde podiam ver a função. Crasso caminhou através da multidão até a base da cruz, curioso, malgrado seu, por observar como reagiria o escravo. A resistência inabalável do escravo transformara-se numa espécie de desafio, e Crasso, que nunca vira um homem — por mais duro que fosse — ir para a cruz em silêncio, pôs-se a imaginar que espécie de reação isto provocaria.

Os soldados, habituados às crucificações, dedicaram-se ao trabalho rápida e eficientemente. Passaram uma corda debaixo dos braços do escravo, que ainda estava manietado e amarrado. Puxaram a corda até que ambas as pontas se igualaram. A escada, que os escravos haviam deixado ali na noite anterior, foi apoiada na parte de trás da cruz. As duas pontas da corda foram atiradas sobre os braços da cruz, e dois soldados as seguraram. Depois, com rapidez, o gladiador foi içado quase até a trave horizontal. Outro soldado subiu a escada e sustentou o gladiador, enquanto os de baixo puxavam as cordas. Agora estava pendurado com os ombros, justamente abaixo do ponto onde as duas traves se encontravam. O soldado da escada pulou sobre a cruz, e outro, carregando um martelo e vários longos pregos de ferro, subiu a escada e montou no outro braço da cruz.

Enquanto isso, Crasso observava o gladiador com interesse. Ainda que seu corpo nu tivesse tido uma contorção quando foi içado de encontro à madeira áspera da cruz, o rosto permaneceu impassível, mesmo sob a dolorosa fricção da corda. Continuou imóvel e inerte enquanto o primeiro soldado passava a corda em torno do peito e por baixo dos braços, amarrando-a acima da barra horizontal da cruz. Então a primeira corda foi puxada para trás, até o solo, e a que lhe manietava as mãos foi cortada e cada um dos dois soldados ergueu um de seus braços e o prendeu com um nó na trave horizontal. O gladiador não demonstrou qualquer reação dolorosa até o momento em que o segundo

soldado abriu e manteve aberta a palma de sua mão, colocando nela um prego e fixando-a na madeira com uma forte martelada. Nem, então, disse uma palavra ou gritou, mas seu rosto sofreu uma contorção e seu corpo se encolheu espasmodicamente. Outros três golpes de martelo fizeram entrar o prego uns dez centímetros na madeira e o golpe final entortou o prego para que a mão não pudesse sair. A seguir usaram o mesmo processo com a outra mão e novamente o gladiador teve uma contorção de dor e seu rosto se contraiu enquanto o prego passava pelos músculos e tendões de sua mão. Mas continuou sem gritar, embora rolassem lágrimas de seus olhos e a saliva escapasse por sua boca entreaberta.

A corda em torno de seu peito foi cortada, de maneira que agora estava pendurado inteiramente pelas mãos, com apenas o suporte da corda em cada pulso para diminuir a pressão dos pregos. Os soldados desceram pela escada, que depois foi retirada, e a multidão — que já somava centenas de pessoas — aplaudiu a habilidade com que tinham crucificado um homem em poucos minutos. . .

O gladiador então desmaiou.

— Sempre desmaiam — disse o oficial a Crasso. — É o choque dos pregos. Mas sempre voltam a si e, às vezes, levam 20 a 30 horas para voltar a desmaiar. Tivemos um gaulês que permaneceu consciente durante quatro dias. Perdeu a voz. Não podia mais gritar, mas permaneceu consciente. Nunca vi ninguém como aquele, mas até ele desmaiou quando lhe cravaram os pregos nas mãos. Por Deus, que sede! — desarrolhou um frasco e bebeu em grandes goles, oferecendo também a Crasso. — Água de rosas?

— Obrigado — disse Crasso. De súbito, sentia-se ressequido e cansado. Bebeu tudo o que restava no frasco. A multidão continuava aumentando e, apontando para ela, perguntou: — Ficarão aqui o dia todo?

— A maioria só até ele recobrar os sentidos. Querem ver o que fará então. Fazem coisas curiosas. Muitos gritam pelas mães. Nunca se imagina que os escravos possam fazer isso, não é mesmo?

Crasso encolheu os ombros.

— Tenho que desimpedir a estrada — continuou o oficial. — Bloqueiam o tráfego. Deviam ter o bom senso de deixar aberta parte da estrada, mas nunca o fazem. São sempre os mesmos. A multidão não tem o menor senso.

E, dizendo isto, destacou dois soldados para abrir caminho na estrada e deixar o tráfego passar.

— Se me permitis, general, gostaria muito de vos perguntar uma coisa — continuou. — Pode não ser da minha conta; mas estou muito curioso em saber por que há pouco dissestes que, se este era o judeu David, tratava-se de uma ironia da justiça ou algo semelhante...

— Eu disse isto? — perguntou Crasso. — Francamente, não sei por quê.

Estava, encerrado o caso, o passado devia ser deixado em paz e pouca glória havia na Guerra Servil. Os triunfos e as grandes devoções eram para outros; para ele, só restavam as pequenas satisfações sanguíneas da crucificação. Como estava cansado de matar e da morte e da tortura! Mas, como escapar-lhes? Cada vez mais criava-se uma sociedade em que a vida se baseava na morte. Nunca, em toda a história do mundo, tinha a carnificina sido levada a um tal plano de precisão e quantidade. — E onde e quando iria acabar? Lembrou-se, então, de um incidente ocorrido pouco depois de ter assumido o comando das derrotadas e desmoralizadas forças de Roma. Tinha dado três legiões a seu amigo e companheiro de infância, Pílico Múmio, um homem que já havia participado de duas campanhas importantes, e dera instruções a Múmio para cansar Espártaco e procurar separar parte de suas forças. Ao invés, Múmio deixara-se cair numa armadilha e suas três legiões, subitamente batidas pelos escravos, fugiram numa das debandadas mais vergonhosas já havidas no exército romano. Lembrava-se, agora, da descompostura indescritível que passara em Múmio. Lembrava-se dos nomes que o -chamara, das acusações de covardia que lhe lançara. Mas não se podia ir mais longe com um homem como Múmio. Com as legiões a coisa fora diferente. Cinco mil homens da Sétima Legião tinham sido enfileirados e cada décimo soldado, arrancado das fileiras e executado por covardia. "Deverias ter-me morto" — dissera-lhe Múmio mais tarde.

Agora, pensava naquilo tão claramente e tão bem — pois eram Múmio e o antigo cônsul Marco Sérvio que simbolizavam para ele seu mais profundo ódio contra os escravos. Relembra agora a história, mas, como acontecia com todas as histórias, das batalhas dos escravos, não se podia separar a verdade da mentira. Marco Sérvio era, até certo ponto, responsável pela morte do querido companheiro de Espártaco, o gaulês Crixo, que tinha sido isolado, cercado, e que morrera com seu exército. Assim quando, muito mais tarde, Sérvio e Múmio foram capturados por Espártaco e julgados pelo tribunal de escravos, conta-se que um judeu chamado David tinha sido contra a

modalidade de morte a que haviam sido condenados. Ao que parece — Crasso não estava bem certo — tinham morrido como um par de gladiadores. Os escravos os haviam despido, e dado a cada um daqueles dois chefes já idosos dos exércitos romanos um punhal para que se digladiassem até a morte, numa arena. Fora a única vez que Espártaco fizera tal coisa, mas Crasso nunca esqueceu e nunca perdoou.

Entretanto, não era coisa que pudesse dizer ao oficial ao seu lado, à sombra do crucifixo.

— Francamente não sei o que quis dizer — repetira Crasso. — Não tem importância.

Estava cansado e resolveu voltar para sua *villa* e dormir.

III

O essencial era que, para Crasso, não importava muito se essa crucificação do último dos gladiadores representava ou não justiça à luz desses fatos específicos. Seu senso de justiça estava embotado, bem como o seu senso de vingança; e a morte não representava mais novidade alguma. Na sua infância, como acontecia com as crianças de tantas das melhores famílias da República, fora imbuído das heróicas lendas do passado. Tinha acreditado plena e totalmente que Roma *supra hominem et factiones est*.¹² O Estado e a lei serviam a todos os homens, e a lei era justa. Não podia precisar exatamente em que ocasião cessara de acreditar nisso — mas nunca totalmente. Bem no seu íntimo, tinha um pouco de ilusão; no entanto, ele, que antes fora capaz de definir tão claramente a justiça, não mais o podia fazer agora. Dez anos antes, tinha visto seu pai e seu irmão serem friamente executados pelos líderes do Partido da oposição e a justiça nunca os tinha vingado. A confusão sobre o que era justo e injusto aumentava mais do que diminuía, e somente na base de riqueza e poder é que ele era capaz de raciocinar. Com toda a razão, a justiça passou a ser algo que não podia atingir a riqueza e o poder; a importância dos princípios de ética gradualmente desaparecera. De maneira que, quando viu o último gladiador crucificado, não sentiu um grande senso de plenitude deificante. Na verdade, nada sentiu. Simplesmente não se abalou.

Todavia, no espírito do gladiador havia questões de justiça e injustiça — e se misturavam à inconsciência produzida pela dor e pelo choque e exaustão. Misturavam-se aos inúmeros fios de sua memória. Poderiam ter sido separados das fulgurantes ondas

¹² Roma está acima dos homens e das facções. (N. do E.)

da agonia. Em alguma parte de sua mente, a lembrança do incidente a que Crasso se referira estava preservada com clareza e precisão.

Era uma questão de justiça para os gladiadores, como o era para Crasso; e, mais tarde, quando a história do que os escravos tinham feito fora escrita por aqueles que mais violentamente os odiavam, por aqueles que menos sabiam a seu respeito, relatou-se que eles tomavam os prisioneiros romanos e os obrigavam a se matar uns aos outros, numa grande orgia de combates gladiatórios em réplica. E assim se deu por assentado como o fizeram os donos do mundo — que, quando o poder caía nas mãos dos oprimidos, eles o usavam exatamente como o tinham usado os seus opressores.

E isto estava na memória do homem pendurado na cruz. Nunca houvera uma orgia de carnificina gladiatória — apenas uma só vez em que Espártaco, possuído pela cólera e o ódio, apontara para os dois patrícios romanos e dissera:

— O que tivemos que fazer, vós o fareis! Ide nus para a arena, armados de punhais, a fim de que fiquéis sabendo como morremos para a edificação de Roma e o prazer de seus cidadãos!

O judeu estivera sentado ali, ouvindo em silêncio, e, quando os dois romanos foram levados, Espártaco virou-se para ele, mas o judeu continuou sem dizer nada. Entre os dois nascera uma grande união, uma profunda ligação. No decorrer dos anos, no decorrer de tantas batalhas, o pequeno grupo de gladiadores que tinham escapado de Cápua ia-se reduzindo. As baixas tinham sido consideráveis entre eles e o punhado dos que tinham sobrevivido como chefes do enorme exército escravo, havia-se unido estreitamente.

Espártaco virou-se agora para o judeu e perguntou:

— Estou certo ou não?

— O que é certo para eles nunca é certo para nós.

— Eles que lutem!

— Que lutem, se assim o queres. Que se matem um ao outro. Mas isto será ruim para nós. Será como um verme comendo nossas entranhas. Tu e eu somos gladiadores. Quanto tempo faz que prometemos varrer da face da terra até a própria lembrança da luta de pares?

— É o faremos. Mas estes dois têm que lutar.. .

Assim, uma pequena fração da memória de um homem ali estava pregada na cruz. Crasso olhara-o nos olhos e Crasso assistira à sua crucificação. Completava-se um grande círculo. Crasso foi para casa dormir, pois estivera acordado a noite toda e, como seria de se esperar, estava cansado. E o gladiador pendia inconsciente dos pregos.

IV

Foi quase uma hora depois que o gladiador recobrou os sentidos. A dor era como uma estrada, e os sentidos andavam de um lado para outro pela estrada de dor. Se seus sentidos e suas sensações estavam esticados como a pele de um tambor, então recomeçava a rufar o tambor. A música era insuportável, e ele despertou apenas para o conhecimento da dor. Nada mais sabia: no mundo da dor, e a dor era um mundo inteiro. Era o último de seis mil dos seus camaradas e a dor deles fora como a sua; mas esta era tão intensa que não podia ser compartilhada ou subdividida. Abriu os olhos, mas a dor era uma névoa vermelha que o separava do mundo. Era como um gusano, uma lagarta, uma larva, e o casulo era fiado na dor.

Seu despertar não foi de repente, mas em ondas. O veículo que melhor conhecia era a carreta; e viajando numa carreta, aos solavancos, recobrou os sentidos. Era um menino num país de colinas, e os grandes, os senhores de longínquas terras, os civilizados, os limpos, passavam de vez em quando em carretas, e ele corria ao longo do caminho de pedras da montanha pedindo que o deixassem subir na carreta. Gritava: "Ó senhor, senhor, deixai-me ir também!" Nenhum deles falava sua linguagem, às vezes deixavam-no e aos outros meninos viajar um pouco na plataforma traseira. Eram generosos e grandes! As vezes davam doces a ele e aos amigos. Riam-se da maneira pela qual as crianças de cabelos negros e tostados de sol se agarravam à plataforma. Mas, freqüentemente, chicoteavam os cavalos, e então a brusca sacudidela atirava as crianças para o ar. Sim, os grandes do mundo ocidental tinham coisas desconcertantes, e era preciso aceitar tanto o bem como o mal, mas, quando se caía da carreta, doía.

Então compreendia que não era uma criança nas colinas da Galiléia, mas um homem pendurado numa cruz. Compreendia em lampejos, já que toda sua pessoa não lhe pertencia de uma só vez. Compreendia com os braços, onde os nervos eram como fios de ferro em brasa e o sangue quente corria-lhe ao longo dos braços até os músculos retorcidos dos ombros. Compreendia no ventre, onde seu estômago e intestinos formavam nós furiosos de dor e tensão.

E a multidão que o observava vinha-lhe em ondas reais e irreais. Neste ponto, sua vista já não estaria mais normal. Não conseguia focalizar as coisas direito, e as pessoas que via se dobravam e desdobravam, como imagens sob um vidro convexo. A multidão, por sua vez, viu que o gladiador tinha

recobrado os sentidos e observava atentamente. Se se tratasse de apenas outra crucificação, isto não representaria novidade alguma. A crucificação era muito comum em Roma. Quando, quatro gerações antes, Roma conquistara Cartago, adotara o melhor do que tinha conquistado, isto é, o sistema de plantações e a crucificação. A cruz, com um homem pendurado nela, atraía a imaginação de Roma, e agora o mundo já se esquecera de que o suplício era de origem cartaginesa, de tal forma se tornara um símbolo universal de civilização. Onde iam as estradas romanas, iam também a cruz e o sistema de plantação e a luta de pares e o enorme desprezo pela vida humana escravizada e o incontável impulso de transformar em ouro o sangue e o suor da humanidade.

Mas, mesmo as melhores coisas perdem o sabor, e o melhor vinho torna-se insípido quando constantemente sorvido, e a paixão de um homem se perde na paixão de milhares. Uma outra crucificação não teria atraído a turba; mas tratava-se da morte de um herói, um grande gladiador, um oficial de Espártaco, um lutador excepcional que sobrevivera à *munera sine missione*. Sempre houvera uma curiosa contradição no papel do gladiador, o escravo marcado para a morte, o fantoche lutador, o mais desprezível entre os desprezíveis — entretanto, ao mesmo tempo, o sobrevivente num sangrento campo de batalha.

Vinham, pois, ver o gladiador morrer, ver como ele receberia o grande mistério compartilhado por todos os homens, e ver como" se portaria quando os pregos lhe fossem cravados nas mãos. Era um homem estranho que se voltara em silêncio para si mesmo. Vinham ver se o silêncio seria rompido; e, quando não se rompeu com os pregos sendo cravados em sua carne, ficaram mais tempo para ver se seria rompido quando ele tornasse a abrir os olhos para o mundo.

Quebrara-se. Quando, finalmente, os viu, quando as imagens cessaram de dançar nos seus olhos, desferiu um tremendo grito de dor e agonia.

Aparentemente, ninguém compreendeu suas palavras. Especulava-se sobre o que tinha ele dito naquele estouro angustiante de som. Alguns tinham apostado se ele falaria ou não, e as apostas foram ou não pagas, entre coléricas discussões sobre se era apenas um gemido, ou se ele falara numa língua estrangeira. Alguns diziam que tinha apelado para os deuses; outros que soluçara pela mãe.

Na verdade, não fora nem uma nem outra coisa. Na verdade, tinha gritado, "Espártaco, Espártaco, por que falhamos?"

Se, de alguma forma milagrosa, os cérebros dos seis mil homens feitos prisioneiros quando a causa de Espártaco se desfez na poeira da história pudessem ser abertos e dissecadas as suas reações, em retrocesso do momento da morte no crucifixo até a primeira hora de seu nascimento — se pudessem ser delineados seis mil mapas de vidas humanas, talvez se pudesse constatar que o passado deles não era muito diferente; era um sofrimento comum, e se houvesse deuses ou um Deus nos céus e as lágrimas dessas criaturas fossem chuva, então certamente teria chovido durante dias e dias a fio. Mas, ao contrário o sol secou a miséria e os corvos dilaceraram a carne sangrenta, e os homens morreram. Este era o último a morrer; era como que um sumário dos outros. Sua mente estava cheia da soma de vida humana, mas em tal dor um homem não pensa, e as recordações são como pesadelos. Suas recordações não se podiam concatenar: não teriam significado algum além do reflexo da dor. Mas dessas recordações se podia compor uma história que não era muito diferente da dos seus companheiros.

Havia quatro épocas em sua vida. A primeira era o tempo da inconsciência. A segunda era o tempo da consciência, e era cheia de ódio, e tornava-o uma criatura de ódio. A terceira era a época da esperança, seu ódio passara e ele conhecera um grande amor e a fraternidade para com seus semelhantes. A quarta época era a do desespero.

No tempo da inconsciência, ele era um criança, e nesse período havia a sua volta o contentamento e a radiosidade do sol. Quando seu espírito torturado na cruz procurava a frescura e a fuga da dor, encontrava a abençoada frescura na lembrança de seus primeiros anos de vida. As montanhas verdes de sua infância eram frescas e belas. Os riachos da montanha corriam cintilantes, e as cabras pretas pastavam nas encostas. As colinas eram cultivadas e plantadas com carinho, e a cevada crescia como pérolas e as uvas como rubis e ametistas. Ele brincava nos campos, banhava-se nos córregos, e nadava no grande e belo lago da Galiléia. Corria como um animal, livre e selvagem e saudável, e seus irmãos e irmãs e amigos eram, como ele, felizes e protegidos.

Já naquele tempo sabia que existia um Deus, e na sua imaginação infantil tinha uma visão precisa e clara de como era Deus. Vinha de uma família de montanhesees que colocavam Deus num cume inatingido pelos homens. Na mais alta de todas as montanhas, que ninguém jamais escalara, vivia Deus. Deus vivia ali completamente só. Havia um só Deus e mais nenhum.

Deus era um velho que nunca ficava mais velho, e sua barba descia-lhe pelo peito e pelas roupagens brancas, flutuando como as nuvens que se formam no céu. Era um Deus justo e, às vezes, misericordioso, mas sempre um Deus vingativo; e o menino sabia disto. Noite e dia, nunca estava livre dos olhos de Deus. Qualquer coisa que fizesse, Deus o via. Seus pensamentos, Deus o conhecia.

Sua família era gente piedosa, extremamente piedosa, e Deus se integrava nas suas vidas como os fios tecidos num pano. Quando cuidavam dos rebanhos, usavam longas capas listradas e as borlas que ornavam essas capas todas elas significavam alguma parte do temor a seu Deus. De manhã e à noite, oravam a Deus; quando se sentavam para comer o pão, oravam; quando bebiam um copo de vinho, agradeciam a Deus; e mesmo quando sofriam um infortúnio, abençoavam Deus, para que não pensasse que se ressentiam do infortúnio e não os acusasse de arrogância.

Portanto, não era de admirar que o menino, que agora era um homem ali pendurado na cruz, estivesse tão imbuído do conhecimento e da presença de Deus. A criança temia a Deus, e seu Deus era para ser temido. Mas o temor era uma nota menor na paisagem ensolarada, e na frescura das montanhas e dos seus córregos. A criança corria e ria e cantava cantigas e pastoreava cabras e carneiros, e observava os meninos mais velhos atirarem o *chabo*, o afiado punhal galileu que traziam preso à cintura. Ele também tinha um que esculpira em madeira, e muitas vezes lutava em duelos simulados com seus irmãos e amigos.

E quando se saía bem dessas lutas, os meninos mais velhos diziam, um pouco invejosos, "Parece um trácio, este macaquinho!" *Trácio* significava, ao mesmo tempo, tudo o que era mau e o que era de luta. Muitos e muitos anos antes, mercenários tinham invadido o país e só depois de muitas lutas haviam sido expulsos. Esses mercenários eram chamados trácios, mas o menino nunca vira um deles.

Ansiava pelo dia em que usaria um punhal no cinto, e então veriam se não era feroz como um trácio. No entanto, não era muito feroz; um menino afável e bastante feliz...

Essa fora a época da inconsciência.

A segunda época de sua vida foi o período da consciência, quando deixou de ser criança e os raios de sol foram substituídos por um vento gélido. Com o tempo, envolveu-se num manto de ódio para se abrigar e proteger. Esse era o tempo que lhe surgia agora na mente em lampejos súbitos de rubra agonia. Nesse tempo seus pensamentos eram selvagens e

contorcidos e terríveis. As recordações eram tão misturadas como as peças de um quebra-cabeças. Via a segunda época de sua vida nas massas ondulantes de gente que o observava, nos seus rostos, nos ruídos que faziam. Repetidas vezes, enquanto durava sua paixão, via-se empurrado pela memória para a segunda época de sua vida, o tempo da consciência.

Nessa segunda época, tomou conhecimento das coisas, e nesse conhecimento pereceu sua infância. Tomou conhecimento de seu Pai, um homem endurecido pelo trabalho, que labutava de manhã à noite — mas seu trabalho nunca era suficiente. Tomou conhecimento da tristeza. Sua mãe morreu e a família chorou por ela. Tomou conhecimento dos impostos, pois, por mais que seu pai se esforçasse, nunca havia o suficiente para matarem a fome, ainda que a terra fosse a mais fértil possível. E tomou conhecimento do grande abismo que separa os ricos dos pobres.

Os sons eram os mesmos que antes; a diferença era que ele os ouvia e compreendia, ao passo que antes só os ouvira sem compreender. Agora, quando os homens conversavam, permitiam-lhe que permanecesse a uma pequena distância e os ouvisse falar, antes, mandavam-no brincar fora de casa.

Ganhou também um punhal, mas o punhal não lhe trouxe alegria. Um dia, fora com o pai para o outro lado da montanha, à casa de um homem que trabalhava com ferro, e tinham passado três longas horas junto à forja enquanto o ferreiro lhe fabricava um punhal. E todo o tempo seu pai e o ferreiro tinha conversado sobre as desgraças que haviam desabado sobre o país e na exploração que sofriam os humildes. Era como se seu pai e o ferreiro estivessem competindo para demonstrar qual dos dois era mais explorado do que o outro.

— Este punhal, por exemplo — disse o ferreiro. — O preço que te cobro são quatro *denarii*. Dessa quantia, um quarto será para o coletor do Templo, quando vier receber sua parte. Um quarto irá para o coletor de impostos. Restam-me, pois, dois *denarii*. Mas se eu fizer outro punhal, terei que pagar dois *denarii* pelo metal. Onde está o preço do meu trabalho? Onde está o preço do chifre que tenho de comprar para o cabo? Onde está o preço da comida para alimentar minha família? Mas, se eu cobrasse cinco *denarii*, tudo subiria na mesma proporção, e quem comprará de mim podendo comprar mais barato de outro? Deus é mais clemente contigo. Pelo menos tiras tua comida da terra e sempre podes estar de barriga cheia.

O pai do menino, entretanto, tinha outro argumento.

— Pelo menos, às vezes tens um pouco de dinheiro na mão. Mas meu caso é assim: semeio minha cevada e depois faço a

sua colheita. Encho as cestas, e a cevada brilha como pérolas. Agradecemos a Deus porque nossa cevada cresceu tão forte e plena de seiva. Quem pode ter dificuldades quando possui em casa cestas transbordando de cevada? Mas, então, chega o coletor do Templo, e carrega um quarto da cevada. Depois vem o coletor de impostos, e leva outro quarto. Discuto com ele. faça-lhe ver que só me resta cevada para alimentar meus animais durante o inverno. Então, come teus animais, diz ele. E é só o que nos resta fazer. Assim, quando chega o momento em que não há mais nem cereal nem carne e as crianças choram de fome, apanhamos nossos arcos e pensamos nas lebres e nos poucos veados que ainda restam nas montanhas. Mas, para um judeu, essas carnes são contaminadas, a não ser que sejam abençoadas ou que se consiga uma dispensa. O ano passado, mandamos nosso *rabi* a Jerusalém para pedir dispensa ao Templo. Nosso *rabi* é um bom homem. Nossa fome é sua fome. Mas passou cinco dias esperando no tribunal do Templo até ser recebido pelos sacerdotes, e então não deram atenção a seu pedido e tampouco lhe ofereceram um pedaço de pão para abrandar-lhe a fome aguda. Quando deixaremos de ouvir estes queixumes dos galileus? disseram-lhe. Teus camponeses são vadios. Querem deitar-se ao sol e comer maná. Pois que trabalhem mais e plantem mais cevada. Foi este o conselho que deram, mas onde irá o camponês encontrar mais terra para plantar mais cevada e, se encontrássemos mais terra e plantássemos mais, sabes o que aconteceria?

— Sei o que aconteceria — respondeu o ferreiro. — No final, continuarias sem nada. É sempre assim que acontece. Os pobres ficam mais pobres e os ricos mais ricos.

Isto aconteceu quando o menino ganhou seu punhal, mas em casa era a mesma coisa. À noite, os vizinhos se reuniam e discutiam constantemente como era difícil um homem viver e como eram cada vez mais sugados — e até onde iria aquilo, e se seria possível espremer sangue de uma pedra.

Assim pensava o homem na cruz, e estes eram fragmentos de recordações que se ligavam ao seu sofrimento presente. Mas, mesmo enquanto sofria, mesmo enquanto a dor se erguia em ondas de sofrimento insuportável para depois decrescer em ondas apenas suportáveis, desejava viver. Já morto, por assim dizer, entregue à cruz, continuava desejando viver. Que força é a vida! Que impulso é a vida! De que coisas são capazes as criaturas quando se trata do simples fato de existir!

Mas por que era assim, ele não o sabia. Em seu sofrimento,

não apelava para Deus, porque em Deus não havia resposta ou explicação. Não mais acreditava num Deus ou em muitos deuses. Nesse segundo período de sua vida tinham mudado suas relações com Deus. Deus só atendia às orações dos ricos.

Assim, não apelou para Deus. Homens ricos não são crucificados e toda a sua vida fora passada numa cruz, uma eternidade com pregos cravados nas mãos. Ou fora outro? Ou fora seu pai? Sua cabeça trabalhava mal agora; os impulsos concatenados e precisos de seu cérebro se desorganizavam, e quando se lembrava como seu pai fora crucificado, confundia-o consigo mesmo. Esquadrinhava a memória torturada para recordar como acontecera, e lembrou-se do tempo em que os coletores de impostos tinham vindo e voltado de mãos vazias. Lembrou-se do tempo em que os sacerdotes do Templo tinham vindo e voltado, eles também, com as mãos vazias.

Depois disso, houvera um breve momento de glória. Havia a lembrança resplendente do grande herói, Judas, o Macabeu, e quando o primeiro exército fora enviado contra eles pelos sacerdotes, os agricultores, armados de suas flechas e punhais, o tinham destruído. Ele tomara parte naquela batalha. Era, então, apenas um adolescente de quatorze anos, mas já sabia usar seu punhal e lutara ao lado do pai e provara o gosto da vitória.

Mas o gosto da vitória não durara muito. Grandes colunas de mercenários blindados tinham marchado contra os rebeldes da Galiléia, e o tesouro do Templo era um poço sem fundo para comprar mais soldados. Os camponeses com seus punhais e seus corpos nus não podiam lutar contra um grande exército. Os camponeses tinham sido esmagados, e dois mil feitos prisioneiros. Entre esses, novecentos tinham sido escolhidos para a cruz. Era esse o sistema civilizado, o sistema ocidental, e quando as cruzes pontilharam os campos, os sacerdotes do Templo vieram observar os crucificados, e com eles seus conselheiros romanos. E o menino David viu seu pai ser pregado a uma cruz e ali ficar pendurado pelas mãos até as aves lhe devorarem as entranhas.

E agora ele próprio estava na cruz. Como começara, assim tinha terminado, e como se sentia cansado, e cheio de dor e desgosto! Enquanto passava o tempo na cruz — tempo que não tinha ligação alguma com o tempo, como o conhece a humanidade, pois um homem na cruz deixa de ser um homem — perguntava incessantemente a si mesmo: qual seria a significação da vida, que vinha do desconhecido e voltava para o desconhecido? Começou a perder o incrível apego à vida que o sustentara por tanto tempo. Pela primeira vez, quis morrer.

(E que lhe dissera Espártaco? "*Gladiador, ama a vida. Esta é a resposta a todas as questões.*" Mas Espártaco estava morto e ele vivia.)

Estava exausto agora. A exaustão competia com a dor, e suas lembranças eram de imenso cansaço. Depois de fracassada a revolta, ele e setecentos outros meninos tinham sido acorrentados de pescoço em pescoço e comboiados para o Norte. Quanto tempo haviam marchado! Através de planícies e desertos e montanhas, até as verdes colinas da Galiléia se transformarem num sonho de paraíso. Seus senhores mudavam, mas o chicote era sempre o mesmo. Afinal, chegaram a uma terra onde as montanhas se erguiam mais alto que as da Galiléia, e em seus cumes havia um manto de neve tanto no inverno como no verão.

E fora então mandado para as entranhas da terra buscar cobre. Durante dois anos labutara nas minas de cobre. Seus dois irmãos morreram, mas ele viveu. Tinha um corpo de ferro e couro. Outros adoeciam; seus dentes caíam, ou vomitavam até morrer. Mas ele viveu, e por dois anos labutou nas minas.

E então fugiu. Fugiu para as montanhas selvagens, com a argola de escravo ainda no pescoço e ali as simples e primitivas tribos das montanhas o receberam e abrigaram e lhe tiraram a argola do pescoço e o deixaram viver na sua companhia. Passou um inverno todo com eles. Eram gente boa e pobre, que vivia de caça, sem plantar quase nada. Aprendeu sua língua, e queriam que permanecesse ali e se casasse com uma das moças da tribo. Mas seu coração ansiava pela Galiléia, e, quando chegou a primavera, partiu para o Sul. Mas foi capturado por um bando de traficantes persas, que por sua vez o venderam a uma caravana de escravos com destino ao Ocidente. Fora vendido em leilão, na cidade de Tiro, quase à vista da sua terra natal. Como se desesperara, então! Que lágrimas amargas vertera por se achar tão perto da sua terra e dos parentes e das pessoas que o amariam — e no entanto, tão longe da liberdade! Comprou-o um mercador fenício, e ele logo se viu acorrentado a um remo, num navio que negociava nos portos sicilianos, e durante todo um ano sentara-se na escuridão úmida e na sujeira úmida, arrastando seu remo na água.

Depois o navio foi aprisionado por piratas gregos e, piscando como uma coruja suja, ele foi arrastado para o tombadilho, examinado e interrogado por ferozes marujos gregos. A sorte do mercador fenício e sua tripulação decidiu-se rapidamente: foram lançados ao mar como carga deteriorada. Mas a ele e a cada um dos escravos perguntaram, "Sabes lutar? Ou só sabes remar?"

Ele detestava o banco e a obscuridade e a água estagnada no

fundo do porão, e respondeu: "Sei lutar. É só me darem a oportunidade." Teria lutado contra um exército só para não ser mandado de volta ao porão, dobrar as costas sobre um remo. Deixaram-no, então, ficar no tombadilho e lhe ensinaram — não sem muitas injúrias e pancadas — o ofício de marujo, como içar uma vela e manobrar o leme e conhecer o rumo pelas estrelas. No primeiro combate com uma fragata romana, ele demonstrara uma tal rapidez de movimento e habilidade com o punhal que imediatamente conquistou um lugar seguro entre os piratas; mas no seu coração não havia felicidade e acabou por odiar aqueles homens que só entendiam de carnificina, crueldade e morte. Eram tão diferentes dos camponeses simples com quem vivera na sua infância como a noite do dia. Não acreditavam em deus algum, nem mesmo em Poseidon, o senhor dos mares e, ainda que a sua própria fé estivesse abalada, os bons anos de sua vida tinham sido passados ao lado dos tementes a Deus, Quando os piratas aportavam, era para matar, incendiar e violar.

Foi nessa ocasião que construiu em torno de si mesmo um rijo muro em que se fechou. Dentro desse muro passou a viver, e os sinais de juventude desapareceram-lhe do rosto e dos frios olhos verdes e do nariz de ave de rapina. Tinha pouco menos de dezoito anos quando se uniu aos piratas, mas seu físico passou a não ter idade, e já surgiam fios brancos na sua espessa cabeleira negra. Mantinha-se isolado, e às vezes passava uma semana inteira sem dizer palavra. Os outros não se metiam com ele, sabiam como lutava e o temiam.

Vivia de um sonho que era o seu vinho e o seu sustento. O sonho era que, mais dia menos dia, cedo ou tarde, chegariam às costas da Palestina, e então ele se jogaria ao mar e nadaria para terra, e caminharia a pé até as suas queridas colinas da Galiléia. Mas três anos se passaram, e esse dia nunca chegou. Pilharam, primeiro, a costa africana e, depois, seguiram para a costa da Itália. Lutaram na costa da Espanha e queimaram casas romanas e se apoderaram das riquezas e das mulheres que ali encontraram. Depois, tornaram a cruzar os mares e passaram um inverno inteiro numa cidade fortificada e sem lei, próxima às colinas de Hércules. Depois, velejaram através do estreito de Gibraltar e chegaram à Britânia, onde ancoraram sua galera e a limparam e consertaram. Depois, velejaram para a Irlanda, onde trocaram pedaços de tecidos e jóias baratas pelos ornamentos de ouro das tribos irlandesas. Depois, para as costas da Gália e de novo para a África. Assim se passaram três anos — e nunca aportaram na sua terra natal. Mas o sonho e a esperança permaneceram — enquanto ele se tornava mais duro do que um homem tem o direito de sê-lo.

Mas aprendeu muito nessa ocasião. Aprendeu que o mar era uma estrada sobre a qual corria a vida, como corre o sangue nas veias de um homem. Aprendeu que o mundo é grande e ilimitado, e aprendeu que, onde quer que fosse, havia gente pobre e simples, gente como seu povo, gente que labutava para comer e dar de comer aos filhos — só para entregar a maior parte do que arrancava do solo ao chefe ou rei ou pirata. E aprendeu que havia um chefe, rei ou pirata acima de tudo o mais — e que se chamava Roma.

E, no final, foram derrotados por um navio de guerra romano, e ele e quatorze outros da tripulação, que sobreviveram, foram levados a Ostia para serem enforcados. Parecia, assim, que agora se encerrariam sua carreira e seus sofrimentos, mas, no último momento, um agente de Lêntulo Baciato comprou-o para a escola de Cápua...

Assim decorrera a segunda época da vida do gladiador, a vida do conhecimento e do ódio. Essa parte se completara em Cápua. Ali aprendera o último requinte da civilização, o treino de homens para se matarem uns aos outros para o divertimento de romanos desocupados e o enriquecimento de um gordo, sujo e perverso homem que era chamado *lanista*. Tornou-se um gladiador. Seus cabelos foram cortados rente ao crânio. Soltaram-no numa arena com um punhal na mão, e ele começou a matar não os que odiava, mas aqueles que, como ele próprio, eram escravos e condenados.

Nesse período o conhecimento se combinava ao ódio. Passou a ser receptáculo de ódio, dia a dia ia-se enchendo de ódio. Vivia sozinho na hedionda solidão e no desespero de sua cela; e fechou-se em si mesmo; não mais acreditava em Deus e, quando pensava no Deus de seus pais, sentia ódio e desprezo. Uma vez, dissera para si mesmo:

"Gostaria de ir lutar na arena com aquele amaldiçoado velho das montanhas. Haveria de fazê-lo pagar por todas as lágrimas e promessas falsas que faz aos homens. Que lhe dessem seus trovões e raios. Tudo o que quero é um punhal na mão. Faria um sacrifício em sua honra. Ensinar-lhe-ia algo sobre a cólera e o ódio."

Sonhara uma vez, e no seu sonho achava-se perante o trono de Deus. Mas não tinha medo. "Que vais fazer de mim?" — gritara-lhe, irônico. "Vivi vinte e um anos, e que mais podes fazer a mim que o mundo já não tenha feito? Vi meu pai crucificado. Labutei como uma toupeira nas minas. Durante dois anos estive nas minas, e durante um ano vivi na sujeira e na água estagnada, com ratos me correndo pelo corpo, Durante três anos fui um ladrão que sonhava com sua terra, e agora mato

homens para divertir os outros. Que mais poderás fazer a mim?"

Era isto o que ele se tornara na segunda época de sua vida, e, por essa ocasião, um escravo trácio fora trazido para a escola de Cápua, um homem estranho com voz suave, um nariz quebrado e profundos olhos negros. Foi assim que o gladiador David conheceu Espártaco.

VI

Uma vez, muito depois dessa ocasião, um escravo romano fora colocado na cruz e, depois de passar vinte e quatro horas crucificado, o próprio imperador o perdoara. Tendo sobrevivido, escrevera um relato do que tinha sentido na cruz, e a coisa mais notável a respeito era o que tinha a dizer sobre a questão do tempo. "Na cruz — dissera ele — só existem duas coisas, dor e eternidade. Disseram-me que eu tinha estado na cruz apenas vinte e quatro horas, mas estive crucificado mais tempo do que a idade do mundo. Onde cessa de existir o tempo, cada momento é para todo o sempre."

Naquele torturante *todo o sempre*, o espírito do gladiador se desfazia, e cessava gradualmente a capacidade de raciocínio organizado. As recordações se tornavam em alucinações. Revivia grande parte de sua vida. Tornou a falar com Espártaco. Repetia o que mais desejava salvar da ruína inútil que era sua vida, a vida nula de um escravo qualquer na torrente caudalosa do tempo.

(Olha Espártaco. Observa-o. É como um gato este homem, e os olhos verdes aumentam a semelhança com um felino. O gato caminha numa perpétua tensão. É assim que caminha o gladiador, e tem-se a impressão de que, se o atirassem para o ar, cairia sempre de pé. Quase nunca olha diretamente para um homem, mas observa-o com o canto dos olhos. Dessa maneira, observa Espártaco durante dias. Não poderia explicar a si mesmo que qualidade em Espártaco atrai tanto sua atenção; mas não há mistério nisso. Ele é todo tensão, e Espártaco é todo calma. Ele não fala com ninguém, mas Espártaco fala com todos e todos se chegam a Espártaco e lhe trazem seus problemas. Espártaco está injetando alguma coisa na escola de gladiadores. Espártaco a está destruindo.

Todos, exceto o judeu, procuram Espártaco. Mas um dia, no período de repouso entre exercícios, Espártaco se aproxima do judeu e lhe fala.

— Sabes falar grego? — pergunta-lhe.

Os olhos verdes fitam-no impassíveis. De súbito, Espártaco percebe que se trata de um jovem, quase um adolescente. Mas a

juventude está escondida atrás de uma máscara. Não estava olhando o homem, e sim a máscara.

O judeu diz para si mesmo: "Grego.. . falo o grego? Creio que falo todas as línguas. Hebreu e aramaico e grego e latim e muitas outras línguas de muitas partes do mundo. Mas, por que haveria eu de falar qualquer língua? Por quê?"

— Uma palavra minha e uma palavra tua — insiste Espártaco. — Somos gente. Não estamos sós. O horrível é quando se é só. É uma coisa tremenda ser-se só, mas aqui não estamos sozinhos. Por que haveremos de nos envergonhar do que somos? Acaso fizemos coisas horríveis para vir parar aqui? Não creio. Coisas mais horríveis são feitas por aqueles que colocam punhais nas nossas mãos e nos mandam matar para o prazer dos romanos. Por isto não devemos nos envergonhar e odiar uns aos outros. A todo homem sempre resta um pouco de força, um pouco de esperança, um pouco de amor. São como sementes plantadas em todos os homens. Mas se ele as guarda para si mesmo, acabarão por secar e morrer, e então que Deus ajude esse pobre homem, pois ficará sem nada e a sua vida não merecerá ser vivida. Mas se ele der aos outros um pouco de força, da esperança e do amor que tem, verá que suas reservas são inesgotáveis e que a vida é digna de ser vivida. E, acrediteme, gladiador, a vida é a melhor coisa do mundo. Nós sabemos. Somos escravos. Tudo o que temos é a vida. Sabemos, pois, o quanto vale. Os romanos têm tantas outras coisas que a vida não significa muito para eles. Brincam com ela. Mas nós levamos a vida a sério, e é por isto que não devemos nos isolar. És muito só, gladiador. Fala um pouco comigo.

Mas o judeu nada diz, sua fisionomia e seus olhos em nada se modificam. Mas ouve. Ouve silenciosa e atentamente e se fastia. Mas, depois de ter andado alguns passos, pára, vira um pouco a cabeça e, de soslaio, observa Espártaco. E parece a Espártaco que nos olhos do outro surgiu alguma coisa que não existia antes, um lampejo, um apelo, um vislumbre de esperança. Talvez.

Este fora o começo da terceira época dos quatro períodos em que se poderia dividir a vida do gladiador. Esta poderia ser chamada a época da esperança, e foi então que o ódio desapareceu, e o gladiador aprendeu a amar seus companheiros. Não aconteceu de repente nem depressa. Pouco a pouco, aprendeu a confiar num homem e, através desse homem, aprendeu a amar a vida. Era o que, em Espártaco, o atraía desde o princípio, o imenso amor do trácio pela vida. Espártaco era como um guardião da vida. Não só a amava como também era absorvido nela. Era algo de que nunca duvidava ou criticava.

Era como se houvesse um pacto secreto entre Espártaco e todas as forças da vida.

De tanto observar Espártaco, o gladiador David começou a segui-lo. Não o fazia ostensivamente, mas quase às escondidas. Sempre que surgia a ocasião e não parecia muito evidente, colocava-se perto de Espártaco. Sua audição era tão aguda como a de uma raposa. Ouvia as palavras de Espártaco; guardava-as no seu íntimo e as repetia para si mesmo. Procurava desvendar o que continham aquelas palavras. E todo tempo, uma transformação se operava no seu íntimo. Estava mudando; estava crescendo. Da mesma maneira, em cada gladiador da escola operava-se um pouco dessa mudança e um pouco desse crescimento. Mas, com David, era diferente. Vinha de um povo cuja vida era cheia de Deus. Quando perdeu sua fê, fez-se um vazio em sua vida. Agora estava enchendo este vazio com homens. Estava aprendendo a amar os homens. Estava aprendendo a grandiosidade do homem. Não pensava nesses termos, mas era o que lhe acontecia — e também aos outros gladiadores.

Eram coisas que não poderiam ser compreendidas nem por Baciato nem pelos senadores de Roma. Para eles, a revolta estourara de súbito e sem premeditação. Que o soubessem, não houvera preparação ou prelúdio.

Mas prelúdio houvera, sutil, estranho, crescente. David nunca esqueceu a primeira vez em que ouviu Espártaco recitar versos da *Odisséia*. Era como uma música fascinante e nova, a história de um bravo que sofreu muito mas nunca foi derrotado. Compreendia perfeitamente muitos dos versos. Conhecia a agonia frustrada de estar separado da terra que amava. Conhecia os golpes do destino caprichoso. Nas colinas da Galiléia amara uma moça de lábios como papoulas vermelhas e de faces macias como a plumagem dos pássaros, e sofrera em seu coração por tê-la perdido para sempre. Mas, que música linda era essa, e como era formidável que um escravo, um escravo filho de um escravo e que nunca, nem por um instante, fora um homem livre, pudesse recitar de cor intermináveis versos daquela história deslumbrante! Existira jamais um homem como Espártaco? Existira jamais alguém tão afável, tão paciente, tão avesso à cólera?

Em seu espírito, identificava Espártaco com Ulisses, o paciente e sábio Ulisses; e para ele os dois passaram a ser uma só entidade. Apesar de tudo, sendo ainda um adolescente, encontrara seu herói e seu modelo em Espártaco. A princípio, desconfiara dessa sua tendência. Não confia em ninguém e ninguém te decepcionará, era o que até então mais repetira para

si mesmo, e por isso esperou e observou para ver se Espártaco se mostrava menor que Espártaco. E, gradualmente, cresceu nele a compreensão de que nenhum homem é menor do que si mesmo, não a compreensão total, mas um lampejo do que existe de esplêndido e inesperado em cada um dos seres humanos.

Assim, quando foi escolhido como um dos quatro gladiadores que iriam satisfazer a um capricho de dois homossexuais perfumados de Roma, para lutar em pares até a morte, sentiu-se dilacerado por uma tal luta íntima como nunca antes experimentara. Era uma nova luta e, quando a venceu, pela primeira vez perfurou realmente a armadura de proteção na qual se encerrara. Agora, na cruz, vivia também aquele momento. Estava de volta, novamente, e lutando consigo mesmo, e dos seus lábios ressequidos na cruz saiu a agonia de palavras que dissera a si mesmo quatro anos antes.

(Sou o homem mais amaldiçoado do mundo — diz para si mesmo — pois fui escolhido para matar o homem que amo mais do que qualquer outro homem vivo. Que cruel destino o meu! Mas é exatamente o que se esperaria de um Deus ou deuses, ou o que quer que sejam, que não têm outro intento senão o de torturar o homem. Nisto se resume a missão deles. Mas não os satisfarei. Não representarei para eles. Os deuses são como aqueles porcos romanos perfumados, sentados no pavilhão e esperando para ver as entranhas de um homem rolar na areia! Mas desta vez, não os satisfarei. Essa gente miserável e corrupta, que não encontra alegria em nada mais, não terá o prazer de assistir à luta dos pares. Ver-me-ão ser morto, mas não será satisfação para eles verem um homem morrer. Podem ver isto a qualquer momento. Mas não lutarei contra Espártaco. Ser-me-ia mais fácil matar meu próprio irmão.

Mas e depois? A princípio havia apenas loucura em toda a minha vida. Que me deu Espártaco? Preciso fazer a mim mesmo esta pergunta e preciso respondê-la. Preciso respondê-la porque ele me deu uma coisa de grande importância. Deu-me o segredo da vida. A vida, ela própria, é o segredo da vida. Todos tomam partido. Uns tomam o partido da vida, outros o da morte. Espártaco toma o partido da vida e, portanto, lutará contra mim se preciso for. Não se deixará matar. Não lhes permitirá que o matem, sem lhes dizer uma palavra, sem lhes devolver o golpe. Então é isto o que devo fazer. Devo lutar contra Espártaco e a vida decidirá entre nós. Oh, que tremenda decisão! Uma maldição maior jamais caiu sobre um homem! Mas assim tem que ser. É a única maneira.)

Revivia os pensamentos e a decisão, e não mais sabia que estava morrendo numa cruz, que o destino lhe fora bondoso, que

não tivera que lutar contra Espártaco. Peçaço por peçaço, sua mente devastada pela dor ia refazendo o passado e revivendo-o. De novo, os gladiadores mataram seus treinadores no refeitório da escola. De novo, combateram as tropas com punhais e mãos nuas. De novo, marcharam pelo campo e, das plantações, os escravos acorreram para reunir-se a eles. E, de novo, caíram sobre as coortes da cidade à noite e as destroçaram por completo, e se apoderaram de suas armas e armaduras. Tudo isto ele tornou a viver, não racional ou cronologicamente, mas como uma bola de fogo atirada através do passado.

(— Espártaco — diz ele. — Espártaco?)

A segunda grande batalha dos escravos já se realizou. Os escravos são um exército. Têm o aspecto de um exército. Têm armas e armaduras de dez mil romanos. Seu acampamento noturno é uma fortaleza de madeira e barro, igual às que constroem as legiões em campanha. Praticam durante horas como atirar a lança romana. A sua fama correu o mundo inteiro e todos os temem. Em cada choupana de escravo, em cada tenda de escravos, murmura-se o nome de Espártaco, que incendiou o mundo. Sim, foi o que fez. Tem um exército poderoso. Logo marchará contra a própria Roma e, na sua ira, destruirá as muralhas de Roma. Por onde passa, liberta os escravos e todos os despojos vão para o tesouro comum — como antigamente, quando uma tribo tinha tudo e nenhum homem possuía fortuna pessoal. Seus soldados só tem as armas e as roupas do corpo. Assim é Espártaco, agora.

Ele diz: — Espártaco?

Pouco a pouco, a fala voltou ao judeu David. Suas palavras são lentas e hesitantes, mas fala. E pergunta ao chefe dos escravos:

— Espártaco, sou um bom lutador, não é verdade?

— Bom, muito bom. Dos melhores. Sabes lutar.

— E não sou covarde, sabes?

— Sei disto há muito tempo — diz Espártaco. — Como poderia um gladiador ser covarde?

— E nunca recusei uma luta.

— Nunca.

— E quando me deceparam a orelha, cerrei os dentes e não soltei um só grito de dor.

— Não é vergonha gritar de dor — diz Espártaco. — Já vi homens fortes gritarem de dor. Já vi homens fortes chorarem de desgosto. Não é vergonha chorar.

— Mas tu e eu não choramos, e um dia serei como tu, Espártaco.

— Serás um homem melhor do que eu. És melhor lutador do que eu.

— Não, nunca serei a metade do que és, mas acho que luto bem. Sou muito rápido. Como um gato. O gato pressente o golpe. Sente-o na sua própria pele. Sou assim, às vezes. Quase sempre, pressinto o golpe. E por isto que te quero pedir uma coisa. Quero ficar a teu lado, proteger-te. Se te perdermos, perderemos tudo. Não estamos lutando por nós mesmos. Estamos lutando pelo mundo todo. Por isto quero que me mantendas a teu lado sempre que lutarmos.

— Tens coisas mais importantes a fazer do que ficar a meu lado. Preciso de homens para chefiar um exército.

— Os homens precisam de ti. Estou pedindo demais?

— Pedes muito pouco, David. Pedes por mim, não por ti.

— Então, diz-me o que é que queres?

Espártaco assente.

— E nunca nada te acontecerá. Velarei por ti. Dia e noite, velarei por ti.)

Assim se tornou David o braço direito do chefe dos escravos. Ele, que em toda a sua jovem vida só tinha conhecido derramamento de sangue e labuta e violência, agora via horizontes dourados à sua frente. Cada vez compreendia melhor qual seria o resultado da rebelião. Como a maior parte do mundo era constituída de escravos, breve seriam uma força que nada poderia enfrentar. Então desapareceriam nações e cidades, e voltaria a *era de ouro*. Nos contos e lendas de cada povo sempre houve, uma vez, uma *era de ouro* em que os homens não conheciam o pecado riem a amargura, em que viviam juntos em paz e amor. Assim, quando Espártaco e seus escravos tivessem conquistado o mundo inteiro, voltaria essa era. Seria estabelecida ao som de címbalos e trombetas e um coro de todas as vozes do povo, entoando louvores.

Em sua mente febril ouvia, agora, esse coro. Ouvia em crescendo o timbre da voz da humanidade, um coro que ecoava nas encostas das montanhas...

(Está só com Varínia. Quando olha para Varínia, o mundo se dissolve e resta apenas esta mulher que é a mulher de Espártaco. Para David é a mais bela e desejável mulher do mundo, e seu amor por ela é como um verme corroendo-lhe as entranhas. Quantas vezes disse a si mesmo:

Que criatura desprezível és para amar a mulher de Espártaco! Tudo o que tens no mundo, deves a Espártaco, e como lhe pagas de volta? Amando sua mulher! Que coisa pecaminosa! Que coisa hedionda! Mesmo que nunca digas nada, mesmo que não o demonstres, é uma coisa hedionda! É, além do mais, uma coisa inútil. Olha para ti mesmo. Mira-te num espelho. Jamais viste uma cara assim, dura e selvagem como um falcão, faltando uma

orelha, cheia de cicatrizes!

Varínia diz-lhe: — Que jovem estranho és, David! De onde vens? Tua gente é toda como tu? És ainda um menino, mas nunca sorris, nunca ris. Que maneira de ser!

— Não me chames de menino, Varínia. Já provei várias vezes que sou um pouco mais que um menino.

— Provaste-o mesmo? Bem, tu não me enganas. És apenas um menino. Deverias ter uma namorada. Envolver com um braço sua cintura e caminhar com ela quando a noite começa e é bela. Deverias beijá-la. Deverias rir com ela. Não existem aqui moças suficientes?

— Tenho um trabalho a fazer. Não posso perder tempo com isso.

— Perder tempo com o amor? Oh! David, David, que coisa dizes! Que coisa estranha dizes!

— Se perdêssemos tempo com essas coisas, onde estaríamos? — responde ele tenso. — Achas que é brinquedo de criança Chefiar um exército, encontrar comida para tantos milhares de pessoas, todos os dias, treinar homens! Temos a coisa mais importante do mundo a fazer, e queres que eu namore moças!

— Não namorá-las, David. Quero que ames a alguém,

— Não tenho tempo para isto.

— Não tens tempo! Como me sentiria se Espártaco dissesse que não tem tempo para mim? Creio que morreria. Não há nada mais importante do que ser homem, apenas e simplesmente homem. Sei que consideras Espártaco mais do que um homem. Ele não o é. Se o fosse, não serviria para nada. Não há grandes mistérios em Espártaco. Sei disto. Quando uma mulher ama a um homem, sabe muito sobre ele.

Ele reúne toda a coragem que pode e diz: — Tu o amas. não é?

— Que estás dizendo, menino? Amo-o mais do que a própria vida. Morreria por ele, se preciso fosse.

— Eu morreria por ele — diz David.

— Isto é diferente. Às vezes observo-te quando olhas para ele. É diferente. Amo-o porque é um homem. É um homem simples. Nada tem de complicado. É simples e brando e jamais ergue a voz ou a mão contra mim. Há homens que vivem cheios de pena de si mesmos. Mas Espártaco nunca tem pena de si mesmo. Só tem pena e sente tristeza pelos outros. Como podes perguntar se o amo? Não sabem todos o quanto o amo?)

Assim, em seu sofrimento, por vezes o derradeiro gladiador relembra com grande clareza e precisão; mas, outras vezes, a recordação era selvagem e horrível, e uma batalha tornava-se num pesadelo de ruídos aterrantes, de sangue e agonia, de

massas de homens movendo-se descontroladamente. Em algum momento, durante os dois primeiros anos de sua revolta, tinham compreendido que as massas de escravos que povoavam o mundo romano não iriam ou não poderiam juntar-se a eles. Tinham, então, atingido o seu máximo de força, mas o poder de Roma parecia não ter fim. Daquela ocasião lembrava-se de uma batalha que tinham travado, uma batalha tremenda, tão vasta que durara a maior parte de um dia e uma noite inteira. Espártaco e os homens a sua volta podiam apenas presumir o curso que a batalha tomava. Durante os momentos de recordação desta batalha, o povo de Cápua que observava o gladiador crucificado, vira seu corpo se contorcer e surgir-lhe uma espuma branca nos lábios entreabertos, e seus membros estirados se sacudiram numa agonia convulsiva. Ouviram sons desarticulados que lhe saíram da boca e alguns disseram:

— Não vai durar muito. Está nas últimas.

(Tomam posição no alto da colina, uma extensa colina, cercada de outras elevações e a infantaria pesada se espalha num raio de um quilômetro desde o topo. Há um lindo vale, sulcado no centro por um pequeno arroio que serpenteia, com pastagens verdes no fundo e vacas de úbere entumecido, ruminando a relva, e do outro lado do vale há um monte onde as legiões romanas se encontram. Espártaco estabeleceu no centro do exército o seu posto de comando, um pavilhão branco sobre uma pequena elevação de onde se descortina toda a área. Aqui começaram a realizar-se essas operações que já são necessidades rotineiras de um posto de comando de uma batalha. Um secretário tem à sua frente todo material para escrever. Cinquenta mensageiros estão prontos a correr ao mesmo tempo para todos os pontos do campo de batalha. Foi erigido um mastro para o sinaleiro, que do seu alto faz sinais com uma variedade de bandeiras de cores vivas. E sobre uma longa mesa no centro da grande tenda está sendo preparado um mapa do campo de batalha.

Esses são os métodos adotados pelos escravos, adquiridos no curso de dois anos de campanha. Do mesmo modo elaboraram suas táticas de combate. Os chefes do exército reúnem-se em torno da mesa, examinando o mapa e trocando informações sobre a quantidade e qualidade das forças do inimigo. São oito homens em torno da mesa. Numa ponta, está Espártaco, David a seu lado. Vendo-os pela primeira vez, um estrangeiro diria que esse homem, Espártaco, tem pelo menos quarenta anos de idade. Há mechas brancas nos seus cabelos crespos. Está mais magro, e o cansaço marca seu rosto com escuras olheiras.

Um observador diria que o tempo se apoderou dele. Que o

tempo montou em seus ombros e agora o impulsiona... Esta seria uma observação sagaz, pois, de quando em quando, uma vez em muitos anos, uma vez em muitos séculos, faz-se ouvir a voz de um homem no mundo inteiro; e então os séculos passam e o mundo gira, mas este homem nunca é esquecido. Há tão pouco tempo este era apenas um escravo; agora, quem não conhece o nome de Espártaco? Mas ele não teve tempo para fazer uma pausa e refletir bem sobre o que lhe aconteceu. E muito menos para refletir sobre o que aconteceu no seu íntimo durante esses dois anos, e que o transformou no homem que é agora, comandando um exército de quase cinqüenta mil homens e, de certa forma, o melhor exército que o mundo jamais viu.

É um exército que luta pela liberdade nos termos mais simples e naturais. No passado houve uma infinidade de exércitos que lutaram por nações, cidades, riquezas, despojos, poder, ou controle de uma ou outra região; mas este é um exército que luta pela liberdade e dignidade humanas, um exército que não tem cidade nem pátria porque a gente que o compõe vem de todas as terras e cidades e tribos, um exército em que cada soldado partilha uma herança comum de servidão e um ódio ço muni aos homens que fazem de outros homens escravos. É um exército fadado à vitória, pois não há pontes por onde possa retroceder, nem terra onde possa repousar ou se abrigar. É um momento que muda o curso da História, um começo, um burburinho sem, palavras, um pressentimento, um clarão de luz que precede os trovões e raios que abalarão a terra. É um exército que, de súbito, compreende que a vitória que procura mudará o mundo e, portanto, deverá mudar o mundo ou ser derrotado.

Talvez, ao se debruçar sobre o mapa, Espártaco pense na maneira pela qual este exército nasceu. Pensa no punhado de gladiadores que abriu luta na escola do gordo *lanista*. Pensa neles como numa lança atirada que põe em movimento uma massa de vida, explodindo de repente a estabilidade duradoura do mundo dos escravos. Pensa na luta sem fim para transformar esses escravos em soldados, para fazê-los trabalhar juntos e pensar juntos, e então tenta compreender porque cessou esse movimento.

Mas não há tempo agora para refletir muito. A luta vai começar. O coração de Espártaco está cheio de temor; é sempre assim antes de uma batalha. Quando a batalha começar, grande parte do temor desaparecerá, mas agora tem medo. Olha seus companheiros reunidos em torno da mesa. Por que são tão calmas suas fisionomias? Não compartilham seu medo? Vê Crixo, o gaulês ruivo, os olhinhos azuis afundados nas órbitas,

tão profundos e calmos no seu rosto vermelho e sardento, os longos bigodes amarelos descendo-lhe até abaixo do queixo. E Ganico, seu amigo, seu irmão de servidão e de irmandade tribal. Ali estão, também, Casto e Fraxo e Nordo, o espadaúdo negro africano, Mosar, o esguio e ágil egípcio, e o judeu David — e nenhum deles parece ter medo. Por que, então, sente ele medo?

Diz-lhes agora secamente: — Bem, meus amigos, que vamos fazer? Ou será que iremos passar o dia todo brincando de adivinhar a respeito daquele exército do outro lado do vale?

— É um exército muito grande — diz Ganico. — É o maior que já vimos ou tivemos de enfrentar. Não se pode contar os homens, mas posso dizer-vos que já identificamos as bandeiras de dez legiões. Trouxeram a Sétima e a Oitava da Gália. Trouxeram mais de três legiões da África e duas da Espanha. Nunca em toda a minha vida vi um exército tão grande. Deve haver uns setenta mil homens do outro lado do vale.

É sempre Crixo que ataca o medo e a hesitação. Se fosse por ele, já teriam conquistado o mundo todo. Crixo só tem um lema, marchar sobre Roma. Melhor do que continuar a matar os ratos é incendiar-lhes o covil. Agora diz: — Tu me irritas, Ganico, porque é sempre o maior exército, sempre o pior momento para uma batalha. Pois digo que pouco me importa o exército deles. Eu os atacaria agora e não daqui a uma hora ou uma semana.

Ganico quer adiar a batalha. Talvez os romanos dividam suas forças. Já o fizeram antes e podem fazê-lo agora.

— Não o farão — diz Espártaco. — Posso garantir-vos. Por que adotariam tal tática? Têm-nos todos aqui. Sabem que estamos todos aqui.

— Por uma vez, concordo com Crixo — diz então Mosar, o egípcio. — Esta é uma ocorrência excepcional, mas, desta vez, ele tem razão. O exército do outro lado do vale é grande e teremos que combatê-lo cedo ou tarde, e é preferível que seja cedo. Podem esperar mais do que nós porque estão bem provisionados, e depois de alguns dias nada teremos para comer. E se tentarmos bater em retirada, terão a oportunidade que querem.

— Quantos homens calculas que são? — pergunta-lhe Espártaco.

— Muitos... pelo menos setenta mil.

— É muito, é muitíssimo — diz Espártaco, abanando sombriamente a cabeça. — Mas, creio que tens razão. Teremos que dar-lhes combate aqui. — Procura assumir um tom displicente, mas sente o coração pesado.

Decidem que em três horas atacarão o flanco romano, mas a

batalha se desencadeia antes. Mal os vários comandantes voltam para seus regimentos, os romanos lançam o ataque ao centro do exército de escravos. Não há táticas complicadas nem evoluções hábeis; uma legião forma a ponta de lança do ataque, ao centro, como uma lança projetada no posto de comando, e todo o poderoso exército romano se precipita na brecha formada pela legião. David permanece ao lado de Espártaco, mas só durante menos de uma hora conseguem eles dirigir uma defesa coordenada do posto de comando. A luta chega então ao centro, e começa o pesadelo. O pavilhão é destruído. A batalha arrasta-os como um mar, e em torno de Espártaco ruge o ciclone.

A luta é desenfreada. David agora sabe que está tomando parte numa luta de verdade, ao lado da qual todas as outras batalhas são apenas escaramuças. Espártaco deixa de ser o comandante de uma grande legião para passar a ser apenas um homem com uma espada e o escudo quadrado de um soldado, e luta como um demônio. E assim também luta o judeu. Os dois são como uma rocha, e a batalha ruge em seu redor. Num determinado momento, vêem-se sós e lutam pelas suas vidas. Depois, cem homens correm em seu auxílio. David olha para Espártaco e, sob o sangue e o suor, o trácio está sorrindo.

— Que luta! — grita ele. — Que luta tremenda, David! Será que viveremos para ver o sol se erguer? Quem sabe?

Ele ama esta luta, pensa David. Que homem estranho! Como luta! Parece um possesso! Luta como um dos heróis daquela cantiga que gosta de cantar!

David não sabe que está lutando da mesma maneira. Morrerá antes que uma lança toque Espártaco. É como um gato que nunca se cansa, um grande gato, um felino, e sua espada é uma garra. Nem por um momento se separa de Espártaco. Dir-se-ia que está grudado a Espártaco pela maneira com que consegue estar sempre a seu lado. Vê muito pouco da batalha. Vê só o que está diretamente na sua frente e na de Espártaco, e isto basta. Os romanos sabem que Espártaco está ali, e se esquecem da dança formal dos manípulos que os soldados treinam durante anos a fio. Precipitam-se, empurrados pelos seus oficiais, lutando e abrindo caminho para alcançar Espártaco, para o derrubar e matar, para cortar a cabeça do monstro. Estão tão perto que David pode ouvir os insultos e improperios que lhes saem da boca. Mas os escravos também sabem que Espártaco está ali e, do outro lado, precipitam-se para o centro da luta. Erguem o nome de Espártaco como um estandarte desfraldado em pleno campo de batalha. Espártaco! Pode-se ouvi-lo a léguas de distância. Na cidade fortificada a várias léguas de distância,

ouve-se o ruído da batalha.

Mas David ouve sem dar tento; ignora tudo o que não seja sua luta e o que tem na sua frente. A medida em que perde forças e seus lábios se ressecam, a batalha se torna mais e mais violenta. Não sabe que ela se espalha por três quilômetros de extensão. Não sabe que Crixo destroçou duas legiões e as persegue. Toma conhecimento apenas do seu braço e da sua espada e de Espártaco a seu lado. Nem percebe que lutaram pela encosta abaixo até o fundo do vale, até sentir-se imerso até os joelhos na água, que corre vermelha como o sangue. O sol se põe e o céu todo se tinge de rubro, numa dramática saudação aos milhares de homens que enchem o vale com seu ódio e sua luta. Na obscuridade a batalha arrefece mas não cessa nunca e, sob a luz fria da lua, os escravos mergulham a cabeça na água sangrenta do riacho, bebendo-a em grandes goles, pois se não beberem morrerão.

Com a madrugada, cessa o ataque romano. Quem jamais lutou contra homens como esses escravos? Quando se mata um, surge outro correndo e berrando e o substitui. Lutam como animais, não como homens, pois mesmo depois de se lhes enterrar a espada nas entranhas e de caírem por terra, pregam os dentes no pé do inimigo e só o largam depois de lhes deceparem a cabeça. Outros homens arrastam-se para fora da batalha quando são feridos, mas os escravos continuam lutando até a morte. Outros homens cessam uma batalha quando o sol se põe, mas esses escravos lutam como gatos no escuro e nunca descansam.

Ante tal inimigo, o medo se apodera dos romanos. Cresce neles de uma antiga semente há muito plantada: medo dos escravos. Vive-se com escravos mas não se confia neles. Sorriem todos os dias para seus amos, mas, por trás do sorriso, há ódio. Pensam apenas em matar os seus senhores. Fortalecem-se no ódio. Esperam e esperam e esperam. Têm paciência e memória infundáveis. Esta é a semente que foi plantada nos romanos desde que nasceram, e agora a semente começa a dar frutos.

Os romanos estão esgotados. Mal têm força para suster seus escudos e erguer as espadas. Mas os escravos não estão cansados. O pânico é contagioso. Apodera-se de dez, depois de cem. Os cem se transformam em mil, os mil em dez mil e, subitamente, todo o exército começa a atirar por terra as armas e a fugir desabaladamente. Os oficiais procuram contê-los, mas os soldados matam os oficiais e, gritando de terror, fogem dos escravos. E os escravos vão em seu enalço, acertando velhas

contas, de maneira que, por algumas léguas, o terreno fica juncado de romanos que jazem de bruços com ferimentos nas costas.

Quando Crixo e os outros encontraram Espártaco, ele ainda está ao lado do judeu. Espártaco está atirado no chão, dormindo entre os mortos, e o judeu, de espada em punho, monta guarda perto dele.

— Deixai-o dormir — diz o judeu. — Esta foi uma grande vitória. Deixai-o dormir.

Mas dez mil escravos morreram nessa grande vitória. E haverá outros exércitos romanos — exércitos maiores.)

VII

Quando se constatou que o gladiador estava morrendo, diminuiu o interesse em torno dele. Na hora décima, à tarde, apenas um punhado dos partidários mais entusiastas da crucificação continuavam a assistir ao espetáculo — eles e uns poucos mendigos e vagabundos, cuja presença seria indesejável nos numerosos centros de diversão que uma cidade como Cápua tinha a oferecer a tarde. É verdade que não havia corridas em Cápua, na ocasião, mas sempre se realizava algum espetáculo interessante numa das duas excelentes arenas da cidade. Como fosse um dos locais favoritos dos turistas romanos, os cidadãos mais ricos de Cápua faziam questão de promover lutas de pares num mínimo de trezentos dias por ano. Havia um teatro excelente na cidade e muitas casas de prostituição operando de maneira muito mais aberta ao que se permitiria em Roma. Nesses locais havia mulheres de todas as raças e nações, especialmente treinadas para manter a requintada reputação da cidade. Havia, também, belas lojas, bazares de perfumes, termas e muitos esportes aquáticos na linda baía.

Não era, pois, surpreendente que um gladiador crucificado atraísse apenas uma atenção passageira. Se não tivesse sido o herói da *munera*, não teria recebido sequer um segundo olhar e, mesmo assim, não era mais alvo de grande interesse. Numa carta dirigida "aos cidadãos de Roma que habitam Cápua", os três ricos mercadores que encabeçavam a pequena comunidade judia desobrigavam-se de qualquer ligação ou responsabilidade para com ele. Faziam notar que, em sua pátria, todos os elementos de rebelião e descontentamento haviam sido extirpados, e também observavam que a circuncisão não era prova de origem judaica. Entre os egípcios, fenícios e mesmo persas a circuncisão era muito comum. Não estava, também, na natureza dos judeus erguer a mão contra o poder que trouxera

um estado de paz e plenitude e ordem benigna à maior parte do mundo. Assim, abandonado por todos os lados, o gladiador aproximava-se da morte em solitária dor. Pouco ou nenhum divertimento oferecia aos soldados da guarda e aos espectadores. Havia uma mísera velha sentada com as mãos cruzadas sobre os joelhos, fitando o homem na cruz. Os soldados, de puro tédio, começaram a provocá-la.

— Diga-me, lindeza, em que estás sonhando com os olhos cravados no homem lá em cima? — perguntou-lhe um deles.

— Queres que o tiremos dali para fazer-te presente? — perguntou outro. — Quanto tempo faz que não tens um belo rapaz como ele na tua cama?

— Muito tempo, murmurou ela.

— Ele vai se portar como um touro, contigo na cama. Vai te cobrir como um garanhão cobre uma égua. Que tal achas a idéia, velha?

— Que modo de falar! — disse ela. — Que gente sois! Que maneira de falar comigo.

— Oh, excelentíssima, mil perdões!

Um após outro, os soldados fizeram-lhe cumprimentos rasgados. Os poucos espectadores aproximaram-se para assistir à cena.

— Não me interessam vossas desculpas — disse a velha. — Imundos! Sou suja. Sois imundos. Posso lavar minha sujeira num banho. Vós não o poderíeis.

Os soldados não gostaram muito da resposta e logo readquiriram seu ar de autoridade. Tornaram-se duros e de olhar severo.

— Vamos com calma, velha — disse um deles. — Põe um freio na tua língua.

— Digo o que bem entender.

— Então vai tomar um banho e volta. Estás muito suja para ficar sentada logo em frente aos portões da cidade.

— Sei que estou suja — disse ela com um riso. — Sou um espetáculo horrível, não é mesmo? Que gente sois vós, romanos! O povo mais limpo do mundo. Não é romano aquele que não toma um banho diário mesmo que seja um vagabundo, como o são quase todos, e passe as manhãs jogando e as tardes na arena. É tão limpo o romano.

— Chega, velha. Cala tua boca.

— Não chega, não. Não posso tomar banho. Sou uma escrava. Escravos não vão aos banhos. Sou velha e gasta, e nada podeis me fazer. Nem uma só coisa. Estou sentada ao sol sem me meter com ninguém, mas não gostais disso, não é mesmo? Duas vezes por dia vou à casa de meu amo. e ele me dá um

punhado de pão. O bom pão. O pão de Roma que os escravos plantam e colhem e que os escravos moem e cozem. Caminho nelas ruas, e que vejo que não tenha sido feito pelas mãos dos escravos? Pensais que vos temo? Cuspo em vós!

Enquanto isto se passava. Crasso voltara para o Portão Ápio. Dormira mal, como freqüentemente acontece quando se quer recompensar durante o dia o repouso que se deveria ter tido à noite. Se alguém lhe perguntasse por que voltava à cena da crucificação, teria erguido os ombros, sem responder, Mas, na verdade, sabia-o muito bem. Toda uma grande parte da vida de Crasso se encerrava com a morte desse último dos gladiadores. Crasso seria lembrado não só como um homem muito rico, mas como o homem que esmagara a revolta dos escravos.

Isto era fácil de dizer, mas não fora fácil de executar. Enquanto visse. Crasso nunca mais se separaria de suas recordações da Guerra Servil. Viveria com essas recordações, despertaria e iria dormir com elas. Só diria adeus a Espártaco no dia em que ele, Crasso, morresse

Então, estaria terminada a luta entre Espártaco e Crasso, mas só então. Assim, Crasso voltava ao Portão Ápio para fitar mais uma vez o que restava ainda com vida do seu adversário.

Um novo capitão estava comandando a guarda, mas conhecia o general — como quase todo mundo em Cápua — e esforçou-se por ser gentil e prestativo. Chegou mesmo a se desculpar pelo fato de tão poucas pessoas terem permanecido para assistir à morte do gladiador.

— Está morrendo muito depressa — disse. — É surpreendente, pois parecia ser dos que duram muito. Poderia ter vivido mais uns três dias, mas estará morto antes do amanhecer.

— Como o sabes? — perguntou Crasso.

— É fácil de ver. Já vi muitas crucificações, e todas elas seguem o mesmo curso. A não ser que os pregos perfurem uma artéria principal, e então o crucificado morre rapidamente da perda de sangue. Este, porém, não está sangrando muito. Apenas não quer mais viver e, quando isto acontece, eles morrem depressa. Não é surpreendente?

— Nada me surpreende — disse Crasso.

— Compreendo, depois de tudo o que já vistes. . .

Nesse momento, os soldados agarraram a velha e os gritos estridentes que ela soltava, debatendo-se, atraíram a atenção do general e do capitão da guarda. Crasso aproximou-se, percebeu logo o que se passava e disse asperamente aos soldados:

— Que bando de heróis sois! Deixai a velha em paz!

A entonação de sua voz fez que o obedecessem. Largaram a velha. Um deles reconheceu Crasso e falou baixinho aos outros.

O capitão, que também se aproximara, perguntou-lhes se não tinham nada de melhor a fazer.

— Ela estava usando uma linguagem imunda e insolente.

Um homem que assistia à cena desatou numa risada.

— Afastai-vos daqui — ordenou o capitão aos espectadores.

Estes se afastaram alguns passos, mas continuaram ali, e a velha fitou ironicamente Crasso.

— Então o grande general é meu protetor — disse ela.

— Quem és, velha feiticeira? — perguntou Crasso.

— Grande homem, devo ajoelhar-me na tua frente ou cuspir-te na cara?

— Estais vendo? Não vos disse? — exclamou o soldado.

— Sim, está bem. Que queres, velha? — perguntou Crasso.

— Só quero que me deixem em paz. Vim aqui para ver um bom homem morrer. Não queria que morresse sozinho. Estou aqui velando enquanto ele agoniza. Faço-lhe uma oferenda de amor. Digo-lhe que nunca morrerá. Espártaco nunca morreu. Espártaco vive.

— Que diabo estás dizendo, velha?

— Não sabes de quem estou falando, Marco Licínio Crasso? Estou falando de Espártaco. Sim, sei porque vieste até cá. Ninguém o sabe. Eles não o sabem. Mas tu e eu sabemos, não é?

O capitão disse aos soldados que a levassem, pois não passava de uma velha desbocada, mas Crasso interveio irritado.

— Deixai-a tranqüila, já vos disse. Chega de mostrardes como sois corajosos! Tão corajosos que talvez gostásseis de estar numa legião em lugar de numa estação de veraneio. Posso cuidar de mim mesmo. Posso me defender contra uma velha.

— Tens medo — sorriu a velha.

— De que tenho medo?

— Medo de nós. Todos vós tendes um tal medo! É por isto que vieste até aqui. Para vê-lo morrer. Para ter certeza de que o último está morto. Meu Deus, o que os escravos fizeram contigo! E ainda tens medo. É mesmo quando ele estiver morto, será este o fim? Jamais será o fim, Marco Licínio Crasso!

— Quem és, velha?

— Sou uma escrava — respondeu ela, agora falando com uma infantilidade senil. — Vim aqui para estar com um dos meus e para dar-lhe um pouco de conforto. Vim para chorar por ele. Os outros tiveram medo de vir. Cápuia está cheia de gente nossa, mas eles têm medo. Espártaco nos disse: "Erguei-vos e libertai-vos!" Mas temos medo. Somos tão fortes, e no entanto nos acovardamos e fugimos. — As lágrimas agora começaram a escorrer-lhe pelas faces encarquilhadas, e ela perguntou: — Que vais fazer comigo?

— Nada. Senta-te aí e chora se o quiseres.

Atirou-lhe uma moeda e afastou-se pensativo. Caminhou para a cruz, levantando os olhos para o gladiador moribundo e remoendo na cabeça as palavras da velha.

VIII

Na vida do gladiador havia quatro épocas. A infância era o tempo feliz da ignorância, e o tempo da sua juventude era cheia de conhecimento e desgosto e ódio. O tempo da esperança fora quando lutara com Espártaco, e o tempo do desespero quando tinha compreendido que sua causa estava perdida. Agora era o final da época do desespero. Estava morrendo.

Sua vida fora uma constante luta, mas agora não mais lutava. A vida nele fora uma fúria de cólera e resistência, um grito de apelo à lógica das relações de um para outro homem. Alguns nasceram para aceitar e outros nunca aceitam. Ele nada aceitara até o dia em que tinha encontrado Espártaco. E então passara a aceitar o conceito de que a vida humana era uma coisa digna. A vida de Espártaco era uma coisa digna, nobre, e com ele os homens viviam nobremente — mas, agora, na cruz e moribundo, continuava perguntando por que tinham fracassado. A pergunta procurava sua resposta na confusão de raciocínio que lhe restara mas a pergunta não encontrou resposta.

(Está com Espártaco quando chega a notícia de que Crixo morreu. A morte de Crixo era a lógica de sua vida. Crixo agarrava-se a um sonho. Espártaco sabia quando o sonho se tornara irrealizável. O sonho de Crixo e a ambição de Crixo eram destruir Roma. Mas chegou um momento em que Espártaco compreendeu que nunca destruiriam Roma, que Roma só podia destruí-los. Isto fora o começo, e o final fora vinte mil escravos marchando sobre Roma, comandados por Crixo. E agora Crixo está morto e seu exército destruído. Crixo e seus homens estão todos mortos. O grande, o violento e ruivo gaulês não mais fará ouvir sua risada estrondosa. Está morto.

David está com Espártaco quando chega a notícia. Um mensageiro, um sobrevivente, traz a notícia. Tais mensageiros sempre chegam cobertos de morte. Espártaco ouve. Depois, vira-se para David.

— Ouviste o que disse? — pergunta-lhe.

— Ouvi.

— Ouviste que Crixo morreu com todo o seu exército?

— Ouvi.

— Pode haver tanta morte no mundo?

— O mundo está cheio de morte. Antes de eu te conhecer, só havia morte no mundo.

— Agora só há morte no mundo — diz Espártaco. Ele está mudado. Está diferente. Nunca mais voltará a ser o mesmo. Nunca mais terá o precioso apego à vida que tivera até então, que conseguira manter até nas minas de ouro da Núbia, mesmo na arena onde surgia nu com um punhal na mão. Para ele, agora, a morte vencera a vida. Fica imóvel, o rosto vazio, e os olhos cheios de nada, e do nada surgem lágrimas que lhe rolam pelas faces escuras. Que dilaceração é para David vê-lo chorar! E Espártaco está chorando. O pensamento vara a mente do judeu: "*devo falar-te de Espártaco!*"

Pois, vendo-o, nada verás. Nada saberás olhando para ele. Verás apenas seu nariz quebrado e amassado, a boca larga, e pele escura e os olhos profundos. Como poderás saber o que é ele? É um novo homem. Dizem que é como os heróis do tempo antigo; mas que têm em comum com Espártaco os heróis do tempo antigo? Vem um herói de um pai que foi escravo, filho de escravo? E de onde veio este homem? Como pode ele viver sem ódio e sem inveja? Conhece-se um homem pela sua amargura e seu rancor, mas aqui está um homem sem amargura e sem rancor. É um homem nobre. Um homem que, em toda sua vida, nada fez de mal. É diferente de ti — mas também é diferente de nós. O que estamos começando a ser, ele já o á; mas ninguém de nós é o que ele é. Foi além de nós. E agora está chorando.

— Por que choras? — pergunta David. — Será tão difícil para nós agora. . . por que choras? Não nos darão paz até sermos todos mortos.

— Não choras? — pergunta Espártaco.

— Quando pregaram meu pai na cruz, chorei. Desde então, nunca mais.

— Não choraste por teu pai — diz Espártaco — e não choro por Crixo. Choro por nós. Por que aconteceu isso? Em que erramos? No começo nunca tive uma dúvida. Toda minha vida era voltada para o momento em que os escravos teriam força e armas nas mãos. E nunca tive uma dúvida. Terminara o tempo do chicote. Os sinos dobravam no mundo inteiro. Então por que fracassamos? Por quê? Por que morreste, Crixo, meu amigo? Por que eras teimoso e terrível? Agora estás morto e contigo todos os teus homens!

— Os mortos não existem. Pára de chorar — diz o judeu.

Mas Espártaco atira-se ao chão, o rosto na terra, e grita:

— Dize a Varínia que venha cá. Dize-lhe que venha

ter comigo. Dize-lhe que tenho medo, e que a morte me cerca.)

IX

Houve um momento de completa lucidez antes do gladiador morrer. Abriu os olhos; sua vista se focalizou mais uma vez e por alguns instantes não teve consciência de dor alguma. Viu clara e nitidamente o cenário a sua volta. Ali estava a Via Ápia, a grande estrada romana, estirando-se para o norte até a grande *urbs*. Do outro lado, estavam as muralhas da cidade e o Portão Apio, onde uma dúzia de soldados se entediavam. O capitão da guarda namorava uma rapariga bonita. E sentados à beira da estrada, uns poucos espectadores mórbidos. O trânsito era pouco na estrada, pois, a essa hora da tarde, a maioria da população livre da cidade achava-se nos banhos. Mais além, ao erguer os olhos, pareceu ao gladiador vislumbrar o mar faiscando na mais bela das baías. Soprava daquele lado um vento fresco, e tocava-lhe o rosto como uma carícia de mulher amada. Viu os verdes arbustos que bordejavam a estrada, os escuros ciprestes mais além e, para o norte, as colinas ondejantes e o dorso das montanhas solitárias onde se escondem os escravos foragidos. Viu o céu azul da tarde, azul e belo como a ânsia de um desejo insatisfeito e, baixando os olhos, viu uma velha solitária, agachada a uma curta distância da cruz e que o fitava fixamente, chorando.

"Por que choras por mim", disse o gladiador para si mesmo. "Quem és, pobre velha, que choras assim por mim?"

Sabia que estava morrendo. Sua mente se desanuviara; sabia que estava morrendo e era-lhe grato saber que não mais teria lembranças nem dor, apenas o sono que todos os homens dormirão. Não mais tinha desejo algum de lutar e resistir à morte. Sentia que, quando fechasse os olhos, a vida o deixaria, tranqüila e rapidamente.

E viu Crasso. Viu-o e o reconheceu. Seus olhos se encontraram. O general romano permanecia imóvel e rígido como uma estátua. Sua toga branca envolvia-o em suas pregas moles. Seu belo rosto, tostado de sol, era como um símbolo do poderio e da glória de Roma.

"Então, aqui vieste para me ver morrer, Crasso!", pensou o gladiador. "Vieste para ver morrer na cruz o último dos escravos. Assim morre um escravo, e a última coisa que vê é o homem mais rico do mundo."

O gladiador lembrou então a outra vez em que vira Crasso.

E voltou-lhe também a lembrança de Espártaco. Sabiam que estava tudo acabado; sabiam que aquela seria a última batalha. Espártaco se despedira de Varínia. Por mais que ela implorasse, por mais que quisesse permanecer a seu lado, ele lhe dissera adeus e a forçara a partir. Sua gravidez já estava adiantada, e Espártaco alimentara a esperança de ver nascer seu filho antes que os romanos o vencessem. Mas a criança ainda não tinha nascido quando se separara de Varínia, e dissera então a David:

— Nunca verei meu filho. Isto é uma coisa que lamento. Nada tenho a lamentar quanto ao resto.

Estavam reunidos para a batalha quando trouxeram a Espártaco o cavalo branco. Que belo animal! Um magnífico garanhão persa, branco como a neve, altivo e feroso. Um cavalo digno de Espártaco. Abandonara suas preocupações, isto fizera Espártaco. Não era uma máscara que adotara. Realmente, sentia-se feliz e jovem e cheio de vida e fogo. Seus cabelos tinham ficado grisalhos naqueles últimos seis meses, porém, mal se notavam, agora, os fios brancos — tal era a juventude que se irradiava de seu rosto. Aquele rosto feio adquirira beleza. Todos notavam sua beleza. Os homens fitavam-no e não sabiam o que dizer. Foi quando lhe trouxeram o belo cavalo branco.

— Primeiro, quero agradecer-vos o esplêndido presente, queridos amigos e companheiros — dissera ele. — Primeiro, quero agradecer-vos de todo coração. — Depois desembainhara a espada, e, com um gesto de relâmpago, mergulhara-a no peito do animal, que caíra sobre as patas dianteiras e se estirara morto, no chão. Espártaco, então, retirara a espada sangrenta do peito do animal, enquanto os outros o fitavam horrorizados e atônitos. Mas nada mudara nele.

— Um cavalo morreu — disse. Quereis chorar por que um cavalo está morto? Lutamos pela vida dos homens, não pela dos animais. Os romanos amam os cavalos, mas para os homens têm desprezo. Agora veremos, quem vence esta batalha, os romanos ou nós. Agradei o vosso presente. Foi um belo presente. Foi uma prova do quanto me prezais, mas eu não precisava de tal presente para saber. Sei o que está no meu coração. Meu coração está cheio de amor por vós. Não existem palavras no mundo para dizer o quanto vos amo, meus queridos companheiros. Nossas vidas estão unidas. Mesmo que hoje fracássemos, fizemos uma coisa que os homens jamais esquecerão. Quatro anos lutamos contra Roma — quatro longos anos. Nunca demos as costas a um exército romano. Nunca fugimos. Não fugiremos hoje do campo de batalha. Queríeis que eu lutasse montado num cavalo? Os romanos que lutem a

cavalo. Luto a pé, junto, ao lado de meus irmãos. Se ganharmos a batalha, hoje, teremos muitos cavalos, e os atrelaremos a arados, não a bigas. E se perdermos... não precisaremos de cavalos, se perdermos.

Abraçara-os, então. A cada um dos antigos companheiros que restavam, abraçara e beijara nos lábios. E quando chegou a vez de David, disse:

— Ah, meu amigo, grande gladiador. Vais ficar a meu lado hoje?

— Sempre.

Ali pendurado na cruz, fitando Crasso, o gladiador pensou, "Quanto pode fazer um homem?" Nada lamentava agora. Tinha lutado ao lado de Espártaco. Tinha lutado enquanto o homem que o fitava nesse momento, o grande general, tinha recuado seu cavalo e tentado abrir caminho através das fileiras de escravos. Gritara, então, com Espártaco:

— Vem até nós, Crasso! Vem provar nossa saudação!

Tinha lutado até ser atingido pela pedra de uma funda. Lutara bem. Fora bom que não tivesse visto Espártaco morrer. Era bom que fosse ele e não Espártaco que tivesse de suportar a vergonha final e a indignidade da cruz. No momento, nada tinha a lamentar, nada lhe importava, e nem mesmo dor sentia. Compreendia a última alegria juvenil de Espártaco. Não havia derrota. Era agora como Espártaco, porque partilhava com ele o profundo segredo da vida. Queria dizer a Crasso. Tentou desesperadamente falar. Moveu os lábios e Crasso se aproximou da cruz, continuando a fitá-lo atento, mas nenhum som se articulou na garganta do gladiador. E então sua cabeça pendeu para a frente; suas últimas forças o abandonaram, e morreu.

Crasso continuou ali até a velha chegar junto dele.

— Está morto, agora.

— Eu sei — disse Crasso.

Depois, encaminhou-se para o portão e seguiu pelas ruas de Cápua.

X

Essa noite Crasso jantou sozinho. Não estava em casa para visita alguma, e seus escravos, reconhecendo o humor negro que tantas vezes se apossava do general, caminhavam em silêncio e com cuidado. Bebera quase uma garrafa de vinho antes do jantar; tomou outra com a refeição, e depois foi se sentar com um frasco de *servius*, como chamavam um forte conhaque de tâmaras, destilado no Egito e importado de lá. Ficou muito

embriagado, solitário e melancólico, uma embriaguez agravada pelo desespero e pelo ódio de si mesmo e, quando atingiu o ponto em que mal podia andar, cambaleou até o quarto e deixou que os escravos o despiassem e o pusessem na cama.

Entretanto, dormiu bem e profundamente. Pela manhã, sentiu-se repousado; não lhe doía a cabeça, e não se recordava de pesadelos que lhe tivessem vindo perturbar o sono. Era seu hábito banhar-se duas vezes ao dia, imediatamente após o despertar e à tardinha, antes do jantar. Como muitos romanos abastados, fazia parte da sua política ir aos banhos públicos pelo menos duas tardes por semana, mas era um costume baseado em política e não em necessidade. Mesmo em Cápua, tinha um excelente banheiro particular, com uma piscina de quatro metros quadrados forrada de azulejos, embutida no chão, com água quente e fria. Onde estivesse residindo, fazia sempre questão do máximo conforto sanitário, e quando construía uma casa os encanamentos eram sempre de bronze ou de prata, para evitar a ferrugem.

Depois de se ter banhado, seu barbeiro fez-lhe a barba. Gostava dessa parte do dia, da necessária submissão das faces à navalha afiada e do sentimento infantil que isso lhe dava: um misto de confiança e perigo; depois, as toalhas quentes, os unguentos esfregados na pele e a massagem do couro cabeludo que sempre se seguia. Tinha orgulho dos seus cabelos, e preocupava-se muito por estar começando a perdê-los.

Vestiu-se com uma simples túnica azul-escura, trançada nas bordas com fios de prata, e calçou, como era seu hábito, botas altas de macia camurça branca. Como não fosse possível limpá-las completamente e como, em duas ou três vezes de uso, se sujassem de lama ou pó. Crasso mantinha sua própria sapataria onde quatro escravos trabalhavam, quatro escravos sob a direção de um oficial. A despesa compensava, pois a figura que fazia na túnica azul-escura e com as botas brancas era bem atraente. Decidiu nesse dia, como o tempo estivesse esquentando, que sairia sem toga e, depois de ter feito uma ligeira refeição de frutas e biscoitos, tomou uma liteira para a casa onde estavam hospedados seus três jovens amigos. Estava um pouco envergonhado e perturbado com a maneira pela qual tratara Helena e, além disso, prometera diverti-los em Cápua.

Já estivera na casa uma ou duas vezes antes, e conhecia ligeiramente o tio de Helena, de forma que o escravo-mordomo recebeu-o com muitas cortesias e o levou imediatamente para o pátio, onde a família e os hóspedes ainda tomavam a refeição da manhã. Quando o viu, o sangue subiu às faces de Helena, e ela

perdeu um pouco da sua estudada pose. Caio pareceu sinceramente satisfeito em tornar a vê-lo, e o tio e a tia mostraram-se muito sensibilizados com a honra que lhes dava o general. Apenas Cláudia fitou-o com um olhar cínico, em que transparecia muita malícia.

— Se não tendes planos para hoje, gostaria de levar-vos a visitar uma fábrica de perfumes — disse Crasso. — Seria uma pena vir a Cápuia e não conhecer uma das fábricas. Especialmente por não ser esta pobre cidade conhecida senão pelos seus gladiadores e perfumes.

— Uma estranha combinação — sorriu Cláudia.

— Não temos planos — disse logo Helena.

— O que ela quer dizer é que temos planos, mas teremos satisfação em abandoná-los para aceitar o teu convite.

Caio lançou um olhar rápido, quase colérico a sua irmã. Crasso estendeu o convite aos mais velhos, mas estes desculparam-se e não aceitaram. As fábricas de perfume não constituíam novidade para eles, e a tia de Helena disse que lhe dava dor de cabeça respirar muitos odores.

Pouco depois, o general e seus convidados partiam para a perfumaria. Suas liteiras foram levadas para a parte mais velha de Cápuia. Ali as ruas tornavam-se mais estreitas, as casas mais altas. Evidentemente, as poucas regulamentações residenciais da *urbs* não eram cumpridas ali, pois as casas de cômodos se erguiam como uma pilha de blocos de um jogo infantil. Muitas vezes pareciam se encontrar no topo onde eram reforçadas com estacas de madeira. Embora fosse de manhã e o céu estivesse límpido e azul, essas ruas eram melancolicamente sombrias, muito sujas, atulhadas do lixo lançado pelas janelas das casas e que ali ficava até apodrecer, permeando o ar com seu odor fétido a que cada vez mais se misturava o cheiro adocicado de óleos e essências.

— Estais vendo agora porque nossas fábricas são instaladas aqui — disse Crasso. — O próprio odor tem a sua utilidade.

Nessas ruas não se viam os escravos domésticos bem vestidos e bem tratados das zonas melhores da cidade, nem tampouco muitas liteiras. Crianças sujas e seminuas brincavam nas sarjetas. Mulheres maltrapilhas regateavam o preço de mantimentos nas barracas ou, sentadas nas calçadas, amamentavam os filhos. Havia um burburinho de línguas estranhas, e das janelas e portas saía o cheiro de estranhas comidas em preparo.

— Que lugar horrível! — disse Helena. — É mesmo verdade que os perfumes saem desta sujidade?

— Precisamente, minha cara. Mais e melhores perfumes do que se faz em qualquer outra cidade do mundo. Quanto a esta gente, são, na sua maioria, sírios, egípcios, alguns gregos e judeus. Tentamos fazer funcionar nossas fábricas com escravos, mas o resultado não foi bom. Pode-se forçar um escravo a trabalhar, mas não se pode forçá-lo a não estragar o que faz. Se lhe derem um arado ou uma foice ou uma pá ou um martelo, pode-se ver o que faz e, de qualquer maneira, instrumentos assim são difíceis de estragar. Mas se lhe dão seda ou linho para tecer, ou qualquer coisa que requeira medidas e manejo preciso, o escravo, tão certo como Deus existe, porá o trabalho a perder. Quanto aos nossos próprios proletários, que incentivo têm eles para trabalhar? De qualquer forma, há dez deles para cada emprego. Por que haverá um de trabalhar quando os outros nove vivem melhor de esmolas e passam o tempo jogando ou na arena ou nos banhos? Entram para o exército porque ali existe alguma oportunidade de, com alguma sorte, enriquecer, mas, mesmo no exército, cada vez mais temos que recrutar bárbaros. Os romanos se recusam, pois, a trabalhar numa fábrica pelos ordenados que podemos pagar. Liquidamos suas associações porque tínhamos que liquidá-las ou fechar as fábricas. Agora, contratamos sírios e egípcios e judeus e gregos, e mesmo estes trabalham apenas para juntar o suficiente com que comprar cidadania de algum político local. Não sei qual será o fim disto. Desta maneira, as fábricas em lugar de abrirem, estão fechando.

Tinham chegado agora à fábrica. Era um edificio baixo, de madeira, feio e espremido entre casas altas. Media uns cinquenta metros quadrados, estava em péssimas condições de conservação, com a madeira apodrecida em vários trechos e faltando tábuas. Uma floresta de chaminés fumegantes brotava do telhado. De um lado ficava uma plataforma para carga, junto à qual se enfileiravam várias carretas. Nestas se amontoavam cascas de árvores, cestas de frutas e vasilhames de barro cozido.

Crasso mandou que as liteiras parassem à entrada principal da fábrica. Ali, abriram-se largas portas de madeira e Caio, Helena e Cláudia tiveram a sua primeira visão do interior de uma perfumaria. O edificio era um só galpão com estacas de madeira sustentando o teto, sendo que este era todo perfurado para permitir a entrada de ar e luz. A atmosfera estava carregada do calor dos fornos abertos. Sobre longas mesas havia centenas de vasilhas e crisóis e a névoa de rolos de vapor que saía dos alambiques dava ao ambiente um aspecto de sonho fantasmagórico. E por sobre tudo pairava o rico, nauseabundo cheiro de óleos perfumados.

Os visitantes tiveram também a impressão de que ali havia centenas de trabalhadores. Eram homens pequenos, escuros, barbados, muitos vestidos só com uma tanga, e vigiavam os alambiques, alimentavam os fornos, alinhavam-se nas mesas picando cascas de árvores e cascas de frutas, ou enchiam de essência pequenos tubos de prata, selando-os depois com cera quente. Outros ainda descascavam frutos e cortavam tiras brancas de gordura de porco.

O gerente da fábrica — um romano que Crasso apresentou como Avalo, sem nenhum outro título ou nome — recebeu o general e seus convivas com uma combinação de untuosidade, ganância e cautela. Algumas moedas de Crasso tornaram-no ainda mais ansioso por agradar e mostrar tudo o que havia de interessante na fábrica. Os trabalhadores continuaram sua labuta, as fisionomias duras, fechadas e amargas. Quando olhavam de soslaio para os visitantes não mudavam de expressão. De todas as coisas que ali viram, foram os trabalhadores que mais impressão causaram a Caio, Helena e Cláudia. Nunca antes tinham visto homens assim. Havia neles algo de diferente e assustador. Não eram escravos — nem eram romanos. Nem eram como o número cada vez mais reduzido de camponeses que ainda se agarravam a pequenas parcelas de terra, esparsas pela Itália. Eram homens diferentes, e sua diferença era alarmante.

— Nosso processo aqui é de destilação — explicou Crasso. — Devemos isto aos egípcios, mas eles nunca conseguiram aplicar o processo à produção em massa. Só Roma sabe organizar as coisas.

— Mas já foi de outra maneira? — perguntou Caio.

— Oh, sim. Nos tempos antigos, os homens tinham que depender da produção natural de perfumes — principalmente de incenso, mirra e cânfora. São todas resinas gomosas, extraídas da casca das árvores. Ouvi dizer que no Oriente há plantações de tais árvores. Talham a casca e apanham a resina como numa colheita comum. Na sua maior parte, a essência era queimada como incenso. Depois os egípcios inventaram o alambique, que não somente nos dá o conhaque e um meio mais rápido de chegar a embriaguez, como também o perfume.

Levou-os para uma das mesas de trabalho, onde um trabalhador picava a casca de limão em tiras finas como papel. Crasso ergueu uma das tiras contra a luz.

— Se olhardes atentamente, vereis as bolsas de óleo. E, naturalmente, sabeis que fragrância tem a casca. Esta é a base — não só limão, naturalmente, mas centenas de outros frutos e

cascas — para a preciosa quintessência. Agora, se me quiserdes acompanhar...

Levou-os para um dos fornos. Ali ia ser posto a cozinhar um imenso caldeirão com partículas de cascas de limão. Quando instalado sobre o fogão, o caldeirão foi fechado com uma tampa de metal. Um tubo enroscado de cobre saía da tampa passando por um chuveiro d'água. A extremidade do tubo desembocava em outro caldeirão.

— Este é o alambique — explicou Crasso. — Cozinhamos o material, quer sejam folhas ou cascas de árvores ou de frutos, até se soltarem as bolsas de óleo. O óleo sobe então em vapor e o condensamos com água fria. — Levou-os a outro forno onde terminava o tubo. — Ali podeis ver a água cobrindo o óleo. Depois de juntar um pote cheio, fazem-no gelar e o óleo sobe para tona. O óleo é a quintessência, e é cuidadosamente removido e selado naqueles tubos de prata. O que resta é a água perfumada, que atualmente é tão popular como bebida para a refeição da manhã.

— É isto, então, que bebemos? — exclamou Cláudia.

— Mais ou menos. É temperada com água destilada, mas posso te assegurar que é muito saudável. Essas águas também são temperadas a gosto, da mesma forma que os óleos são misturados uns com os outros para se obter perfumes variados. Como está, a água é usada para a pele.

Viu que Helena sorria e perguntou-lhe:

— Achas que não estou dizendo a verdade?

— Não, não é isso. Estou apenas cheia de admiração por tantos conhecimentos. Posso lembrar as vezes na minha vida em que me informaram como era feita alguma coisa. Não pensei que alguém soubesse como são feitas as coisas.

— Faz parte do meu negócio saber isto tudo — replicou Crasso. — Sou um homem muito rico. Não me envergonho disto, como outros. Muita gente me despreza porque me dediquei a ganhar dinheiro. Isto não me afeta. Gosto de ser rico. Mas, ao contrário de meus colegas, não considero uma plantação fonte de riqueza, e quando me deram uma guerra, não me deram cidades para conquistar, como a Pompeu. Deram-me a Guerra Servil, que pouco lucro rendeu. Mas tenho meus pequenos segredos, e esta fábrica é um deles. Cada um desses tubos de prata contendo quintessência vale dez vezes seu peso em ouro. Um escravo come nossa comida e morre. Mas estes trabalhadores se transformam em ouro. Nem tampouco tenho a preocupação de lhes fornecer alimento e moradia.

— Entretanto — especulou Caio — eles poderiam fazer o

que fez Espártaco...

— Os trabalhadores se revoltarem? — Crasso sorriu e abanou a cabeça. — Não, isto nunca acontecerá. Não vêes que não são escravos? São homens livres. Podem ir e vir à vontade. Por que se revoltariam? — E, olhando a seu redor, Crasso acrescentou: — Com efeito, durante toda a Guerra Servil, não apagamos nossos fornos. Não há ligação entre esses homens e os escravos.

Todavia, ao deixarem a fábrica, Caio sentia-se cheio de inquietação. Aqueles estranhos e silenciosos homens barbudos que trabalhavam com tanta rapidez e eficiência incutiam-lhe temor e desconfiança. E não sabia por quê.

SÉTIMA PARTE

**Em que trata da Jornada
de Cícero e Graco de Volta a Roma,
do que falaram durante o Percurso
e do Sonho de Espártaco
e de como foi Relatado a Graco.**

I

Assim como Caio e Crasso e as duas moças tinham viajado para o Sul pela Via Ápia, em direção a Cápuia, Cícero e Graco, um pouco antes, tinham tomado o caminho do Norte para Roma. *Villa Salaria* ficava apenas a um dia de viagem da cidade e, mais tarde, seria considerada apenas um subúrbio. Portanto, Cícero e Graco puseram-se a caminho sem pressa, suas liteiras viajando lado a lado. Cícero, que tinha tendência a adotar ares superiores e a fazer pouco dos outros, esforçou-se por ser respeitoso para com aquele homem que representava uma grande força na cidade; além disso, era difícil a alguém resistir à política de simpatia de Graco.

Quando um homem dedica a vida a conquistar os favores das pessoas e a evitar sua inimizade está fadado a desenvolver certos atributos de intercâmbio social, e raramente Graco encontrara alguém cuja simpatia não tivesse podido conquistar. Cícero, no entanto, não era um homem que atraísse simpatia; era uma dessas pessoas inteligentes que nunca permitem a interferência de princípios nos seus êxitos. Sendo igualmente oportunista, Graco respeitava os princípios, apesar de os considerar uma inconveniência que ele próprio evitava. O fato de Cícero, que gostava de se ter na conta de um materialista, recusar-se a reconhecer quaisquer traços de decência num ser humano, tornava-o menos realista do que Graco. Fazia também com que se chocasse de vez em quando com a suave perversidade do velho gordo. Na verdade, Graco não era mais perverso que os outros. Apenas lutava com mais força contra a auto-ilusão, por considerá-la um obstáculo às suas próprias ambições.

Por outro lado, tinha menos desprezo por Cícero do que seria de se esperar. Até certo ponto, Cícero intrigava-o. O mundo estava mudando; Graco sabia que no curso da sua própria vida, uma nova mudança se operara, não somente em Roma, mas no

mundo inteiro. Cícero era um precursor dessa mudança. Cícero era um de toda uma geração de homens inteligentes e cruéis. Graco era cruel, mas, pelo menos, na sua crueldade havia um certo senso do sofrimento, uma noção de piedade, ainda que não correspondesse a qualquer ação concreta. Mas os homens da nova geração não se podiam permitir piedade ou compaixão. Pareciam ter uma couraça sem frestas. Nesse conceito havia uma certa inveja social, pois Cícero era extremamente bem educado e bem relacionado; mas havia, também, um elemento de inveja pela frieza específica evidenciada. Até certo ponto, Graco invejava Cícero numa zona de fortaleza onde ele próprio era fraco. E sobre isto meditava e se absorvia em seus pensamentos.

— Estais dormindo? — perguntou Cícero em tom baixo. Ele próprio sentia uma certa sonolência com o movimento da liteira.

— Não... pensando apenas.

— Em importantes assuntos de Estado? — perguntou Cícero com certa ironia, afirmando a si mesmo que o velho pirata devia estar tramando a destruição de algum inocente senador.

— Nada de importante. Numa velha lenda, uma história muito antiga e um pouco tola, como o são as histórias de outros tempos.

— Gostaria de ouvi-la.

— Estou certo de que te aborreceria.

— Somente a paisagem aborrece o viajante.

— De qualquer modo, é uma história moral, e não há nada mais cansativo do que uma história moral. Julgas que as histórias moralizantes têm algum lugar na nossa vida atual, Cícero?

— São boas para crianças. Minha história favorita referia-se a uma possível parenta vossa. A mãe dos Gracos.

— Não são parentes.

— Eu tinha, então, seis anos de idade. Aos sete anos, comecei a duvidar da história.

— Não podias ser tão ruim aos sete anos — sorriu Graco.

— Se o era! A coisa que mais admiro em vós, Graco, é que nunca comprastes uma árvore genealógica.

— Foi por economia e não por virtude.

— E a história?

— Creio que estás muito velho para ouvi-la.

— Tentai — insistiu Cícero. — Vossas histórias nunca me desapontaram.

— Mesmo quando não tinham o menor propósito?

— Nunca são sem propósito. Basta ser-se bastante perspicaz para discernir o propósito.

— Então, contarei minha história — riu Graco. — É sobre uma mãe que só tinha um filho. Ele era alto e desempenado e bonito, e ela o amara tanto quanto uma mãe pode amar a um filho.

— Creio que minha própria mãe encontrou em mim um obstáculo para suas fantásticas ambições.

— Digamos que isso se passou há muito tempo, quando as virtudes eram possíveis. Essa mãe amava seu filho. O sol se erguia e se punha nele. Mas o rapaz se apaixonou. Entregou seu coração a uma mulher que era tão bonita quanto perversa. E como fosse extremamente perversa, podes presumir que também fosse extremamente bela. Não tinha para o rapaz nem mesmo um olhar, um sorriso, um gesto de pena. Nada.

— Tenho encontrado mulheres assim — concordou Cícero.

— Ele vivia louco de amores por ela. Quando teve oportunidade, disse-lhe tudo que pretendia fazer por ela, que castelos construiria, que riquezas juntaria para oferecer-lhe. Mas isto tudo era um tanto abstrato, e ela respondeu-lhe que não estava interessada. Pediu-lhe em troca um presente mais ao alcance de suas posses.

— Um simples presente? — perguntou Cícero.

Graco gostava de contar uma história. Considerou a pergunta e, então, abanou afirmativamente a cabeça.

— Um presente muito simples. Pediu ao rapaz que lhe trouxesse o coração de sua mãe. E ele assim fez. Apanhou um punhal, enfiou-o no peito da mãe e arrancou-lhe o coração. Depois, empolgado com o horror e a excitação do que fizera, correu através da floresta para onde morava sua bela amada. E, enquanto corria, prendeu o pé numa raiz e, caindo, deixou cair o coração que trazia nas mãos. Ao abaixar-se para apanhar o precioso coração que lhe compraria o amor de uma mulher, ouviu-o dizer: "Meu filho, meu filho, tu te machucaste com a queda?" — Graco reclinou-se na liteira, juntou as pontas dos dedos de ambas as mãos e fitou-as.

— E, então? — perguntou Cícero.

— É tudo. Eu te avisei que a moral da história era sem nenhum propósito.

— Perdão? Não é uma história romana. Nós, romanos, temos deficiência de perdão. De qualquer modo, não se trata da mãe dos Gracos.

— É uma história de amor e não de perdão.

— Ah!

— Não acredita em amor?

— Transcendendo tudo? De forma alguma. Nem seria romano.

— Meu Deus, Cícero, precisas catalogar tudo no mundo

como sendo romano ou anti-romano?

— A maioria das coisas — respondeu Cícero complacente.

— E acredita nisto?

— Para falar a verdade, não — retorquiu Cícero, rindo.

"Ele não tem senso de humor. Ri porque sente que é o momento certo para rir" — pensou Graco, e em voz alta:

— Eu ia aconselhar-te a abandonar a política.

— Ah, sim?

— Não creio, porém, que meu conselho te influenciasse de uma ou outra maneira.

— Não acreditais que jamais tenha êxito na política?

— Eu não diria isto. Já pensaste na política... no que é realmente?

— É uma porção de coisas, suponho. Nenhuma delas muito limpa.

— Tão limpa ou suja como qualquer outra coisa. Passei a vida sendo político — disse Graco, pensando: "Ele não gosta de mim. Quando o ataco, ataca-me de volta. Por que me é tão duro aceitar o fato de que alguém me deteste?"

— Ouvi dizer que a vossa grande virtude é uma extraordinária memória para nomes — continuou Cícero. — É verdade que podeis lembrar o nome de cem mil pessoas?

— Outra ilusão sobre política. Conheço algumas pessoas pelo nome. Não cem mil.

— Dizem que Aníbal podia lembrar o nome de todos os homens do seu exército.

— Sim, e temos que conceder a Espártaco memória semelhante. Não podemos admitir que alguém seja vitorioso por ser melhor do que nós. Por que aprecias tanto as pequenas e as grandes mentiras da História?

— São mentiras?

— Na sua maioria — resmungou Graco. — A História é uma explicação de enganos e ganâncias. Mas nunca uma explicação honesta. Foi por isto que te perguntei sobre política. Alguém lá na *Villa* disse que não havia política no exército de Espártaco. Mas não poderia haver.

— Como sois um político — sorriu Cícero — gostaria que me dissésseis o que é um político.

— Um farsante — respondeu Graco secamente.

— Pelo menos sois franco.

— Minha única virtude é muito valiosa. Num político, as pessoas confundem-na com honestidade. Como sabes, vivemos numa república. Isto significa que há muita gente que não tem nada e alguns que têm muito. E os que têm muito precisam ser defendidos e protegidos pelos que nada têm. Não somente isto,

mas os que têm muito devem zelar pela sua propriedade, e, portanto, os que nada têm devem estar dispostos a morrer pela propriedade de gente como tu e eu e nosso bom anfitrião Antônio. Além disso, gente como nós tem muitos escravos. Esses escravos não gostam de nós. Não devemos cair na ilusão de que os escravos gostam de seus amos. Não gostam e, portanto, os escravos não nos protegerão contra outros escravos. Assim, as muitas e muitas pessoas que não possuem escravos devem estar dispostas a morrer para que tenhamos nossos escravos. Roma mantém em armas um quarto de milhão de homens. Esses soldados devem estar dispostos a ir para terras estranhas, marchar até gastar os pés, viver na sujeira e no mofo, engolfar-se em sangue, para que possamos estar a salvo e viver em conforto e aumentar nossas fortunas pessoais. Quando essas tropas foram lutar contra Espártaco, tinham menos a defender que os escravos. No entanto, morreram aos milhares combatendo os escravos. Pode-se ir mais longe. Os camponeses que morreram lutando contra os escravos estavam no exército por terem sido expulsos de suas terras pelos *latifúndio*. O sistema de escravos nas plantações torna-os mendigos sem terras; e, então, morrem para manter intacta a plantação. Ao que se é tentado a dizer *reductio ad absurdum*.¹³ Considera, pois, meu caro Cícero, que tem o bravo soldado romano a perder com a vitória dos escravos? Na realidade, precisariam desesperadamente dela, pois não existem escravos suficientes para cultivar direito a terra. Haveria terras suficientes para todos, e o nosso legionário teria a coisa com que mais sonha, seu pedaço de terra e sua casinha. No entanto, marcha para destruir seu próprio sonho e para que dezesseis escravos carreguem um velho obeso como eu numa liteira acolchoada. Negas a verdade do que digo?

— Penso que, se o que disseses fosse dito em voz alta por um homem comum, no Foro, nós o crucificaríamos.

— Cícero, Cícero — riu Graco — é isto uma ameaça? Sou muito gordo, velho e pesado para ser crucificado. E por que ficas tão nervoso com a verdade? É necessário mentir aos outros. Mas será necessário acreditarmos, em nossas mentiras?

— Rendo-me à vossa opinião. Mas omitis a questão-chave... E um homem igual ao outro? Há uma falha em vosso pequeno discurso. Partis do conceito de que os homens são tão iguais como os grãos de uma vagem. Não aceito isto. Existe uma elite — um grupo de homens superiores. Não interessa se foram os deuses ou as circunstâncias que os fizeram assim. Mas são

¹³ Redução ao absurdo. (N. do E.)

homens feitos para dominar e, por isso, dominam. E por serem os outros como gado, portam-se como gado. Quando se apresenta uma tese, a dificuldade é explicá-la. Apresentais um quadro da sociedade, mas se a verdade fosse tão ilógica como vosso quadro, toda a estrutura ruiria num dia. O que deixais de fazer é explicar o que mantém de pé este ilógico quebra-cabeças.

— Eu — disse Graco. — Eu o mantenho.

— Vós? Sozinho?

— Cícero, pensas realmente que eu seja um idiota? Vivi uma vida longa e perigosa e continuo por cima. Perguntaste-me antes o que é um político. O político é o cimento desta casa de loucos. O patricio não o pode fazer. Em primeiro lugar, pensa como tu, e os cidadãos romanos não gostam que se refira a eles como gado. Não o são — coisa que algum dia aprenderás. Em segundo lugar, ele nada sabe sobre os cidadãos. Se ficasse a seu cargo, a estrutura ruiria num dia. Assim, procuram gente como eu. Não poderiam viver sem nós. Racionalizamos o irracional. Convencemos o povo de que a maior finalidade da vida é morrer pelos ricos. Convencemos os ricos de que devem desistir de algumas das suas riquezas para ficar com o resto. Somos mágicos. Criamos uma ilusão à prova de tolos. Dizemos ao povo — sois o poder. Vosso voto é a fonte da força e da glória de Roma. Sois o único povo livre do mundo. Não há nada mais precioso que a vossa liberdade, nada mais admirável que a vossa civilização. E controlais tudo isto; sois o poder. E o povo vota no nosso candidato. Chora com nossas derrotas. Ri de alegria com nossas vitórias. E sente-se superior e orgulhoso por não ser escravo. Por mais baixo que afunde, se dorme na sarjeta, se passa os dias sem nada que fazer, sentado na arquibancada de uma arena, se estrangula os filhos ao nascerem, se vive de esmolas públicas, mesmo assim é livre. É sujo, mas cada vez que vê um escravo, seu ego se estufa e sente-se cheio de orgulho e força. Sabe que é sua a cidadania romana e que o mundo o inveja. E esta ilusão é criada pela minha arte, Cícero. Nunca faças pouco da política.

II

Tudo isso não fez que Graco se tornasse mais simpático a Cícero, e quando, finalmente, atingiram a primeira grande cruz, que ficava a uma curta distância das muralhas de Roma, Cícero apontou para o homem gordo que dormitava, sentado sob seu toldo, e observou para Graco:

— Evidentemente um político, pelo aspecto e modo de ser.

— Evidentemente. Com efeito, é um velho amigo meu. — Graco fez sinal aos escravos das liteiras para que parassem, e com grande esforço desceu da sua. Cícero imitou-o, satisfeito com a oportunidade de estirar as pernas. A noite já ia caindo e pesadas nuvens de chuva aproximavam-se do lado norte. Cícero chamou a atenção do seu companheiro para elas.

— Se desejas prosseguir, não faças cerimônia — disse Graco. Não sentia mais o menor desejo de agradar a Cícero. Estava enervado. Os poucos dias em *Villa Solaria* tinham-lhe deixado um gosto ruim na boca. Não sabia bem por quê. Estaria ficando velho e inseguro?

— Esperarei — disse Cícero, e manteve-se junto a sua liteira, observando Graco que se aproximava do homem sob o toldo. Sem dúvida, conheciam-se. Era na verdade uma estranha democracia a que reinava entre carcereiros e políticos. Era um mundo isolado.

— Esta noite — Cícero ouviu Graco dizer.

O homem sob o toldo fez que não com a cabeça.

— Sexto! — gritou Graco. — Já te fiz minha oferta. Não me importa Sexto! Ou fazes como eu te disse, ou nunca mais falarei contigo enquanto viver — ou viveres. O que não será por muito tempo, sentado aí sob esta carne podre.

— Lamento muito, Graco.

— Não me digas que lamentas. Faze o que te digo.

E Graco deu-lhe as costas e voltou para sua liteira. Cícero não fez perguntas a respeito do que acabara de se passar, mas, quando se aproximavam dos portões da cidade, lembrou a Graco a história que lhe contara durante a viagem sobre a mãe que amava demais ao filho.

— Era uma história divertida, mas sem significação.

— Deveras? Jamais estiveste apaixonado, Cícero?

— Não da maneira que cantam os poetas. Mas a história...

— A história? Sabes, Cícero, não consigo lembrar agora por que a contei a ti. Devia ter tido um motivo, mas não o recordo mais.

Uma vez dentro da cidade separaram-se e Graco foi para casa. Já era quase noite fechada quando chegou, e tomou seu banho à luz de um candeeiro. Depois disse à governanta que demoraria ainda um pouco para jantar, pois estava esperando um convidado. A mulher retirou-se e Graco, então, foi para o quarto e se deitou, fitando melancólica e cegamente a escuridão. Parecia-lhe que a morte pairava sobre seu corpo. Havia um velho ditado latino sobre a escuridão. *Spatium pro morte facite*.

Abri caminho para a morte. A não ser que se estivesse deitado com uma mulher amada. Mas Graco nunca fizera tal coisa. Não com uma mulher que amasse. Comprava suas mulheres no mercado, era o que fazia o velho Graco. Quando uma mulher se entregara a ele de livre e espontânea vontade? Esforçava-se por ter um senso de posse e uma corrente de identidade com as mulheres que comprava para suas concubinas, mas inutilmente.

Veio-lhe então à mente um trecho da *Odisséia* em que Ulisses cumpre sua vingança depois de haver matado os falsos pretendentes. Graco não tivera o privilégio de possuir um tutor grego, em sua juventude, para ajudá-lo a interpretar os clássicos, página por página. Lera-os depois de adulto e da maneira pela qual lêem os homens que se educaram por si mesmos. Assim, sempre o intrigara o ódio feroz, quase sobre-humano, que Ulisses manifestava às suas escravas que tinham dormido com os pretendentes. Recordava agora como Ulisses forçara as doze mulheres a carregar os corpos de seus amantes ao pátio e a raspar do chão da sala de banquetes o sangue ali derramado. Depois sentenciara-as à morte e dera ordem a seu filho para executar a sentença. O filho ultrapassa o pai em crueldade. Foi Telêmaco quem teve a idéia de doze laços numa só corda, e de enforcá-las todas juntas como se fossem galinhas depenadas.

"Por que tanto ódio?" — pensava Graco. Por que aquele ódio terrível, selvagem? A não ser — como muitas vezes lhe ocorrera — a não ser que Ulisses dormisse com todas as suas escravas. Assim, as cinquenta escravas daquele lar seriam cinquenta concubinas para o moralista de Itaca. E era por um tal homem que a paciente Penélope esperara tanto tempo!

No entanto, ele, Graco fazia a mesma coisa — muito civilizado talvez para matar uma escrava que dormisse com outro, ou menos interessado — mas essencialmente igual em suas relações com mulheres. Em toda a sua longa vida, nunca se preocupara muito com o que fosse uma mulher. Gabara-se para Cícero de que não tinha medo de reconhecer a verdade essencial das coisas, mas a verdade das mulheres no mundo que habitava era uma coisa que não ousava enfrentar. E agora, finalmente — por uma ironia da sorte — tinha encontrado uma mulher que era um ser humano. A dificuldade era que ainda tinha que a encontrar.

Uma escrava bateu à porta e avisou que o convidado já chegara.

— Irei daqui a pouco. Providencia tudo para que ele se sinta à vontade. Está sujo e maltrapilho, mas mandarei chicotear quem não o tratar com todas as considerações. Dá-lhe água morna para lavar o rosto e as mãos, e depois uma toga com que se

cubra. Seu nome é Flávio Marco. Trata-o com toda cortesia.

Evidentemente tudo foi feito de acordo com as ordens recebidas, pois, quando Graco entrou na sala de jantar, o homem gordo que estivera sentado sob o toldo junto ao primeiro crucifixo, achava-se reclinado num sofá, bastante limpo e respeitável exceto pela barba por fazer. Ao ver Graco entrar, esfregou o rosto um pouco intimidado

— Se eu pudesse ter feito a barba também...

— Estou com fome e acho que devemos comer. Podes passar a noite aqui, e meu barbeiro te fará a barba pela manhã. Será melhor depois de uma noite de repouso e um banho. Dou-te uma túnica limpa e um calçado decente. Somos do mesmo tamanho, minhas roupas te servirão.

Não era só no tamanho que se assemelhavam; poder-se-ia tomá-los por irmãos.

— Isto é, se não tens medo que Sexto te passe uma decompostura por abandonares a sua mísera sinecura e aceitares umas migalhas minhas.

— Podeis falar — disse Flávio com um tom choroso. — A vida vos tem sido boa, Graco. Dinheiro, conforto, respeito, honra, poder. A vida é como uma tigela de creme para vós, mas, para mim, a coisa é muito diferente, posso vos afirmar. Ninguém se sente bem e contente sentado sob um corpo apodrecido e inventando mentiras para que viajantes lhe pinguem nas mãos algumas moedas. É amargo e triste ser mendigo. Mas, pelo menos, quando não via mais solução para minha vida, Sexto me auxiliou um pouco. Agora, quando tornar a procurá-lo, ele me dirá, "Ah, não precisas mais de mim. Vai ter com o teu grande amigo e protetor, Graco". Isto é o que dirá, Ele vos odeia e passará a me odiar também.

— Deixa-o odiar-te — replicou Graco. — Sexto é um sapo, uma barata, um chefe sem classe! Deixa que te odeie. Faze o que te estou pedindo, e te arranjarei alguma coisa aqui na cidade, um emprego qualquer que te ajude a pôr de lado um dinheirinho e a viver decentemente. Não precisas voltar para Sexto.

— Antigamente, quando podia ser útil, eu tinha uma porção de amigos. Agora, poderia morrer numa sarjeta...

— És útil a mim — interrompeu Graco. — Partamos desta base. Agora, come teu jantar e não choramingues mais. Meu Deus, a fortuna está te batendo à porta, mas tens medo de recebê-la. Não sei de que tens tanto medo.

A comida e o vinho amaciaram Flávio. Graco tinha como cozinheira uma escrava egípcia cuja especialidade era desossar pombos e recheá-los com amêndoas e cevada fina. As aves

eram, depois, assadas lentamente, regadas com conhaque e mel de figos, e servidas com pequeninas salsichas feitas com língua de carneiro defumada e casca de limão, chamadas *pholo*, e muito famosas em toda a cidade. A refeição começou com melão, seguindo-se estes dois pratos. Depois uma sopa de creme de lagosta, delicadamente temperada com alho. Em seguida, um pudim de uvas e tâmaras, com finas fatias de presunto defumado. Depois, cogumelos assados e enrolados em salmão cozido e, finalmente, uma bandeja de pasta de amêndoas e doces de gergelim como sobremesa. Tudo isto acompanhado de pão branco saído do forno e de bom vinho tinto. Quando terminaram, Flávio reclinou-se, sorridente e confortável, o ventre arfando ligeiramente e disse:

— Graco, há cinco anos que não como uma refeição como esta. Boa comida é o melhor bálsamo do mundo. Meu Deus, que comida! E comeis assim todas as noites! Sem dúvida, sois um homem esperto, Graco, e não passo de um velho imbecil. Com certeza, mereceis tudo isto, e não tenho o direito de ter inveja. Agora, estou pronto a ouvir o que desejais de mim. Ainda conheço umas poucas pessoas, uns tantos bandidos e assassinos, uns tantos alcoviteiros e caftinas. Não sei o que possa fazer que não o possais vós mesmo ou encontrar alguém que o faça melhor, mas estou a vosso dispor.

— Conversaremos tomando conhaque — disse Graco, enchendo dois cálices. — Acho que tens virtudes só tuas, Flávio. Poderia ter procurado outro que conheça todo mundo em Roma, que trafique com corpos e almas e sofrimento, mas não quero meter neste caso ninguém em quem não confie absolutamente. Quero que tudo seja feito com perfeita discrição.

— Sei trancar a boca — disse Flávio.

— Sei que o sabes. É por isto que te escolhi. Quero que encontres uma mulher para mim. Uma escrava. Quero que a encontres e a compres, seja qual for o seu preço. E podes gastar quanto quiseres para procurá-la.

— Que espécie de mulher? Existem tantas escravas no mercado. Com o fim da Guerra Servil, os vendedores estão abarrotados, e são raras as que alcançam um preço melhor. Creio que poderia arranjar-vos qualquer espécie de mulher, branca, preta, amarela ou parda, virgem ou marafona, velha ou jovem, bela ou feia, loura, morena, ruiva... qualquer tipo. Qual preferis?

— Nenhuma — disse Graco lentamente. — Quero uma certa mulher.

— Uma escrava?

— Sim.

- Quem é ela?
- Seu nome é Varínia, e era a mulher de Espártaco.
- Ah... — Flávio fitou curiosamente Graco. Depois tomou um gole do seu conhaque e tornou a fitá-lo. — Onde está ela. — perguntou.
- Não sei.
- Mas a conheceis?
- Sim e não. Nunca a vi.
- Ah...
- Pára de dizer *ah* como um maldito oráculo!
- Estou procurando uma coisa inteligente para dizer.
- Estou te contratando como agente e não para me entreteres
- rosou Graco. — Sabes o que quero que faças.
- Quereis que eu encontre uma mulher, mas não sabeis onde ela está nem nunca a vistes. Sabeis como ela é?
- Sim. É alta, bem constituída mas esguia. Tem seios grandes e rijos. É germana, de cabelos cor de palha e olhos azuis. Orelhas pequenas, uma testa alta, nariz reto mas não muito pequeno, olhos profundos e a boca polpuda com o lábio inferior talvez um pouco pesado. Deverá falar um mau latim, e é possível que finja não o falar de todo. Fala melhor o grego, à maneira trácia. Deu à luz uma criança nestes últimos dois meses, mas o filho pode ter morrido. Mesmo que lhe tenha morrido o filho, ainda deve ter leite nos seios, não é?
- Não, necessariamente. Que idade tem ela?
- Não tenho certeza. De uns vinte e três a vinte e sete anos.
- Talvez tenha morrido.
- Esta é uma possibilidade. Se assim for, quero que apures tudo. Quero que me tragas provas de que ela morreu. Mas não creio que tenha morrido. Não tem temperamento para se suicidar, e uma mulher assim dificilmente matariam.
- Como sabeis que não tem temperamento para se suicidar?
- Sei. Não posso explicar por que, mas sei.
- Depois da derrota de Espártaco, não tomaram seu acampamento com umas dez mil mulheres e crianças?
- Havia vinte e duas mil mulheres e crianças. Doze mil foram distribuídas como despojos às tropas. Foi o maior escândalo de que já ouvi falar, mas Crasso apoiou a medida e deu sua própria parte nos despojos para o tesouro público, a fim de fazer calar o povo. O gesto não foi tão generoso como parece, pois ele sabia que o mercado de escravos teria que cair tremendamente.
- E Varínia estava entre essas mulheres?

— Pode ser que sim, mas pode ser que não. Era a mulher do chefe dos escravos. Eles podem ter tomado providências especiais para protegê-la.

— Não sei. Os escravos tinham o fetichismo da igualdade.

Graco sorveu o último gole do seu cálice e apontou para Flávio o dedo gordo:

— Queres ou não fazer o que te pedi? Não podes solucionar nada com palavras, Flávio. É um trabalho difícil.

— Sei disso. E de quanto tempo disponho?

— Três semanas.

— Mas é muito pouco tempo — protestou Flávio, abrindo as mãos. — Ela pode não estar em Roma. Terei que mandar gente para Cápuia, Siracusa, Sicília. Talvez, mesmo, para a Espanha e para a África. Não sois razoável.

— Estou sendo o mais razoável que posso. Com os diabos, volta para Sexto e para suas esmolas!

— Está bem, Graco. Não há necessidade de vos irritardes. Mas suponhamos que eu tenha que comprar um certo número de mulheres? Sabeis quantas germanas correspondem à vossa descrição de Varínia?

— Muitas, sem dúvida. Não quero alguém que corresponda à descrição. Quero Varínia.

— E que devo pagar por ela, se a encontrar?

— Qualquer preço que exigirem.

— Está bem, concordo, Graco. Por favor, dai-me um outro cálice deste excelente conhaque.

O conhaque lhe foi servido, e Flávio estirou-se no sofá, sorvendo-o e fitando o homem que o contratara.

— Tenho alguns talentos, não é Graco?

— Sim, sem dúvida.

— Mas continuo sendo pobre, um fracassado. Graco, posso fazer-vos uma pergunta, antes de encerrarmos o assunto? Não precisais responder, mas não vos irriteis.

— Faze a pergunta.

— Por que quereis esta mulher, Graco?

— Não estou zangado. Mas acho que está na hora de ambos irmos para a cama. Não somos mais tão moços como em outros tempos.

III

Mas, naqueles tempos, o mundo não era nem tão grande nem tão complicado como hoje em dia, e, em menos das três

semanas de prazo, Flávio foi à casa de Graco anunciar que tinha cumprido sua tarefa. O dinheiro, como se costuma dizer, tem uma superfície macia que adere às mãos dos que o manejam. Flávio estava diferente, bem vestido, bem barbeado e cheio de confiança por ter executado um trabalho difícil. Sentou-se com Graco em frente a um copo de vinho e começou a jogar com seus conhecimentos, enquanto o outro disfarçava a impaciência.

— Comecei pela complicada providência de entrar em contato com os oficiais que tinham participado dos despojos. Se Varínia era bonita, calculei que deveria ter sido escolhida nesse primeiro grupo. Mas quando se leva em conta que toda a questão de apropriação dos escravos era ilegal e que nela estavam envolvidos quinhentos ou seiscentos oficiais e que nenhum deles tinha vontade alguma de abrir a boca, pode-se imaginar que a coisa não era fácil. Mas a sorte estava conosco. Havia gente que se lembrava. Varínia dera à luz ao receber a notícia de que os escravos tinham sido derrotados, e havia quem se lembrava dessa mulher que não queria se separar do filho. Não sabiam que era a mulher de Espártaco ou que seu nome fosse Varínia. Como sabeis, logo após a batalha, Crasso mandou um destacamento de cavalaria contra a cidade ou acampamento ou vila ou seja lá o que fosse dos escravos. Seguiu-se a infantaria. As mulheres, crianças e meninos de treze e quatorze anos que ali se achavam, não ofereceram grande resistência. Estavam aturdidos. Tinham acabado de saber que o exército escravo fora destruído. Mas sabeis como ficam os soldados depois de uma batalha, e calculo que não seja brincadeira lutar contra escravos. Eles...

— Não necessito de uma recapitulação sobre o comportamento dos legionários — interrompeu Graco. — Quero os fatos.

— Estou apenas tentando descrever a situação. Quero dizer que houve muita matança inútil, a princípio porque nossos soldados estavam ainda quentes da batalha. Varínia tinha acabado de dar à luz. Uma criança escrava pouco vale, atualmente, e o que me fez supor que se tratava dela foi o caso de um soldado que apanhou a criança pelas pernas e começou a rodá-la para a atirar de encontro ao postigo de uma tenda e esmigalhar-lhe o crânio. Foi o próprio Crasso quem o impediu. Salvou a criança e quase mata o soldado de tanta pancada. Ninguém esperaria tal coisa de Crasso, não é?

— Não estou interessado na que se espera ou não de Crasso. Que velho tagarela és, Flávio! Encontraste Varínia? Já sou seu proprietário? Compraste-a?

— Não a pude comprar.

— Por quê? — berrou Graco subitamente, pondo-se de pé num rompante de cólera tão assustador como inesperado. Avançou para Flávio e apertou-lhe a túnica em torno do pescoço, enquanto o outro se encolhia apavorado. — Por quê? Por que, vagabundo, escória dos homens? Ela morreu? Se cometeste algum erro, juro que nunca mais sairás da sarjeta! Nunca mais, ouviste?

— Ela não morreu...

— Oh, estás cheio de vento, tão cheio de vento que arrotas em vez de falar! Por que não a compraste? — Largou Flávio mas continuou ameaçadoramente debruçado sobre ele.

— Acalmai-vos! — disse de repente Flávio. — Destes-me uma missão a cumprir e eu a cumpri. Talvez eu não seja tão rico quanto vós, Graco. Talvez eu pertença mesmo à sarjeta. Mas isto não vos dá o direito de me falar desta maneira. Não sou vosso escravo. Já é bastante ruim quando um homem cai ao ponto em que caí. Não precisais piorar ainda mais minha situação.

— Desculpa-me.

— Não a comprei porque ela não está à venda. É só.

— Por causa de preço?

— Não. Simplesmente, ela não tem preço. Pertence a Crasso. Mora em sua casa. E não está à venda. Pensais que não tentei? Crasso estava em Cápua e, enquanto se achava ausente, procurei negociar com seus agentes. Mas, nada feito. Recusaram-se até a discutir o caso. Assim que a conversa tocava na escrava, fechavam-se como conchas. Nada sabiam sobre ela. Recusavam-se a discutir preço. Dei-lhes boas gorjetas, mas isto não os demoveu de maneira alguma. Se eu quisesse o barbeiro ou a cozinheira ou a governanta, a coisa podia ser arranjada. Estavam mesmo dispostos a negociar uma belíssima síria que Crasso comprou o ano passado. Estavam dispostos a fazer até isto por mim, mas não a vender Varínia.

— Então como sabes que é Varínia, e como sabes que ela está na casa de Crasso?

— Comprei a informação de um escravo da casa. Não imaginais que o lar de Crasso é composto de uma família muito feliz e unida. Ele tem um filho que o odeia, e uma esposa — vive separada dele — que lhe cortaria o pescoço se tivesse oportunidade. Assim, pude comprar informações mas não pude comprar Varínia.

— Descobriste por que ele a comprou? Por que a conserva?

Flávio começou a rir.

— Se descobri! Crasso está apaixonado por ela.

- O quê?
— Sim. O grande Crasso descobriu o amor.
Foi então que Graco disse lenta e deliberadamente:
— Que Deus te amaldiçoe, Flávio, se falares sobre esta história, e se jamais ela se espalhar, se jamais eu a ouvir repetida seja onde for, juro-te que farei com que sejas crucificado.
— Que maneira de falar é esta? Não sois Deus, Graco.
— Não, não, nem parente distante de nenhum dos deuses, como alguns desses idiotas mais bem nascidos costumam declarar. De forma alguma. Mas estou tão perto de Deus como jamais se estive na política romana, e perto o bastante para te perder, Flávio, e para te colocar na cruz. E dou-te minha palavra de honra que o farei se alguém ficar sabendo desta história.

IV

Na tarde do dia seguinte Graco dirigiu-se aos banhos, um ato de conveniência política que não deixava de ter suas recompensas. Cada vez mais, os banhos públicos tornavam-se centros sociais e políticos; senadores e magistrados eram feitos e desfeitos nos banhos públicos; ali milhões de *sesterces* trocavam de mãos; era uma combinação de bolsa de câmbio e clube político, e ser visto nos banhos de vez em quando era quase uma obrigação. Graco freqüentava três grandes casas de banho, a *Clotum*, bastante nova, e duas outras mais antigas, mas ainda elegantes. Ainda que essas não fossem franqueadas a todos os cidadãos, o preço de admissão era muito modesto, não o suficiente para manter afastado um homem pobre; embora uma certa ética mantivesse a ralé afastada dessas casas melhores.

Quando fazia bom tempo, toda Roma saía para as ruas, à tarde. Mesmo o número progressivamente reduzido de trabalhadores romanos terminava o trabalho depois de uma hora da tarde; um horário mais prolongado faria com que abandonassem seus empregos para passar a viver também de esmolas. A tarde era a hora do homem livre: os escravos labutavam: o cidadão romano folgava.

Graco, no entanto, pouco interesse tinha pelos jogos, e só ocasionalmente ia às corridas. Sob este aspecto, era diferente dos seus colegas, pois não lhe agradava ver dois homens nus, cada qual com um punhal na mão, espicaçando-se até se tornarem molambos de carne rasgada e sangue. Nem sentia prazer em ver um homem se contorcendo sob as malhas de uma rede, enquanto seus olhos eram arrancados e seu estômago perfurado por um longo tridente. De vez em quando gostava de passar uma tarde nas corridas de cavalos, mas entediavam-no as

corridas de bigas que, cada vez mais, se tornavam um torneio físico entre os condutores, incentivados por uma assistência que nunca se satisfazia a não ser que visse alguma cabeça esmigalhada ou um corpo despedaçado. Não é que fosse mais bondoso que os outros; simplesmente odiava a estupidez, e para ele aqueles espetáculos eram extremamente estúpidos. De teatro não entendia nada, e só ia as estréias de gala a que tinha que comparecer como político da cidade.

Seu maior prazer, à tarde, era ir a pé até os banhos, através das sujas, tortuosas, infundáveis ruas de sua bem-amada cidade. Roma, ele sempre amara; Roma era sua mãe, Como costumava dizer a si mesmo, sua mãe era uma prostituta, e ele fora lançado do útero materno para a imundície da rua. Mas até agora, amara sua mãe, e sua mãe o amara. Como poderia ter explicado a Cícero o que quisera dizer contando aquela velha lenda? Cícero teria antes que amar Roma, e tal amor tinha que ser ligado a um conhecimento do quão vil e perversa era esta cidade.

Vileza e perversidade Cícero compreendia. Uma vez dissera a um dos seus amigos intelectuais: "Por que iria eu ao teatro? Podem eles apresentar no palco o que vejo nas ruas da *urbs*?"

Era coisa que realmente merecia ser vista. E hoje contemplou o espetáculo quase cerimoniosamente. Era como se perguntasse a si mesmo, "quantas vezes tornarei a fazer isto?"

Foi primeiro ao mercado, onde as barracas ainda estariam negociando durante uma hora antes de fechar. Era preciso forçar caminho entre o mulhério ruidoso para caminhar nessa rua, mas Graco conseguiu passar com relativa facilidade, vasto na sua toga branca, como um navio de guerra batido por um vento leve. Ali estava o que Roma comia. Havia montes de queijos; queijos redondos, quadrados, pretos, vermelhos e brancos. Ali se penduravam peixes e gansos defumados, leitões abatidos, carne de boi, tenros cordeiros, as enguias e arenques salgados dentro de barracas, potes de pickles, cheirando tão forte e tão bem. Ali se amontoavam bojões de óleo das montanhas sabinas e de Piceno, os maravilhosos presuntos gauleses, tripa pendurada por toda parte, enormes vasilhames de chouriço.

Demorou-se nas barracas de verduras. Lembrava-se ainda do tempo em que cada camponês, num raio de vinte milhas de Roma, tinha a sua horta e quando a cidade toda comia uma esplêndida variedade de legumes que se vendia no mercado. Mas agora os *latifúndio* estavam interessados apenas em colheitas rendosas de trigo ou cevada, e o preço das verduras ficara fora do alcance de todos, a não ser da classe governante. Mesmo assim, ainda se viam pilhas de rabanetes e nabos, alface de cinco variedades, lentilhas e feijão e repolho, abóboras e

melões e aspargos, trufas e cogumelos — uma enorme e colorida variedade de legumes e de frutas também, pilhas de rubras romãs e amarelos limões africanos, maçãs e pêras e figos, tâmaras da Arábia, uvas e melões do Egito.

"Que prazer é olhar tudo isso!" — pensou ele.

Continuou andando e atravessou uma parte do bairro judaico da cidade. Como político, tivera ocasião de lidar de vez em quando com os judeus. Que estranha gente era aquela... Há tanto tempo em Roma e ainda falando sua própria língua e adorando o seu Deus, e ainda barbudos e usando as longas mantas listradas em qualquer época do ano! Nunca eram vistos nas arenas, nas corridas ou nos tribunais. Na verdade, quase nunca eram vistos em parte alguma, exceto em seu próprio bairro. Polidos, altivos, retraídos... "Algum dia, farão com que corra mais sangue em Roma do que o conseguiu Cartago," pensava muitas vezes Graco ao observá-los.

Chegou a uma rua principal e postou-se frente a uma loja, enquanto passava uma coorte da cidade, ao som de tambores e címbalos. Como de costume, as crianças corriam atrás dos soldados.

Caminhou até onde as casas altas cediam lugar a jardins, pórticos de mármore, frescas arcadas e largas avenidas. No foro já estavam em ação os jogadores de dados. O jogo era, em Roma, como uma doença e os dados constituíam a forma mais maligna dessa doença. Todas as tardes formavam-se grupos de jogadores no foro, rolando os dados, implorando e falando aos dados. Tinham uma linguagem toda especial. Compunham-se esses grupos de desocupados, de soldados de licença e de meninas de 14 ou 15 anos, criadas em sujos e pequenos cômodos, vivendo como tinham vivido seus pais, de esmola, e ocasionalmente fazendo algum dinheiro na prostituição. Ele ouvira dizer que muitas dessas meninas iam para a cama com um homem até por um copo de vinho e um *quadrem*, a moeda mais baixa em circulação. Tempos atrás, ele e muitos outros consideravam isso uma coisa terrível e monstruosa, mas, hoje em dia, quando não era vergonha um homem casado manter uma dúzia de escravas para satisfazer seus caprichos sexuais, o caso não merecia preocupações ou discussões.

Graco pensou. "Aos poucos um mundo todo se desfaz, sem que ninguém se preocupe com isso. E por que haveríamos de nos preocupar? Acontece tão lentamente e a vida do homem é tão curta!"

De vez em quando parava para observar os jogos de dados. Lembra-se de que os jogara muito quando moço. Naquele tempo não se podia viver de esmolos, e ainda havia uma certa

ética que impedia um homem de aceitar esmolas, mesmo que estivesse passando fome.

Dirigiu-se, então, para os banhos. Tinha planejado tudo cuidadosamente. Havia uma probabilidade em três de encontrar Crasso, hoje, nos banhos, e de que ele aparecesse ali àquela hora. E, realmente, quando Graco entrou na *apodyteria*, como eram chamados os vestiários, Crasso já lá estava, despido, em frente aos altos espelhos, admirando seu corpo esbelto e magro. As salas se enchiam. Encontrava-se ali uma interessante parte da vida da cidade, uma mistura de patrícios e políticos, banqueiros e ricos comerciantes, importadores de escravos, cabos eleitorais, chefes de quadrilhas, mesmo um ou dois *lanistae*, um trio de ex-cônsules, um magistrado, um ou dois atores, e uma dezena de militares de influência. A estes se misturava um número suficiente de homens sem importância especial, para justificar a democracia dos banhos — de que Roma tanto se gabava. Reis e sátrapas do oriente nunca poderiam compreender que os governantes de Roma ou melhor, os governantes do mundo — se misturassem tão facilmente ao resto da população e andassem com tanta naturalidade pelas ruas da cidade.

Sem perder Crasso de vista, Graco sentou-se a um banco e deixou que um escravo lhe descalçasse as botas. Enquanto isso, recebia cumprimentos, sorria, dizia uma ou outra palavra de saudação e, quando lhe pediam conselho, respondia com brevidade e precisão. Emitiu algumas opiniões concisas sobre as perturbações na Espanha, a situação africana, a conveniência da neutralidade do Egito — o perene celeiro da cidade — e o que fazer com a incessante provocação dos judeus na Palestina. Acalmou os traficantes que temiam que o preço dos escravos continuasse a cair até destruir a economia, e dissipou o boato de que o exército na Gália estava planejando um golpe. Mas a todo tempo continuava observando Crasso, até que finalmente o milionário, ainda despido e exibindo sua delgada figura, aproximou-se. Não podia resistir à tentação de comparar publicamente seu físico ao de Graco. Quando os escravos removeram a toga do político e, depois, a sua túnica, o constrangimento patético que sua obesidade lhe causava era ainda pior que a sua nudez. O estranho é que Graco até então nunca se sentira envergonhado de seu corpo.

Encaminharam-se juntos para o *tepidarium*, ou a sala de estar dos banhos. Ali havia bancos e esteiras onde as pessoas podiam se deitar e repousar, mas o costume do general era caminhar de um lado para o outro, nos intervalos dos banhos. Dessa ampla e bela galeria pavimentada de mármore, decorada com mosaicos e estatuária, podia-se ir ter à piscina de água fria, ao ar livre, à

piscina de água quente, aos banhos mornos, aos banhos de vapor e, através desses, às várias salas de exercício e de massagem. Depois, embrulhadas em toalhas, as pessoas podiam passear pelos jardins, ir às bibliotecas — que faziam parte das termas — às salas de repouso e *solarium*. A rotina era evidentemente feita para os que tinham muitas horas a gastar nos banhos. Graco em geral se satisfazia com um mergulho frio, uma meia hora no banho de vapor e depois uma massagem.

Disfarçava agora sua hostilidade para com Crasso. As palavras ferinas e os sentimentos hostis foram aparentemente esquecidos. Nu, gordo e desajeitado, caminha ao lado do general, mostrando-se amável e atencioso — coisas que sabia fazer com perfeição.

"Estendendo pontes" — observavam as pessoas ao vê-los juntos, calculando que deviam estar formando importantes alianças políticas, pois Crasso e Graco não eram habitualmente vistos juntos. Crasso esperava pacientemente. "Acabará por desvendar o que está querendo de mim" — dizia para si mesmo. Tornou-se ligeiramente insultante e perguntou ao político:

— Desde quando és uma autoridade em questões do Egito e outras?

— Refere-se ao que eu disse há pouco? Foram apenas algumas palavras generalizadas para encher um vazio. É uma questão de reputação.

— Reputação de saber tudo.

Graco riu, disposto a permanecer afável.

— Já estiveste no Egito?

— Não. E não finjo que estive.

— Não sei por que, Crasso, estamos sempre nos agredindo. Poderíamos ser amigos. Somos ambos homens cuja amizade é valiosa.

— Realmente, mas sou cínico também. A amizade tem um preço.

— Achas?

— Sem dúvida. Que tenho para minha amizade te ser tão preciosa? Dinheiro? Tens quase tanto quanto eu.

— Dinheiro não me interessa.

— Interessa a mim. Mas de que se trata?

— Quero comprar uma escrava tua — disse inesperadamente Graco, surpreendendo-se com suas próprias palavras.

— Minha cozinheira, presumo. Se tivesse cabelo, eu suporia que fosse o meu cabeleireiro. Uma equipe de carregadores de liteira? Ou, possivelmente, uma mulher. Ouvi dizer que só tens mulheres na tua casa.

— Com os diabos, sabes muito bem o que quero! — exclamou Graco. — Quero Varínia.

— Quem?
— Varínia. Não continuemos este jogo de disfarce.
— Meu caro Graco, estás jogando sozinho. Quem anda te dando informações?
— Sei me informar... Mas escuta, Crasso, não continuemos com rodeios. Nem pretendo pechinchar. De saída, digo-te que pagarei o mais alto preço que uma escrava já alcançou em Roma. Estou disposto a pagar-te um milhão de *sesterces*. Pagar-te-ei em moedas de ouro. que te entregarei imediatamente se me deres Varínia.

Crasso cruzou os braços e soltou um assobio.

— Isto é o que chamo um belo preço. Poder-se-ia escrever um poema sobre tal preço. E sobretudo agora, quando um homem pode ir ao mercado e comprar por mil *sesterces* uma beldade de carnes opulentas, estás disposto a pagar mil vezes mais por uma germana magra. É realmente notável. Mas, como poderia eu aceitar tal quantia? Que diria a gente? Diria que Crasso é um ladrão.

— Chega de brincar comigo!

— Brincar contigo? Meu caro Graco, tu é que estás brincando comigo. Nada possuo que possas comprar.

— Fiz-te uma oferta séria.

— E eu te respondi seriamente.

— Dobro o meu preço! — insistiu Graco. — Dois milhões.

— Eu não sabia que a política dava tanto dinheiro.

— Dois milhões. Resolve-te.

— Estás me entediando — disse Crasso, e afastou-se.

V

— Varínia, Varínia, agora tens que te vestir. Precisamos te vestir porque nosso amo vai chegar e tens que jantar com ele. Por que nos dificultas a vida, Varínia?

— Não quero dificultar-te nada.

— Mas é o que fazes. Dizes que também és uma escrava. Não queres ser servida por quatro escravas. Sabes o que é ser uma escrava. Ou, talvez, quando estavas com Espártaco, conquistando o mundo todo, esqueceste o que era ser escravo. Eras então uma rainha, não é, Varínia? Assim...

— Não digas mais isto! Por que dizes tal coisa? Jamais me coloquei acima de vós, escravos!

— Não precisas fazer tal coisa, Varínia. O nosso amo te coloca acima de nós. As vezes, quando está entediado, nos leva para sua cama. Qualquer uma de nós. Mas a ti ele ama, Varínia. É por isto que nos dificultas a vida. Seremos chicoteadas se não

estiveres vestida como ele deseja. Tu não és chicoteada. Nós somos.

— Ele que me chicoteie!

— Sabes que jamais fará isto!

— Está bem. Está bem — disse ela. — Agora estou amamentando a criança. Deixai-me terminar. Depois poderão me vestir como quiserem. Não dificultarei vossa tarefa. Mas quero terminar de amamentar meu filhinho.

— Quanto tempo levarás ainda?

— Ele não leva muito tempo. Olha, já não está mais chupando com força. Em meia hora estarei pronta. Ele estará dormindo, então. Prometo que farei tudo o que desejardes.

As escravas deixaram-na por algum tempo. Três delas eram espanholas. A quarta era uma sabina, que vivia torturada pela idéia de que sua mãe a vendera por dívidas. Varínia podia compreender o quanto era amargo ser vendida pela sua própria gente. Mas a amargura, a inveja, o ciúme infestavam aquela casa.

Acalentou o filho e cantou-lhe baixinho:

*"Dorme meu filho, dorme querido,
Enquanto na floresta teu pai
Caça a lontra com sua lança,
Traz-lhe o pêlo macio como a noite
E nunca, nunca o frio do inverno
Tocará meu filhinho, meu querido..."*

O menino parou de mamar. Ela sentiu afrouxar a pressão no bico do seio. Quando ele chupava com força e fome, uma corrente percorria o corpo todo de sua mãe. E, depois, pouco a pouco, à medida que o pequeno estômago do menino se enchia, a sensação nela ia diminuindo. Que coisa misteriosa era ter-se um filho!

Deu-lhe o outro seio, no caso de que quisesse mais leite, e afagou-lhe a face para tornar a despertar o reflexo da sucção. Mas ele tinha acabado. Seus olhos se fechavam ao mesmo tempo em que adquiria a monumental indiferença dos bebês quando estão de estômago cheio. Varínia reteve-o ainda alguns minutos nos braços, aninhando-o no calor do seio; depois, colocou-o no berço e compôs o vestido.

Como era bonito, pensou, debruçando-se sobre o menino. Tão forte e gordo — que belo bebê! O cabelo era como seda preta, e os olhos de um azul profundo. Mais tarde se tornariam negros como os de seu pai, mas o cabelo poderia mudar. Quando a fina penugem com que nascera caísse, poderia crescer

em caracóis escuros ou louro e liso.

O menino adormecera rapidamente. Seu mundo estava todo em ordem. Seu mundo era o mundo da vida, governado apenas pelas simples leis da natureza, sem perturbações ou complicações. Seu mundo era mais forte que todos os outros...

Deixou-o e foi para onde a estavam esperando para vesti-la. Quatro escravos a preparariam para jantar com o homem que era seu dono. Ficou docilmente de pé enquanto lhe tiravam as roupas e lavavam seu corpo. Era ainda um corpo muito lindo, de pernas esguias, os seios mais cheios agora que estava amamentando. Envolveram-na num lençol e ela se deitou num divã, para que a *ornatrix* preparasse seu rosto e braços.

Primeiro, uma camada de fino pó do gesso nos braços e na frente até as faces. Depois o *rouge*, vermelho-claro no rosto, vermelho-escuro nos lábios. Depois o que chamavam *fuligo*, uma pasta de carbono preto para sobressair as sobrancelhas. Quando a maquiagem ficou pronta, ela sentou-se e pentearam-lhe os lisos cabelos louros arrumando-os em cachos fixos no alto da cabeça e presos com lacinhos e um pouco de pomada.

Depois as jóias. Tiraram-lhe o lençol e ela ficou nua, de pé, obediente e indiferente, enquanto lhe colocavam um diadema na cabeça. Em seguida, brincos de ouro, e depois um colar de ouro e safiras chamado o *monile*. Pulseiras combinando com o colar lhe foram colocadas nos pulsos e tornozelos, e um anel de brilhante no dedo mínimo de ambas as mãos. Varínia estava sendo vestida esplendidamente, como o mais rico homem de Roma vestiria sua amante e não sua escrava. Não era pois de admirar que as pobres criaturas que a vestiam não pudessem ter pena dela. Não estava coberta de jóias riquíssimas? Como ter pena dela?

Nesse tempo, o tecido mais precioso em Roma não era seda, mas o delicado e fabulosamente fino algodão, tecido na Índia, tão tênue como as teias de aranha e que nenhuma seda poderia igualar. Vestiram-na agora com a *stola* de algodão. Era um vestido comprido, de corte singelo, e franzido na cintura com um cinto, o *zona*. O único enfeite do vestido era uma trança dourada na barra, e realmente não necessitava de mais adornos, tão simples e belas eram as suas linhas. Mas Varínia não pôde deixar de notar que todas as formas do seu corpo transpareciam no vestido; era a nudez que significava degradação e ela teve a alegria de notar que o leite, vazando dos seios, umedecia o fino tecido e estragava o conjunto da toalete.

Por sobre tudo isso vinha um chalé de seda amarelo-pálido; Varínia colocou-o como uma manta, cobrindo com ele o vestido. Cada vez que aparecia para o jantar, Crasso dizia:

— Por que escondes desta maneira teu belo corpo? Deixa que o teu *supparum* caia livremente. O vestido por baixo custou dez mil *sesterces*. Pelo menos eu deveria ter o prazer de admirá-lo, já que ninguém mais o vê.

Disse isso de novo, essa noite, ao entrar ela na sala de jantar, e de novo obedientemente ela abriu o chalé.

— Intrigas-me — disse Crasso. — Intrigas-me muito, Varínia. Creio que já te contei que, uma vez tive o prazer — ou o desprazer — de passar uma noite no meu acampamento, na Gália Cisalpina, com aquele monstruoso *lanista*, Baciato. Ele te descreveu para mim. Descreveu-te como uma gata selvagem. Uma descrição bastante viva de uma mulher que não podia ser domesticada. Mas não noto nada disto. És excepcionalmente obediente e dócil.

— Sim.

— O que terá operado esta mudança em ti? Não queres me contar, suponho?

— Não sei, não vos posso dizer.

— Creio que o sabes, mas não falemos mais nisto. Estás linda hoje. Bem arrumada, bem vestida. . . Varínia, quanto tempo vai durar esta situação? Tenho sido correto contigo, não é? Respeito o desgosto, mas compara isto com as minas de sal. Eu podia tomar teu filho e vendê-lo por trezentos *sesterces* no mercado, e depois mandar-te para as minas. Gostarias disso?

— Não, não gostaria.

— Detesto dizer estas coisas...

— Está bem. Podeis falar da maneira que quiserdes. Sois meu proprietário.

— Não quero ser teu proprietário, Varínia. Na verdade, tu é que és minha proprietária. Quero possuir-te como um homem possui uma mulher.

— Não te posso impedir. . . como não o pode qualquer das tuas outras escravas.

— Que coisa horrível disseste!

— Por que horrível? Não é como todo mundo fala em Roma?

— Não quero te violar, Varínia. Não quero te possuir como escrava. Sim... já dormi com escravas. Já possuí não sei quantas mulheres e homens também. Não quero ter segredos para ti. Quero que me conheças como sou. Porque, se me amares, passarei a ser outro. Alguém melhor. Meu Deus, sabes que me chamam o homem mais rico do mundo? Talvez eu não o seja, mas, juntos, poderíamos dominar o mundo.

— Não quero dominar o mundo — disse Varínia com uma voz monótona, sem entonação, uma voz morta, como sempre que falava com ele.

— Não acreditas que eu seria diferente se me amasses?
— Não sei. Não me importa.
— Mas te importaria se acontecesse alguma coisa ao teu filho? Por que não queres aceitar uma ama de leite? Sentada aí, com leite escorrendo dos teus seios. . .
— Por que sempre me ameaçais com o meu filho? Meu filho vos pertence e eu vos pertenço. Achais que, ameaçando matar meu filho, fazeis com que eu vos ame?
— Não ameacei matar teu filho.
— Vós...
— Perdoa-me. Varínia. Sempre voltamos a falar nas mesmas coisas. Por favor. come. Faço o que posso. Sirvo-te uma refeição como esta. Não me digas que não a aprecias. Poder-se-ia comprar uma *villa* pelo preço deste jantar. Pelo menos, come. Prova alguma coisa. Escuta... vou contar-te uma coisa divertida que aconteceu hoje. Pelo menos, talvez aches divertido. E come um pouco.

— Como tanto quanto preciso — disse Varínia.

Um escravo entrou e colocou sobre a mesa uma travessa de prata com um pato. Outro escravo destrinçou a ave. Crasso tinha uma mesa circular — moda recente — com um divã circundando dois terços da mesa. As pessoas jantavam reclinadas entre pilhas de almofadas de seda.

— Este pato, por exemplo. É defumado, recheado com trutas e cozido com pêssegos curtidos em conhaque.

— Está muito bom — disse Varínia.

— Sim... como ia te contando, uma coisa divertida aconteceu hoje. Encontrei hoje Graco nos banhos. Odeia-me com tanta virulência que mal pode esconder o que sente. O curioso é que não o odeio. Esqueci-me... tu não o conheces. É um senador e uma grande potência política em Roma... ou o era. Seu poder está agora meio abalado. É desses homens que conseguiram sair da sarjeta e fizeram fortuna com subornos e vendas de votos. Um gordalhão. Sem orgulho, sem consistência, como em geral o são todos. E nenhuma sensibilidade também, por isso ficará sentado no seu trono até que se desmorone por completo. Hoje, vi imediatamente que ele queria alguma coisa de mim. Fez muita questão de exibir seu corpanzil imenso, de um lado para outro no *lepidarium*. E finalmente abriu o jogo. Quer te comprar. Ofereceu um preço fabuloso e, quando recusei, dobrou-o. Mostrou-se muito insistente. Insultei-o mas pareceu ser impermeável a injúrias.

— Por que não me vendestes? — perguntou Varínia.

— A ele? Minha cara, precisavas vê-lo, uma montanha

movediça de gordura! Ou isto não te importaria?

— Não me importaria.

Crasso empurrou o prato e fitou-a. Bebeu até o fim seu copo *de* vinho, tornou a enchê-lo e, então, num súbito acesso de fúria, atirou o copo no outro lado da sala. Agora falou num visível esforço para se controlar.

— Por que me odeias tanto?

— Deveria eu vos amar, Crasso?

— Sim, porque te dei mais do que jamais Espártaco te deu.

— Não — disse ela.

— Por quê? Por que não? Que era ele? Um deus?

— Não era um deus — disse Varínia. — Era um homem simples. Um homem comum, um escravo. Sabeis o que isto significa? Passastes vossa vida entre escravos.

— E se eu te mandasse para o campo e te entregasse a um lavrador qualquer, poderias viver com ele e amá-lo?

— Só poderia amar Espártaco. Nunca amei outro homem. Nunca hei de amar outro homem. Mas poderia viver com um escravo do campo. Ele seria mais semelhante a Espártaco, embora Espártaco fosse um escravo das minas e não do campo. Era tudo o que era. Julgais-me muito simples; sou-o e ignorante também. As vezes, nem chego a compreender o que dizeis. Mas Espártaco era ainda mais simples do que eu. Comparado a vós. era como uma criança. Era puro.

— Que queres dizer por puro? — perguntou Crasso, controlando-se. — Já ouvi tantas vezes essas tuas tolices! Espártaco era um inimigo da sociedade. Era um carniceiro profissional que se tornou um assassino fora da lei, um inimigo de tudo o que de bom e decente Roma construiu. Roma trouxe paz e civilização ao mundo inteiro, mas essa escória dos escravos só soube incendiar e destruir. Quantas propriedades foram arrasadas porque-os escravos nem conheciam nem compreendiam a civilização! Que fizeram eles? Que realizaram nos quatro anos em que combateram Roma? Quantos milhares morreram porque os escravos se revoltaram? Por quanta miséria e sofrimento passou o mundo por ter essa escória sonhado com liberdade — liberdade de destruir!

Ela permaneceu em silêncio, a cabeça inclinada, os olhos baixos.

— Por que não me respondes?

— Não sei como vos responder — disse afinal. — Não sei o que significam vossas perguntas.

— Ouvi de ti coisas que não ouviria de ninguém mais neste mundo. Por que não me respondes? Que quiseste dizer quando

falaste que Espártaco era puro? Serei eu menos puro?

— Não vos conheço — murmurou Varínia. — Não vos compreendo. Não compreendo os romanos. Só conheço Espártaco.

— E por que era ele puro?

— Não sei. Pensais que já não me fiz esta pergunta? Talvez porque fosse um escravo. Talvez por ter sofrido tanto. Como podeis compreender o sofrimento de um escravo? Nunca fostes um.

— Puro. Disseste puro.

— Para mim ele era puro. Não podia fazer nada de mal.

— E achas que foi uma boa ação instigar aquela revolta e incendiar meio mundo?

— Não incendiamos o mundo. Tudo o que queríamos era nossa liberdade. Tudo o que queríamos era viver em paz. Não sei falar da maneira por que falais. Não sou instruída. Não sei nem falar direito vossa língua. Fico confusa quando falais comigo. Mas nunca fiquei confusa com Espártaco. Eu sabia o que queríamos. Queríamos ser livres.

— Mas éreis escravos.

— Sim. E por que são uns escravos e outros livres?

— Já estás vivendo há algum tempo em Roma. Varínia — disse Crasso, agora mais brando. — Na minha liteira levei-te a conhecer as ruas da cidade. Viste o poder de Roma, o infinito poder de Roma. As estradas romanas estendem-se pelo mundo todo. As legiões romanas levam a civilização e fazem recuar as forças da obscuridade. As nações tremem à vista da vara dos legados e, onde quer que haja água, a marinha romana domina os mares. Viste os escravos esmagar algumas das nossas legiões, mas aqui na cidade nada foi nem de leve atingido. Com um pouco de raciocínio, podes conceber que uns poucos escravos rebeldes pudessem ter derrubado o maior poderio que o mundo já conheceu — um poderio que todos os impérios da antiguidade jamais conseguiram igualar? Não compreendes? Roma é eterna. O sistema romano é o melhor que a humanidade concebeu até hoje, e durará para todo o sempre. É isto o que quero que compreendas. Não chores por Espártaco. A História se encarregou de Espártaco. Tens a tua vida para viver.

— Não choro por Espártaco. Ninguém jamais chorará por Espártaco. Nem, tampouco, Espártaco será jamais esquecido.

— Ah, Varínia, Varínia, que tola és! Espártaco já não é mais que um fantasma, e amanhã o fantasma se dissipará. Daqui a dez anos, ninguém se lembrará do seu nome. E por que haveriam de se lembrar? Existe alguma história da Guerra Servil? Espártaco não edificou; destruiu apenas. E o mundo só

se lembra dos que constroem.

— Construimos esperança.

— Varínia, repetes as coisas como uma menina. Ele construiu esperança? Esperança para quem? E onde estão essas esperanças agora? Sumiram, como cinzas ao vento. Não vês que o mundo é e será sempre assim... os fortes dominando os fracos? Varínia, eu te amo. Não por seres uma escrava, mas apesar disso.

— Sim...

— Mas Espártaco era puro — disse ele amargo.

— Sim, Espártaco era puro.

— Dize-me. Dize-me como ele era puro.

— Não vos posso dizer. Não vos posso falar em coisas que não compreendeis.

— Quero compreendê-lo. Quero combatê-lo. Lutei contra ele quando era vivo e tornarei a lutar agora que está morto.

Ela abanou a cabeça.

— Por que insistis assim comigo? Por que não me vendeis? Por que não fazes o que desejas comigo? Por que não me deixais em paz?

— Pergunto-te uma coisa simples, Varínia. Espártaco teria mesmo existido? Por que ninguém me pode dizer nada sobre ele?

— Eu disse... — Ela calou-se e Crasso falou-lhe então com brandura:

— Continua, Varínia. Continua. Quero ser teu amigo. Não quero que tenhas medo de me falar.

— Não tenho medo. Nunca mais tive medo, depois de conhecer Espártaco. Mas é difícil falar sobre ele. Podes chamá-lo de carniceiro e de assassino. Mas era o melhor e o mais nobre dos homens.

— Sim, mas dize-me como. Quero compreender o que fez ele para pensares desta maneira. Talvez se eu compreender, chegue a gostar de Espártaco. — Ele continuara bebendo sem provar a comida. Sua ironia era calma agora. — Talvez eu possa gostar de Espártaco.

— Quereis que eu fale, mas como poderei explicar? Entre escravos, os homens e as mulheres não são como vós, romanos. Entre escravos, um homem e uma mulher são iguais. Trabalhamos da mesma maneira; e da mesma maneira somos castigados, morremos e vamos para valas comuns. E no começo, tomamos lanças e espadas e lutamos ao lado dos nossos homens. Espártaco era meu companheiro. Éramos um só. Estávamos ligados um ao outro. Onde ele tinha uma ferida, bastava eu tocá-la e me doía e era minha ferida. E sempre éramos iguais.

Quando Crixo, seu melhor amigo, morreu, ele deitou a cabeça no meu colo e chorou e soluçou como um menino. E quando, após seis meses de gravidez, perdi meu primeiro filho, chorei da mesma maneira, e ele me consolou. Em toda a sua vida, nunca teve outra mulher senão eu. E, aconteça o que acontecer, nunca terei outro homem. A primeira vez que deitei com ele, tive medo. Mas, depois, uma maravilhosa sensação tomou conta de mim. Percebi que nunca morreria. Meu amor era imortal. Nada mais poderia me ferir. Tornei-me como ele, e penso que ele também se tornou como eu. Não tínhamos segredos um para o outro. Primeiro tinha medo de que ele visse as manchas roxas do meu corpo, depois compreendi que uma mancha era o mesmo que a pele intacta. Ele me amava tanto! Mas, que vos posso dizer dele? Querem transformá-lo num gigante, mas ele não era um gigante, era um homem comum. Era afável e bom e cheio de amor. Amava seus camaradas. Quando se encontravam, abraçavam-se e beijavam-se nos lábios. Nunca vi, entre vós, romanos, homens se abraçarem e beijarem e, no entanto, aqui, homens dormem com homens com a mesma facilidade com que dormem com mulheres. Sempre que Espártaco me falava alguma coisa, eu sabia o que ele queria dizer. Mas não sei o que quereis dizer. Não sei o que querem dizer os romanos quando falam. Quando os escravos se desentendiam ou brigavam, Espártaco chamava-os e todos discutiam o caso, e então ele lhes falava e os outros o ouviam. Faziam coisas mal feitas, mas sempre queriam ser melhores. Não estavam isolados. Eram parte de alguma coisa; eram parte, também, de cada um. A princípio, costumavam roubar os despojos. Espártaco explicou-me que isto era natural; vinham de lugares onde sempre tinham visto roubar. Mas os nossos bens comuns nunca foram trancados ou guardados, e quando os escravos viram que podiam ter tudo o que precisavam sem roubar, e que não havia maneira de usar o que tinham roubado, nunca mais fizeram isso. Perderam o medo da fome e da miséria. E Espártaco me ensinou que todas as coisas ruins que os homens fazem é porque têm medo. Explicou-me como os homens podiam mudar e tornarem-se belos e bons se vivessem fraternalmente e repartissem tudo uns com os outros. Compreendi e vivi isto. Mas, de alguma forma, o homem que era meu sempre fora assim. Por isto é que podia chefiar a todos nós. Por isto é que todos o ouviam. Não eram assassinos e carneiros. Eram algo que o mundo nunca viu antes. Eram o que as pessoas podem ser. É por isto que não me podeis ferir. É por isto que não vos amo.

— Sai daqui — disse Crasso. — Sai da minha vista, e maldita sejas.

VI

Graco voltou a procurar Flávio. Os dois homens partilhavam um destino. Gordos e velhos, pareciam, cada vez mais, dois irmãos. Sentaram-se um em frente ao outro e se olharam com compreensão. Graco estava a par da tragédia de Flávio. Flávio sempre tentara ser como outros homens que venciam na vida, mas nunca o conseguira ser. Copiava-os gesto por gesto, mas, no final, era apenas uma imitação. Não chegava nem a ser uma fraude; apenas a imitação de uma fraude. E Flávio olhava para Graco e via que o velho Graco estava liquidado, liquidado para sempre. Suspeitava apenas de que algo de horrível acontecera a Graco, mas a suspeita lhe bastava. Tinha finalmente encontrado um protetor, mas, agora, seu protetor não mais o podia proteger. Sua sorte era sempre assim!

— Que quereis? — perguntou Flávio. — Já sei que é Varínia. Obtive confirmação de tudo. Ela é a mulher de Espártaco. Que posso fazer agora?

— Que receias? — perguntou Graco. — Não traio os que me ajudam. De que tens medo, afinal?

— Tenho medo de vós — disse Flávio, acovardado. — Medo do que ides me pedir para fazer. Podíeis chamar as coortes da cidade, se o desejásseis. Tendes todo um bando de pessoas para executar qualquer coisa que mandardes. Por que não fazeis isso? por que vindes procurar um pobre diabo como eu? Por que não procurais vossos amigos?

— Não posso — disse Graco. — Para isto, não posso.

— Por quê?

— Não sabes por quê? Quero aquela mulher. Quero Varínia. Tentei comprá-la. Ofereci a Crasso um milhão de *sesterces* e depois dobrei o preço. Ele me insultou e riu-se de mim.

— Oh, não! Dois milhões! — Flávio começou a tremer à idéia de tanto dinheiro. Lambeu os beiços grossos, apertou e desapertou as mãos. — Dois milhões. É todo um mundo. O mundo todo numa bolsa. Quem a carrega é dono do mundo. E oferecestes isso por uma mulher. Meu Deus, Graco, por que a quereis? Não estou perguntando só para desvendar vossos segredos. Quereis que eu faça uma coisa, mas sairei daqui imediatamente se não me disserdes. Quero saber por que a quereis tanto.

— Eu a amo — respondeu Graco, apenas.

— O quê?

Graco sacudiu afirmativamente a cabeça. Não lhe restava mais dignidade agora. Sacudiu a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não compreendo. Amor? Que diabo é o amor? Nunca quisestes casar. Nenhuma mulher jamais conseguiu vos agarrar. E agora dizeis que amais uma escrava o bastante para pagar dois milhões de *sesterces* por ela. Não compreendo.

— Tens que compreender? — rosnou o político. — Não poderias compreender. Olhas para mim e me vês velho e gordo, além de sempre teres suspeitado de que eu fosse impotente. Pensa o que quiseres. Nunca conheci uma mulher que fosse um ser humano; quantas das nossas mulheres o são? Sempre as temi e odiei. Talvez nós sejamos os culpados de serem elas assim... não sei. Agora quero me arrastar de joelhos para essa mulher. Quero que me olhe apenas uma vez e me diga que significa algo para ela. Não sei o que Crasso é para Varínia... mas sei o que ela é para ele. Compreendo muito bem. Mas que sentirá ela por Crasso? E o homem que destruiu seu marido — o homem que esmagou Espártaco. Como pode olhar para ele sem ódio e sede de vingança?

— As mulheres o podem — afirmou Flávio. — Crasso há de subir o preço indefinidamente. Deveis esperar por isto.

— Estás completamente enganado, imbecil! És um estúpido, um idiota!

— Não recomeceis, Graco.

— Então não fales como um idiota. Quero essa mulher. Sabes qual é o preço.

— Quereis dizer que estais disposto a pagar...

— Sim.

— Sabeis quais serão as conseqüências? — disse Flávio cautelosamente. — Não para mim. Se realizar a façanha, pegarei o dinheiro e irei para o Egito e comprarei uma casa e algumas escravas em Alexandria e ali viverei como um sátrapa o resto de minha vida. Posso fazer isto, mas não o podeis, Graco. Sois Graco, um senador, a força mais poderosa de Roma no momento. Não podeis fugir. Que fareis com ela?

— Não estou me preocupando com isto agora.

— Não? Sabeis o que Crasso fará. Ninguém jamais derrotou Crasso. Ninguém jamais tomou nada de Crasso. Podeis lutar contra Crasso? Podeis lutar contra tanto dinheiro? Ele vos destruirá, Graco. Até a morte. Não descansará enquanto não vos arruinar e matar...

— Achas que ele tem forças para tanto? — perguntou Graco sem se abalar.

— Quereis a verdade? Dois milhões é mais do que jamais sonhei possuir, mas a verdade é que ele pode e o fará.

— Estou disposto a correr o risco — disse Graco.

— E que vos restará depois de terdes corrido o risco? Dois milhões é muito. Posso pagar para que a tirem da casa de Crasso e a tragam para cá. Isto não é difícil. Mas como sabeis que ela não vos cuspirá no rosto? E por que não haveria de fazê-lo? Crasso esmagou Espártaco. Mas, quem impulsionou Crasso e o manobrou? Quem lhe deu o cargo e o exército?

— Fui eu — concordou Graco.

— Precisamente. Que vos restará depois?

— Ela.

— Que podeis oferecer-lhe? Só uma coisa que qualquer escravo deseje. Podeis dar-lhe isto?

— O quê?

— Sabeis o quê — disse Flávio. — Por que não enfrentar a verdade?

— Queres dizer, a liberdade...

— Não a vosso lado. Ela quer a liberdade sem vós. Isto significa sua liberdade fora de Roma, sua liberdade fora do alcance de Crasso.

— Achas que ela me daria uma noite em troca da liberdade?

— Uma noite de quê?

— Amor... não, não amor. Honra, respeito, atenção. Não... não isto. Gratidão. Uma noite de gratidão.

— Que imbecil sois! — disse Flávio.

— Sobretudo por deixar que me chames assim — concordou Graco. — Talvez eu seja... talvez não. Estou disposto a me arriscar. Terás que convencê-la de que nunca quebro minha palavra. Tenho cumprido minha palavra. Roma sabe disso, mas poderás convencê-la?

— Posso.

— Terás que tomar providências para que ela, depois, saia de Roma. Podes fazer isto?

— Posso.

— Para onde irá ela?

— Pelo menos para a Gália Cisalpina. Lá estará segura. Os portos e os caminhos do Sul estariam guardados. Se ela fosse para o Norte, ficaria mais protegida. É germana. Se quiser, poderá ir para a Germânia.

— E como irás tirá-la da casa de Crasso?

— Isto não é problema. Ele passa três dias por semana no campo. Um pouco de dinheiro bem distribuído fará o milagre.

— Só se ela quiser vir.

- Compreendo — disse Flávio.
- E quererá trazer a criança, imagino. Tomarei providências para instalar a mãe e o filho aqui.
- Sim.
- Queres os dois milhões adiantados, não é?
- Creio que o prefiro — disse Flávio num tom melancólico.
- Podes recebê-lo agora. O dinheiro está aqui. Podes recebê-lo em moeda contada ou retirá-lo com meus banqueiros em Alexandria.
- Prefiro agora.
- Sim... acho que tens razão. Não me falhes. Flávio. Descobrirei se o fizeres.
- Com os diabos, Graco! Minha palavra vale tanto quanto a vossa.
- Muito bem.
- Não sei por que estais fazendo isto! Por todos os deuses que já existiram, não sei por quê! Não conheceis Crasso se pensais que ele se conformará com uma derrota.
- Conheço Crasso.
- Então, que Deus vos proteja, Graco. Tomara que meus receios não se concretizem.

VII

Varínia teve um sonho. Sonhou que estava sendo interrogada pelo nobre Senado. Na sua frente estavam sentados os homens que governavam o mundo. Envolto em suas brancas togas, cada um deles tinha a fisionomia de Crasso, as feições corretas, belas e duras. Tudo neles, a maneira de sentar, inclinados para a frente, o queixo na mão, a expressão de seus rostos tão sombria e tenebrosa, sua firmeza — tudo neles se acrescentava à soma do poder. Eram poder e força, e nada no mundo podia se opor a eles. Estavam sentados nos seus bancos de pedra branca, na imponente câmara do Senado, e a sua simples presença era aterrador.

Varínia sonhou que se achava perante eles e tinha que depor contra Espártaco. Trajava o seu vestido de fino algodão branco e tinha a penosa consciência de que o leite dos seus seios o estavam manchando. Começaram a fazer-lhe perguntas.

— Quem era Espártaco?

Ela começou a responder mas, antes que o fizesse, veio a pergunta seguinte.

— Por que tentou ele destruir Roma?

De novo ela tentou responder, e de novo não o conseguiu.

— Por que assassinava ele tudo o que lhe vinha às mãos? Não sabia que a lei proíbe assassínios?

Ela tentou negar, mas antes de enunciar a sua negativa, veio a pergunta seguinte.

— Por que odiava ele o bem e amava o mal?

Mais uma vez tentou falar, porém, um dos senadores se ergueu e apontou para seus seios.

— Que é isto? — perguntou.

— Leite.

Agora a cólera se estampava em todas as fisionomias, uma cólera terrível e ela teve mais medo do que nunca. Depois, sem que compreendesse como, seu medo se dissipou. Em sonho, disse para si mesma:

"Só pode ser porque Espártaco está comigo." Virou então a cabeça, e realmente ele estava a seu lado. Trajava a roupa que costumava usar em tempo de guerra, botas altas de couro, uma simples túnica cinza e um pequeno gorro sobre os cabelos andados. Não estava armado, pois sempre fizera questão de não usar armas a não ser em combate. Não usava adorno algum — nem anéis nem pulseiras. Tinha o rosto barbeado e o cabelo cortado rente.

Sua atitude era de tanta calma e certeza! Varínia recordou em seu sonho — que sempre fora assim. Espártaco se aproximava de um grupo e aquela sensação de tranqüilidade a todos contagiava. Mas nela própria, a reação era diferente. Sempre que o via, era uma sensação de alegria. Uma vez ela fora ao seu pavilhão. Achavam-se ali, pelo menos, cinqüenta pessoas, esperando por Espártaco. Afinal, ele chegou; ela ficou a seu lado enquanto falava com os que o tinham estado esperando. Observava-o apenas, mas sua felicidade crescia, e cada palavra e gesto dele eram desse processo de contentamento. Chegou a um ponto em que não pôde agüentar mais a felicidade que a sufocava, e teve de sair do pavilhão e procurar um lugar onde pudesse ficar sozinha.

Agora, em sonho, possuiu-a uma sensação semelhante.

— Que estás fazendo aqui, querida? — perguntou-lhe Espártaco

— Estão me interrogando.

— Quem?

— Eles — e apontou para os nobres senadores. — Fazem-me medo. — E então ela notou que os senadores estavam absolutamente imóveis, como estátuas.

— Mas, não vês que eles têm mais medo ainda? — disse Espártaco. Era tão típico dele! Constatava as coisas com tanta

simplicidade e clareza. E então ela sempre se espantava de não ter percebido antes a mesma coisa. Sim, eles tinham medo.

— Vamos, Varínia — sorriu Espártaco. Passou o braço pela sua cintura, e os dois saíram do Senado para as ruas de Roma. Eram namorados. Caminhavam pelas ruas de Roma, e ninguém os olhava ou tentava detê-los.

— Todas as vezes que te vejo, sinto sempre a mesma coisa disse Espártaco no sonho. — Todas as vezes, quero-te. Oh quero-te tanto!

— Todas as vezes que me quiseses podes ter-me.

— Sei, sei. Mas é difícil lembrar. Imagino que se devia deixar de querer uma coisa que se pode ter. Mas não cesso de te querer. Quero-te cada vez mais. Queres-me da mesma forma?

— Da mesma forma.

— Sempre que me vês?

— Sempre.

Caminharam um pouco mais, e então Espártaco disse:

— Precisamos encontrar um lugar onde ficar juntos.

— Conheço um lugar — disse Varínia no seu sonho.

— Onde?

— É a casa de um homem chamado Crasso, onde moro.

Ele parou e retirou o braço da cintura dela. Fitou-a nos olhos como que procurando desvendar-lhe algum segredo. Notou então a mancha de leite no vestido.

— Que é isto? — perguntou, parecendo esquecer o que ela dissera sobre Crasso.

— O leite com que amamento meu filho.

— Não tenho filhos — disse ele. E, de repente, pareceu ter medo e recuou — e desapareceu. Nesse ponto o sonho terminou, e Varínia acordou para nada encontrar a não ser escuridão em seu redor.

VIII

No dia seguinte, Crasso foi para o campo e, quando chegou a noite, Flávio trouxe Varínia para a casa de Graco, conforme ficara combinado. Chegaram no momento em que Graco se sentava, sozinho, à mesa. Um escravo veio avisá-lo de que duas pessoas o esperavam, Flávio e uma mulher. A mulher trazia uma criança nos braços.

— Sim, já sei — disse Graco. — Já existe um quarto preparado para a criança. Traga-os aqui. Não... eu mesmo irei buscá-los.

Saiu, quase correndo, da sala de jantar e foi, ele próprio, abrir-lhes a porta da entrada. Mostrou-se muito polido e os

recebeu como se fossem hóspedes de honra.

A mulher estava envolta numa longa capa e, à sombra da soleira, ele não pôde ver-lhe o rosto. Mas agora podia esperar para vê-la. Levou-os para dentro e disse à mulher que podia entregar-lhe a criança ou levá-la ela própria para o quarto. O menino estava aninhado nos braços da mulher, e Graco recebeu dizer ou fazer alguma coisa que a deixasse apreensiva a respeito da criança.

— Mandeí arranjar um quarto para teu filho — disse ele. — Tem um berço e tudo o mais que precisares. Ele ficará muito confortável e seguro, e nada poderá acontecer-lhe.

— Não precisa de muito — respondeu Varínia. Era a primeira vez que Graco lhe ouvia a voz. Era uma voz suave, porém cheia e profunda. Agora baixou o capucho de sua capa, e ele pôde ver-lhe o rosto. Seus longos cabelos louros estavam presos na base da nuca. Não tinha pintura alguma no rosto, o que fazia sobressair mais as linhas delicadas de suas feições.

Enquanto Graco a contemplava, Flávio o observava. Sentia-se, ao mesmo tempo, interessado, nervoso e inquieto. Assim que pôde; falou:

— Tenho que fazer outros preparativos agora, Graco. Voltarei de madrugada. Espero que estejas pronto para me receber a essa hora.

— Estarei pronto — confirmou Graco.

Flávio retirou-se, então, e Graco levou-a para o quarto que mandara preparar para a criança. Uma escrava já se achava ali, e, apontando-a, ele explicou:

— Ela passará a noite sentada aqui. Nem um só minuto deixará de vigiar o menino. Não temas que possa acontecer qualquer coisa a teu filho. Se chorar, ela tem ordem para te chamar imediatamente. Não precisas te preocupar.

— O menino dormirá — disse Varínia. — É muita bondade vossa, mas o menino dormirá.

— Mas não terás que ficar atenta ao choro dele. Se isto acontecer, a escrava te chamará. Estás com fome? Já comeste?

— Não comi mas não tenho fome — respondeu Varínia, depois de haver colocado o filho no berço. — Estou muito emocionada para ter apetite. Sinto-me como num sonho. Primeiro, tive receio de confiar naquele outro homem, mas agora acredito nele. Não sei por que estais fazendo isto por mim. Tenho medo de estar sonhando e de acordar a qualquer momento.

— Mas vais te sentar comigo enquanto termino meu jantar, e talvez queiras comer alguma coisa também.

— Sim, farei isto.

Voltaram para a sala, e Varínia sentou-se no divã ao lado de Graco. Mas ele não podia reclinar-se. Sentou na ponta do divã, sem tirar os olhos de Varínia. Surpreendeu-se constatando que não se sentia nada apreensivo, mas, muito pelo contrário, feliz como nunca se sentira antes. Era uma questão de contentamento. Em toda a sua vida, nunca experimentara igual sensação. Parecia-lhe que tudo estava certo no mundo, e que haviam desaparecido todas as suas incongruências. Estava em sua casa e na sua bendita cidade, a estupenda *urbs*, e sentia-se cheio de um amor generoso pela mulher à sua frente. Não tentou analisar o complexo que fixara na mulher de Espártaco o único ato de amor de toda a sua existência; julgava compreender esse ato mas não tinha desejo algum de se aprofundar nos seus motivos. Pôs-se a falar da comida.

— Receio que aches a refeição muito simples depois de ter comido na mesa de Crasso. Alimento-me quase só de frutas, carne e peixe e, de vez em quando, alguma coisa mais especial. Hoje temos uma lagosta recheada que é muito gostosa. E um bom vinho branco, que bebo temperado com água...

Ela não o estava ouvindo e, com excepcional perceptividade, Graco observou:

— Na realidade, não compreendes quando nós, romanos, falamos em comida?

— Não — admitiu ela.

— Vejo por quê. Nunca falamos sobre o vazio de nossas vidas. Isto é porque gastamos tanto tempo enchendo nossas vidas. Todos os atos naturais dos bárbaros, comer e beber e amar e rir — todas essas coisas transformamos num ritual fetichista. Somos incapazes de sentir fome. Falamos em fome, mas nunca a sentimos. Falamos de sede mas nunca temos sede. Falamos de amor, e não amamos, e, com as nossas intermináveis inovações e perversões, tentamos encontrar um derivativo. Para nós, o divertimento tomou o lugar da felicidade, e, à medida que cada divertimento se esgota, precisamos arranjar algo de mais divertido, mais excitante — mais e mais. Brutalizamo-nos a ponto de nos tornarmos insensíveis ao que fazemos, e essa insensibilidade aumenta sempre. Compreendes o que estou dizendo?

— Em parte — respondeu Varínia.

— E tenho que te compreender, Varínia. Tenho que compreender porque temes que isto seja um sonho apenas. Tens muito a perder deixando Crasso. Creio que ele se casaria contigo, se o quisesses. Crasso é um grande homem. Um dos

homens mais importantes de Roma: seu poder e influência são inacreditáveis. Sabes o que é um faraó egípcio?

— Sim, sei.

— Pois bem, Crasso tem mais poder que um faraó do Egito. E podias ser maior que uma rainha do Egito. Isto não te traria felicidade?

— Com o homem que matou Espártaco?

— Ah, mas pensa um pouco. Ele não o matou pessoalmente. Não conhecia Espártaco e não tinha nenhum ódio pessoal contra ele. Sou igualmente culpado. Roma destruiu Espártaco. Mas Espártaco está morto e tu estás viva. Não queres o que Crasso te pode dar?

— Não quero — respondeu Varínia.

— Que queres, Varínia?

— Quero ser livre — disse ela. — Quero ir-me embora de Roma e nunca mais tornar a vê-la. Quero ver meu filho crescer em liberdade.

— Representa tanto assim a liberdade? — perguntou Graco sinceramente admirado. — Ser livre para quê? Para passar fome, sofrer e viver na miséria... livre para lavrar os campos como um camponês?

— Não vos posso responder — disse Varínia. — Tentei explicar a Crasso mas não consegui. Não sei também vos explicar.

— E odeias Roma. Amo Roma, Varínia. Roma é meu sangue e minha vida, minha mãe e meu pai. Roma é uma prostituta mas eu morreria se deixasse Roma. Sinto isto agora. Mas tu a odeias. Não compreendo por quê. Espártaco odiava Roma?

— Ele era contra Roma e Roma era contra ele. Isto sabeis.

— Quando destruisse Roma, que edificaria ele em seu lugar?

— Ele queria um mundo onde não houvesse escravos e senhores, apenas gente vivendo em paz e solidariedade. Ele dizia que conservaria de Roma o que era bom e belo. Edificaria cidades sem muralhas, e todos os homens viveriam em paz, e não haveria mais guerra, nem misérias e sofrimentos.

Graco calou-se por muito tempo, e Varínia observou-o com curiosidade e sem temor. Apesar do seu físico grosseiro, era um homem em quem ela confiava e diferente dos outros que conhecera antes. Sentia nele uma estranha honestidade invertida. Havia nele algo que, de alguma forma, lembrava Espártaco. Não era nada que pudesse precisar. Não eram traços físicos — nem mesmo maneirismo. Era mais um certo modo de pensar; e, às vezes — apenas às vezes — dizia uma coisa que Espártaco poderia ter dito.

Graco deixou-se ficar em silêncio e, quando tornou a falar,

referiu-se ao que ela dissera antes como se nenhum lapso de tempo houvesse interrompido a conversa.

— Assim, era este o sonho de Espártaco — disse. — Formar um mundo sem chicotes nem chicoteados — sem palácios e sem choupanas. Quem sabe! Que nome deste a teu filho Varínia?

— Espártaco. Que outro nome lhe poderia dar?

— Sim, evidentemente. E ele um dia será altivo e forte. E tu lhe contarás a respeito do seu pai?

— Sim, eu lhe contarei.

— Como lhe dirás? Como lhe explicarás? Ele crescerá num mundo em que não existem homens como Espártaco. Como lhe explicarás o que tornou seu pai puro e bom?

— Como sabeis que Espártaco era puro e bom? — perguntou Varínia.

— É tão difícil saber?

— É difícil para algumas pessoas. Sabeis o que direi a meu filho? Dir-lhe-ei uma coisa muito simples. Explicarei que Espártaco era puro e bom porque se opunha ao mal e lutava contra o mal — e nunca, em toda a sua vida, transigiu com o que era errado.

— E o que o fazia puro?

— Não sou muito inteligente, mas creio que isso faria qualquer homem puro — respondeu Varínia.

— E como sabia Espártaco o que era certo e o que era errado? — perguntou Graco.

— O que era bom para seu povo era certo. O que o fazia sofrer era errado.

— Compreendo o sonho de Espártaco e o modo de ser de Espártaco. Mas estou muito velho para sonhos, Varínia. De outra forma, teria pesadelos sobre o que fiz da única vida que um homem tem para viver. Uma vida. . . e parece tão curta, tão sem finalidade. É como um momento. O homem nasce, o homem morre, sem rima ou razão. E aqui estou eu, com este meu feio corpanzil. Era Espártaco um homem bonito?

Ela sorriu pela primeira vez desde que entrara naquela casa. Sorriu e depois começou a rir, e então o riso se transformou em lágrimas, e deitando a cabeça sobre a mesa, soluçou.

— Varínia, Varínia, que disse eu?

— Nada. . . — Sentou-se e enxugou os olhos com a mão. — Não foi nada que dissestes. Eu amava tanto Espártaco. Ele não era como vós, romanos. Nem tampouco como os homens de minha tribo. Era um trácio, com uma cara larga e achatada e, uma vez, as pancadas de um feitor quebraram-lhe o nariz. Diziam que isto o fazia parecer um carneiro, mas para mim ele era como devia ser.

As barreiras haviam desaparecido entre eles. Graco estendeu a mão e segurou a de Varínia. Nunca em toda a sua vida sentira-se tão próximo de uma mulher, tão confiante.

— Minha querida Varínia — disse ele — sabes o que eu tinha dito a mim mesmo? Primeiro, pensara que queria uma noite de amor contigo. Depois eu próprio rejeitei a idéia. Em seguida, quis uma noite de ternura e respeito. Isto também rejeitei. Tudo o que eu queria era gratidão. Mas há mais do que gratidão, não é, Varínia?

— Sim, há — disse ela com franqueza, e Graco compreendeu que nas suas palavras não havia duplicidade ou artifício. Ela só sabia dizer exatamente o que sentia. Levou sua mão aos lábios e beijou-a sem que ela tentasse retirá-la.

— Quero isto — disse ele. — Tenho até a madrugada. Quero que sentes a meu lado e converses comigo e bebas alguns goles de vinho e comas um pouco. Há tanta coisa que quero te dizer e tanto que preciso ouvir de ti. Queres ficar comigo até o raiar do dia, e então Flávio virá com os cavalos e deixarás Roma para sempre? Queres fazer isto por mim, Varínia?

— Por mim, também — disse ela. — É o que quero.

— Não tentarei agradecer-te, porque não sei como traduzir minha gratidão em palavras.

— Não há nada a me agradecer — respondeu Varínia. — Estais me fazendo mais feliz do que jamais pensei que pudesse tornar a ser. Nunca pensei que voltasse a sorrir depois da morte de Espártaco. Pensei que a vida fosse para sempre um deserto. No entanto, ele costumava me dizer que a vida era a coisa mais importante. Só agora compreendo bem o que queria dizer. Quero rir agora. Não sei bem por que, mas quero rir.

IX

Quando Flávio voltou, era a hora antes da madrugada, a cinzenta e solitária hora em que a vida se esvai e as coisas atingem o seu ponto mais baixo antes de recomeçarem. Sem dizer nada, a governanta levou-o à presença de Graco e Varínia. Graco estava esparramado numa poltrona, cansado, o rosto pálido, porém contente. Sentada num divã, Varínia amamentava o filho. Ela também parecia estar cansada, mas ainda mais bela com o filho nos braços. Quando Graco viu Flávio levou um dedo aos lábios, e Flávio esperou em silêncio. Não podia deixar de se sentir fascinado pela beleza da mulher. Sentada à luz do candeeiro, amamentando o filho, ela parecia encarnar uma imagem há muito desaparecida de Roma.

Quando terminou, cobriu o seio e envolveu o menino adormecido num cobertor. Graco levantou-se e se aproximou dela. Os dois trocaram um prolongado olhar.

— Decidi-me por coches — disse-lhes Flávio. — Desta maneira poderemos fazer melhor tempo, e o sucesso de nosso plano depende de quantas léguas deixarmos para trás. Acolchoei um coche com cobertores e almofadas para que viagens o mais confortavelmente possível — mas precisamos partir imediatamente. O tempo já está muito curto.

Não pareciam ouvi-lo. Continuavam olhando-se, a bela mulher de Espártaco e o velho e gordo político romano. Depois Varínia virou-se para a governanta e disse-lhe:

— Podes segurar meu filho um instante?

A governanta pegou o menino, e Varínia aproximou-se de Graco. Acariciou-lhe os braços, depois tocou-lhe de leve o rosto e beijou-o.

— Quero agradecer-vos por tudo o que fizestes por mim — disse ela. — Se quiserdes vir comigo procurarei também ser boa convosco, tanto quanto ainda possa ser com um homem.

— Obrigado, Varínia.

— Quereis vir comigo, Graco?

— Ah, minha cara, agradeço-te do fundo do meu coração. Amo-te muito. Mas eu não poderia viver longe de Roma. Roma é minha mãe. Minha mãe é uma prostituta, mas além de ti é a única mulher que já amei. Não sou infiel. Sou um velho muito gordo. Flávio teria que correr a cidade toda para encontrar um coche em que eu coubesse. Vai, querida.

— Eu já disse que o tempo está curto — repetiu Flávio impaciente. — A esta hora umas cinquenta pessoas já estão a par do que aconteceu. Na certa, alguém acabará falando.

— Cuida bem dela — disse Graco. — Agora serás um homem rico, Flávio. Viverás em conforto e abundância. Portanto, faz uma última coisa por mim. Cuida direito dela e da criança. Leva-os para o Norte até alcançarem o sopé dos Alpes. Os camponeses gauleses que ali vivem são gente boa e trabalhadora. Entre eles, Varínia encontrará um lugar. Mas não a deixes até veres os Alpes bem nítidos contra o céu. E apressa-te. Fustiga os cavalos. Mata-os, se necessário, e compra outros, mas nunca pares. Farás isto por mim, Flávio?

— Nunca vos faltei à palavra.

— É verdade. Adeus.

Foi até a porta com eles. Varínia tomou o filho nos braços. Ele ficou parado à soleira, à luz cinzenta da madrugada, e os viu subir nos coches. Os cavalos estavam nervosos e alertas. Batiam

com os cascos nas lajes da rua e mordiam os freios.

— Adeus, Varínia! — gritou Graco.

Ela lhe acenou a mão. E então os coches partiram, ecoando através das ruas estreitas e desertas, acordando toda a vizinhança com o seu ruído...

Graco retirou-se para seu escritório. Sentou-se numa poltrona grande, exausto agora, e ficou de olhos fechados durante algum tempo. Mas não dormia. Seu contentamento não se dissipara. Fechava os olhos e deixava o pensamento correr, refletindo sobre muitas coisas. Pensou no pai, um pobre sapateiro naquele tempo já longínquo em que os romanos trabalhavam e se orgulhavam do seu trabalho. Recordou sua aprendizagem política nas ruas, as sangrentas guerras entre quadrilhas, o treino no cínico comércio de compra e venda de votos, a utilização da turba, sua lenta ascensão ao poder. Nunca era suficiente o poder, nunca suficiente o dinheiro. Naqueles dias, ainda havia romanos honestos que lutavam pela República, que lutavam pelos direitos do povo, que falavam corajosamente no Foro sobre a injustiça de se desapropriar o camponês e estabelecer as grandes plantações escravocratas. Tinham protestado, advertido, lutado contra a tirania. Graco os compreendera. Era esta a sua grande qualidade — compreendê-los e reconhecer a justiça da causa que defendiam. Mas sabia também que era uma causa perdida. O relógio da História não pode ser atrasado; move-se para a frente, e ele se juntara às forças dos que tinham fê no Império. Mandara suas quadrilhas lutar contra os que falavam nas velhas liberdades. Tinha destruído os justos e os honestos.

Pensava nisso tudo, agora, não com pena ou remorso, mas com um desejo de compreender. Aqueles seus antigos inimigos tinham lutado pelas velhas liberdades. Mas existiam liberdades velhas? Para a mulher que acabava de deixar sua casa, a liberdade era a coisa mais importante do mundo. Dera a seu filho o nome de Espártaco, e este, por sua vez, um dia daria o mesmo nome ao próprio filho — e quando se resignariam os escravos a serem escravos? Não encontrava resposta nem solução para isso tudo, porém não o lamentava. Tinha vivido plenamente a sua vida. Tinha um sentido da história, um sentido do rápido transcorrer do tempo, no qual ele era apenas um instante... e isso o confortava. Sua bem-amada cidade perduraria. Perduraria para sempre. Se Espártaco jamais voltasse e derrubasse as suas muralhas, para que os homens pudessem viver sem temor, eles compreenderiam então que tivessem existido gente como Graco, que tinha amado a cidade apesar de aceitar seus males.

Pensou, então, no sonho de Espártaco. Continuaria? Seria verdade a coisa estranha que dissera Varínia — que os homens podiam tornar-se puros e desinteressados lutando contra o mal? Ele nunca conhecera tais homens; mas nunca conhecera Espártaco. Entretanto, conhecera Varínia. Mas Espártaco morreu e Varínia se fora. Era como um sonho agora. Apenas tocara de leve a estranha sabedoria de Varínia. Mas para ele não existia, não podia existir.

Sua governanta entrou. Ele fitou-a de maneira estranha.

— Que queres? — perguntou em tom brando.

— Vosso banho está pronto, meu senhor.

— Não vou tomar banho hoje — explicou ele para grande espanto e consternação da mulher. — Tudo hoje é diferente. Vês as bolsas alinhadas em cima daquela mesa? Em cada bolsa há um certificado de alforria para cada uma das minhas escravas, além de vinte mil *sesterces*. Quero que dês as bolsas às escravas e lhes digas que estão livres. Quero que o faças agora.

— Não vos compreendo, meu senhor!

— Não? Por que não me compreendes? O que eu disse está perfeitamente claro. Quero que me deixem só. Estais todas livres e tendes algum dinheiro. Não admito que desobedeçam às minhas ordens.

— Mas quem cozinhará para vós? Quem zelará pelo vosso conforto?

— Não me faças tantas perguntas. Cumpre minhas ordens.

A Graco pareceu uma eternidade esperar que todas as escravas saíssem e o deixassem só, e então a casa adquiriu um estranho silêncio, um silêncio novo. O sol da manhã despontava. As ruas estavam cheias de ruído e de vida, mas a casa de Graco permanecia em silêncio.

Levantou-se, foi até um armário e o abriu. De dentro, tirou uma curta espada espanhola, artisticamente cinzelada. Fora-lhe oferecida, há muitos anos, durante uma cerimônia, que, agora, não conseguia lembrar. Estranho que sempre tivesse demonstrado tanto desprezo pelas armas! Mas não. não era estranho, pois a única arma em que confiara era a sua própria inteligência.

Tirou a espada da bainha e experimentou seu fio. Estava bem afiada. Depois, voltou para a poltrona, sentou-se e contemplou sua vasta pança. Sorriu à idéia de se matar. Não havia dignidade alguma no gesto. Era inteiramente ridículo. E duvidava de que tivesse força para enterrar a lâmina — segundo a honrosa tradição romana. Como podia saber que não iria apenas furar as enxúndias e depois perder a coragem de se espojar no seu próprio sangue, gritando por socorro? Que idade para começar a

matar! Nunca tinha matado nada, em toda a sua vida — nem mesmo uma galinha.

Compreendeu, então, que não era uma questão de coragem. Só ocasionalmente tivera medo da morte. Desde a adolescência, ridicularizara as histórias de deuses. Depois de adulto, aceitara o ponto de vista das pessoas cultas de sua classe, de que não existiam deuses nem vida depois da morte. O passo a dar estava decidido; só tinha medo de não fazê-lo com dignidade.

Com esses pensamentos atravessando-lhe a mente, devia ter cochilado. Acordou com alguém batendo na porta da entrada. Sacudiu a sonolência e ficou ouvindo.

"Que gênio!" — pensou. "Que gênio tens. Crasso! Que justa indignação! Um velho imbecil passou-te a perna e tomou tua grande presa de guerra! Mas não a amavas, Crasso. Querias Espártaco pregado numa cruz, e quando não o pudeste ter, quiseste ela. Querias que ela te amasse, que rastejasse na tua frente. Oh, Crasso, és um tamanho imbecil! Não obstante, representas a gente da tua época. Quanto a isto, não resta dúvida."

Procurou a espada, mas não pôde encontrá-la. Procurou-a de joelhos no chão e acabou por localizá-la sob a poltrona. Então, reunindo todas as forças, enterrou-a no peito. A dor foi tal que gritou de agonia, mas a espada penetrou-o e, caindo sobre ela, enterrou-a até o fim.

Foi assim que Crasso o encontrou quando, arrombando a porta, penetrou na casa. Com grande esforço, o general conseguiu revirá-lo. E então viu que, no rosto do político, se fixara uma espécie de sorriso. . .

Depois disso, Crasso voltou para sua própria casa, cheio de raiva e ódio. Nunca sentira tanto ódio como sentia agora por Graco. Mas Graco estava morto e Crasso nada mais podia fazer contra ele.

Quando voltou para sua casa, informaram-no de que tinha uma visita. O jovem Caio o aguardava. Nada sabia sobre o que acontecera e, como explicou imediatamente, acabava de voltar de seu passeio a Cápuia, e viera logo visitar seu querido Crasso. Aproximou-se dele e começou a afagar-lhe o peito. Com um soco, Crasso derrubou-o por terra e, correndo para a sala contígua, voltou com um chicote. Caio estava se erguendo do chão, o nariz sangrando, a fisionomia cheia de espanto, mágoa e indignação. Então Crasso começou a açoitá-lo.

Caio berrava. Berrava sem parar, mas Crasso continuou a açoitá-lo, e só parou quando seus próprios escravos acorreram para contê-lo. E então Caio retirou-se da casa do general, chorando de dor como um menino que levou uma sova.

OITAVA PARTE

**Em que Varínia
encontra a Liberdade.**

I

Flávio cumpriu seu acordo com Graco. De posse das melhores credenciais, assinadas pelo próprio Graco, os coches avançaram para o Norte e depois para Leste. Varínia pouco se recordava da viagem. Durante grande parte do primeiro dia, dormira com o filho nos braços. A Via Cássia era uma estrada excelente, toda pavimentada, e os coches rodavam sem solavancos. No primeiro dia, o cocheiro obrigou os cavalos a galopar incessantemente; à tarde os animais foram substituídos por novas parelhas, e a viagem continuou num trote rápido. Ao cair da noite, já se achavam a muitas léguas de Roma. Trocaram novamente as parelhas, e a noite toda, à luz da lua, os coches prosseguiram devorando distâncias.

Em várias instâncias foram interpelados por patrulhas militares, mas o mandato senatorial que Graco dera a Flávio provou ser suficiente para deixá-los passar. Durante essa noite, Varínia passou horas de pé, no coche trepidante, o filho dormindo calmamente a seus pés, enrolado em cobertores e protegido por almofadas. Via a paisagem enlazarada deslizar veloz, via as torrentes de água se precipitarem, enquanto o coche atravessava as esplêndidas pontes romanas. O mundo dormia mas eles prosseguiam.

Quando a lua se pôs, poucas horas antes da madrugada, os viajantes se detiveram num pequeno bosque, à margem da estrada, desatrelaram e alimentaram os cavalos e, depois de uma ligeira refeição de pão e vinho, deitaram-se sobre os cobertores para descansar. O sono custou a vir para Varínia, mas os cocheiros, exaustos, adormeceram imediatamente. Tinha a impressão de que mal acabara de fechar os olhos e já Flávio acordava. Amamentou o filho enquanto os cavalos eram atrelados e, depois, à tênue luz da madrugada, os coches voltaram para a estrada e prosseguiram na direção norte. O sol se erguia quando pararam numa estalagem para estirar as pernas

e tornar a trocar de cavalos. Pouco depois, passaram por uma cidade fortificada, e toda aquela manhã os cocheiros fustigaram os cavalos, avançando incessantemente. O balanço infundável do coche começava a fatigar Varínia. Vomitou várias vezes, e tinha muito medo de que seu leite secasse. Mas à noite, Flávio comprou leite fresco e queijo de cabra de um camponês — alimentos que Varínia conseguia suportar — e como o céu estivesse anuviado, repousaram grande parte do tempo.

De novo, ergueram-se antes da madrugada e tomaram a estrada. Por volta do meio-dia chegaram ao ponto em que uma outra grande estrada encontrava e cruzava a deles, como a parte superior de um T. Tomaram então a direção do noroeste e, ao pôr do sol, Varínia viu pela primeira vez os cumes nevados dos Alpes erguendo-se no horizonte. Havia lua aquela noite, e prosseguiram a viagem num ritmo menos acelerado. Pararam uma vez durante a noite para trocar os cavalos pela última vez, e então, antes da madrugada, saíram da estrada principal e tomaram uma estrada de terra que corria na direção leste, descendo em curvas até um vale. Quando o sol se ergueu, Varínia pôde ver toda a extensão do vale ainda envolto na névoa da madrugada, cortado ao centro por um rio e cercado de colinas. Os Alpes estavam perto.

Não podiam ir muito depressa, agora, pois a largura da estrada mal dava para os coches. Varínia sentou-se entre as almofadas, segurando o filho nos braços. Atravessaram o rio por uma ponte de madeira, e então começou a lenta ascensão pelos montes. Em todo o decorrer do dia os cavalos se esforçavam por galgar a montanha pela trilha tortuosa. Camponeses gauleses paravam o trabalho para observar os dois grandes coches com seus belos cavalos, e crianças ruivas corriam até a estrada para assistir, de olhos arregalados, ao espetáculo pouco comum naquelas paragens.

À tarde, chegaram finalmente ao topo das colinas e viram a seus pés um belo e extenso vale. Aqui e ali, no vale, Varínia podia avistar uma pequena cidade, um amontoado de casas, e, em outros lugares, grupos de choupanas de camponeses. De vez em quando, a mancha verde de um bosque, muitos riachos e, vagamente, a distância, a silhueta de uma cidade fortificada. A cidade ficava a oeste, e eles tomaram o atalho que descia para o norte, na direção dos Alpes.

Era tão difícil descer como subir, pois os cavalos tinham que ser refreados e o caminho era tortuoso e cheio de curvas. Já estava escuro quando alcançaram o vale, e pararam para repousar e esperar que a lua se erguesse. Essa noite viajaram algum tempo, depois tornaram a parar, e prosseguiram ao

romper da madrugada. Todos os caminhos eram ruins ali. Continuaram sempre para a frente — e finalmente atingiram as colinas ondulantes onde começavam os Alpes.

Aí Flávio separou-se de Varínia, deixando-a num trecho de caminho onde não havia nada a vista exceto campos e bosques.

— Adeus, Varínia — disse-lhe. — Fiz o que prometi a Graco, acho que ganhei pelo menos parte do dinheiro que ele me pagou. Espero que nem tu nem eu jamais tornemos a ver Roma, pois, de agora em diante, não será uma cidade saudável para nenhum de nós. Desejo-te boa sorte e felicidade, e também a teu filho. A uma pequena distância daqui, há uma pequena aldeia de camponeses. É melhor que não te vejam chegar de coche. Aqui tens uma bolsa com mil *sesterces* com que poderás te sustentar durante um ano, se for necessário. Os camponeses são gente simples, e, se quiseres atravessar as montanhas e ir para tua terra natal, eles te auxiliarão. Mas aconselho-te a não tentar isto. Há tribos selvagens habitando as montanhas, e odeiam estranhos. Também, nunca mais encontrarás tua gente, Varínia. As tribos germanas estão sempre vagando pelas florestas, de um ponto para outro, e nunca se pode saber onde estarão no ano seguinte. Além disso, pelo que ouvi dizer, aquelas florestas do outro lado dos Alpes são úmidas e insalubres para se criar uma criança. Aconselho-te a viver em algum lugar nestas imediações, Varínia. Confesso-te que a mim a idéia não agradaria, mas não era isso o que querias?

— Era o que eu queria — confirmou ela. — Sou-te muito grata, Flávio.

Os coches fizeram meia-volta, e Varínia ficou ali, parada, o filho nos braços, vendo-os afastarem-se numa nuvem de poeira — até que uma curva do caminho os fez sumir da sua vista.

Então sentou-se à beira da estrada e amamentou o filho. Depois, pôs-se a andar. Era uma bela e fresca manhã de verão. O sol nascia no claro céu azul e os pássaros cantavam, e as abelhas iam de flor em flor, bebendo o néctar e fazendo vibrar o ar com o seu zumbido.

Varínia sentia-se feliz. Não era a felicidade que conhecera com Espártaco; mas ele lhe transmitira o conhecimento da vida e a rica recompensa da existência. Estava viva e livre, e seu filho estava vivo e livre; assim, de certa maneira era feliz, e contemplava o futuro com esperança e antecipação.

II

Isto foi o que aconteceu com Varínia. Uma mulher não pode viver sozinha e, na aldeia para onde foi, uma aldeia de simples

camponeses da Gália, encontrou abrigo na casa de um homem cuja mulher morrera ao dar à luz. Talvez os aldeões soubessem que ela era uma escrava foragida. Não importava. Tinha seios robustos e foi ama de leite de uma das crianças da aldeia. Era uma boa mulher, e os camponeses amavam-na pela sua força e simplicidade cativante.

O homem em cuja casa ficou era um camponês que não sabia ler ou escrever e que só tinha aprendido as lições do trabalho. Não era como Espártaco, mas não muito diferente de Espártaco. Tinha a mesma paciência com a vida. Era lento para se encolerizar e amava profundamente os filhos — seus próprios e o menino que Varínia lhe trouxera.

A Varínia, adorava — pois ela viera trazer uma vida nova. E com o tempo, ela chegou a conhecê-lo bem e retribuir-lhe parte do seu sentimento. Aprendeu com facilidade a nova língua, uma mistura de latim e de gaulês; adquiriu os hábitos da terra, que não eram muito diferentes dos da sua própria tribo. Os camponeses lavravam a terra e faziam as colheitas. Uma parte delas ofereciam aos deuses de sua aldeia, e pagavam com outra parte ao coletor de impostos de Roma. Viviam e morriam; dançavam, cantavam, choravam e casavam, e suas vidas transcorriam nos ciclos das estações.

Grandes mudanças se operavam no mundo, mas entre eles as mudanças chegavam tão lentamente que nada ainda se tinha alterado.

Varínia era fecunda. Cada ano dava a luz um filho, teve sete do homem com quem casou, antes de parar de conceber. O jovem Espártaco cresceu entre eles, alto e forte, e quando completou sete anos, ela contou-lhe quem fora seu pai e a história do que fizera. Surpreendeu-a que ele compreendesse tão bem. Ninguém na aldeia jamais ouvira o nome de Espártaco. Coisas maiores haviam abalado o mundo sem que a aldeia tivesse tomado conhecimento delas. E à medida que cresciam as crianças, três meninas e cinco meninos, Varínia contou-lhes muitas vezes a história — de como um homem comum que era um escravo enfrentara a tirania e a opressão, e de como durante quatro anos a poderosa Roma tremera à simples menção do seu nome. Falou-lhes na trágica mina em que Espártaco trabalhara, e de como ele lutara com um punhal na mão nas arenas romanas. Contou-lhes como ele era bom e compreensivo e generoso, mas nunca o colocou à parte da gente simples com quem vivia agora. Quando falava nos companheiros de Espártaco, comparava-os a esse ou aquele habitante da aldeia. E quando ela contava essas histórias, seu

marido a ouvia maravilhado e com inveja.

Não era fácil a vida que Varínia vivia. Do amanhecer ao anoitecer, trabalhava, capinando, plantando, limpando, fiando, tecendo. Sua pele clara tinha-se queimado ao sol, e não era mais bela; mas nunca dera muita atenção à sua beleza. Sempre que parava para contemplar o passado, sentia gratidão pelo que a vida lhe dera. Não mais chorava Espártaco. Sua vida com Espártaco parecia-lhe agora um sonho.

Quando seu filho mais velho completou vinte anos, ela caiu doente com uma febre, e três dias depois morreu. Sua morte foi rápida e sem agonia, e, depois de seu marido e filhos chorarem a sua perda, envolveram-na numa mortalha e a sepultaram na terra.

Foi depois da sua morte que as mudanças começaram a chegar à aldeia. Os impostos foram aumentando, e o aumento não tinha fim. Chegou um verão seco e grande parte da colheita se perdeu. Foi quando chegaram os soldados romanos. As famílias que não podiam pagar os impostos foram expulsas de suas casas e terras, acorrentadas pelo pescoço e levadas a Roma para serem vendidas em pagamento.

Nem todos aqueles cujas colheitas tinham sido estragadas aceitaram com docilidade sua sorte. Espártaco e seus irmãos e irmãs e outros da aldeia fugiram para as florestas nos Alpes selvagens. Ali viveram uma vida miserável, alimentando-se de raízes e nozes e de alguma caça que conseguiam abater; mas quando uma grande *villa* surgiu nas terras que haviam sido deles, desceram das montanhas e incendiaram a casa e a pilharam.

Então, soldados foram mandados para as florestas, e os camponeses se ligaram às tribos montanhesas para combater os soldados. A eles juntaram-se escravos foragidos, e a guerra dos espoliados prolongou-se por vários anos. As vezes, suas forças eram esmagadas pelos soldados e, outras vezes, os insurgentes se reuniam em grandes grupos e desciam para a planície, queimando e pilhando tudo quanto encontravam.

Foi assim que viveu e morreu o filho de Espártaco — morreu na luta e na violência, como seu pai. As histórias que contou a seus filhos eram menos claras, menos concretas. Histórias tornaram-se em lendas e lendas tornaram-se em símbolos, mas a guerra dos oprimidos contra os opressores continuou. Era uma chama que ardia alto e às vezes baixava, mas que nunca se extinguía... e o nome de Espártaco não pereceu. Não era uma

questão de descendência de sangue, mas descendência através da luta comum.

Chegaria o tempo em que Roma seria destruída — não só pelos escravos, mas pelos escravos e servos e camponeses e pelos bárbaros livres que a eles haveriam de se unir.

E assim, enquanto os homens trabalhassem e outros homens se apoderassem do fruto do seu trabalho, o nome de Espártaco seria recordado; num sussurro, às vezes, e noutras vezes, proclamado bem alto e claramente a outros tempos.
